J. LEITE DE VASCONCELLOS

THECA ETHNOGRAPHICA PORTUGUEZA

I

TRADIÇÕES POPULARES

DE

PORTUGAL

(VOLUME UNICO)

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE DE CLAVEL & C.ª — EDITORES
119 — Rua do Almada — 123

1882

BIBLIOTHECA ETHNOGRAPHICA PORTUGUEZA

I

TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL

OUTRAS OBRAS DE J. LEITE DE VASCONCELLOS

POESIA

A Consciencia dos Seculos (poema), 1880.
Rimas portuguezas, 1881.
Balladas do Occidente (para entrar no prélo).

TRADIÇÕES POPULARES

Romances populares portuguezes (em publicação).
Fragmentos de Mythologia popular portugueza, 1881.
Estudo ethnographico (a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois), 1881.
Dictados topicos de Portugal, 1882.
As Maias, 1882.

GLOTTOLOGIA

O dialecto mirandez, 1882.
Linguagem popular portugueza (em preparação).

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Cancioneiro Portuguez (de redacção com Ernesto Pires), 1879-1880.
O Pantheon (de redacção com Mont'Alverne de Sequeira), 1880-1881.

TRADIÇÕES POPULARES

DE

PORTUGAL

COLLIGIDAS E ANNOTADAS

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

ALUMNO DA ESCHOLA MEDICA DO PORTO

PORTO

LIVRARIA PORTUENSE DE CLAVEL & C.ª — EDITORES

119 — Rua do Almada — 123

1882

Á

MEMORIA

DE

MEU PAE

INTRODUCÇÃO

Cada terra com seu uso,
Cada roca com seu fuso.

(Adagio popular).

I

Estou certo de que grande parte dos leitores d'este livro hão-de acha-lo uma cousa futil, ou, quando muito, um assumpto de simples curiosidade. Não me admiro: as ideias, antes de se imporem completamente, precisam de passar por um *struggle for life;* além d'isso, os objectos com que se está mais em contacto são de ordinario os que menos vezes despertam a attenção, pois que o habito não deixa reflectir nelles.

As superstições, os costumes, os jogos, os contos, as cantigas, as adivinhas, as rimas infantis, os ensalmos, as orações, as xacaras, todas essas tradições que constituem o *Folk-lore*, parecem na verdade á primeira vista objectos destituidos de importancia, e proprios exclusivamente de espiritos ignorantes e rudes; a importancia porém do estudo scientifico das tradições populares resulta das seguintes razões, entre outras, e eu peço aos que combatem esse estudo o favor de m'as refutar:

1) As tradições populares manifestam o modo como o povo encára actualmente a Natureza e como vive na sociedade, no que vae uma necessidade de exame para o demopsychologo e para o historiador, nenhum dos quaes póde affirmar que surprehendeu todas as manifestações cerebraes, que entreviu a evolução da intelligencia, ou que conhece conscienciosamente o seu paiz, sem primeiro ter interrogado o povo, que, se, por um lado, é um orgão atrophiado do grande corpo da humanidade, por outro, é ainda um embryão a desenvolver-se, e em ambos os casos representa uma das forças mais importantes de uma nação.

2) As tradições populares elucidam-nos sobre o passado, porque no geral nenhuma d'ellas é moderna, como se reconhece pela comparação com o que existe nos differentes paizes ou com o que num mesmo paiz existe em differentes epochas. Foi para mostrar isto aos meus conterraneos que o não soubessem, que, além da parte puramente popular moderna, introduzi neste livro mais duas: uma antiga, extrahida dos monumentos litterarios e epigraphicos da Lusitania e do Portugal archaico, outra extrangeira. Se nas duas primeiras eu não podia ser completo, muito menos nesta ultima, em que existem centenares de publicações em todas as linguas, publicações nem sempre faceis de consultar, principalmente no nosso paiz, onde escasseiam os livros folkloricos. Com quanto a existencia de algumas tradições eguaes em differentes paizes, por ex. certos adagios, possa ser explicada por uma producção espontanea e independente nesses paizes, a maxima parte tem de se explicar por dois modos: *a)* transmissão de povo a povo, ex. certas fabu-

las que por intermedio dos sacerdotes budhicos foram communicadas aos escriptores brahmanicos, dos quaes passaram á Persia e d'ahi a Cordova no tempo da dominação arabe na peninsula; *b)* propriedade commum das raças antes da sua separação.—Qualquer d'estas tres causas, a producção independente, a transmissão de povo a povo, a origem commum, é interessante, no primeiro caso para a demopsychologia, nos outros para a historia. As superstições, os contos, as poesias populares, etc., são frequentemente o ultimo vestigio de mythos primitivos, como acontece com as fogueiras do S. João, o cepo de Natal, as Maias, etc., em que se celebra, sob um aspecto mais ou menos catholico, a lucta do Verão e do Inverno, da luz e das trevas. Como aconteceu a todas as religiões, o Christianismo, para se implantar profundamente, precisou de substituir muitas festas pagans por festas da Egreja; nesta mudança de crenças, mudança quasi sempre exterior, umas ficaram como simples superstições, outras foram consideradas como obras do Diabo, que, do mesmo modo que o Christo, a Virgem, os Santos e os Anjos, é em parte o representante de muitas divindades decahidas.

3) As tradições populares, principalmente a poesia, dão a média da capacidade esthetica do povo que as repete.

4) As tradições populares habilitam-nos para avaliarmos o grau de communicação que houve entre os escriptores litterarios e o povo, porque as litteraturas são tanto mais verdadeiras, tanto mais ricas, quanto em maior grau essa communicação se exerce.

5) As tradições populares revelam processos naturaes, e fórmas archaicas e dialectaes

da linguagem, cujo conhecimento importa para o campo da Glottologia, como por exemplo a descoberta de um astro para o campo da Astronomia. D'aqui se vê a conveniencia de relacionar o estudo da Glottologia com o do *Folk-lore*.

6) As tradições populares tem uma importancia práctica, pela sua applicação á educação infantil. Uma boa educação consta de tres partes: educação physica, moral e intellectual; ora para todas ellas as tradições populares offerecem themas variados. As forças physicas robustecem-se, por ex., nos jogos, como os *cantinhos* (§ 84) a *cabra-cega* (§ 324-*g*), o *assim-se-amassa* (pag. 232); muitos adagios, contos, fabulas e romances offerecem desfechos de alta moralidade; as faculdades intellectuaes desenvolvem-se, por ex., na decifração das adivinhas, na pericia dos jogos (o pião, a pella, etc.), na poesia *(parte esthetica)*. As creanças amam naturalmente aquillo que conhecem, e por isso ser-lhes-ha muito mais agradavel começar a ler algumas ingenuas cantigas do berço e do S. João, do que as paginas assucaradas e massudas de algum prégador delambido. Os costumes populares no ensino têm ainda a vantagem de fortalecer o cerebro da creança no respeito da nacionalidade, aqui representada num dos seus mais importantes elementos, — *a tradição*. Muita gente achará extraordinario o que digo, mas o que é certo é que na Allemanha, e outros paizes mais adeantados do que o nosso, se practíca assim; e então Portugal não fazia nada de mais se os imitasse. Antes se incuta a veneração da patria por meio da educação, do que por meio de luminarias nas datas historicas do 1.º de Dezembro e do 9 de Julho!

7) As tradições populares estudadas scien-

tificamente, offerecem ainda outra vantagem práctica, porque, preparando a interpretação d'ellas, desfazem muitas crenças erroneas. Se os inquisidores tivessem tido conhecimento da hystero-epilepsia, escusavam de ter queimado tantos infelizes condemnados como possessos.

Além d'estas razões, o *Folk-lore* é, como disse, um objecto de curiosidade para o povo, porque contém a sua obra.

II

Nascido numa aldeia da Beira-Alta, e tendo passado a juventude em convivencia diaria com o povo, eu possuia em mim mesmo um bom numero de factos, quando em 1876, dos 17 para os 18 annos, edade em que vim para o Porto, comecei, enthusiasmado pelo grande movimento scientifico do seculo, a occupar-me do *Folk-lore,* esboçando e dando a lume os meus primeiros ensaios em 1878 (na *Aurora do Cavado,* de que é redactor o snr. dr. Rodrigo Velloso).

Este livro contem a maxima parte dos artigos que publiquei em varios jornaes portuguezes e extrangeiros, augmentado de muitos factos novos. Póde a Sciencia confiar na fidelidade d'elles, porque os factos foram todos ou colligidos directamente por mim ou por pessoas de inteira confiança, e, num e noutro caso, o numero das versões eguaes ou pouco differentes authentica-os de sobra. Convém aqui consignar, com o meu profundo reconhecimento, os nomes d'aquel-

las pessoas a quem devo informações: para as tradições da Beira-Alta, meu Pae, minha Mãe, e os academicos Manoel Maria de Sousa, João Figueirinhas (meus condiscipulos) e Augusto Pinto Brochado; para as da Beira-Baixa o snr. dr. F. Martins Sarmento e o meu condiscipulo Antonio Manoel Gomes; para as do Minho os snrs. dr. F. Martins Sarmento, Adolpho Salazar, A. Carneiro Guimarães, Custodio J. de Freitas, e os meus condiscipulos José Ferreira Aguiar e Celestino Gaudencio Ramalho de Barros; para as do Douro, a snr.ª D. Maria Peregrina de Sousa, os snrs. dr. José Carlos Lopes, Marciano Azuaga, S. Rodrigues Ferreira, Ernesto Pires, J. Alves Barbosa, A. Moreira de Sousa Baptista, João Vieira de Andrade, e os meus condiscipulos Aureliano de Vasconcellos, Antonio de Sousa e Joaquim Manoel da Costa; para as de Tras-os-Montes, os snrs. Sequeira-Ferraz, Branco de Castro, Julio Trigo, Costa Macedo, os meus condiscipulos G. de Moraes, J. J. Pinto, J. J. Alves, e meus primos Henrique Guedes Pereira Leite e Roque de Moura Coutinho; para as da Extremadura, meu Tio Antonio Leite Pereira de Mello Cardoso e Vasconcellos, o snr. Teixeira Bastos e o meu ex-condiscipulo Carlos Galrão; para as do Alemtejo, o snr. Julio Irwin; para as do Algarve, o snr. Reis Damaso. E' possivel que me escapem muitos nomes, mas eu peço desculpa da falta involuntaria. De todas estas provincias, exceptuando o Alemtejo, eu recolhi pessoalmente muitos dados, já percorrendo-as (Beira-Alta, Tras-os-montes, Extremadura, Minho e Douro), já interrogando populares de lá.

Ao distincto glottologo o snr. F. Adolpho Coelho, que, pela severidade da sua critica e vastidão dos seus conhecimentos, é o primeiro folklorista

portuguez, agradeço tambem as informações que me enviou e as quaes adeante indico.

As tradições populares portuguezas podem-se estudar nas seguintes fontes:

I. Monumentos.—Ex. os *penedos dos casamentos* (§ 200), os *jugos dos bois* (§ 277-*g*, etc.). Cf. mais a introd. ao cap. VI e os §§ 201, 203, 205, etc.

II. Litteratura.—Esta fonte comprehende:

1. *Leis*:

a) civis (Ordenações, Foraes);
b) municipaes (Posturas);
c) ecclesiasticas (Concilios, Constituições).

2. *Documentos de Inquisição* (processos, etc.).

3. *Documentos diversos* (como *foros particulares;* cf. § 342-*bb)*.

4. *Litteratura propriamente dita*:

a) Chronicas, Agiologios, Topographias e Memorias.
b) Obras mysticas (ex.: *Contos* de Gonsalo Trancoso, *Horto do esposo, Exorcismos)*.
c) Livros de medicina;
d) Cancioneiros e poesias várias, (Canc. da Vaticana e de G. de Rezende, Gil Vicente, Camões, Sá de Miranda, etc.).
e) Romances litterarios e dramas.
f) Obras diversas.
g) Livros populares (litteratura de cordel: *Lunario perpetuo, Livro de S. Cypriano, Prophecias de Bandarra,* etc.).

III. Povo.—(Tradição oral).

Todas estas fontes aproveitei, como já dei a entender. Não alterei absolutamente nada do que recolhi. Indico entre parenthesis o nome das terras em que as tradições foram ouvidas, podendo comtudo estas pertencer a muitas mais. Comquanto Portugal não seja perfeitamente egual em tudo, pois que os differentes meios geographicos, — a *montanha*, o *campo* e a *beira-mar* —, imprimem ás populações caracteres diversos, e ha além d'isso variações, ainda que pequenas, de linguagem, as tradições populares acham-se profusamente distribuidas por todo o paiz, em virtude das seguintes causas: 1) a pequenez do paiz, e falta de linguas muito diversas; 2) os grandes trabalhos campestres que chamam gente de muitas terras, como o azeite no Alemtejo e o vinho no Douro; assim, na minha terra, sempre ao findarem as vindimas do Douro, véem *modas* e cantigas novas; 3) as romarias, aonde, com as cruzes das differentes freguezias, e mesmo sem ellas, concorrem innumeros *descantes* ou *sturdias*, que espalham egualmente *modas* (de musica e cantigas); 4) os descantes que acompanham os *mordomos* ou festeiros que andam de terra em terra a pedir com os santos das festas; 5) os cegos que vão tambem de povo em povo a pedir, cantando e tocando; 6) uma infinidade de pequenas cousas, que á primeira vista parecerão insignificantes, mas que o não são, como almocreves, criados de servir, etc., etc.

A indicação dos nomes das terras tem importancia, não só para authenticar os factos, mas por causa da linguagem. A linguagem da Beira differe da do Entre-Douro-e-Minho; esta da de Miranda (no § 366-*d* dou um specimen do dialecto mirandez); esta da do Alemtejo e Algarve:

não ha dialectos muito distinctos (com exclusão do mdz. e talvez da linguagem do Suajo que espero estudar este anno), mas ha dialectos reconheciveis, como terei occasião de mostrar noutro trabalho.

Inclui as tradições populares da Galliza, do Brazil e das nossas possessões, por motivos faceis de comprehender: a Galliza, ethnica e linguisticamente, é um appenso de Portugal; as outras regiões foram povoadas e dominadas pelos portuguezes.

Na colheita das tradições populares encontrei as mesmas difficuldades que vejo indicadas por outros collectores. O povo é desconfiado, pelo que se torna indispensavel muita tactica afim de lhe captar a benevolencia; suppõe que o interrogão para zombar d'elle, e por isso, ou responde torto, ou esquiva-se a responder. Foi-me preciso algumas vezes dar dinheiro ou metter empenhos, e dizer sempre primeiro algumas superstições e versos populares, para provar a minha sinceridade nas perguntas. Tambem me servi d'outras precauções que recommendo a todos os collectores que ainda não tiverem usado d'ellas: quando eu desejava averiguar qualquer facto que eu suspeitava, nunca declarava este facto directamente, porque o povo tem muito o costume de responder *que sim* a tudo, mas servia-me de linhas travéssas.

A maioria das tradições populares traduzem a crença viva do povo; não assim outras, como se reconhece pelo aspecto fragmentado e apagado d'ellas, pelas contradicções que apresentam, pelo tom faceto que revestiram, e pela fórma metrica que perderam no todo ou em parte.

Os fins, porém, do folklorista são: recolher

todos os factos que entrarem no dominio do seu estudo, e classifical-os mais ou menos methodicamente para facilitar esse estudo; compará-los com o que houver de semelhante nos paizes estrangeiros, e por ultimo tirar as conclusões possiveis. Satisfazer, tanto quanto coubesse nas minhas forças, aos dous primeiros fins, foi o que aqui tentei; mais tarde me occuparei dos dous restantes.

Se, ao reunir esses fragmentos soltos da alma do nosso povo, muitas vezes me chamaram doido, por supporem frivolo o que a mim me parecia ouro; se houve mesmo no Norte do paiz um jornal democratico que se recusou a publicar-me alguns factos do Folk-lore pelos julgar ridiculos, quando a obrigação d'elle, como folha do povo, era amar o que pertencia ao povo, e combater a ignorancia, mostrando a importancia de taes factos; se, emfim, algumas canceiras intellectuaes e physicas tive de dispender, — devo, porém, confessar que nunca senti maior prazer na minha vida, do que quando, no meio dos trabalhos agricolas, á fogueira do lar das aldeias, nas romarias alegres da egreja, — nas montanhas, nos campos e á beira-mar, — eu apanhei da bocca dos aldeões, simplorios e bons, tudo isso que aqui coordeno, e que, á proporção que me ia apparecendo, me ia annunciando um mundo novo e cheio de revelações extraordinarias e desconhecidas.

Ao menos esse prazer, e o de ser util á minha patria e á sciencia, hão-de compensar de sóbra as zombarias dos insensatos!

Porto, Julho de 1882.

J. Leite de Vasconcellos.

CAPITULO I

Os astros

[Os escriptores antigos não nos deixaram muitas informações a respeito das ideias mythicas e religiosas dos povos que outr'ora habitaram o territorio hoje Portugal. Na *Ora maritima* de Avieno, escriptor do 4.º seculo da nossa era, que parece traduziu um auctor phenicio do seculo VI A. C., falla-se sim da *Pelagia insula* (situada talvez perto do local de Aveiro: vid. o notavel estudo do sr. dr. Martins Sarmento, *Ora maritima*, Porto, 1880) dedicada a Saturno, e do Cabo de Santa Maria (chamado *Cautes Sacra*) tambem com a invocação de Saturno, etc.

O geographo Strabão diz do Cabo de S. Vicente: «Vulgo enim perhiberi ait Posidonius (135-49 A. C.), solem ibi ad oceani litus occidere majorem, editoque strepitu, quasi si mare strideret sibilaretque eo quia in fundum deferatur exstincto: quin præter hoc vanum esse etiam illud quod aiunt statim ab occasu noctem insequi.» (Strab. Geogr. lib. III, cap. I, 5, ed. Didot, 1853). O poeta Ausonio numa epistola (XIX) a Paulino escreve no principio:

> «Condiderat jam Solis equos Tartesia Calpe
> Stridebatque freto Titan insignis Ibero.»

Lucio Floro confirma a mesma superstição: «... cadentem in maria solem, obrutumque aquis ignem, non sine quodam sacrilegij metu, & horrore deprehendit.» *De Roman. Gestis*, Evora, 1671, II cap. XVII. — Da epocha luso-romana restam inscripções em que o

culto astrolatico se affirma: SOLI. ET. LVNAE || CESTIVS. ACIDIVS || etc. (inscripção achada junto ao cabo de Cintra, o antigo *Promontorio da Lua,* como até diz Camões nos *Lus.* c. III, est. 56

.... nas *serras da Lua* conhecidas
Subjuga a fria *Cintra* o duro braço.)

SOLI. AETERNO || LVNAE || PRO. AETERNITATE. etc. (inscripção trazida de um local proximo a Collares); LVCINAE || MINER || VAE. SOLI || LVNAE. etc. (dada como tendo existido ao pé das Caldas de Vizella.) (Estas inscripções foram extrahidas dos auctores portuguezes pelo sr. E. Hübner nas *Noticias Archeologicas de Portugal* (trad. da Academ.), Lisboa 1871, a pag. 15, 16, e 82.)

Na Citania de Briteiros (Minho), segundo consta das explorações do intelligente archeologo o snr. Martins Sarmento, tem-se notado uma tal ou qual orientação de certos objectos para o Nascente; appareceu mesmo ao pé do monte uma cara do Sol lavrada em pedra; mas nada se póde affirmar de rigorosamente positivo a respeito do culto solar nos citanienses.

Nas moedas hispanicas da epocha romana tambem apparecem os astros representados. Do culto astrolatico no seculo VI da era christã acho a seguinte curiosa disposição na *Acta* do concilio que se diz celebrado em Braga (DXCVIII, *die cal. Maiarum*): «Non liceat Christianis tenere traditiones Gẽtilium, et observare vel colere elementa, aut lunæ, aut stellarum cursum» (COLLECTIO CONCILIORUM HISPANIÆ, —Madriti MDCIII,—cap. LXXII,—2.º Concilio.)

As *Constituições episcopaes,* posteriores a esta data, continuam a dispor contra a veneração pelos astros: «E prohibimos sobpena de exõmunhão (excõmunhão) maior, que nenhũa peſſoa.... faça juizo, ou levante figuras pelos movimentos, ou aspectos do ſol, lua, ou estrelas, ou por quaesquer outras couſas, para pronosticar as acções humanas.» (*Constitvições Synodaes do bispado da Gvarda,*—Lisboa MDCXX, liv. V, tit. III, cap. I, 3, pag. 242) Na mesma pagina, § 5, lê-se: «Porém declaramos que não é prohibido fazer conjecturas, & juizos pelas cõstellações do Ceo;.... mas sómente se diga conjecturalmente o que póde acontecer.»

Nas *Constituições do bispado do Porto* (ordenadas em 1687 em seguida ás de 1585, reimpressas no sec. XVIII, e ainda vigentes) ha porém uma disposição mais clara, porque se manda, sob pena de energicos castigos, que se não *rese á lua nem ás estrellas.* (Liv. V, tit. 3.º const. 3).

Duarte Nunes de Leão, na *Primeira parte da Chronica dos Reis de Portugal,* menciona um eclipse succedido no tempo de D. Sancho 1.º, e «por cujo espanto os homens e mulheres de todo esta-

do, cuidando que era o fim do mundo, deixando suas casas e fazenda, se acolheram ás egrejas, querendo nellas acabar.» (ed. de 1600 Lisboa, pag. 61.)

A proposito da Astrologia, de que a *Constituição* supracitada fallava, temos ainda mais factos na nossa Historia. O infante D. Henrique, duque de Vizeu, o homem a quem Portugal deve a iniciativa das descobertas que fizeram grande este paiz e abriram ao mundo horisontes dilatados e fecundos, escreveu o *Secreto de los secretos de Astrologia* (vid. *Boletim de Bibliographia Portugueza*, redigido pelo sr. A. Fernandes Thomaz, vol. 1.º, pag. 53-55); de todos é bem sabida a *prophecia* de mestre Guedelha na coroação de D. Duarte, que a não quiz attender, mas em cuja livraria figurava um tractado de *Estrologia* : vicio dos reis da epocha, mas vicio logico, que a serie dos acontecimentos preparou e depois destruiu.

Numa *Practica de exorcistas e ministros da Igreja*, traduzida por P. Manoel Rodrigues Martins, e que mostra ter tido muito uso, lê-se : «Exorciso te immunde ſpiritus, & per ipsum te conjuro ✠ per quem omnes montes humiliabuntur, & vales omnes implebuntur. Per illum, *in quo Sol, & Luna obscurabũtur, & ſtellæ cadent de cœlo;* ante cujus aspectum Angeli præibunt, & omnia simul turbabuntur in tempestates ignis.» (ed. de Coimbra, anno de 1694, pag. 224.) Era a traducção da tremenda ideia medieval : *ubique Doemon !*]

A) O Sol e a Lua

As tradições do Sol andam em parte juntas com as da Lua, de modo que as não pude separar em dois subcapitulos differentes. Note-se de passagem que a Lua-nova é a phase mais celebrada nas nossas crenças populares.

1. Quando Deus foi fazer o Inferno ficou *Luz-de-Vela* (Lusbel?) na cadeira divina; ao voltar, não lhe queria *Luz-de-Vela* restituir a cadeira, allegando que o Senhor lh'a tinha dado.

Dizia o Senhor:

—A cadeira é minha, emprestei-t'a, não t'a dei.

Luz-de-Vela ateimava muito, e pôz uma demanda com

*

o Senhor. O Senhor apresentou a Lua, a Agua e o Sol como testemunhas de que tinha emprestado e não dado a cadeira. A Lua e a Agua juraram falso; o Sol jurou a verdade, respondendo ao Senhor:

—O que é dado, é dado; o que é vendido, é vendido; o que é emprestado, é emprestado. Portanto a cadeira é vossa.

Deus então castigou a Lua (que era tão linda como o Sol), tirando-lhe os raios para os dar ao Sol; castigou tambem a Agua, obrigando-a a correr sempre, sem nunca estar quêda.

Luz-de-Vela era antes d'isto o maior Anjo do Ceu; depois ficou o maior Diabo do Inferno, e chama-se *Lucifê* (Lucifer). [1] [Communicação da sr.ª Anna Joaquina de Souza, do concelho de Famalicão.]

2. O Sol é irmão da Lua e deseja que o mundo dure sempre; a Lua não, porque está constantemente a ser retalhada (phases da Lua.) [2] [Mogadouro].

3. Uma vez andava um homem a trabalhar ao Domingo, apanhando silvas. Appareceu Deus e disse-lhe:

—Então tu andas a trabalhar ao Domingo?

—Senhor, aqui ninguem me vê neste canto.

—Pois deixa estar que toda a gente te ha de ver.

Depois Deus collocou na Lua o homem com o mólho

---

[1] Uma parte d'este capitulo sahiu já nos meus seguintes artigos: *Cosmogonia popular portugueza* in *Vanguarda* (26 Dez. 1880 — 6 Fev. 81); *Tradições dos corpos celestes*, ibidem (29 Ag. 80 — 19 Set. 80), etc.

No § 1.º allude-se á crença, não só portugueza, mas de outros paizes, de que *houve um tempo em que tudo fallava.*

[2] Nos Peruvianos, a Lua é irmã do Sol (Tylor, *Civil. Primitiv.* trad. fr., t. I, pag. 330-331). Nos Ho de Chota-Naypore (ao N. E. do Industão) a Lua é fendida pelo Sol em duas metades (id. ib., pag. 409; cf. pag. 407).

de silvas ás costas. E' elle que, andando lá, produz as manchas d'esse astro. (Freixo-d'Espada-Cinta, Carrazeda d'Anciães, etc., etc. Em Mafra existe a mesma versão com a unica variante de ser uma mulher a castigada, e não um homem.) [3]

4. A Lua articulava com o Sol, dizendo que ella corria mais do que elle. O Sol, zangado, atirou com lama á cara da Lua. D'aqui as manchas. Uma cantiga diz:

> Quem me fora como o Sol
> E corresse como a Lũa:
> Não me havias de escapar,
> Amor, em parte nenhũa.
>
> (Famalicão)

5. O Sol começou a disputar com a Lua, sobre qual era mais bonito. A Lua dizia que era ella. O Sol, com inveja, atirou-lhe á cara com lama, ou areia, ou terra. A Lua ati-

---

[3] Esta tradição é semelhante a uma que F. M. Lurel traz na *Revue Celtique* (vol. 3.º, pag. 451-52) referida á Bretanha. Cf. mais: «Un paysan voulait, le vendredi saint, aller chercher du bois dans la forèt, comptant que le garde n'y serait pas ce jour-là, etc. Le paysan a été transporté dans le ciel et il y conduit éternellement le Chariot (apud Gaston Paris, *Le Petit Poucet*, not. 23). Nas *Obras en prosa y verso* de Bartrina vem o adagio:

> Quan l'home del cel treu branya
> Bruns lo vent á la montanya,

a que o A. faz este commentario: «Indudablemente esta locucion se refiere al *Hombre de la luna*—» e cita varios auctores, Dante, (*Inferno* xx, 124-126; *Paraiso*, ii, 49-54), Benevenuto de Imola, (Caim anda na Lua com um mólho ás costas semelhante ao que trazia no mundo), Plutarcho, e a obra ingleza *Notes and Queries* (1852),—onde parece haver vestigios da mesma crença. O dr. Prato, de Spoleto, tem um trabalho sobre *Caino e le spine secondo Dante e la tradizione popolare*.

rou á cara do Sol com agulhas. D'aqui a origem das manchas da Lua e dos raios solares, que ainda hoje, quando fitamos o Sol, se nos espetam pelos olhos. (Famalicão, Porto, Guimarães, etc.)

6. A Lua era tão bonita ou mais do que o Sol. O Sol, com inveja, atirou-lhe á cara com terra ou cinza; e ella a elle com alfinetes. (Leça do Balio, Carrazeda d'Anciães).

7. A Lua era mais linda do que o Sol, e uma vez começou a dizer:

— O' Sol, eu sou bem mais bonita do q'a ti (do que tu.)

O Sol pegou numa pouca de cinza e atirou-lhe com ella. A Lua ficou turva. (Vimieiro).

8. A Lua era mais linda do que o Sol. O Sol queria casar com ella, mas a Lua não lhe dava cavaco. Elle então, despeitado, atirou-lhe á face com cinza, e ella a elle com as agulhas da costura. A Lua ficou sem brilho, e o Sol cheio de raios. Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua. (Porto, communicação do meu condiscipulo Antonio de Souza.)

9. A Lua dizia que era tão bonita como o Sol, e o Sol dizia que não. A Lua passou um dia pela porta do Sol, e elle atirou-lhe com cinza á cara, e a Lua a elle com agulhas. (Torre-de-Dona-Chama. Em Gondomar tambem se falla da Lua ter atirado com agulhas ao Sol.) [4]

---

[4] Na *Myth. comparée* de Girard de Rialle lê-se: «...des Khasias de l'Inde qui croient que la lune est un individu épris chaque mois de sa belle-mère qui lui jette *de la cendre au visage, ce qui produit les taches de la lune* (pag. 149). Tylor diz o mesmo, citando Hooker. Vid. obr. cit. pag. 407. (cf. outra tradição no mesmo Tylor, tambem a pag. 407).

No concelho de Penafiel diz-se que a Lua atirou com sal ao Sol e este ficou mais lindo.

10. O Sol tem o nome de *Manoel*. (Mondim da Beira, Guimarães, etc.) Quando elle nasce, dizem os trabalhadores: —«Lá vem o *Manel*». Quando elle se põe, dizem: —«Lá se vae o *Manel*. Vamos embora». (Guarda.)

Esta denominação é importante, porque póde estabelecer uma tal ou qual relação com Christo, que tambem se chama Manoel (Mondim da Beira, etc.). Uns versos incompletos que recolhi no Porto, dizem:

S. João é filho de Santa Isabel,
Depois foi padrinho de Christo
E poz-lhe o nome Manoel.

A relação entre o Sol e o Christo não tem nada de extraordinaria, como sabem os que se dedicam a estes estudos, e como se mostrará no correr da presente obra. [5]

Ouvi dizer que ao pé de Vizeu chamam ao Sol o *Luiz*, o *Luizinho* (Cf. Luz). O mesmo noutros pontos da Beira-Alta.

11. O Sol é considerado como um olho. A expressão *o olho do Sol* ou *o olhinho do Sol*, ouve-se a cada passo. [6]

---

[5] Cf. a *Rev. de Ethnolog. e de Glottolog.* do meu amigo o snr. F. A. Coelho, pag. 10 ad 16; cf. Dupuis, *Origem de todos os cultos*, passim, etc.

[6] *Mata-ari* é o *olho do dia* em Java e Sumatra: *Maso-Andro* é a mesma cousa em Madagascar (Tylor, obr. cit. pag. 401) *O olho do Sol* no Rig-Veda é o *olho* de Mitra, de Varuna, e de Agni (apud Tylor ib., pag. 402). Em Hesiodo é o *olho de Zeus* que vê tudo. No Zend-Avesta o Sol é o olho de *Ahura-Mezda* e de *Mithra* (ib. ib.) «Ainsi une chose établie aujourd'hui est l'identité de l'irlandais *suil*

O olhinho do Sol
Que nos alumeie
Q'anto mais milhor.

(Vouzella).

Tambem se diz *a cara do Sol* e a *cara da Lua* (Famalicão). Os auctores dos reportorios e as creanças pintam até estes dois astros como duas caras. Uma cantiga diz:

Já lá vae o Sol abaixo,
Rei das caras, deixa-o ir;
Que àmanhã por estas horas
Rei das caras torna a vir. [7]

12. Em muitos paizes o ouro é consagrado ao Sol e a prata á Lua. O sanscrito *harana* signifia *ouro,* e *hari* significa *amarello côr de ouro, sol.* Allude á mesma representação esta cantiga ?:

O Sol é caixa de oiro
A Lua é a fechadura;
As estrellas são a chave
Da minha pouca ventura.

Note-se porém que em vez do primeiro verso tambem se diz:

O Sol é caixa de prata.

«œil» *sualîs,* et du breton *heaul,* «soleil» (A. de Jubainville,—Rev. Archeologique pag. 217, Out. 1877). Não fallarei aqui do *olho* do Cyclope.

[7] O Sol, nos Vedas, é chamado a *face de Aditi, a face dos deuses.* As nações teutonicas chamavam-lhe tambem a *face do seu deus.* (Vid. Max-Müller, *Myth. compar.,* 2.ª ed. franceza, pag. 110). O auctor medieval Martiano Capella, chama ao Sol, num hymno, *verdadeira cara* (*De Nuptiis Philologiae,* liv. 2.º).

13. Quando nasce o Sol costumam saudal-o com estas palavras: «Lá vem o Sol ao Nascente; lá vem as tres pessoas da SS. Trindade e as cinco chagas de N. S. J. Christo». e rezam P. Nosso e A. Maria. (Districto da Guarda).

Ou dizem:

Em louvor do Sol nascente
Que nos não dôa mão nem dente.

(Ib.)

Em Mondim-das-meias (Beira-Alta) ao nascer o Sol, descobrem-se, e rezam ao SS. Sacramento. Saudam-n'o assim:

Com bem nos aches,
Com bem nos deixes.

Em Vouzella dizem na mesma occasião:

Em louvor de S. João
Que venha alumiar
Todo o fiel christão.

Ou:

Lá vem o Manel do dia [8]
Que tudo cria.

---

[8] A adoração do Sol nascente encontra-se em muitos povos. Tacito, por exemplo, diz: «et orientem solem (ita in Syria mos est) tertiani salutavere» (*Historiar.*, lib III, cap. XXIV). O mesmo costume se encontra entre os Indios antigos e modernos. Chez les Esquimaux... le soleil... est salué par des cris de joie, par des danses, par des chants. (Apud Ad. Coelho, *Rev. de Ethn.* pag. 15).

Em Gondifellos (Familicão) ao nascer o Sol dizem:

«Ai! que já lá vem o Lourenço»

Ou:

Deus te veja vir
Co'as pernas a bolir.

Tambem lhe chamam *Manoel.*
Para o Sol romper, quando o ceu está nublado, diz-se:

Solsinho, vem, vem
Que te dou um vintem,
Pelas telhas do tilhado
Te dou um cruzado.

(Douro, Guimarães.)

Solsinho, vem, vem,
Pela porta de Belem,
Que lá'stá N. Senhora
Que te dá um vintem.

(Guimarães).

Ou:

Solsinho vem, vem,
Pelas telhas de Belem
Que te dou um vintem.
Solsinho, vem, vem
Pelas telhas do tilhado
Que te dou um cruzado.
Todos nós te véjamos vir
Para nos pormos a rir.

(Guimarães).

14. O Sol é verdadeiramente humanisado na seguintes quadras:

O Sol, q'ando nasce, é rei;
Ao meio-dia é morgado;
De tarde está doente;
A' noite está sepultado.

(Guimarães).

O Sol, q'ando nasce, é rei;
A's 10 horas é c'roado;
Ao meio-dia é morto;
A' noite é sepultado.

O Sol, q'ando nasce, é rei;
Q'ando se põe é morgado;
Q'ando nasce, resuscita;
E á noite é sepultado.

(Alijó).

15. O Sol, ao nascer, na manhã de S. João, vem a dançar. (Penafiel, Villa do Conde, Leça do Balio, etc. [9] Um gallego disse-me que na Galliza ha a mesma superstição, e que põem o gado ao ar até que elle nasça.) Dá tres voltas na mesma occasião (Porto etc.). Quem collocar um lenço de seda deante dos olhos vê-o dançar (Villa do Conde); o mesmo acontece a quem collocar ao Sol uma bacia de agua (Leça do Balio). Ao meio dia tambem dança (Penafiel; communicação de uma velha). [Tudo isto é no S. João]. A seguinte cantiga da Maia alludirá a essa dança?

Sete voltas deu o Sol
Pelo ceu, e sem tu vires;
Quando vieres, eu vou-me
Para depois te não rires.

16. Ha tres estrellas que encarreiradas acompanham o Sol. Quem, no pino do meio dia, puzer um lenço nos olhos e espreitar por elle para o Sol, [10] vê nove estrellas, isto é, vê triplicadas cada uma d'aquellas. (Districto da Guarda; o homem que me contou esta superstição, affirma ter já experimentado).

Quem olhar para o Sol, ao meio-dia, vê o Sol cercado de estrellas. (Guimarães).

[9] A dança do Sol na manhã do S. João encontra-se entre os Slavos e na Sicilia (cf. as *Contribuições para uma Myth. Pop. Port.* do meu amigo o snr. Consiglieri Pedroso, — in *Positivismo,* pag. 329 e 342, — 2.º anno.)

[10] A proposito do lenço, cf. § 15 e 30.

17. Ao pôr do Sol tambem em Mondim-das-meias é costume sauda-lo.

Em Vouzella dizem:

> Já lá vae o Manel do dia
> Que nos tem alumiado todo o dia.

Ouvi dizer á mãe de uns barqueiros que o Sol mergulha no mar e que, quando mergulha, faz uma certa *restolhada* [esta ultima parte, porém, só a ouvi a uma pessoa]. (Porto) [11]. Depois do sol-posto não se deve varrer a casa, porque se varre a fortuna; ou, varrendo-se, deve deitar-se no cisco uma mancheia de sal (conc. de Penafiel).

No monte do Castello (Vermoim, no Minho) ha umas hervas taes que quem passar por ellas, *depois do sol-posto*, fica encantado, e só se desencanta em o sol outra vez nascendo. [Nesse monte está uma *Moura*.] (Vid. o meu opusculo *Fragm. de Myth. Pop. Port.*, pag. 2).

A ideia do *Sol doente* está nestes versos;

> O Sol-posto vae doente
> A Lua o vae sangrar:
> O Sol-posto ata a fita,
> Pega na marga o luar. (malga)

(Ao pé de Vizeu).

---

[11] Cf. os trechos que na introducção a este capitulo citei de Strabão e Floro. — Tacito escreve a respeito do pôr do Sol nas aguas: «*Sonum insuper emergentis audiri..... persuasio adjicit*» (*De mor. German.*, cap. XLV); e Juvenal:

> *Audiet Herculeo stridentem gurgite solem.*

(SATIR. XIV, v. 226, ed. Paris 1771).

A phrase: *O sol mergulhou-se no mar* é vulgar.

18. No Sabbado em que não houver Sol tem o rei um carneiro (Vouzella), ou mandam as freiras de Vairão um carneiro ás de Arouca (Porto), ou tem as do Louriçal um carneiro (Extremadura). A' mesma crença de que não ha Sabbado sem Sol se referem os versos populares:

Não ha Sabbado sem sol
Nem alecrim sem flor,
Nem menina bonita sem amor.

(Moncorvo).

Não ha Sabbado sem Sol
Nem velha sem dôr,
Nem menina sem amor.

(Porto).

Não ha Sabbado sem sol,
Nem Domingo sem missa,
Nem Segunda sem preguiça.

(Porto).

Non hái Sábado sin sol,
Nin romeiro sin frol,
Nin dama sin amor.

(Gram. Gallega de Saco Arce, p. 274).

Não ha Sabbado sem Sol;
Nem rosmaninho sem flor;
Nem casada sem ciume,
Nem solteira sem amor.

(Coimbra).

Sabbado sem Sol,
Chuva de maior; [12]

(Vouzella).

isto é, choverá.

19. Quando ha eclypse do Sol *(Sol cris)* põe-se uma

[12] Nesta superstição de que *não ha Sabbado sem sol*, poder-se-ha ver um vestigio da consagração dos dias da semana? Nos nomes francèzes (Lundi = *Lunae dies*; Mardi = *Martis dies*; Vendredi = *Veneris dies*, etc.), hispanhoes (Lunes, Martes, Viernes, etc.), inglezes (Monday, Saturday, etc.), allemães (Montag, Freitag, etc.) ha ainda esse vestigio. O Domingo era o dia do Sol (Sunday, Sonntag), e nos christãos é *o dia do Senhor*, emquanto que as relações populares com o Sol são no Sabbado; mas os primeiros christãos observavam o Sabbado como os judeus. Nas *Ordenações Philippinas* (1595) manda-se que se não guarde o *Sabbado* (nem Quarta-feira), nem se coma e beba por causa das *missas dos Sabbados* (Liv. v, tit. v. apud. F. A. Coelho, — *Ethnographia Portugueza*, § 61).

bacia com agua e vê-se nella o Sol a passar pela Lua (Moncorvo, etc.). Quem collocar deante dos olhos um lenço de seda sem ramos ou uma peneira, vê a nevoa que cobre o Sol. (Leça do Balio, etc.). [13]

20. Quando o Sol entra na cabeça, e a faz doer, talha-se assim:

O Sol é luz,
O Sol é claridade.
São tres pessoas da SS. Trindade.
O Sol nasce no Nascente,
E põe-se no Poente.
Assim como isto é verdade,
Và-me este mal d'aqui p'ra fóra p'ra sempre.

[Põe-se um guardanapo de olhos, dobrado, sobre um copo meio d'agua, na cabeça do doente, com a agua para baixo, ao Sol. A oração diz-se tres vezes, e reza-se um P. Nosso, etc.] (Gondomar).

21. Seccar ao Sol a roupa humida de suór, faz seccar o dono d'ella. (Brazil,—apud *Almanach de Lembranças* para 1860, pag. 181).

22. Quem tiver um terçol, ou como o povo lhe chama, um *tres só*, vae ao campo antes do despontar da manhã, e collocando sobre o olho atacado a mão contraria, diz tres vezes:

Sol,
Toma lá tres só!

e em pouco desapparece o mal. (Brazil,—ib. para 1864, pag. 283).

[13] Cf. §§ 15 e 19. O ceu, mythicamente, é representado como um crivo. Cf. § 46.

23. Na margem do rio Tamega, junto á ponte de Cabez, ha uma antiga capella de S. Bartholomeu, na qual se faz em 23 e 24 de Agosto a respectiva romaria. Os romeiros acreditam quo a agua d'uma fonte sulfurea d'ahi, sendo colhida no dia 24, antes de lhe dar o Sol, é antidoto contra as doenças que existam ou possam existir. Por isso levam-se muitas garrafas cheias d'essa agua, e mergulham-se nella as creanças, devendo-se neste caso deitar pela agua abaixo as camisas das enfermas. (*Alm. de Lembranças* para 1860, pag. 300-301).

24. Quando chove e ao mesmo tempo faz Sol, diz o povo que o Diabo está a bater na mulher (Povoa de Lanhoso, etc.) ou na mãe (Porto, etc.); ou que as Bruxas se penteiam (Porto, Barcellos, etc., etc.).

Cando chove e fai sol
Anda o demo por Ferrol,
Con·un saco dalfileres
Para pical as mulleres.

(Cant. Gallegos, — apud. Parnaso Mod. de Th. Braga, p. 284.

Está a chover e a fazer sol,
Casa a raposa com o rouxinol.

(Mortágoa, Pesqueira, etc.)

Quando 'stá a chover e a fazer sol,
'Stão as velhas a remendar o folle.

(Maia).

'Stá a chover e a fazer sol
E a raposa a tocar no folle.

(Mondim-das-Meias).

'Stá o Diabo a bater na mulher
C'o rabo da colher.

(No concelho de Penafiel).

Quando chove e faz Sol, estão as feiticeiras a pentear-se, e o Sol é o alcoviteiro da chuva. (Vianna do Castello).

25. Disse-me uma velha de quasi cem annos que o Sol é uma rosa divina que o Senhor deitou ao mundo. (Gandra).
A canção popular tambem diz:

O Sol é divina graça
Que todo o mundo aquenta;
O amor não é tão firme
Consante se representa.

(Concelho de Gaya).

26. Existem varios adagios ao Sol:

Ha sol que rega
E chuva que sécca.

(Beira Alta).

Ruivas ao Nascente
Desappõe os bois e foge sempre.

(Famalicão).

27. Terminamos, reunindo algumas cantigas em que o astro do dia é celebrado:

Esta noite choveu oiro
Diamantes orvalhou:
Ahi vem o *Sol divino*
Enxugar quem se molhou.

O Sol, q'ando nasce, inclina
A's pedras do teu annel:
Tambem eu me inclinei
Aos teus olhos, Manoel.

Se eu quizera, bem pudera,
Fazer o dia maior:
Dar o nó na fita verde
E fazer parar o sol.

O Sol prometteu á Lua
Uma fita de mil côres: (arco-iris?)
Quando o Sol promette prendas,
Que fará quem tem amores!

A' entrada d'esta rua
Dei um ai que nunca dera:
Recolheram-se as estrellas,
Sahiu o Sol á jenella.

Não sei que mal fiz ao Sol
Que não dá na minha rua:
Vou-me vestir de preto,
Que de branco anda a Lua.

O' Sol, que te vaes embora
Lá para trás do Marão,
Dize ao meu amor que venha,
Senão morro de paixão.

O Sol anda e desanda
Para tornar a nascer:
Eu nem ando nem desando
Estou firme no bem-q'rer.

Já lá vae o Sol abaixo
Fica a ribeira sem luz:
Valha-me aqui, ó menina,
Com as chágas de Jesus.

Já lá vae o sol abaixo,
O Sol vae, a sombra fica:
Vae o Sol admirado
Da sombra ficar tão rica.

Já lá vae o Sol abaixo
Mettido numa panella:
Já lá vae o brio todo
Das meninas da Cancella.

Já lá vae o Sol abaixo
Mettido num cantarão:
Já lá vae o brio todo
Das moças do Alvação.

Já lá vae o Sol abaixo
Mettido num pucarinho:
Já lá vae o brio todo
Das moças de S. Antoninho.

Já lá vae o Sol abaixo,
Elle é lindo como o ouro;
Já lá vae o brio todo
Das meninas de Ridouro.

Já lá vae o Sol abaixo
Mettido num cravo duro:
Já lá vae o brio todo
Das meninas da Cruz do Muro.

Já lá vae o Sol abaixo,
Já lá vae e vae de pé:
Já lá vae o brio todo
Das moças de Ponte de Pé.

Já lá vae o Sol abaixo
Mettidinho numa canna:
Já lá vae o brio todo
Das meninas de Cucana.

Já lá vae o Sol abaixo
Mettido numa jenella;
Já lá vae o brio todo
Das moças de Sernadella.

(Cantigas do Minho e Traz-os-Montes.)

28. *a)* A Lua parece considerada como uma lanceta nesta cantiga:

Lá vem a Lua sahindo
C'uma lanceta na mão
Para sangrar Mariquinhas
Na ponta do coração.

b) A phrase: *está nos cornos da Lua* é vulgar, e o povo mesmo affirma que a Lua tem *cornos.* [14]

c) A Lua é considerada como um queijo, em dous contos populares que ouvi na Beira-Alta e no Minho: Um lobo e uma raposa vêem num rio reflectida a imagem da Lua, e parece-lhes um queijo; neste sentido pretendem esvasiar a agua para o comer. [15] — Conta-se que uns homens da freguezia de Sobrado (c. de Vallongo), tendo visto num rio tambem a imagem da Lua, cuidaram que ella era *um unto*, e andaram toda a noite mettidos na agua a ver se o apanhavam. D'aqui o chamar-se aos habitantes d'aquella freguezia: *os da brôa d'unto.*

29. Contam que na occasião da restauração de 1640 foram vistos «uns signaes na lua, nos quaes se representava uma *hostia* e duas figuras humanas que pareciam Anjos». (cf. o folheto *Apparição d'uma hostia no céo em Braga em* 1640, por Silva Caldas, Braga 1879, pag. 4).

30. Quem espreitar por um lenço ou por uma penei-

---

[14] Num cantico russo ha esta invocação: «*Lua! Lua! cornos de ouro!*» (Gubernatis, *Myth. zoolog.*, trad. fr. t. I, not. 1 a pag. 447). No Rig-Veda (I, 154, 6) todas as estrellas ou todas as vaccas reunidas formam *muitos cornos* (id. ib. pag. 19). A Lua com chifres é representada como uma cabra benefica (id. ib. pag. 447).

[15] Este conto é identico a uns slavos, que vem em Gubernatis, obr. cit. t. II, pag. 140.

ra para a Lua, vê lá um homem com um mólho de silvas ás costas. (Beira-Alta; cf. § 3.º) Para se saber quantos dias tem a Lua, põe-se tambem um lenço nos olhos; quantos riscos se virem, tantos dias tem. (Cabeça-Santa no c. de Penafiel).

31. Se o luar nos dá na cama, ficamos com a bôca torta (Minho).

A' noite diz-se:

Lá vem o luar
Pr'a nós podermos andar.

(Vouzella).

32. Diz-se usualmente: *os cães ladram á Lua.* [16]

33. No anno ha treze Luas. A primeira vez no mez que se vê a Lua, mostra-se-lhe dinheiro de cruzes (um pinto, doze-vintens etc.), faz-se-lhe uma cortezia, e diz-se-lhe:

Lua-nova
Tu bem me vês,
Dá-me dinheiro
Pr'a todo o mez.

(Minho).

[Tanto estes versos, como a venia, são tres vezes.]

Quando se vê pela primeira vez a Lua, é bom ter comsigo cobre, prata e ouro (ib.) [17].

---

16 Na França crê-se popularmente que os *lobos uivam á Lua*. Cf. o proverbio: *Dieu garde la lune des loups*.

Quando a Lua se esconde atrás de uma nuvem, dizem que foram os lobos que a comeram, para poderem entregar-se aos ataques e aos roubos (E. Rolland: *Faune populaire*, pag. 123, *Mammifères*).

17 Esta superstição com a Lua repete-se noutras partes (Fran-

*

Ao ver a Lua, mostra-se uma moeda qualquer, dizendo:

Lua nova,
Deus te acrescente.
Quando passares pela minha porta,
Traze muita d'esta semente.

(Porto).

Lua-nova,
Eu não te vi senão agora;
E quem te fez nova
Que te faça velha,
E eu uma sua serva;
Santa Ignez
Prata e ouro todo este mez!

(S. Martinho de Gandra; communicação de uma velha de quasi cem annos). E' bom acrescentar que o povo tem uma *viva fé* nisto.

34. Quando apparece a Lua-Nova, as velhas saudam-na: *benza-te Deus!* (S. Pedro do Sul, etc.) e resam-lhe (*passim*). Na abbadia de Villa-Cova de Carros (no concelho de Paredes) ouvi a um velho as seguintes quadras que se dizem á Lua quando ella se mostra pela primeira vez:

Benza-te Deus, Lua-Nova,
Com todos os teus crescentes,
Que eu peço a *Santa Apollonia*
Me livre de dor de dentes.

Benza-te Deus, Lua-nova,
E mais teus quatro crescentes;
Emquanto eu peço ao Senhor
Que me livre de dor de dentes.

Eis mais saudações á Lua:

ça, Belgica, Suissa, etc.) com o cuco: quem tiver dinheiro no bolso quando ouvir cantar o cuco a primeira vez, tem-no todo o anno; mas «hat man kein Geld in der Tasche, so hat man das ganze Jahr keines.» (E. Rolland, *Faune pop.*, II, pag. 92).

Lũa-Nova
Benzedeira,
A irmã de minha madrinha
E' a S.ª da Oliveira.

(Guimarães).

Lua-Nova,
Benza-te Deus;
Maria
E' mãe de Deus.

(Bouças).

Lua-Nova,
Benza te Deus;
Minha madrinha,
Mãe de Deus.

(Maia, Porto).

Deus te veja, Lua-Nova,
E ao teu S. Matheus,
Que me gardes os meus dentes,
. . . . (?)

(Barrô ao pé de Lamego).

Deus te salve, Lũa-Nova,
Lũinha de S. Matheus;
Q'ando te doerem os dentes,
Assim me doam os meus.

(Villa Marim).

Benza-te Deus, Lua-nova!
Quando lá chegarem sapos e serpentes
Bonda então que me doam os dentes.

(Guimarães).

Benza-te Deus; Lua-Nova,
Que me não morda bicha nem cobra
Nem cadellinha raivosa.

(3 vezes e P. N. e A. M.) [18] (Mathosinhos).

Benza-te Deus, Lua-Nova,
Que te vejo agora pela primeira vez,
Que me não empeça mal de fóra.

(Concelho de Fafe).

---

[18] Na Baixa-Bretanha,—«c'estoit une coustume receuë de se mettre à genoux devant la nouvelle lune, et de dire l'Oraison Dominicale en son honneur.» (*Rev. Celtique*, II, pag. 485).

Benza-me Deus e á Lua-Nova
E aos seus divinos acrescentes,
E a virgem N. S. Santa Apollonia
Nos livre de dor de dentes.

(Guimarães).

Deus te salve Lua-Nova,
Que me livres de tres males:
Primeiro, de dor de dentes;
Segundo, de fogos ardentes;
Terceiro, de linguas de má gente
E do inferno principalmente.

(Serra da Estrella).

Benza-me Deus
E á Lua-Nova!
Todo o mal que eu tenho
De mim vá fóra.

(P. N. e A. M.) (Guimarães).

35. Quando se vê a Lua pela primeira vez, mostram-se-lhe as creanças e diz-se:

Lua, Luar,
Toma o teu ar,
Deixa os meus meninos
Crescer e medrar.

(Porto).

Lua, Luar,
Toma lá o teu ar,
Deixa-me a minha menina
Comer, beber, dormir e passear. [19]

(Guimarães, etc.)

---

[19] Os selvagens do Brazil mostram á Lua os recemnascidos para ella os livrar de doenças (G. de Rialle, *Myth. comparée*, t. I,

36. A proposito do § 12.º eis uma cantiga:

Olhae para aquella Lũa,
Como stá enramalhada:
Por dentro é oiro fino,
Por fóra *prata lavrada.*

(Guimarães).

37. O eclipse *(ecris, Lua-cris)* da Lua é considerado como uma doença d'ella. A Lua apparece amarella, porque está doente da ictericia, e a pessoa que então olhar para ella arrisca-se a que se lhe pegue a doença. (Villa-Cova-de-Carros) [20].

Na provincia brazileira do Maranhão ha um grande terror quando a *Lua vae fazer cris*, e todos se acautelam. «As prevenções são estas: logo que principia o eclipse, acordam as pessoas que estão dormindo, porque, se não as acordam, ficam sujeitas a dormir eternamente, ou a passar por outro qualquer infortunio. Todas as pessoas da casa saem para fóra, ou para o quintal, gritando ás arvores fructiferas: *Acorda, laranjeira, olha a lua criz ; acorda, mangueira, segura os fructos e as folhas, olha a lua criz.* E com estas gritarias vão dando nos pés das arvores com cordas ou sipós; dão muitos tiros e batem nos pilões, para as arvores ficarem bem acordadas. Nas roças fazem o mesmo e isto quer o eclipse seja á meia noite, quer de madrugada». *(Alm. de Lembranças*, para 1870, pag. 255) [21].

---

pag. 150). Gubernatis diz: «Nous savons que l'époque de la pleine lune (qui est un symbole phallique) était regardée comme le moment le plus propice pour les mariages». (Obr. cit. vol. 2.º, pag. 220). Aos primeiros dias do noivado chama-se em Portugal: *Lua de mel.*

[20] Cf. Pictet, — *Orig. Indo-Europ.*, Paris, 1863.

[21] Como se sabe, muitos povos explicam os eclipses pela batalha do astro com um monstro. No continente portuguez ainda não achei vestigios certos d'isto; só sim no jornal beirão *O Districto de Vizeu*

38. Adagios:

Ao luar de Janeiro
Se conta dinheiro.

Lua-nova trovejada
Trinta dias é molhada,
Senão emborralhada.

O luar de Janeiro
Não tem parceiro;
Mas lá vem o de Agosto
Que lhe dá no rosto.

39. Cantigas populares:

A Lũa vae amarella,
Meu amor, vamo-la ver;
Não ha mal que chegue á Lũa
Nem ao nosso bem querer.

O' luar, que alumeias
Lá no mar os pescadores;
Alumeia-me na terra,
Quero ver os meus amores.

Tu és Sol e eu sou Lũa,
Q'al de nós é mais stimado?
O Sol de inverno é mimo,
Sombra de v'rão é regalo.

O' luar da meia-noite,
Tu és o meu inimigo:
Stou á porta de quem amo
E não posso entrar comtigo.

Cantiga gallega:

A lua vae encuberta
Con panos de tafetan;
Os ollos que me ben queren
Nesta terra non están.

(*Parnaso Port. Mod.* pag. 295).

(n.º 68 de 27 de Junho de 1880), vem, entre varias superstições que se encontram em Portugal, a seguinte: «Quando ha eclipse do sol (sic), rufa-se em caixas para espantar o leão que está comendo a lua»; mas como não traz indicação d'onde é, ignoro se nos pertence. Os chinezes de Macau fazem muito barulho na occasião dos eclipses (*Alm. dē Lembr.* de 1863, pag. 181). Tacito fallando de um eclipse da Lua, escreve dos que o presenciavam: *Igitur aeris sono, tubarum cornuumque concentu strepere* (*Annal.* lib. I, cap. 28). Etc., etc.

b) Estrellas, Planetas, Cometas

40. A *Via-Lactea* é chamada a *estrada de S. Tiago,* por onde as almas dos mortos vão para S. Tiago, pois que em S. Tiago de Galliza ha um buraco no qual toda a gente tem de passar em vida ou morte *(passim).*

Os versos populares dizem:

S. Tiago de Galliza
Vós sendes tão intresseiro,
Ou em morte ou em vida
Hei-de ir ao vosso mosteiro.

(Carregosa).

S. Tiago de Galliza
E' um cavalleiro forte:
Quem lá não fôr em vida
Ha-de ir lá depois da morte.

(Carrazeda d'Anciães).

A origem da romaria de S. Tiago, contou-m'a assim uma mulher de Famalicão:

— Deus mandou S. Tiago a prégar á Galliza, e elle dizia que lá era uma terra muito remota, onde ninguem o iria vêr. Deus disse-lhe então que fosse para lá, que todos o haviam de ir lá visitar, mortos ou vivos.

Da mesma romaria falla o rifão:

No camiño de Santiago
Tanto anda o coxo com'o sano.

(Saco Arce, *Gram. gallega,* p. 273).

O meu condiscipulo Antonio de Sousa disse-me saber de varios populares portuenses que a Via-lactea se chama tambem *ponte de N. Senhora das Silvas* (mas nunca ouvi isto senão a elle) [22].

---

[22] Esta crença da Via-Lactea encontra-se tambem em muitos

41. A quem conta as estrellas, nascem cravos ou verrugas nas mãos, tantas quantas se contarem *(passim)*.

42. Não é bom ourinar voltado para as estrellas (concelho de Paredes).

43. Ha tres estrêllas [o povo no Minho diz *strêllas*, — do lat. *stella* com a epenthese de um *r*, como o pop. *listra* ao lado de *lista*, — em vez de *estrêllas*. A respeito de *estrêllo*, *estrêllos*, vid. adeante] chamadas *tres Marias* (Guimarães, Briteiros), que acompanham a Lua (Briteiros. Cf. § 16). Em Guimarães ouvi tambem chamar-lhes *tres Ave-Marias*.

44. Ha outras *strêllas*, chamadas *cinco chagas* e *sete chagas*, que se vêem, olhando pela trama de um lenço (Briteiros). [Estas estrêllas não são a constellação chamada *sete-estrêllo*.]

45. O povo chama *sete-estrêllo* ou *sete-estrêllos* [*estrêllo* é o masculino de *estrêlla*, *estrêlla*, como por ex. *panêllo* o é de *panêlla*] ás Pleiades [23]. A esta constellação se referem as cantigas:

Os *sete-estrêllos* vão altos,
Menina, vá-se deitar:
Que eu tambem farei o mesmo,
Que tenho de madrugar.

O *sete-estrêllo* vae alto,
Mais alto vae o luar,
Mais alta vae a ventura,
Que Deus tem pera me dar.

---

povos: Os Basutos chamam-lhe *o caminho dos deuses*; os Ojis *o caminho dos espiritos* por onde as almas vão para o ceu; as tribus da America do Norte *a estrada das almas*; os Siamezes *o caminho do elephante branco*; os Turcos *o caminho da palha*, etc. (Vid. Tylor, obr. cit., I, pag. 412 e sqq.).

[23] Os Allemães chamam ás Pleiades *Siebengestirn*, nome que tambem é dado á Ursa-maior (apud Gaston Paris, — *Le Petit Poucet*, p. 11 e not. 12).

O *sete-estrêllo* cahiu
Nũa pedra, ficou côxo:
O lirio com soidades
Logo se vestiu de rôxo.

Strellas do ceu, vinde á terra,
Eu quero escolher a minha:
Das quatro quero a mâór,
Das tres a mais pequeninha.

46. Ha umas estrellas, creio que em numero de sete, as quaes me disse um homem de Vianna se chamam *rabiço do sete-estrêllo.*

47. O povo conhece tambem um grupo de estrellas chamado *engaço* (Minho, Traz-os-Montes, etc.). Ao *engaço* ouvi tambem chamar *cajato* (cajado); e quando elle nasce, os homens que andam nos lagares despegam do serviço (Taboaço).

48. A Ursa-menor não sei que tenha nome. Á estrella polar dizem vulgarmente estas cantigas:

O' estrellinha do Norte,
Agulha de marear,
Tu és por onde me eu guio,
Q'ando te quero fallar.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do Norte deixei:
E por sê-la mais bonita,
Comtigo a acomparei.

49. A *Ursa-maior* tem differentes nomes: *barquinha* (Penafiel, etc.), *barca de David* ou *da vida* [24] (Maia), *arca de Noé* que Deus pintou no ceu (Ovar, Gaia, Minho), *barca (passim).* Em Paredes de Coura dizem que a Ursa-maior é um *carro:* quando está virado para baixo, é tempo de semeiar; quando está para cima, não. — Disseram-me que umas estrellas que ha no ceu se chamam assim: tres são

[24] Os francezes chamam á Ursa *chariot de David* (como os Egypcios *vehiculum Osiridis,* na Suecia *carro de Thor,* etc.) Vid. Gaston Paris, ib. not. 25.

um carro, duas os bois, uma que vae na frente é uma mulher que serve de paquete dos bois (guia), uma que vae atraz é o carreiro (lavrador). Acrescentaram que outras duas mais atrasadas eram dois ladrões. — E' provavel que haja aqui uma allusão á Ursa-maior [25] (Taboaço).

50. Quando alguem leva uma magoadella na cabeça diz: *vi as estrellas!* (Traz-os-Montes, Beira-Alta) ou: *vi as estrellas no ar!* [26]

51. Para se talhar o ar, leva-se o menino ao pé de uma fonte (á meia noute), esparrinha-se agua sobre elle, e vira-se depois o menino para as estrellas. Diz-se então:

---

[25] O sr. Gaston Paris, no seu pequeno, mas abundante e interessante livro, *Le Petit Poucet et la grande-ourse* (Paris 1875), mostra que a Ursa-maior foi encarada pelos povos indo-europeus já como sete bois, já como um carro com o seu timão, já como um carro (as 4 estrellas) arrastado por tres cavallos ou bois (as 3 de deante). A pequena estrella *g* foi olhada como o conductor do carro celeste, *Petit-Poucet*, que na terra é um homem pequenissimo que figura em varios contos populares, incluindo contos da Hispanha (vid. *Revue de Linguistique*, Janeiro de 1876, pag. 241 ad 245) e de Portugal (vid. *Contos populares portuguezes* do sr. F. A. Coelho, n.º 33, *Historia do grão de milho*), apesar do sr. Gaston Paris dizer que não achou o *Petit-Poucet* na Hispanha (pag. 52). Com a tradição correlativa citada a pag. 15 do *Petit-Poucet*, extrahida de Grimm, — (*D. M.* 688) prende-se evidentemente a nossa do *lavrador da arada*, em que esse lavrador que acolheu Christo foi por este transportado á Glória; na lenda allemã o lavrador é transportado ao ceu, onde se transforma em estrella; mas a *Gloria* do lavrador da versão portugueza é effectivamente tambem o ceu. (A lenda do *lavrador da arada* foi publicada nas seguintes partes: *Romances pop. e rimas infantis* por F. A. Coelho in *Zeitschrift für rom. Philologie*, pag. 70 (romance x), in *Romanceiro pop.* (n.º 43) e *Cantos do Archipelago Açoriano* (n.º 75) por Th. Braga; in *Estudo ethnographico* (Porto 1881, pag. 24-25) por J. Leite de Vasconcellos).

[26] Diz-se o mesmo na Bretanha. Vid. *Proverbes et dictons de la Basse-Bretagne*, por Sauvé, n.º 645.

Ar vejo,
Lũa vejo,
Estrellas vejo:
O mal do meu corpo
Pr'a trás das costas o despejo.

(Concelho de Fafe).

52. Quando nascem empigens nas mãos, volta-se a gente para a estrella mais brilhante do ceu, e diz-se tres vezes, muito depressa sem tomar respiração:

Estrella reluzente,
A minha empige'
Diz que seques tu;
Eu digo que seque ella
E que medres tu.

(Maia).

53. Umas cantigas populares comparam uma cara cheia de bexigas a um céo cheio de estrellas:

Sou picado das bexigas,
Foi Deus servido eu tê-las:
Não ha nada mais galante
Que o ceu com suas estrellas!

(Maia).

Vós chamaes-me picadinha,
Porque eu tenho picadellas:
Não ha coisa mais bonita
Que o ceu com suas estrellas!

(Guimarães).

54. A respeito do nome da *Serra da Estrella*, na Beira Baixa, conta-se a seguinte lenda: «Anda em livros antigos memoria de ter havido uma cidade perto da *Lagoa Escura*, e que ahi viveu um pastor muito afortunado, que viajou por muitas terras, *guiado por uma estrella*, que foi o que deu nome á serra, e que o pastor voltando foi ahi rei, e deu grandes festas com cavalhadas e jogos de cannas, e

andaram embarcados nas lagoas e vieram ahi muitos principes estrangeiros». (Eduardo Coelho, — *Quinze dias na serra da Estrella*, no *Diario de Noticias* n.º 5595 de 30 Ag. 81.)

55. Ha um conto popular segundo o qual nasceram a uma rainha dois meninos, cada um dos quaes com sua *estrellinha de ouro na testa*. (Vid. a minha *Cosmogonia popular port.* in *Vanguarda*) [27].

56. Recolhi varias adivinhas relativas ao ceu povoado de astros. Nas seguintes, figura o céo, as estrellas, o sol e o vento (como no Rig-Veda):

Campo largo,
Vaccas muitas
Boi formoso,
Cão raivoso.

(Famalicão).

Campo redondo,
Ovelhas ao longo,
Pastor formoso,
Cadello raivoso.

(Rezende).

Nesta é o céo, as estrellas, a lua e a noite:

Campo grande,
Semente meuda,
Menina bonita,
Cão guedelhudo.

(Amarante).

A noite, as estrellas e o dia são ainda representados assim numa adivinha:

---

[27] Cf. A. de Gubernatis: *Mythologie Zoologique* (trad. fr.) t. I, pag. 438; e II, pag. 31.

Que é, que é,
Uma *viuva* presumida,
Toda de luto vestida,
E de *flores* coroada,
E do *velho* perseguida;
Quando o *velho* a persegue,
Ella faz a retirada?

(Famalicão).

57. A's estrellas cadentes chama-se *lagrimas de S. Lourenço*, segundo uma nota do *Universo illustrado* de Lisboa.

O povo, quando as vê, diz que são estrellas que vão cahindo (Minho, Beira, Açores), e teme que destruam a terra (Beira, etc.).

Em muitas terras (Traz-os-Montes, Minho) dizem, quando veem *uma estrella a cahir: — Deus te guie !*

Em Mondim-das-meias, guardam-lhe muito respeito, tiram o chapeu e dizem-lhe:

Deus te guie bem guiada,
Que no ceu foste criada.

No concelho de Penafiel, dizem: *Assim corra a minha alminha para o céo.*

58. O planeta Venus, de manhã, chama-se *estrella da manhã (passim)*, e á noute: *estrêlla dos pastores* (Mondim da Beira), e *boieira* (Covas-de-Barroso, e Carrazêda de Anciães).

59. Os cometas são chamados *estrellas com rabo* e suppõe-se que annunciam desgraças, como guerras, etc. *(passim)*.

60. Cantigas ás estrellas:

Puz-me a contar as estrellas
De cima de uma colũa:
Nove, oito, sete, seis,
Cinco, quatro, tres, dois, ũa.

Puz-me a contar as estrellas,
Contei oito, contei dez:
Ia p'ra contar as onze
Cahi morta a teus pés.

As estrellas do ceu correm
Todas nũa carreirinha;
Assim correm os amores
Da tua mão para a minha.

O sol-posto vae doente
A Lũa já vae sangrada;
As estrellas são lancetas
O lũar pega na malga. [28]

[28] Cf. § 17. Quando o sol vae sem brilho, o nosso povo diz que elle está doente. O mesmo na Italia. (Gubernatis, *M. Z.*, II, 2-3).

CAPITULO II

Fogo, Luz e Sombra

[Qual fosse a origem do conhecimento do fogo, não se póde saber. O que é certo é que muitos selvagens, como na Australia e na Tasmania, conhecem sim o fogo, no emtanto não o sabem produzir; quando se lhes acaba, vão buscá-lo ás tribus visinhas (Lubbock, — *L'homme prehistorique*, Paris 1876, pag. 404 e 409). Alvaro de Saavedra conta até que em certas ilhas do Pacifico, nunca os habitantes tinham visto o fogo (*id. ib.*, 510); comtudo o homem prehistorico mais antigo usava o fogo, como se reconhece pelos carvões, cinzas, etc. apparecidos nos diversos jazigos. Alguns selvagens (Terra de Fogo,—Lubbock, *ib.* pag. 510) obtem o fogo por meio da percussão; outros por meio da fricção de dois pedaços de pau (ilhas do Mar do Sul,—*ib.* p. 510). D'estes processos primitivos ficaram vestigios nas ceremonias religiosas: a Egreja Catholica accendia *lume novo* no Sabbado santo, ferindo silices: *Ignis de lapide excutitur, et cum eo accenduntur carbones*, diz a Liturgia (apud Joly,—*L'homme avant les métaux*, Paris 1879, pag. 202. Cf. o processo actual dos fumistas que, para accenderem o cigarro, inflammam uma *isca* em lume *petiscado* numa *pederneira* com um *fuzil* de aço); na India, *Agni* (o fogo, *ignis*) «*he it is whom the two sticks have engendered, like a new-born babe*». (Cox,—*Mythology of the Aryan nations*, Londres 1878, pag. 192). Emil. Burnouf, no livro *La Sc. des Relig.*, Paris 1876, pag. 240, diz que o *swastika* representa as duas peças de pau do *aranî* onde se produzia o fogo (Agni). O *swastika* apparece nas Catacumbas como o mais antigo signal da cruz christã, e além d'isso em muitos objectos archeologicos da Grecia, Italia, etc. Em Portugal achou-o o

snr. Martins Sarmento num velho monumento (ao que parece uma fonte sagrada, á qual se ligam superstições) do monte da Saia (Minho). Nas muralhas medievaes do castello de Guimarães o *swastika*, na sua fórma perfeita, e supponho que noutras modificadas, constitue uma das marcas que os artistas deixavam nas pedras dos edificios.

A lareira onde ardia o lume foi em verdade uma poderosa causa para a constituição da familia; mas não se pense que, assim como o uso do fogo data de uma alta antiguidade, se conheceram sempre os vasos para aquecer a agua. Muitos selvagens aquecem effectivamente a agua, mas lançando-lhe dentro pedras em braza (*stone-boilers*), e Strabão diz o mesmo da Lusitana, (lib. 3.º, p. 128, ed. Didot de 1853), — processo semelhante a um portuguez moderno que consiste em amornecer com um carvão acceso ou pão torrado um copo d'agua (*agua panada* ou *ferreda*. Vid. o meu *Estudo ethnographico*, Porto 1881, pag. 13 e 14). Ha até alguns povos que não conhecem a agua a ferver. Os do Thiti não a conheciam antes da chegada dos Europeus (Joly, ib. pag. 187); o historiador Justino affirma que os povos hispanicos *aqua calida lavari post secundum bellum Punicum a Romanis didicere*. (lib. LXIV, 2).

Já que fallámos de costumes primitivos com relação ao fogo, mencionamos mais estes factos: Na serra de Arga (Entre Douro e Minho) «— pela falta de azeite uſaõ os moradores de huns paoſinhos acceſos, que lhe ſervem de candea, e lhe daõ luz com que ſe allumîaõ —» (*Dicc. Geogr.* do P. Luiz Cardoso, Lisboa 1847, vol. 1.º, v. *Agra*). Noutras terras de Portugal os pobres accendem páos de pinheiro com resina, pinhas, etc. em vez de candeia. O costume portuguez aproxima-se do de outras nações. Ex.: «La gente Settentrionale, ſottopoſta a le lunghiſſime notti, ſi ſerue di diuerſe ſorti dí lumi, per fare gli eſercitij di casa..... eglino comunemente per le case, ſi ſeruono in cambio di candele, di legni di Pino, che naturalmente hanno la ragia.» (*Storia d'Olao Magno, arcivescovo d'Vspali, de' costvmi de' popoli settentrionali*, trad. de Remigio Florentino, *in Vinegia* 1561, pag. 46-47; obra que está na bibliotheca municipal do Porto). Entremos agora nas superstições portuguezas. Veremos o caracter profundamente sagrado, domestico, do fogo.]

---

61. O lume sahiu da bôca de um anjo, no principio do mundo, e por isso é peccado cuspir nelle (Sinfães, Douro, etc.) Cuspir no lume é cuspir na face de Deus (Extrema-

dura, Douro) e só o fazem os judeus (Vimieiro, Mondim da Beira, etc.) O lume é sagrado (Vimieiro). Ourinar no lume causa dôr de colica (Porto) ou dôr de pedra (B. Alta).

Cuspir no lume é o mesmo que cuspir na felicidade (Douro, etc.) [29] Cuspir no lume é peccado (Minho, Mafra, Beira, etc.) Não se cospe no lume, porque são almas que vão para o Purgatorio; quem cospe é judeu (Villa-Real).

62. Ninguem deve dizer: *o Diabo do lume,*—ou cousa semelhante (Minho).

63. Quando as creanças brincam á noute com lume, ourinam depois na cama (Minho, Beira, etc. etc.)

64. *a*) Quando o lume começa a *bufar*, é porque estão a *mârmurar* de nós. Então deita-se-lhe sal, dizendo: «Anda, falla agora.» A pessoa que *mârmúra*, fica calada (Cabeça-Santa no c. de Penafiel). *b*) Segundo outra versão (Famalicão) quando o lume está a *ralhar* (a fazer zoeira), diz-se:

Quem de mim mal diz
Aqueime a lingua a mai-lo nariz.

Quem de mim mal falla
Aqueime a lingua e a barba.

c) Segundo outra versão, quando a labareda do lume no

---

[29] Muitos povos cuidavam ou cuidam que da conservação do fogo eterno, do fogo nacional, dependia a felicidade do paiz. Os selvagens da Africa, da America, os Gregos, os Romanos, entram nesse numero. Cuspir no lume corresponde pois a cuspir na felicidade, porque o lume a representa. Esta ideia da felicidade acha-se de algum modo ligada á casa, porque varrer o cisco para a rua depois do sol posto é tambem varrer a fortuna. (cf. o meu art. *Culto do Fogo* no jornal *O Estudo).*

lar faz barulho, deita-se-lhe um punhado de sal, dizendo, para evitar que murmurem:

Quem de mim stá a fallar
A sua lingua venha aqui assar
E este sal ha-de trincar.

(Briteiros).

d) Em Paços de Ferreira cuida-se que o lume estala porque as feiticeiras estão a ourinar nelle. Dizem: «*Arrenego-te, Porco Sujo!*»

e) Quando a lenha que está no lume não arde, deita-se-lhe azeite para o Diabo fugir de trás da porta. (Villa-Flôr).

65. Quando se tem medo, deve-se deitar sal ao lume, antes de entrar a porta da casa (Sinfães).

66. O lume não se deve esgadanhar com as mãos, porque leva-se a fortuna (cf. § 55); deve-se esgadanhar com um páo, um caco, etc. (c. de Famalicão).

67. E' peccado apagar *de todo* o lume com agua (Minho, — apud Consiglieri Pedroso, *Varia*, § 497).

68. Quando se tira uma panella do lume, deve-se mexer a cinza sobre que ella estava, senão vae para lá o Diabo dançar (Sinfães).

69. Quem vem de fóra e traz lume acceso (uma lumieira, etc.) não o deve misturar ao que está no lar a arder, — porque se apega o fogo á casa (c. de Famalicão).

70. Faz-se *lume novo* todas as vezes que alguem vae para uma jornada de pouco tempo (Minho).

71. Nas aldeias é costume as mulheres andarem a pedir aos visinhos uma brasa de lume para accenderem as

suas cosinhas, brazas que levam em palhas, num testo, etc. Quem empresta o lume, põe no testo um bocado de *bósta de boi* para impedir que aquelle se apague, — o que implicaria desastre na casa do emprestador (Minho).

72. A mulher que ourinar no cisco da cosinha fica pejada do Diabo (Sinfães).

73. Não é bom ir pedir lume á casa onde houver uma creança por baptisar (Vouzella, Guimarães, Famalicão).[30]

74. Para uma roupa ficar bem lavada é costume, depois de se lhe dar uma lavadella, metê-la num cesto, deitar-lhe cinza por cima e em seguida agua quente. A isto chama-se *fazer a barrela.* Se se passar sobre a cinza da fogueira em que se aqueceu a agua da barrela, apanha-se *ar ruim,* o qual porém se evita, atirando uma mancheia de sal á cinza e dizendo:

> Aqui te boto sal bento,
> Não é por te desprezar,
> E' só para que Nosso Senhor nos livre
> De tamanho mal.
>
> (Vouzella).

75. Ninguem veste roupa lavada sem a passar pelo *ar* do lume (Minho).

76. Não se deita a farinha na masseira sem se correr tres vezes esta com um tição de lume (Minho).

---

[30] Cf. estas palavras de J. Grimm: «So lange ein kind ungetauft ist, soll man das *feuer nicht löschen*» (*Deutsche Mythologie*, ed. de 1875, pag. 501).

77. Para se fazerem sahir os bichos da casa, queimam-se farrapos (Sinfães).

78. No dia de S. Vicente (22 de Janeiro) vão espreilar os ventos ao alto de um monte, com uma lumieira de palha na mão, á meia noute. Conforme a chamma se inclina, assim sabem d'onde vem o vento. [31] Se vem de baixo, tomam mais um criado para a lavoura, porque ha fartura no anno:

Vento Suão
Cria palha e grão;

se vem de cima, mandam embora um criado, porque ha esterilidade e a lavoura custa menos. O vento Norte não dá chuva; mas

Quando Deus queria
Do Norte chovia.

(C. de Famalicão).

79. Num dolmen que ha ao pé de Pinhel (Beira-Baixa) é costume queimar (sobre a mesa do dolmen, parece) as primicias dos fructos. Se o fumo sobe direito, isto annuncia boa colheita; se não sobe direito, annuncia o contrario.

80. Quando alguem morre, queima-se-lhe a palha do enxergão. Se o fumo sobe direito, a alma foi para o ceu; se se inclina para a direita, foi para o Purgatorio; se para a esquerda, foi para o Inferno. (Basto, etc. O que não sei é qual a orientação que o observador deve tomar) [32] (Cf. § 96).

---

[31] Cf. Plinio, *H. N.*, XVIII, 76 e 77.

[32] Os selvagens da Australia, como outros mais, pensam que a morte é o resultado de alguma pratica de feiticeria. Para adivinharem quem é o feiticeiro, *observão a direcção da chamma da pyra funeraria* (B. Tylor, — in *Rev. Scientifique*, t. XIV, p. 50). Segundo

81. Quando alguem soffre uma trilhadella costuma dizer (Minho, Beira-Alta): «*seja pelas almas!*»; quando porém se queima, não póde dizer tal, porque as almas dos seus parentes, se estiverem no Purgatorio, penam muito mais por causa d'essas palavras (Minho).

82. No dia de S. Lourenço acontece sempre arder uma casa, porque aquelle santo morreu queimado (Beira-Alta).

83. Pelo anno ha differentes festas (S. João, S. Pedro, S. Antonio, Natal) em que é costume accender fogueiras pelos largos, ruas e montes. No dia de *Todos os Santos* fazem-se magustos nos soutos e montes. (Vid. *Fastos populares*).

84. Ha um jogo infantil em que as creanças andam a pedir umas ás outras uma *brasinha de lume*. E' o *jogo dos cantinhos*. Estão postadas numa sala, em differentes logares; emquanto uma vae *pedindo lume* de logar em logar, as outras mudam-se; se *a que pede lume* póde apanhar um logar vasio, toma-o e fica substituida no peditorio pela dona d'esse logar. E assim por deante (Mondim da Beira).

85. Ha muitos ensalmos em que entra o *lume*, ou com os quaes se talha o *fogo*. Para curar um terçol é costume fazer uma casinha pequena com 5 pedras, accender lume lá dentro, deitar-lhe sal e largar a fugir, dizendo:

---

os Mazdeus, se á terceira noute depois da morte de alguem, sopra sobre o tumulo um vento Sul cheio de bons aromas, a alma está innocente; se sopra um vento empestado, a alma está em culpa. (G. de Rialle, *Les dieux du vent Vâyu et Vâta* in *Rev. de Linguistique*, p. 358 t. VI).

Aquelderei, quem acode ao fogo (A'que d'el-rei)
Na casa do terçôgo!

(Beira-Alta, Minho, Douro).

[Uma mulher de Guimarães chamou a este lume, — *lume-novo.*]

No meu art. *Carmina magica do povo portuguez*, publicado na *Era-Nova*, inseri estes ensalmos:

[n.º 4]

Sempre-verde venerado,
Na campa do Sr. fostes achado
Sem ser nado
Nem samiado:
Talha este fogo,
Este reborado,
Ar de vivo
Ou morto excommungado.
Tudo aqui talha
Pelo poder de Deus
E da Virge-Maria, etc.

(Famalicão).

[n.º 10]

Sempre-verde bem fadado,
Fostes nascido sem ser semeado,
Na campa de N. S. J. Christo
Fostes achado,
Para talhar este fogo
E este reborado,
E este cão e este mào olhado,
De lume e cama e lar sagrado.
Em louvor de S. Tiago.

(Minho)

86. Quando se accende a luz á noute, diz-se: «*Louvado seja N. Senhor J. Christo!* (Beira, Minho, Galliza, etc.) ou simplesmente: *boas noutes!*

87. A pessoa que apagar uma de tres luzes, não casa nesse anno (Douro).

88. O azeite da candeia que alumia os mortos não deve alumiar os vivos (Mondim da Beira). Em Mondim da Beira, quando morre alguem é costume cada visinho levar uma candeia ou candieiro cheio de azeite á casa da familia do morto, para alumiar a este.

89. Quem bebe agua com uma luz na mão, bebe o juizo, (Douro, Beira, etc.) ou soffre gotta (Melres).

90. Queimar ramos bentos ou tôco de cêra benta (que cresce do *candieiro das Trevas*) afugenta a trovoada (Beira Alta, etc.).

91. *a*) Quando ha um casamento, a luz do altar que estiver mais morta e mais proxima de algum dos noivos indica que esse noivo morrerá primeiro que o outro (Porto).

b) Na noite do casamento, aquelle que no quarto apaga a luz primeiro, é o que primeiro morre (apud C. Pedroso — *Varia*, n.º 333).

92. Quando uma candeia esparrinha, é porque algum presente está para vir (Sinfães, Mondim da Beira); se porém se fallar no presente, já não vem (Sinfães).

93. Em muitas partes (Beira-Alta, etc.) os ladrões quando vão roubar, diz-se que levam a *mão* de um defuncto accesa (*mão de finado*), porque ella torna immovel num profundo somno as pessôas da casa. Em Gaia diz-se que esta *mão* ha-de ser cortada a gente viva. Em Carrazeda-de-Anciães accrescenta-se que a *mão accesa* perde a virtude se for mergulhada em vinagre. [33]

---

[33] A crença na *mão de glória*, ou *mão de finado*, como a maior parte das nossas crenças populares, encontra-se noutros paizes. Cox escreve: «Once more, the light flashing from the dim and dusky storm-cloud becomes the *Hand of Glory*, which, formed of a dead man's limbs, aids the mediæval treasure-seeker in his forbidden search, whether, in the depths of the earth or after his neighbour's goods; nor have we far to seek in much older writings for the very same image without its repulsive transformation. The hand of glory is the red light of Jupiter, with which he smites the sacred citadels (Horac. od. i. 2); and with this we may compare the myth of the golden hand

94. Para se dizer que uma freguezia tem tal numero de habitações, diz-se: tem tantos *fógos* (lat. *focus, i*, fogo, lar, casa).

As labaredas exprimem-se usualmente por ésta phrase: *linguas de fogo.* [34]

Certas doênças cura-as o povo com defumadouros. Uma das fórmulas é:

A Virgem N. Senhora
Pelo Egypto passou;
C'um raminho d'alecrim
Seu divino filho defumou;

Assim esta creatura fique limpa
Assim como seu filho ficou.
Em louvor de S. Silvestre
Que elle para estas coisas
E' o divino mestre. [35]

(Marco de Canavezes).

95. Acredita-se que o mundo ha-de acabar por meio de fogo. Eis um conto curioso, (recolhido no Minho), a este respeito: — Um homem ia uma vez por um caminho, quando

---

of Indra Savitâr» — (*The Mythology of the Aryan nations*, — London, 1878, — vol. II, pag. 219 et 220). No *Diccionario do seculo XIX* de P. Larousse, v. *Main*, póde ver-se a mesma superstição. Cf. ainda o nosso P. Manoel Bernardes, na *Nova Floresta*, Lisboa 1708, t. II, pag. 242.

[34] «— [Agni] He is *the tongue* (of fire) through which gods and men receive each their share of the victims offered on the altar —» (Cox., ib. ib., p. 191).

[35] Nos Livros de exorcismos (que estão a par dos ensalmos populares) vem várias orações para a benção do fogo em que se hão-de queimar os instrumentos dos feitiços (*Practica de exorcistas*, Coimbra 1694, p. 321); e para a benção do incenso, arruda e outras cousas *para a fumigação do fogo bento* (*Brognolo recopilado e substanciado*, Lisboa 1738, pag. 303).

O livro mystico *Mestre da Vida*, Lisboa 1788, traz dois capitulos (X e XI) com *Exorcismos* e *Bençãos*. Eis parte da *benedictio candelarum extra diem Purificationis B. Mariæ Virginis*: «.... infunde eis, Domine, per virtutem Sanctæ Cru✠cis, benedictionem cœlestem, qui eas ad repellendas tenebras humano genero tribusfti......» (pag. 383).

ouviu tocar á missa. Era ao romper do dia. Dirigiu-se a uma capella proxima e encontrou lá um padre paramentado e prompto para dizer missa, esperando por um acólyto. O viajante ajoelhou e ajudou á missa. Dita ella, o padre mandou-lhe pegar nas duas velas e disse-lhe que as fosse deitar ao mar, que não ficava longe. O homem ia desempenhar esta commissão, quando encontrou uma mulher que lhe perguntou o que ia fazer. O homem contou-lhe o succedido; a mulher tentou em vão dissuadi-lo de deitar as velas ao mar, — sendo obrigada a declarar-lhe que era N. Senhora, — e acrescentou que se as velas fossem deitadas ao mar, o mundo se incendiaria, porque seu filho estava irritado contra os homens. O viajante entregou pois as velas á Virgem, e esta prometteu applacar as iras de Christo (Louredo, etc.). [36]

96. Quando uma mulher quer saber se traz menino ou menina, faz uma bóla de estopa e incendeia-a sobre um plano horisontal; se no fim de tudo, a cinza dá um tombo, traz menino, se não, traz menina (*Alm. de Lembr.* para 1859, p. 260. Cf. §§ 78-80).

97. As Bruxas andam de noute invisiveis a petiscar lume (Prazins ao pé de Guimarães).

98. Ha uma lenda segundo a qual uns pastores ata-

---

[36] Esta missa mysteriosa, dita por um padre que estava a esperar por acólyto, lembra aquelles contos onde tambem figuram sacerdotes que, em virtude de um castigo, ião a certas horas da noute, paramentados e promptos, para o altar, até acharem alguem que lhes ajudasse á missa. Já ouvi este conto em Portugal e póde ver-se a este respeito: *Veillées bretonnes* (Morlaix 1879) por F. M. Luzel, pag. 7 sqq.; e os tomos I (p. 426) e II (num conto) da *Revue Celtique* de H. Gaidoz. Depois de isto impresso, publicou-se o fasciculo IV da *Rev. de Ethnolog.* do snr. F. A. Coelho e nelle a pag. 174 vem um conto portuguez analogo a estes ultimos.

ram um lampeão acceso aos chifres de cada carneiro ou cabra, fingindo assim um exercito, para afugentarem os inimigos com quem andavam em guerra.—Esta lenda, em Vizeu, é referida a Viriato contra os Romanos e localisada na *Cava;* no concelho de Paredes, é referida aos Mouros (vid. o meu *Presbyterio de Villa-Cova,* I); noutras partes é referida aos Francezes (guerra peninsular), que já em alguns casos vão substituindo os Mouros na crença popular.

99. Diz-se que o homem tem duas sombras: uma mais negra, outra mais leve: uma do Anjo-da-Guarda, outra do Demonio (Famalicão).

100. Quem quizer apanhar os lobis-homens, as feiticeiras ou bruxas, atira-lhes á sombra com pedras, etc. (Villa-Real, Famalicão). Se se espetar uma navalha na sombra das bruxas, ellas ficam quietas (Chaves).

101. Olhar para a sombra é o mesmo que olhar para o Diabo (Villa-Real).

102. É mau pizar a sombra de uma pessoa (C. Pedrozo, *ib.* n.º 395).

103. Adivinhas populares da *luz*:

Qual é cousa, qual é ella,
Do tamanho d'uma bolota
E enche a casa até á porta?

Qual é cousa, qual é ella,
Do tamanho d'uma abelha
E enche a casa até á telha?

Qual é cousa
Que cabe dentro d'uma rasa
E enche toda a casa?

CAPITULO III

A atmosphera

[O escriptor Justino conservou-nos a seguinte crença lusitana a respeito do vento: *In Lusitanis juxta fluvium Tagum vento equas fetus concipere, multi auctores prodidere.* (HISTORIAR. PHILIP., *lib.* XLIV, 3).

Na *Practica de exorcitas e ministros da Egreja* (Coimbra 1694) encontra-se isto a respeito do nevoeiro etc.: «E por ter visto, que muitos se enganão em entender, que o demonio levanta o *nublado* ou *nevoeiro,* & que vem em aquellas *nuves,* causando toda a tempestade *trovões* & *relampagos,* he necessario que entêdão todos que procedem de causas naturaes, como largamente o ensina Aristoteles em os Metheoros — » (op. cit. p. 97). E mais adeante: «Daqui se infere que os curas & clerigos de Aldeia, por verem algum *nublado,* não necessitão de fazer logo seus *conjuros,* se não é quando tiverem muito sufficiente resão pera o imaginar, que tem demonios nelle.» (op. cit. p. 98). A pag. 97 tinha-se dito tambem: «E assim não fazem bem muitos ignorantes, em que ao levantar-se huma tempestade, logo sobem a terra, ou logar eminente, pera conjurar ao demonio....» (Cf. os §§ 111, e seg. d'este livro.)

Num livro muito querido do povo e intitulado — *O non plus ultra do lunario, e prognostico* —, mas mais conhecido pelo nome de *Lunario* ou *Lunairo,* vem, a proposito das mudanças atmosphericas, varios signaes que se encontram na tradição oral:

«Quando as Andorinhas voão por cima das aguas, & que quasi vaõ tocando a agua com as azas, significaõ tempestades de agua & vento».

«Quando os finos foam mais rijo do costumado fem fazer vento, denota chover muy brevemente.»

«Quando a ferrugem da chaminé cahe por fi, & muyta, denota chover, & brevemente.» (Op. cit. ed. Lisboa 1703, de pag. 218 a 231).

O escriptor romano Plinio traz presagios semelhantes:

«Quum orientis atque occidentis radii (do sol) rubent, coire pluvias (Cf. adiante).

«Si circa occidentem rubescunt nubes, serenitatem futurae diei spondent. (Cf. adiante).

«Hirundo tam juxta aquam volitans, ut penna sæpe percutiat... (annuncia mau tempo).

«... turpesque porci alienos sibi manipulos feni lacerantes.... (idem, — como na trad. portugueza). (*His. Nat.* lib. XVIII, 87 e 88).

Nas *Constituições dos bispados*, esses ricos thesouros de superstições populares, encontram-se várias disposições contra o costume de mergulhar santos em agua, para pedir chuva. Ex. na de Evora, 1534, XXV, 1 (cf. o meu art. *Tradições das aguas*, 8, *in Aurora do Cavado*).

Contra as trovoadas prescreve-se no livro mystico *Mestre da Vida*, ed. de Lisboa de 1878 (ha outras edições), a seguinte fórmula: «.... et eas despergatis in locis sylvestribus, et incultis, quatenus nocere non possint hominibus, animalibus, fructibus, herbis, arboribus, aut quibuscumque rebus, humanis usibus deputatis» (pag. 269). Esta formula é analoga a uma que vae adiante e a outra bretã recolhida por Mr. Luzel e citada por Mr. Sauvé nos *Proverbes et Dictons de la Basse-Bretagne*, n.º 909. — Cf. o meu art. *Carmina magica do povo portuguez*, in *Era-Nova*, n.ºs 11 e 12.]

Enumerarei tradições a respeito dos seguintes phenomenos: *vento*, *nevoeiro*, *nuvens*, *chuva*, *geada*, *arco-iris*, *fogos-fatuos*, *auroras-boreaes*, *fogos de Sant'Elmo* e *trovoada*.

A) Vento

104. Quando se produz um redomoinho de vento, a que o povo na Beira-Alta e noutras partes chama *borbori-*

nho, acredita-se que então anda no ar o *Diabo*, ou *Bruxas* ou qualquer *cousa má*. Para estes seres fugirem, faz-se uma cruz com a mão, ou diz-se: *Credo, santo nome de Jesus!* (Fafe); ou atira-se-lhes com um canivete aberto, — e nesse caso sae do borborinho uma Feiticeira [talvez Bruxa]. (Moncorvo). Tambem se cuida que no *balborinho* (borborinho) vão, não tanto os Diabos, como as *almas penadas* que não entraram no ceu por não fazerem certas restituições aos vivos. O povo foge d'elle, mas como que o vae seguindo, dizendo: *Santo nome de Jesus! Credo! Abrenuntio!* mas principalmente: *vae-te para quem te comeu as leiras!* Fazem-lhe cruzes, e acompanham depois com a vista a quéda das palhas levantadas pelo vento; onde ellas caem cuida-se que foi o sitio em que houve roubo de terra (Briteiros, — communicação do meu amigo Sr. Martins Sarmento). Em Guimarães ouvi dizer que quando o *barborinho* levanta muitas folhas, vae um Diabo em cada folha. [37]

Em S. Pedro do Sul dizem ao borborinho, para elle fugir:

Bolborinho do peccado
Vae-te com Santiago:
Bolborinho do Demonho,
Vae-te com Sant'Antonho.

105. Quando faz muito vento, diz-se que morreu algum judeu (Vimieiro), ou algum escrivão (Mondim-da-Beira, Vimieiro, Melres, e Minho). Ha um vento particular chamado *vento gallego;* quando elle sopra, diz-se que foi algum gallego que morreu arrebentado (Torre-de-Dona-Chama).

---

[37] Os musulmanos pensam que as trombas de areia no Deserto são levantados pela fuga de um máo *djinn;* e ao E. d'Africa chamão-lhes demonios *(p'hepo)*. (Tylor, — *Civil. Primit.*, p. 335-6). O vento, no Congo, é personificado em Boungie. O mesmo em alguns povos da America. Cf. as tradições indianas, gregas e latinas.

106. Quando o vento traz ás vezes uns sons de sino muito piedosos é signal de morte proxima (Famalicão). Quando o vento sopra de certas bandas e se ouvem os sinos, é signal de mudança na atmosphera *(passim)*.

107. No dia da Senhora das Candeias (2 de Fevereiro) procura-se d'onde vem o vento: d'onde elle soprar á meia-noute, sopra quasi todo o anno (Melres). [Cf. § 78 d'este livro.]

108. Ha varios rifões do vento:

Mudam os ventos
Mudam os tempos

Qem foi ao vento
Perdeu o assento.

Vento e ventura
Pouco dura.

Vento suão
Chuva na mão,
De inverno sim
De verão não.

D'Hispanha nem bom vento
Nem bom casamento.

109. Diz-se que as gallinhas vêem o vento (Beira Alta).

110. Ha um conto popular em que se falla no *reino do Vento.*

B) Nevoeiro

111. Para fazer desapparecer o nevoeiro, deve ir uma velha chamada Maria virar-lhe as costas, curvar-se um pouco para deante e levantar a saia (Mondim-da-Beira). Parece alludirem a isso os versos:

Nevoeiro,
Sobe ao outeiro;
Meu c... é tão lindo
E o teu é tão feio.

112. Quando está nevoeiro cerrado e os pastores andam no monte, dizem isto, em grandes berrarias, para os lobos fugirem:

Nevoeiro, nevoeiro,
Põe-te atrás d'aquelle outeiro.
Lá está o João Ribeiro
Com as tripas de carneiro,
Bem lavadas, mal lavadas,
Que te corram pelas barbas.

(Vimieiro).

Para o nevoeiro fugir tenho ouvido várias fórmulas, que não differem no essencial. Eis algumas:

Foge, foge, nevoeiro
Lá p'ra trás d'aquelle eiteiro,
Que lá vem o S. Romão
C'uma cacheira na mão.
. . . .

(Melres).

Carujeiro, carujeiro, [38]
Põe-te atrás d'aquelle oiteiro,
Que lá stá teu companheiro
Co'a cajatinha (páo) derrabada.
Quem na derrabou? — Foi o fogo.
Qu'é do fogo? — Stá no monte.
Qu'é do monte? — Comeram-no as cabras.
Qu'é das cabras? — Fôro parir os cabritinhos.
Qu'é dos cabritos? — Fizero-se em odrinhos.
Qu'é dos odrinhos? — Fôro buscar o vinho.
Qu'é do vinho? — Bebêro-no as velhas.
Qu'é das velhas? — Fôro sachar o milho.
Qu'é do milho? — Comêro-no as gallinhas.
Qu'é das gallinhas? — Fôro pôr os ovos.
Qu'é dos ovos? — Comêro-nos os crelgos.

[38] O *nevoeiro, (navoeiro, naboeiro)* é tambem chamado *carujeiro, carujeira* e *carujo.*

Qu'é dos crelgos? — Fôro dizê-la missa.
Qu'é da missa? — Stá no altar.
Qu'e do altar? — Stá no chão.
Pater-Noster, Kyrie Eleison.

(Mondrões ao pé de Villa Real).

Navoeiro, navoeiro,
Vae p'ra trás d'aquelle oiteiro,
Que lá stá o João Ribeiro
Co'as cabrinhas derrabadas.
Quem nas derrabòu?
— Foi o filho da Cacaria.

(S. Pedro do Sul).

Navoeiro, navoeiro,
Vae p'ra trás d'aquelle outeiro,
Lá está teu irmão
Co'as tripas do meu carneiro.
Eu queria-lh'as tirar,
Elle quiz-me avançar,
Eu qu'ria-lhe fugir,
Elle qu'ria-me engolir.

(Cab. de Basto.)

Varre, varre, nevoeiro,
Lá p'ra trás d'aquelle oiteiro,
Lá stá um pecegueiro
Carregado d'avellã
Meia podre, meia sã.
Carreguei o meu burrinho
E deitei-o ao caminho,
E chamei pelo barqueiro.
O barqueiro não me ouviu;
Mas ouviram-me os ladrões
Com tres facas de botões
E cortaram-me os calções
E botaram-me a um poço
Com tres pedras ao pescoço,
Que me cobrisse de rama
Por amor da minha ama
Que stava doente na cama.

(Guimarães).

Vae-te, vae-te, nevoeiro,
Lá p'ra a serra do Pinheiro,
Que lá stá teu companheiro
C'uma burrinha queimada.
Quem lh'a queimou?
— Foi a velhinha.
— Que é d'ella, a velhinha?
— Strampalhou a pitinha.
— Que é d'ella, a pitinha?
— Stá a carmear a lanzinha.

(Foscôa).

Navoeiro, navoeiro,
Por trás do outeiro,
Lá stá João Ribeiro
C'uma saca de dinheiro,
Perguntando o que era bom.
O que era bom já lá vae.
Barréla, barréla
Por trás da Portella,
Desanda-lhe o torno
E vae...

(Nota: Os pegureiros dizem isto, subindo a um penedo, e virando as costas ao nevoeiro).

(Cabeça-Santa).

Neboa, neboeiro,
Vae p'ra trás d'aquelle oiteiro,
Que lá anda João Cabreiro
Com as calças queimadas.
Quem lh'as queimou foi o fogo.
O fogo anda na mata;
Que a mata deu a cabra
E a cabra deu o leite

E o leite é p'ra as velhas
E as velhas dão o milho
E o milho come-o a gallinha;
A gallinha põe os ovos,
E os ovos come-os o cura
E o cura diz a missa
Atrás d'aquella arrabiça.

(Serra da Estrella).

Varre, varre, nevoeiro,
Para trás d'aquelle eiteiro
Que lá stá o João Moleiro
C'uma espada de cortiça
Para matar a carriça.
A carriça deu um grito
Que se ouviu em Santo Thyrso;
Todo o mundo se espantou,
Só uma velha escapou
Embrulhada num sapato
Para parir um gato. [39]

(Prazim, ao pé de Guimarães).

113. Ouvi um conto em que um [agulheiro?] cheio de cinza se muda em nevoeiro. Da Beira-Baixa disseram-me o principio de outra fórmula:

Rema, rema, nevoeiro,
Lá p'ra casa do *agulheiro*. [40]

114. Onde, no 1.º Domingo de Agosto, se vir o nevoeiro pousado, ha molestia certa. (Guimarães, etc.)

115. Em S. Martinho de Recesinhos (Penafiel) diz o povo que, quando ha nevoeiro, se sente um cheiro a azeite, que é produzido pelo *Tatro azeiteiro*. As tecedeiras espantam o *Tatro*, de noite, ao acabar do serão, fazendo mover o caneleiro do tear. (Informação do meu condiscipulo Aureliano de Vasconcellos).

116. Adagios do *nevoeiro*:

Nevoeiro na lama,
Chuva na cama.

Nevoeiro na serra,
Chuva na terra.

[39] Este final é analogo ao *Sermão de S. Coelho*.
[40] No mesmo conto se dizia que um agulheiro cheio de agulhas se mudava em floresta. Cf. Gubernatis, *Myth. Zool.*, II, 13.

*

117. Segundo a crença popular de hoje, D. Sebastião virá *lá da Ilha encuberta* (Bandarra, *Sonho segundo*, 15, ed. 1822) num dia de nevoeiro (Beira-Alta, etc.).

c) **Nuvens**

118. As nuvens nesta adivinha são chamadas vaccas:

Curral redondo, ... (ceu)
Vaccas *ao lombo* . . . . (nuvens)
Cão ravinhoso . . . . . (vento)
Moço formoso . . . . . (sol)

adivinha que foi recolhida pelo sr. Th. Braga nas *Origens Poeticas do Christianismo*, p. 257 [não sei se em *ao lombo* haveria equivoco; noutra que recolhi vem *ao longo*].

119. Quando á tarde as nuvens apparecem coloridas e com fórmas extravagantes, como cavalleiros, soldados, etc. alguem pensa ver ahi *signaes que Deus manda* (Beira-Baixa, Melres, etc.). Disseram-me da Beira-Baixa que varias pessoas, quando vêem as nuvens assim, vão resar numa capella. [41]

120. A nuvem que passa muito carregada, leva excommungados (Pindella). Acredita-se que o excommungado não vae nem para o ceu, nem para o inferno, mas vae viver numa nuvem, tolhendo todo o mundo. Muita gente, ao ver uma nuvem, sente de repente uma dôr de cabeça: é o *ar ruim* do excommungado. Para nos livrarmos de *ar* de excommungado e de outras cousas más, é bom resar 3 vezes (fazendo 3 cruzes da testa ao ventre, e d'hombro a hombro) esta oração, que termina com uma *Salve-Rainha:*

---

[41] A mesma superstição no Piemonte (Gubernatis, *ib.* I, 228).

J. Christo nasceu,
J. Christo morreu,
J. C. resuscitou:
E assim como é verdade
O Sr. me tire esta dor,

Este mào olhado
De vivo, de morto
Ou de excommungado:
Pelo poder de Deus
E do Sr. Santiago.
(Minho).

121. Das nuvens tiraram-se vários adagios:

Ruivas ao Nascente
Chuva de repente.
(Famalicão).

Quando estão as ruivas ao mar
Pega nos bois e vae lavrar.
(Ib.)

Ruibas ao Nascente
Desappõe e vên-te. (vem-te embora) [42]
(Ib.)

122. A poesia popular tambem não esquece as nuvens:

No mar se formam as nuvens,
Nos campos as novidades,
Nas conversas os affectos,
Nos brincos as libardades.

Lá no ceu vae uma nube
Que leva c'roa de rei:
Vae chamando justiça
Por que me deixas meu bem.

D) Chuva

123. A chuva é a *Maria das pernas compridas*, porque chegam desde as *nubes* até á terra. (Gondifellos no c. de Famalicão).

---

[42] Aurora rubia
O' viento ó lluvia.

(Apud. *Obras en prosa y verso* de J. M. Bartrina, — Barcelona 1881: *La metercologia popular*, II. Agradeço aqui ao meu amigo Teixeira Bastos o trabalho que teve fazendo-me alguns extractos d'aquelle livro).

A chuva tambem se chama *Maria Môlha*. Quando se vê chuva, ou ella está para vir, diz-se:

> Ai! que ahi vem *Maria Môlha*
> C'um saco de folha.
> (Ib.)

124. Quando está muito tempo sem vir *chuiva*, e vem uma *chuiva* branda, chamam-lhe *graça de Deus;* se ella é tanta que prejudica as seáras, dizem: *são os nossos peccados;* e se ella é excessiva, então *é a fim do mundo* [*a fim*, não *o fim*, é vulgar] (V. N. de Foscôa).

125. Pelas aldeias vê-se ás vezes apparecer um homem com um mólho de varas de guarda-soes velhos ás costas; uma bigorna pequena com seu pé comprido; martello e outros instrumentos; um folle muito simples; pedaços de lata, — emfim, uma mobilia inteira. Este homem annuncia-se por um grande barulho de metaes. E' o caldeireiro. Correm todos os rapazes logo a arranjar-lhe móssas de lenha. O caldeireiro firma então a bigorna em terra, e improvisa uma officina (Beira Alta). A gente do povo diz, quando o ouve, que *temos chuva* (ib. etc.). D'ahi o adagio:

> Caldeireiro na terra
> Chuiba na serra.
> (Carrazeda d'Anciães, Foscoa).

126. Quando chove, costuma-se dizer em Guimarães:

> Chove, chovisca,
> Agua moirisca,
> Filha do rei
> Maria Francisca.

127. Para a chuva fugir, dizem os rapazes muito alto (Avintes e Guimarães):

Espalha, espalha,
C'um saco de palha;

Esteia, esteia,
C'um saco de areia.

Esteia, esteia
Que te dou um saco d'areia
Para os teus porquinhos
Que estão na cadeia.[43]

128. Ha uma lenda a respeito de Fevereiro ter enganado a mãe ao soalheiro, mandando-lhe chuva. Como em Fevereiro faz muitas vezes chuva e sol, diz-se:

Está a chover e a fazer sol
E a raposa a tocar no fol.
(Mondim da Beira).

Quando chove e faz sol ao mesmo tempo, estão as Bruxas a pentear-se (passim), e deixam cahir lendeas (Guimarães). Tambem dizem que caem perolas (Leça do Balio).

Nesta occasião gritam os rapazes:

Chove, chove,
Auguinha mol'
Que amanhãa fará sol
P'ra cantar o rouxinol.
(Moncorvo).

Stá de chuva
E vem de Sol,
Que já canta o rouxinol.
Passarinho derrabado
Não tem mula nem cavallo
Só tem uma mula cega
Que o leva a Castella,
De Castella a Castellão.
Sr. Tio dê-me pão
P'ra mim e pr'a o cãosinho
Que stá debaixo do navio:
Chilro vio, vio, vio.
A gaiola aberta
O melro fugiu
Pr'a o meio da horta
E mais a carocha.
(Guimarães).

[43] Cf. a seguinte fórmula hispanhola:

Nube negra,
Dios te estienda;
Nube rubra,
Dios te destruya;
Nube blanca,
Dios te esparza.
Amen! Amen! Amen!
(*Obras* de Bartrina, ib. III, 3.)

Stá a chover e a fazer Sol
Faz a raposa em Villa-maior.
(S. Pedro do Sul).

Stá a chover e a fazer Sol
Não ha regalo melhor.
(ib.).

Cando chove e fai sol
Vae o Diaño p'ro Ferrol
Cargado de tenêdores
P'ra espinchar ôs homes.
(Gram. gallega de S. Arce, 267).

(Cf. o § 24 d'este livro.)

129. Na occasião de uma grande tempestade, diz-se usualmente: *parece que se abre o ceu!* [44]

Tambem se diz quando chove muito: *Chove a cantaros.*

130. O povo, quando quer chuva, costuma mergulhar os santos em agua, e não os tira sem chover (passim).

Em Illigares (Moncorvo), por ex., deitam ao rio um S. Tiago, no meio de festas. Noutras partes é um S. Antonio. A este proposito citarei o costume da Torreira, em Aveiro, (que vem descripto no *Univ. illustrado*, I, p. 288, e que eu já ouvi tambem a várias pessoas) de fazer uma festa a S. Paio (advogado das sesões), mergulhando-o então em vinho; as mulheres bebem o vinho e cantam:

O' S. Paio da Torreira,
O' milagroso santinho,
Hei-de cá voltar p'ra o anno
Lavar o santo, com vinho. [45]

Quando ha muita sêcca e é preciso chuva, «—juntam-se nove donzellas, que é essencial se chamem Marias,

---

[44] Com effeito, na China, diz o I-King: «O ceu e a terra abrem-se, e o raio e a chuva apparecem.»

[45] Sobre os costumes estrangeiros de metter santos em agua para vir chuva, vêde por ex.: A. Maury (*La Magie et l'Astrologie*, p. 158, 4.ª ed.), Gubernatis (*Myth. des plantes*, I, 26). Cf. as *Superstições da Baixa-Bretanha no sec. XVII* (in *Rev. Celt.* I, 485) e G. de Rialle (*Myth. compar.*, 178), etc.

vão em procissão a distancia de meio-quarto de legoa, a um sitio chamado *Lameira de Azinhate*, e alli voltam de baixo para cima uma grande pia de pedra que pesará 30 arrobas (senão mais), regressando depois para casa á espera da chuva (Foscôa: in *Alm. de Lembr. de* 1860, pag. 160). Ouvi a mesma superstição a varias pessoas; segundo ellas, esta operação é de madrugada.) [46]

131. Ha varios rifões e ditos tirados da chuva:

A chuva no S. João
Bebe o vinho e come o pão.

Pelo S. Tiago
Cada pinga vale um cruzado.

Ha sol que rega
E chuva que sécca.

—*quem vae á chuva, molha-se; a chuva não quebra osso; el-rei não manda chover, manda andar*, etc.

132. Uma adivinha representa assim as telhas do telhado quando chove:

Muitas senhoras, muitas senhoras,
Quando meija uma, meijão todas.

133. Aos Sabbados chove muito (apesar de não haver Sabbado sem sol, cf. § 18), segundo dizem os adagios:

Chuva de Sabbado
Nunca se acaba.

(Guimarães).

Sabbados a chover
E bêbedos a buber,
Nunca ninguem os póde vencer.

(Covas de Barroso).

---

[46] Quando os Romanos querião chuva, ia o sacerdote arrastar para a cidade uma pedra que estava ao pé da porta Capena. Cf. Michel Bréal,—*Hercule et Cacus,* 35.

134. A fabula da *chuva de Maio* é mencionada em varios auctores nacionaes. Cf. estes versos de Sá de Miranda:

Dia de Mayo choveo
A quantos agoa alcançou,
A tantos endoudeceo.

(Ed. de 1677, p. 172, est. 32).

135. Varios animaes, como as gallinhas, os porcos, as andorinhas, etc. dão signal de chuva.

E) Geada

136. Quando se vê muita geada de manhã (ao que no Minho chamam *neve*, ideia que porem é differente), costuma-se dizer: «Ah! A *Velha* esta noite peneirou bem!» (Famalicão, Guimarães, Barroso, Moncorvo, Regoa). O arcadico F. J. Bingre escreveu tambem (*O moribundo cysne do Vouga*, Porto 1850, pag. 5):

........e, gelo agudo
Peneirando, o telhado me cubria
De gelada farinha.

F) Arco-iris

137. O nosso povo chama ao Arco-iris, *Arco-da-Velha* [47] e *Arco-celeste*. Tambem no Minho lhe ouvi chamar por

---

[47] Os Israelitas chamam ao arco-iris, *arco de Jehovah*; os Hindus, *arco de Rama*; os Finnezes *Arco de Tiermes*, etc. (Tylor, ob. cit., I, 341). A palavra *Velha* nas nossas tradições é possivel que substitua uma qualquer entidade mythica, assim como *Moura* etc. Com effeito, diz-se *Serrar a Velha* (Quaresma), *noite Velha*, a *Velha* a peneirar (gear).

umas mulheres *Arco-ira*, mas aqui ha, como se vê, influencia da palavra *iris*.

138. O Arco-da-Velha, dizem na Beira-Alta, Minho, etc. que mergulha nos rios para *beber a agua* que depois cae em fórma de chuva. [48] Em Vouzella acrescenta-se que no sitio onde elle pousa está uma *Velha* a coser, tendo ao pé um novello de linhas e umas tesouras. Em Moncorvo dizem que onde o arco-da-velha pousa, apparece um pinto em prata.

Diz o povo que vem dous anjos estender o Arco-da-Velha, e depois apanhá-lo (Cabeça Santa, c. de Penafiel).

139. O *Arco-celeste* é um signal de que Deus está bem comnosco (Minho).

140. O Arco-da-Velha é signal de chuva. Cf. o adagio:

Arco-da-Velha
Por auga espera. [49]
(Guimarães, etc.)

---

[48] Esta trad. é analoga a uma da Birmania e a outra dos Zulus (Tylor, *ob. cit.* p. 336-7).

[49] Entre os Bascos o arco-iris da manhã presagia chuva para a tarde (F. Michel, *Le pays basque*). Na Escocia diz-se:

A rainbow in the morning is the shepherd's warning;
A rainbow at night is the shepherd's delight.
(Popular Rhymes of Scotland, p. 153, apud *Le pays basque*).

Refere-se ao arco-ires o adagio?

Arch de Sant Marti al mitj dia
Aygua tot lo dia.
(*Obras* de Bartrina, *Pronosticos*).

Na Bretanha diz-se:

Arc-en-ciel au soir
Pluie ou vent le lendemain.
(*Proverbes* etc. por Sauvé, n.º 788).

141. Quando se vê o Arco-da-Velha, diz-se isto para elle desapparecer:

Arco-da-Velha,
Vae-te deitar,
Que dizem os Moiros
Que te hão-de matar
Com facas, agulhas,
Da banda do mar.
(Fafe e Cabeça Santa).

Ha ainda muitas fórmulas que os rapazes recitam ao avistarem o Arco-iris:

Arco-da-Velha,
Vae-te deitar,
Que ahi vem os ladrões
Que te querem matar.
(Guimarães).

Arco-da Velha,
Vae-te deitar,
Que ahi vem a chuva
Que te póde molhar.
(Minho).

Arco-da-Velha,
Põe-te na toca:
Pega, Maria,
Vae fiar na roca.
(Minho).

Arco-da-Velha
Põe-te na quelha,
Fita burmelha, (vermelha)
Menina bonita
Não é para a Velha.
(Famalicão e Maia).

Arco-da-Velha
Cag... na quelha,
Bota dinheiro
A' tua jenella.
(Vallongo).

Arco-da-Nova,
Arco-da-Velha,
Não bebas ahi
Que mijou a Velha.
(Villa Real e Bastos).

Arco-da-Velha,
Cordões de retroz,
Meninas bonitas
Não são para vós.
(Vouzella).

Arco-da-Velha
Vae para Castella,
Faze uma casa
Mette-te n'ella;
Tu c'um machado,
E eu c'uma serra
Ganharemos pão
P'ra comer dentro d'ella. [50]
(Sinfães, no c. de Bouças).

---

[50] Cf. o que os nossos rapazes dizem ao peru:

142. E' uma phrase vulgar esta: *Fez ou disse cousas do arco-da-velha,* — para indicar uma cousa extraordinaria.

G) Fogos-fatuos

143. Os fogos-fatuos pensa o povo que são *alminhas* do outro mundo (Beira, Traz-os-Montes). Muitas historias ouvi em pequeno d'estas luzes dos cemiterios.

H) Auroras boreaes

144. As *auroras boreaes* diz o povo que são sangue espalhado no ceu. Por isso indicam terriveis guerras. Quando o povo as vê, chora e resa (Sinfães, Porto, etc.).

I) Fogos de Sant'Elmo

145. Este phenomeno electrico, de que Camões disse

Vi, claramente visto, o *lume vivo*
Que a maritima gente tem por santo,

Peru velho,
Queres casar;
Menina bonita
Não has de lograr.

(Communicação do snr. F. Adolpho Coelho).

«Aux environs de Saint-Brieuc, pour détourner l'arc-en-ciel et l'empêcher d'amener la pluie, on crache dans sa main gauche, et *on coupe son crachat* d'un coup de la main droite, comme avec une lame, en disant: «Arc-en-ciel, si tu passes par mon blé, je te coupe par la moitié!». La même chose se pratique à Sarzeau, c'est ce qu'on appelle *crever l'arc-en-ciel*: voici la formule qu'on dit en même temps (*traducção*): «Arc-en-ciel de jour, arc-en-ciel de nuit,—Crève d'ici de-

é pelos nossos marinheiros, segundo elles me informam, chamado *Corpo santo*. Quando apparece, os tripulantes resam-lhe (Porto. O mesmo diz a *Historia Tragico-Maritima*, I, pag. 313, Lisboa 1735).

J) Trovoada

146. E' um phenomeno complexo que se resolve nos seguintes:

a) *Relampago*. Quando faz relampagos, o povo cuida que é o ceu que se abre (Mondim da Beira, Sinfães, Fafe). Eu conheci em pequeno um velho que dizia ver o ceu na occasião do relampago (Mondim da Beira). Cada vez que o relampago brilha, diz-se: *S. Barbara! S. Jeronymo!*

b) *Raio*. O raio é uma *pedra* (ou uma *cunha de ferro*, — Gondomar, etc.) que cae e se afunda sete varas ou braças, levando sete annos (cada anno sobe uma braça) a vir á superficie (Traz-os-Montes, Minho, Douro, Beira-Alta, Extremadura). Na occasião em que a pedra cae (a versão da *pedra* é mais vulgar que a do *metal*), dá muitos saltos no chão, deixando a terra esgadanhada (Rio Tinto). A *pedra de raio* ou é posta nos telhados (Moncorvo) ou dentro

---

main soir!». On a soin de frapper droit sur le crachat, de manière à le couper par le milieu. Il y a de graves discussions entre les enfants, pour savoir à qui revient l'honneur d'avoir bien crevé l'arc-en-ciel.

Cet usage a lieu encore dans plusieurs localités bretonnes. Il a dégénéré aussi, à Saint-Brieuc, de la manière suivante: «—Tu vois bien cet arc-en-ciel?—» Et pendant que l'autre est occupé à le regarder, on allonge délicatement les deux doigts les plus proches du pouce de la main gauche, on crache dessus, et, d'un coup de l'autre main, on lui *écrache* cela sur la figure. Voici la formule en usage du côté du Morlaix pour éloigner l'arc-en-ciel (avec la même cérémonie que ci-dessus (*traducção*): «Arc-en-ciel, coupe ton cou, ou je te le coupe». — Ernault, in *Mélusine*, I, 502. (Devo esta informação ao meu amigo o snr. F. A. Coelho, a quem aqui a agradeço).

de casa (Douro), para livrar de raio. Quando troveja, ella começa a saltar muito no sitio em que a teem guardada (Douro, etc.).

O povo chama *pedras de raio* (tambem *pedras de trovão* em Neiva no Minho, segundo me communicou o Sr. Martins Sarmento) não só aos instrumentos de pedra prehistoricos (possuo um, encontrado no concelho de Mafra,—e que é um machadinho de pedra polida. O povo lá liga-lhe a mesma superstição, segundo me informa o meu illustre condiscipulo Carlos Galrão a cuja amisade devo a posse do machadinho); mas,—é o mais vulgar no norte do paiz,—aos crystaes de rocha (possuo seis crystaes de rocha, chamados *pedras de raio*, que forão quasi todos encontrados nas raizes de arvores, segundo a crença). Tenho ouvido tambem dizer que ha *pedras de raio* redondas,—o que concorda com o que diz o padre J. Baptista de Castro (apud o Sr. Fillippe Simões,—*Introd. á Archeolog.*, pag. 4), mas nunca vi nenhumas. Ouvi tambem dizer que ha *pedras de raio* e *pedras-de-corisco* (Moncorvo, Famalicão); não sei bem em que consiste a differença, comtudo a de corisco parece que é mais pequena. [51] O citado padre João Baptista explica phantasticamente a formação das pedras de corisco, pela acção do frio e do calor. O nosso povo (Vouzella) explica a trovoada pela combinação da *friura e da quentura*. Uma cantiga de ao pé de Vizeu é explicita a este respeito:

---

[51] A crença em pedras de raio existiu na Hispanha antiga (*Galba*, VIII, por Suetonio), existe na França (Cartailhac: *L'âge de pierre dans les souvenirs*, etc., pag. 10), na Inglaterra (id. ib.), na Italia (Joly, *L'homme avant les metaux*, p. 200), no Japão (id. ib.), no Brazil (Cartailhac, ob. cit. ib.), etc. Cf. ainda: Plinio,—*Hist. Natur.* XXXVII, 51 (sobre as ceraunias); Gubernatis (*Mitologia comparata*, Milão 1880, pag. 101); Cox (*Myth. of the Aryan nations*, Londres 1878, v. II, p. 212); J. Grimm (*Deutsche Mythologie*, Berlim 1875, vol. I, p. 149-150); etc. (Vid. o meu art. *Notas de Prehistoria*, II, in *Pantheon*, p. 364-365).

Entre o calor e o frio
Se gera a *pedra do raio:*
Quem me dera a fortaleza
Que tem o trovão em Maio.

Alem da *pedra de raio* ha varios meios de afugentar o raio: Quando troveja, toca-se uma campainha benzida; aonde chegar o som, não cae raio (Famalicão). [52] Põe-se no lume o casco das pinhas queimadas no Natal: aonde chegar o fumo não cae raio (Famalicão). Um Agnus-Dei posto na janella, um toco de cera da Semana-santa, livrinhos bentos, ramos bentos queimados, o cepo do Natal posto ao lume, certos arbustos, como o azevinho, o loureiro e a oliveira, são outros tantos preservativos.

O raio não se apaga com agua; só com lume (Beira, Douro).

Os santos protectores contra o raio, e em geral contra a trovoada, são S. Jeronymo e Santa Barbara; até o proverbio diz: *só se lembram de S. Barbara quando troveja.*

Eis uma oração a S. Jeronymo (Sinfães):

— Para onde vaes, S. Jeronymo?
— Vou espalhar a trovoada.
— Espalha-a bem espalhada,
Lá para Castro-Marinho
Para onde não haja pão nem vinho,
Nem bafinho de menino,
Nem leira nem beira,
Nem raminho de figueira,
Nem pedrinha de sal, (a casa?)
Nem cousa a que faça mal.

As de Santa Barbara são pelo mesmo teor:

S. Barbola se alevantou,
Suas santas mãos lavou,
Seus sapatinhos calçou,
S. Francisquinho encontrou.
— Tu, Barbola santa, onde vás?
— Vou arramar as trovoadas,
Que pelo mundo andão armadas.
— Arrama-as bem arramadas,
Por d'onde não haja pão,
Nem grão,
Nem mantença de christão.
(Foscôa).

---

[52] Os Godos, quando trovejava, faziam grande barulho com martellos metallicos, como elles suppunham que os deuses faziam. (Cf. Cartailhac: *L'âge de pierre* etc., p. 55). Em varias partes é costume tocar os sinos na occasião de trovoadas.

S. Barbara bemdita
Que no ceu estaes escrita,
Com papel e agua benta,
Abrandae esta tormenta
Lá para a banda dos montes,
Que não haja pão nem vinho,
Nem flor de rosmaninho,
Nem se ouça cantar os gallos
Nem repenicar os sinos.
(Minho).

S. Barborinha se vestiu e se calçou,
Ao caminho se botou.
O Senhor le preguntou:
— S. Barborinha, onde vaes?
— Eu, Senhor, comvosco vou.
— Tu comigo não irás,
Tu na terra ficarás:
Todos os trovões que vier
Todos tu abrandarás;
Tu os levarás
Para onde não haja gallo nem gallinha
Nem toque sino nem campainha.
(Melres).

S. Barbora bemdita
Se vestiu e calçou
Ao seu caminho se botou,
A Jesus Christo encontrou
E Jesus lhe preguntou:
— Tu, Barbora, aonde vás?
— Vou espalhar as trovoadas
Que no ceu andam armadas,
Deitá-las p'ra a serra do Marão,
Onde não haja palha nem grão,
Nem meninas a chorar,
Nem gallos a cantar.
(Villa Real).

Ainda existem outras orações (Vianna do Minho):

S. Pedro e S. Simão
Têm as chaves do trovão:
Assim como os santos são santos
Assim os trovões sejam mansos.

«— Santo Deus, Santo forte, Santos immortaes! Miserere nobis! Chagas abertas, chagas cerradas, sangue derramado de N. S. J. Christo se metta entre nós e o perigo —» (Villa Real).

c) Trovão. O ruido do trovão é produzido pelo barulho que Deus faz no ceu a ralhar (Alijó, etc., etc.) [ou a arrastar as cadeiras (*passim*) depois de jantar (Sinfães).] Segundo o sr. Consiglieri Pedroso, diz o povo que quando faz trovões são carros rodando no ceu (*Trad. popul. port.*, extracto do *Positivismo*, *Varia*, n.º 448). [53] Quando troveja, não é bom fechar as portas ou janellas, porque seria dar com ellas na cara do Senhor. [54]

---

[53] O deus do trovão, Thor, na Myth. do Norte, ia num carro.
[54] A maior parte d'este capitulo sahiu já em artigos meus publicados na *Era-Nova* (*Trad. das Pedras* e *Trad. da Atmosphera*).

CAPITULO IV

A agua

[Varios escriptores antigos, como Pomponio Mela (*De situ orbis*, lib. III, cap. I), Strabão (*Geogr.* ed. Didot 1853, lib. III, cap. III, 5), Lucio Floro (*De Roman. Gestis*, ed. d'Evora 1671, pag. 70), dão-nos o rio Lima, no Minho, (flumen Oblivionis, Lethes, Limia) como um rio que produzia o esquecimento. (Um poeta relativamente moderno, Fr. Agostinho da Cruz, diz do rio Lima, referindo-se a Diogo Bernardes de Ponte do Lima:

> O tempo lhe deu nome de esquecidas,
> Até lh'o dar Bernardes de lembradas.)

O culto das aguas na epocha luso-romana é-nos attestado especialmente por estas duas inscripções: 1.ª) achada nas Caldas de Vizella, onde ainda se conserva (está numa pequena ara): MEDA || VS. CAMALi || BORMANi || CO.VSLM. O nome deste deus *Bormanicus*, como se reconhece pela comparação com os nomes dos deuses gaulezes *Bormo, Borvo, Bormanus, Bormana*, (vid. *Rev. Celtique*, IV, p. 6 e sqq.) e com varios nomes em dialectos celticos modernos (vid. de Belloguet, *Ethnogenie Gauloise*, 2.ª ed. 1872, n.os 400-401, pag. 378-379), contém a ideia de *fervura*. Littré no seu *Dict. de la lang. fr.*, v. *bourbe*, diz: «*Borvo* ou *Bormo*, nom gaulois de Bourbon l'Archambault, *à cause des eaux qui y bouillonnent*». O nosso *Bormanicus* era pois a divindade tutelar das aguas thermaes de Vizella.—2.ª) achada em Bencatel, junto a Villa-Viçosa, (tambem numa ara): FONTANO || ET. FONTANAE || PRO SALVT. AL || BI. FAVSTI. ALBIA || PACINA. V. S. A. L.—Nesta temos um deus *Fontanus* (pala-

vra derivada de *Fons*; cf. *Tiberinus* de Tiber) e uma deusa *Fontana* (palavra egualmente derivada de *Fons*; na linguagem da decadencia *fontana, ae*, significava *fonte)*.

Aproximando-nos mais dos tempos modernos, encontramos uns *Fragmenta quae citantur ex Concilijs Bracarensibus, et in eis non extant*, onde se lê (*ex concilio Brac.* c. 22): Si in alicuius Presbyteri parochia infideles aut faculas incenderint, aut arbores, aut FONTES, aut saxa venerãtur,...» (*Collectio conciliorum Hispaniae*, Madriti, 1603). Nas *constituições* posteriores lê-se (estes trechos das *Constituições* são extrahidos do *Ethnograph. Port.* do snr. Ad. Coelho, p. 26 sqq.): «nem *vejp* (veja) em agoa: ou cristal: ou em espelho: ou em espada: ou em outra qualquer cousa luzente:» (de Evora, 1534, xxv, 1.); — «Nem levem as Imagens dalguns santos acerca dagoa: fingindo que os querem lançar em ella: e tomando fiadores: que se ate certo tempo ho dicto santo lhes nom der agoa: ou outra cousa que pedem que lançaram a dicta imagem na agoa.» (ib. ib.); — «Nem benzam com espada que matou homem: ou que passasse ho *Douro* e *Minho* tres vezes.» (ib. ib.); — »Póde-se tambem pôr em exemplo (de superstição), no que se tem introduzido em dia de São João Bautista, que se colham as hervas, e levem a *agua da fonte* para casa, ou se lave a gente, e os animaes nella, antes do Sol nascer...» (de Lamego, 1639, v, 8). — Gil Vicente, o poeta que mais se inspirou do maravilhoso popular, traz nos seus autos as *fadas marinhas*,

> E aquellas fadas
> Que tem as ribeiras de verde pintadas.
>
> (*Obras*, Hamburgo 1834, t. III, 110.)

A agua tem uma grande virtude na Egreja quando *benta* ou *baptismal*. Na *Practica de Exorcistas* (Coimbra 1694), já por mim citada neste livro, vem uma oração para a benção da agua: «Exorcifo te creatura aquæ in nomine Dei Patris,... ut fias aqua exorcifata ad effugandam omnem poteftatem inimici... etc. (pag. 325). As benzedeiras populares fazem tambem muito uso d'ella para *talhar*. As virtudes da *agua benta* expoem-as a mesma *Practica* a pag. 327-28, extrahidas das Obras de S. Vicente: «Prima virtus eft fæcunditas corporalis: Nam fi uxor, quæ nequit habere prolem: accipiat die Dominico, & bibat, & divote faciat Crucem supra ventrem cum nomine Iefu habebit prolem, etc. Secunda virtus eft ubertas temporalis fcilicet afpergendo vineam, vel campum devote cum nomine Jezu etc.» Ainda hoje se fazem ladainhas aos campos, e os padres aspergem as sementeiras. Para pedir chuva, usa a egreja varias ceremonias. (Cf. op. cit. p. 383 sqq.). — Num ms. cuja copia existe na bibliotheca publica do Porto, — *Dialogos Moraes, Historicos e Politicos. Fundação da cidade de Vsieu*, etc. por Manuel Botelho Ribeiro Pereira, — Viseu anno de 1630, — lê-se o seguinte: « — Costuma haver mulheres que

debaixo do nome de *mestres* (mestras) uzavão curar enfermos com reprovadas artes diabolicas supersticoens entre ellas foi huma Refinada como era em a noite de S. João Banharem os enfermos em aquelle rio onde se mete a Ribeira de S. Thiago passando-os por elle tres vezes: fazendo algumas ceremonias e dizendo alguas palavras boas e santas, de modo que se ouvissem para cuidarem os simples que por virtude d'ella e d'aquella agoa saravão.—» (cap. 5.º; o ms. não tem paginação).—Da epocha das nossas descobertas são conhecidas varias lendas e superstições, bem como os dictados:

Quem passar o cabo de Não
Ou voltará ou não.

Quantos irão
Que não voltarão!]

---

147. I—As aguas em geral. *a*) A agua foi condemnada no principio do mundo a correr sempre; como todas as cousas, tambem então tinha falla (vid. § 1.º d'este livro). *b)* A agua dorme todas as noutes, e na meia-noute do S. João está benta (Mafra). *c)* Quando alguem bebe agua, numa corrente ou charco, diz, fazendo uma cruz:

Esta agua encharcada,
Valha-me a Virge sagrada;
Esta agua corrente
Valha-me o SS. Sacramento
(Districto da Guarda).

Agua corredia,
Não faças mal á minha barriga,
Nem de noite nem de dia,
Nem ao pino do meio-dia.
(Baião).

d) Se duas pessoas bebem juntas, morrem uma quando outra (Melres). *e)* Quando bebem dois de um copo, o segundo sabe os segredos do primeiro (Minho, Douro, Beira Alta, etc.) ou bebe-lhe a força (Famalicão). *f)* Não se deve beber agua com uma luz na mão porque causa gôtta (Melres), ou bebe-se o juizo (Beira, Douro). *g*) E' máo beber agua antes de almoço (C. Pedroso, *Varia*, 312). Cf. o adagio:

Quem bebe agua antes de almoço
Chora antes do sol-posto.

148. Ao lavar-se a cara de manhã é costume dizer (Gondifellos):

Minhas mãos môlho,
Minha cara lavo,
P'ra fazer serviço a Deus
E arrenegar o Diabo.

149. *a)* Uma creança depois do baptismo, em quanto estiver sem mammar, ainda que cáia á agua não se afoga; mas se tiver mammado, e cahir, afoga-se logo (Gondifellos). *b)* A creança que vae a baptisar deve ir bem lavada, senão o corpo enche-se-lhe de feridas. *c)* Na primeira agua em que se lavar uma creança, deita-se dinheiro, sendo ella menino; e deitam-se objectos de ouro, sendo menina. E' para que a creança seja amiga de riqueza (ib.) *d)* A primeira agua em que se lava a creança deve ser deitada fóra, para um quintal, se é de rapaz; para a loja ou pelo soalho, se é de rapariga. Isto, porque a felicidade da mulher está na casa, e a do homem, fóra de casa (Apud o meu art. *Costumes pop. da prov. do Minho*, § 18, in *Penafidelense). e)* Quando lavam os recemnascidos a primeira vez, fazem-lhes uma cruz com a mesma agua e dizem:

Aguinha a lavar,
O Senhor a abençoar;
Aguinha a correr
E o menino a crescer.

E' bom deitar agulhas nessa agua (Guimarães, ib. § 47). *f)* A creança ficará a ourinar na cama tantos annos quantos forem os pingos da agua baptismal que cahirem no chão (Guimarães, cf. § 63 d'este livro).

150. *a)* Os rapazes, quando vão tomar banho (nadar), benzem-se, contam um certo numero de areias (parece que nove) e atiram-nas para trás das costas para a agua, dizendo (Gondifellos):

Maleitas, maleitas,
Ide para o mar,
Que eu vou nadar.

Maleitas p'ra Braga,
Maleitas pr'a o Porto,
Maleitas p'ra fóra
Do meu corpo.

b) O sr. Consiglieri Pedroso no seu opusculo, *As mouras encantadas*, (extracto do *Positivismo*) traz esta superstição que tambem já vi mencionada, se bem me lembro, no *Almanak de Lembranças:* «Na Maia, curam-se aliás: [*obsta-se a ellas*] as sesões apanhadas n'agua pela fórma seguinte: a pessoa que vae nadar, quando sae da agua, atira cinco pedrinhas ao rio. Tapa logo os ouvidos e fecha os olhos para não sentir o som da pedra cahindo n'agua, nem ver esta mexer. Em seguida pega na camisa, atira-a tres vezes ás costas dizendo: *Agua na fonte, maleitas no monte!* — » (*obr. cit.* pag. 14).

151. Um homem tomou um criado e disse-lhe que a agua se chamava *Clarencia,* a estopa *Stopaciencia,* e o gato *Tranquitana.* Vae o criado ata uma pouca de palha á cauda do gato, e bota-lhe o fogo. Começa o amo: «O' moço, traze auga!» Responde o moço: «*Clarencia!* snr. meu amo... que se apegou o fogo á *Stopaciencia!*» Como se vê, o amo já não dizia *Clarencia,* dizia *auga* (Gondifellos).

152. No S. João tiram-se varias sortes com a agua (Vid. *Fastos populares).*

153. Para vir a chover, mergulham-se os santos em agua (vid. § 130. e a introd. a este cap.).

154. Chama-se *lobo da fada* ou *lobo da gente* a um lobo que vae sempre ao corrente de agua e lambe a gente, mas não faz mal (Mirandella).

155. Qualquer pessôa mordida por cão damnado, vê a imagem do cão pintada n'agua (Beira, Traz-os-Montes etc.).

156. Ourinar na agua é peccado, mas dizendo: «Morra o Diabo, viva o menino Jesus!» fica-se livre de peccado (Moncorvo).

157. Quando morre alguem, deve-se despejar toda a agua que houver em casa, porque a alma vae-se lá banhar (Porto, — apud Ad. Coelho, — *Rev. de Ethnolog.* 1.º vol. p. 178).

158. Não se deve vasar agua fóra, de noite, por uma janella ou porta, sem primeiro pedir licença aos defunctos de um e outro sexo (Ilha do principe, — id. ib.).

159. Os rapazes, na Beira-Alta, costumam *capar a agua*, isto é, atirar com uma pedra quasi horisontalmente, a uma poça, de modo que ella atravesse a agua numas poucas de partes. Quanto maior fôr o numero de cortes que a pedra fizer na agua, maior é a habilidade do capador.

160. II — Fontes e póços. Nas aldeias é raro ver-se uma fonte que não tenha uma cruz ou um painel, ás vezes até com um pequeno nicho com vasos de flores. Ha muitas fontes com designações sagradas, ex.: *Fonte santa, Fonte da Senhora do Carmo, Fonte de S. Gualter*, etc.; outras com designação de Mouros, ex.: *Fonte da Moura* (passim); outras com designações *do Diabo*, ou ainda mais extraordinarias, como *Fonte dos sete carvalhos* (em Briteiros). [55]

161. *a*) Uma vez S. Pedro de Rates [que, segundo o povo, se chama *de Ratos*, porque, quando morto, lhe appareceu na cabeça *um ninho de ratos*. E' uma das muitas

[55] Estes nomes e invocações das fontes são vestigios do culto pagão das aguas.

etymologias conforme o processo popular; podiamos citar mais exemplos] vinha a fugir dos de Braga e Póvoa de Lanhoso, e cahiu ao pé do logar de Rates numa pedra, onde os joelhos do cavallo em que vinha fizeram dois buracos que ainda lá se vêem; d'esses buracos nasceu uma fonte, cujas aguas gosam de certa virtude entre o povo d'alli (na quinta da Piedade, freg. de Ballazares de Povoa de Varzim, pertencente ao meu condiscipulo Macedo Aguiar, a cuja creada devo esta noticia). A fonte chama-se *Fonte de S. Pedro.* [56] *b)* Na freguezia da Ribeira de Homem ao pé da Senhora da Abbadia (Minho) ha um penedo com duas pégadas ahi deixadas pela burrinha em que ia Nossa Senhora; d'uma das pégadas nasceu uma bica de agua. *c)* No monte da Saia (Minho) ha um monumento arruinado que ao snr. Martins Sarmento (a cuja benevola amisade devo a informação que se segue) pareceu um *templo* talvez d'uma divindade das aguas. Ao pé d'este templo existe a *Fonte do Pegarinho* com reputação de santa; as suas aguas podem-se beber sem fazerem mal, mesmo que se esteja suado, e além d'isso curam a dor de dentes. A pessoa que informou o snr. Sarmento aproximou a palavra *Pegarinho* de *pégada*, porque a fonte tem tres nascentes, uma das quaes deriva de uma cavidade arredondada, aberta na rocha pela pata da burra em que ia N. Senhora. [Neste monte appareceram circulos concentricos gravados em rocha, que são vulgares ao pé da Citania,—e, o que é mais notavel, o swastika. Vid. p. 34.]. *d)* Em Santa Baia de Rio de Côvo (Minho) ha a capella da *Senhora das Aguas* que alli appareceu e fez rebentar uma fonte. Tem uma romaria. *e)* No sacrificio de Santa Anominata, na serra do Espinheiro, junto a Tourega (arcebispado de Evora), rebentou uma fonte, chamada *Fonte Santa*, abundante em milagres. *(Agiologio,*

---

[56] Cf. o cavallo Pegaso, ferindo a terra e fazendo nascer a fonte de Hippocrene.

Lisboa 1866, tom. 3.º, pag. 6). *f)* Cf. esta linda oração popular de Vianna do Castello:

Senhora S. Anna
Subiu ao monte:
Aonde se assentou
Abriu uma fonte;

Oh! que agua tão doce!
Oh! que agua tão bella!
Anjinhos do ceu,
Vinde beber d'ella.

162. A mulher (e parece que qualquer femea) a quem falta o leite, para que elle volte, vae beber da *Fonte do leite* (em Ponte da Barca) e leva á agua uma offerta de pão, vinho, linho, azeite, etc., offerta que depois póde com direito ser tirada pela primeira pessoa que por alli passar. (Cf. os meus *Fragm. de Myth. Pop. Port.*, pag. 5. Nelles sahiu por engano *Ponte do Lima* em vez de *Ponte da Barca).* [57]

163. A agua de sete fontes, colhida na manhã de S. João, tem certas virtudes (Beira-Alta, Minho, Galliza).

164. Para se *enganarem as maleitas* (sesões) levam-se tres bocados de alimento e poem-se ao pé de uma fonte. O doente (que não deve ter comido nada) diz: «Come tu, que

---

[57] E' outro vestigio do culto pagão das fontes esta offerenda que se leva ás aguas. Nos paizes estrangeiros abundam vestigios identicos. Todos conhecem as fontes d'Arethusa, Castalia etc. da antiguidade classica.

O fons Bandusiae, splendidior vitro,
Dulci digne mero non sine floribus,
Cras donaberis hoedo...
(Hor., lib. III, od. 3.ª)

Esta superstição do § 162 vem tambem mencionada no opusculo do snr. Pedroso, *As mouras encantadas*, pag. 14; mas não sei porque extranha contradicção elle a considera como um reflexo da concepção das Mouras como genios maleficos. Pois a agua não tem aqui um sentido benefico?

eu já comi». As sesões passam-lhe, mas a pessoa que comer os bocados fica com ellas (communicação do snr. Sarmento. Vid. os meus *Costumes pop. da prov. do Minho*, § 11).

165. *a*) Na *Fonte Santa*, tambem chamada de *S. Gualter*, ao pé de Guimarães, é costume na noute de S. João á meia-noute, banhar as creanças doentes e deixar na agua a camisa d'ellas. — Numa pequena edição popular, *Historia e vida de S. Gualter*, (Guimarães, Typog. social, 1881, — de 8 pag.) lê-se: «A' Fonte de S. Gualter, hoje mais conhecida pela Fonte Santa, começou de ir lavar-se muito enfermo, por se espalhar que aquella agua tinha virtude. Effectivamente com esses banhos foram curados — nove tolhidos e aleijados, dois quebrados, etc.» (*obr. cit.*, pag. 5). *b*) O snr. C. Pedroso no citado opusculo (*As mouras encantadas*), pag. 14, traz uma superstição identica, referida a Bragança. [58] *c*) Num conto de Bruxas, (que eu publiquei no *Penafidelense* de 30 de Nov. de 1880) figura uma *Fonte da Senhora da Luz* cujas aguas curam a cegueira (versão de Moncorvo).

166. *a*) Na *Fonte do Concelho*, em Moncorvo, apparece na manhã do S. João uma Moura a expor os figos ás orvalhadas, e ouvem-na cantar da meia noute até á madrugada. (Apud os meus *Fragm. de Myth.*, pag. 1). [59] *b*) Na

---

[58] Nesta superstição o meu amigo o snr. Pedroso cahiu, quanto a mim, no mesmo engano mencionado na nota 57. Com effeito: em primeiro logar aqui não se falla em Moura; em segundo logar a fonte tem um caracter de virtude; em terceiro logar a mesma superstição está ligada a S. Gualter, em Guimarães, d'onde se vê que nem tudo o que se refere á agua se deve referir á Moura. — Na *Rev. Celtique*, t. I, p. 485, diz-se que na peninsula de Cornualha levam ás fontes as crianças, porque as aguas tem virtude. Ha ainda mais costumes semelhantes.

[59] Nesta superstição, como na seguinte, as Mouras gosam o pa-

Fonte de S. Tiago, em Moncorvo, quando se tira a agua toda á fonte, ouve-se um *ai* muito sentido (*ib. ib.*). *c*) Em Lamego conta-se que uma Moura que vivia numa fonte pedira a uma rapariga que lhe levasse na noite de S. João uma *bôla de pão quente;* a rapariga só pôde ir um pouco mais tarde, o que fez *dobrar o encanto* á Moura (*ib. ib.*).— Ouvi na Regoa a mesma lenda, localisada na *Fonte da Moira*, com a unica differença de, em vez de pão quente, ser um *cavallinho de massa*, feito sem ninguem ver; uma amiga, porém, da rapariga quebrou uma perna ao cavallinho, o que dobrou tambem o encanto á Moura (*ib. ib.*). *d*) Em Penella (Coimbra) é crença que na *Fonte da Doença* apparecem Mouras encantadas na noute do S. João, antes de nascer o sol. Quando as raparigas lá vão buscar agua, as Mouras começam a agradecer-lhes o terem-lhes quebrado o encanto. As bolhas d'agua que apparecem á superficie é que são as *encantadas*. Estas depois vão beber dos cantaros das raparigas a agua benta do S. João (C. Pedroso, *As mouras encantadas*, pag. 5). *e*) Nas Caldas da Rainha, na madrugada do S. João, apparecem Mouras em figura de *frades vestidos de branco* (id. ib. pag. 5-6.). *f*) Em Penafiel está uma Moura encantada numa poça; indo uma vez um homem abrir a agua, a Moura, que nessa occasião lavava *meadas de oiro*, pediu-lhe que a não abrisse, e prometteu-lhe parte da meada; o homem resistiu, e a Moura fez com que a agua se sumisse (Vid. os meus — *Fragm. de Myth.* pag. 1). *g*) No castello de Torre-de-Dona-Chama (Traz-os-Montes) ha uma cisterna com uma Moura encantada em mulher da cinta para cima e serpente da cinta para baixo; uma vez passou por alli um homem, e a Moura chamou-o e disse-lhe que fosse lá ao outro dia desencantá-la,

pel de divindades das aguas, como as Nimphas, as Wasser-Nixen, etc. Cf. os seguintes artigos meus: *Presbyterio de Villa-Cova, Ethnographia dos Lusiadas, Tradições das aguas, Fragm. de Myth.* etc.

e que não tivesse medo, porque ella nesse dia appareceria toda serpente, mas o homem ficaria rico. O homem foi. Quando a serpente ia a subir pelo homem a cima, assim que chegou á garganta, este intimidou-se e atirou-lhe com o casaco. A serpente enroscou-se, fugiu e exclamou. «Ah! que me dobraste o meu encanto!». Ainda assim ella mandou ao homem que a certas horas fosse lá a um logar, onde acharia uma pedra com doze vintens em cima, todos os dias. Nessa cisterna, na manhã do S. João, ouve-se um tear a trabalhar (ib. ib. pag. 1-2). *h)* No Figueiral, concelho de Tondella, ha o *Pôço da Grade*, que é encantado e foi feito pelos Mouros. Correm para elle as aguas, mas ainda que levem enxurro, não deixam cahir nada nelle. Nesse poço, na manhã do S. João, ao nascer o Sol, apparecem *bezerrinhos* e *boisinhos de oiro*, á tona da agua. Quando os vão apanhar, fogem (Communicação particular). *i)* Ao pé de Briteiros, num campo, ha a *Fonte da Cavάda* com um sino d'oiro lá dentro; tem por fóra numa pedra um signal gravado, descoberto pelo snr. M. Sarmento (Vid. o meu cit. op. *Fragm. de Myth.*, p. 10). *j)* Na cisterna do castello de Silves (Algarve) apparece na noute do S. João uma Moura a cantar e a remar num barco (C. Pedroso, *obr. cit.*, pag. 6). *k)* As Mouras apparecem frequentemente á beira das fontes a pentear com pentes de ouro os cabellos tambem de ouro. (Cf. o seguinte romance popular que vem a pag. 26 do *Romanceiro geral* do snr. Th. Braga:

Lá pela noite adeante
Um lindo cantar se ouvia:
Deitou os olhos ao largo,
Viu lá estar uma donzilla
Penteando o seu cabello
Em um tanque de agua fria).

l) Na Galliza tambem «—dificilmente nuestros campesinos hablarán de los encantos, sin hacer mencion de una hermosa señora, lujosamente ataviada, arreglando la blonda

cabellera com peines de oro, sentada al lado de una fuente. — » (*Antigüedades de Galicia*, por Sivelo, Coruña 1875, pag. 177). *m)* Ligada á crença de que a agua na meia-noute ou manhã do S. João gosa de muitas virtudes (e por isso não só a gente se lava nella, mas leva os gados ás fontes e rios) anda a de se tomarem as *orvalhadas* na mesma occasião. A respeito das orvalhadas do S. João vejam-se estes versos (Douro, Beira-Alta; cit. nos meus *Fragmentos*, p. 12):

Orvalheiras, Orvalheiras, Viva o rancho Das moças solteiras!	Orvalhadas, Orvalhadas, Viva o rancho Das moças casadas!	Orvalhudas, Orvalhudas, Viva o rancho Das moças viuvas!

167. Ha em Baião uma fonte cujas aguas não são saudaveis, porque antigamente se metteu lá um frade, que ainda hoje lá se conserva (cf. § 149, *c)*.

168. Ha em Cuba (Alemtejo) uma *Fonte do Diabo*, onde se acreditava que se reunia o Diabo com Bruxas e Lobishomens a certas horas. Quem a essas horas passasse alli sem fazer o signal da cruz era agarrado e afogado. Nas terras visinhas quando alguem convidava outrem para ir a Cuba, dizia-lhe: «*Então queres ir ver o Diabo a Cuba?*» (*Alm. de Lembr.* para 1859, p. 373).

169. III — Rios. Ha dous rios ao pé de Mirandella, chamados Tudella e Robaçal. No tempo em que os rios fallavam, dizia o rio Tudella:

Arreda, arreda,
Rio Tudella:
Senão quizeres arredar,
Ahi vem o Robaçal
Que elle te fará arredar.

Porque o rio Robaçal leva mais aguas do que o Tudella (Torre-de-Dona-Chama).

170. *a*) Havia tres rios irmãos: o Tejo, o Guadiana, e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que o que primeiro acordasse partiria primeiro para o mar. O Guadiana foi o primeiro que acordou: escolheu lindos sitios e partiu de seu vagar. O Tejo acordou depois, e como queria chegar ao mar antes do Guadiana, largou mais depressa, e já as suas margens não são tão bellas como as d'aquelle. O Douro foi o ultimo que acordou; por isso rompeu por onde pôde, sem se importar com a escolha de sitio, e eis porque as suas margens são tristes e pedragosas (Mondim da Beira, Porto). *b)* Numa versão que recebi do logar de Loiros (c. de Famalicão) diz-se que é o Tamega um dos rios: e que o Douro, *por castigo,* ficara com as aguas barrentas. *c)* Noutra versão do Porto diz-se que é o Minho um dos tres rios. *d)* Numa versão da *Serra d'Estrella* (in *Diario de Noticias* de 29 de Ag. de 81, n.º 5594), que concorda com as antecedentes, que foram publicadas por mim muito primeiro, entram o Mondego, o Zezere e o Alva; o Mondego foi o primeiro que acordou e por tanto escolheu melhores sitios; o Alva foi o ultimo. *e)* Noutra versão que eu ouvi a um homem da Serra d'Estrella, e na qual figuram egualmente o Mondego, o Zezere e o Alva, conta-se que marcaram (quem?) o caminho ao Mondego com o dedo, dizendo-lhe:

Vá o Mondego
Pelo risco d'este dedo;

Por isso dá elle muitas mais voltas que os outros. [60]

---

[60] Esta lenda do somno dos rios foi pela primeira vez publicada por mim nas *Tradições das aguas,* 7. Conta-se uma lenda egual na Russia a respeito do Volga, do Vazura, do Sozh, do Dnieper, etc. (apud *Myth. Comparée,* de G. de Rialle, pag. 37). Numa interessante carta publicada pelo snr. Ad. Coelho no *Diario de Noticias* (n.º 5617) e reproduzida no *Jornal de Viagens,* explica-se esta lenda pela ideia dos rios gelarem. A immobilidade do gêlo é um verdadeiro

171. Na Ribeira do Barco (Barrô ao pé de Lamego) apparece em certas noutes uma Moura a pentear-se com pentes de ouro. [E' pouco vulgar a crença de Mouras em rios; é mais em fontes, cisternas, pedras e outeiros].

172. E' vulgar a crença de que as Bruxas andam, ou vestidas de branco, ou em fórma de patos, a patinhar nos rios. Na Galliza tambem se pensa que as *Meigas*, vestidas de branco, vivem ao pé dos rios.—Uma vez vinha um carreteiro de Ponte da Barca para o Porto, e ouviu as Bruxas, vestidas de branco, a darem muitas risadas [*as risadas* são um caracteristico das Bruxas] e a patinharem no rio da Barca. Diz-lhes o homem: «Lavae-vos bem lavadas!» Immediatamente recebeu uma bofetada com uma mão de ferro. [Na Beira-Alta ouvi muitas vezes, em pequeno, contos em que entrava de noite uma *mão de ferro* a dar bofetadas].

173. *a*) Quando alguem passar um rio (ou qualquer agua) e levar ovos, deve deitar ao rio ou migalhas de pão, ou sal para obstar a que a agua tire aos ovos a virtude da geração (Paços de Ferreira). Em Famalicão e noutras mais partes suppõe-se tambem que ao passar um rio, os ovos goram. *b)* Ao passar-se um rio, péga-se em tres seixinhos e deita-se-lhe um á entrada, outro no meio e outro no fim. (Serra da Estrella. Quem me contou isto, não soube dar a razão). *c*) Quem passar um rio, deve pegar-se num seixinho e mettê-lo na boca (Moncorvo). [61]

174. Uma mulher que está gravida vae á meia noute

---

somno. Em Portugal, na Beira-Alta, tambem acontece ver-se um rio gelado, e até passarem sobre elle os gados; mas não é no facto portuguez que se deve buscar a explicação do mytho.

[61] Os Cafres não atravessam um rio sem lhe pedirem permissão ou lhe offerecerem uma pedra depois de o terem passado. (apud Rialle, ob. cit. p. 42).

para a ponte. Qualquer pessoa que alli passe, não póde eximir-se de ser padrinho ou madrinha da futura creança, que, com esta condição, será feliz toda a vida. A mãe sê-lo-ha egualmente (Minho).

175. Alguem que adoece, vae á Ponte-de-S. João, ao pé de Guimarães, á meia-noute em ponto, levando comsigo uma benzedeira ou um padre que lhe leia os exorcismos. Concluida a leitura, o doente atira ao rio com meio alqueire de milho meudo ou painço e depois com tres punhados de sal,—largando logo a fugir. O Diabo vae contar os grãos e deixa a creatura em paz (Apud *Portugal Ant. e Mod.* de Pinho Leal. O mesmo se faz noutras partes para afugentar as *almas penadas*).

176. Nas pontes vêem-se ás vezes *alminhas* ou *cruzes*. Muitas pontes tem tambem varios versos, para indicar quem as fez, etc.

177. E' crença popular que o Diabo construiu muitas pontes (Ponte de Val-Telhas e Abreiro, ponte da Alliviada, ponte de Misarella, etc. Vid. o meu art. *Mythologia Portugueza* no *Pantheon*, pag. 49-50).

178. Quando vae um corpo morto no rio Douro e se vê da terra, diz-se-lhe: *Fulano, vem a sagrado;* e elle vem ao pé da pessoa que o chama. O corpo assim que chega ao pé da pessoa da familia, deita sangue pela boca [Diz-se que os assassinados tambem deitam sangue a pedir vingança]. E' tambem costume, para procurar um afogado, deitar á agua uma vela benta accesa, espetada numa cortiça; a vela anda, anda, até encontrar o morto, e em o encontrando, pára (Porto).

179. IIII — Lagoas. As tradições que vamos referir

pertencem todas á *Serra da Estrella*. Estas lagoas gosam de um grande prestigio no paiz, devido em parte á lenda do lusitano Viriato alli localisada. Não ha ninguem que não tenha ouvido que ellas communicam com o mar e que lá apparecem ás vezes fragmentos de navios. Tudo phantastico, porque as sondagens pouca profundidade lhes deram.

180. *a)* Na *Lagoa Escura* existe um palacio, onde se guarda a capa de um rei coberta de diamantes e para a feitura da qual foi preciso vender sete cidades. Quem quizer entrar no palacio, tem de fazer com que uma *cabra preta* atravesse a agua,—e esperar que o sol esteja a pino para dar numa fisga que é a unica entrada. Um aventureiro que lá entrou, nunca sahiu, apesar de ter recitado as treze palavras do *Anjo Custodio*. (Vid. as minhas *Tradições populares da Serra da Estrella*, in *Justiça Portugueza* n.° 112). *b)* Na *Lagoa Escura* nenhum pastor da Estrella vae nadar, porque dizem elles que lá ao meio os puxam para baixo, e que existem nella bichos que comem a gente (*Diario de Noticias*, n.° 5595). *c)* Na *Lagoa Comprida* ouvem-se ás vezes como que carpinteiros a martellar (ib. ib.) *d)* Na *Lagoa Escura* ha o palacio de um Mouro encantado, guardado por um gato selvagem que se desencanta com as treze palavras sagradas, ou *Oração do Anjo Custodio* (ib. ib.).

181. V—Mar. Apesar de Portugal ser um paiz de navegadores, não tenho recolhido nem muitas, nem muito extraordinarias tradições do mar. O que ha abundancia é de cantigas maritimas.

182. S. Pedro tem duas *chaves* na mão: uma do ceu, outra do mar. A primeira é de oiro, a segunda é negra. A agua do mar trabalha sempre, pelo castigo de Deus (*vid.* § 1), mas não sae do seu logar, pelo poder da *chave* de S. Pedro (Famalicão). O mar é traiçoeiro como um lobo; só quer agarrar gente (Ancora).

183. O mar é *sagrado;* e por isso não se lhe devem lançar cousas immundas; mas lançando-lh'as, elle deita-as fóra (Ancora). A ideia do mar sagrado contem-se nestes versos de varias terras (Minho, Douro, Beira-Alta):

Quando Deus formou Adão
De uma mão-cheia de barro,
Nem a terra dava pão,
Nem o mar era sagrado.

Quando Deus formou Eva
De uma costella de Adão,
Nem o mar era sagrado,
Nem as terras davão pão.

Ó mar de Christo sagrado,
Quantas almas tens em ti?
Já me lá tens o amor,
Já te vingastes de mim!

Se vires o mar vermelho,
Não te assustes, que é sagrado,
Que são lagrimas de sangue,
Que por ti tenho chorado.

184. No mar tambem andam Bruxas vestidas de branco, a bater palmas [outro caracteristico das Bruxas] e a dançar sobre as ondas. Os pescadores já se não assustam d'ellas (Ancora).

185. A crença nas Sereias é ainda viva. Ellas são raparigas da cinta para cima e peixes da cinta para baixo. Cantam muito bem e enganam os navios (Minho, Beira-Alta, Traz-os-Montes, Galliza).[62]

Ouvi cantá-la Sereia
Lá no meio d'esse mar:
Muito navio se perde'
Ao som d'aquelle cantar.

Lá no meio d'esse mar,
Ouvi cantar, escuitei:
Sahiu-me a Senhora Sereia
Lá no palacio d'êl-rei.

São vulgares estes versos, fragmentos de um romance popular, mas que se dizem como *cantiga*:

Esta noite, á meia-noite,
Ouvi um lindo cantar:
Eram os anjos no ceu
Ou as sereias no mar.

---

[62] E' a mesma ideia da antiguidade classica.

Na Galliza dizem:

A *Sereia* no mar
E unha linda bizarra,
Que por unha maldicion,
Tên-na Dios nesa auga.

Valla-me Dios! como canta
A *Sereia* no mar...
Os navios dèron volta
Para y-a ouir cantar.

Nos Açores (vid. Th. Braga, in *Harpa*, p. 61, 2.ª serie) ainda existe a crença nas *Fadas marinhas*, ou sereias, que véem pentear-se á praia. Nuns romances da ilha de S. Jorge (*Cantos pop. do Archipelago Açoriano*, por Th. Braga, n.os 28 e 32) diz-se:

Que vozes do céo são estas,
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céo,
Ou as Sereias no mar.

Escutae se q'reis ouvir
Um rico, doce cantar!
Devem de ser as Marinhas
Ou os peixinhos do mar.

186. No nosso povo falla-se do *mar coalhado*, aonde os navios em chegando não podem ir avante. E' o oceano glacial. (Cf. *Rev. de Ethnolog.* de Ad. Coelho, fasciculo 4.º).

187. *a)* Quando alguem toma banhos de mar é bom tomar numero impar d'elles. *b)* No dia de S. Bartholomeu cada banho vale por sete. Nesse dia o povo vae em romaria com musica e dança ao mar, em honra do santo, que, ao que parece, gosa o papel de uma verdadeira divindade maritima.

O' vida da minha vida,
O' lari, ló lé, sou eu:
Venho da Senhora-Nova,
Vou p'ra o S. Bértholomeu

Esta viola é minha
Este pandeiro é meu:
Este bandinho de môças
Vae p'ra o S. Bértholomeu.

188 Os navios, tanto os antigos como os modernos, têm invocação de santos. Nuns e noutros se vêem na proa figuras symbolicas.

189. Cantigas ás aguas:

Fui-me sentar a dormir
Ao pé da auga que corre;
A auga me respondeu;
— Quem tem amores não dorme!

Rio que vaes para baixo;
Diz'-me se levas areia;
Leva-me esta carta, rio,
Ao meu amor que a leia.

Já corri o mar á vela,
C'uma vela branca accesa:
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

Já fui ao mar de joelhos,
De joelhos fui ao fundo;
Por via de ti, menina,
Ia até ao cabo do mundo.

O mar pediu a Deus peixes,
Para andar acompanhado:
Q'ando o mar quer companhia,
Que fará um desgraçado!

S. João por vêr as moças
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata.

O mar pediu a Deus auga
E os peixes a Deus fundura;
Os homens a Deus riqueza,
E as mulheres formosura.

Já me vejo no mar largo,
Perdi esperança á terra:
Já não vejo senão auga,
Mar e vento que me leva.

Lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa:
Lá vem o meu amorzinho,
Assentadinho na proa.

Tambem o mar é casado,
E' casado, tem mulher:
E' casado com a areia,
Bate nella q'ando quer.

190. Adivinhas populares:

São tres cousas:
Uma diz que vamos,
Outra que fiquemos,
Outra que dancemos?
Agua, areia, espuma.)

Que é, que é,
Redondo como um cesto,
Comprido como uma corda?
(Poço).

Alto como um pinheiro,
Redondo como um pandeiro?
(Poço).

191. Dictado popular:

Agua molle em pedra dura
Tanto dá, até que fura.

CAPITULO V

A terra

[Ao descrever a Lusitania e a Gallaecia, diz Justino: «In hujus gentis finibus sacer mons est, quem ferro violare nefas habetur; sed, si quando fulgure terra proscissa est, quae in his locis assidua res est, detectum aurum, velut dei munus, colligere permittitur.» (*Hist.*, lib. XLIV, 4). — Nas *Inscriptiones Hispaniae latinae*, do snr. E. Hübner, vem, a pag. 363, esta inscripção achada em Orense em 1835: TELLVRI || C SVLP || FLAVVS || EX VoTo || . — De Isis, que parece symbolisar a terra, traz Hübner uma inscripção, ISIDI. DOMINAE etc.; (*Notic. Arch. de Port.* p. 26) e em Braga ha tradição de um templo á mesma deusa. — Aproximando-nos mais dos tempos modernos, encontramos nas *Constituições do bispado de Lamego* (anno 1563, p. 135) esta disposição: «Defendemos e mandamos que com as procissões nam vam a *outeiros*, nem *penedos*, mas soomente aa igreja, ou hermida, onde se faz ho officio divino. E nellas nam vsaram doutras palauras nem de clamores, etc.»

Do antigo culto dos montes parece ter ficado uma lembrança nas modernas denominações: *Monsanto, Monsão* (Monte santo), etc.]

---

192. No principio do mundo, quando o homem cavava a terra, esta abria bôcas e gritava. O homem quei-

xou-se ao Senhor, e o Senhor disse á terra: «Cala-te, que tudo crearás e tudo comerás.» (Beira-Alta, Beira-Baixa, etc.).

A cantiga popular diz mesmo:

Se passares pelo adro,
No dia do meu enterro,
Dize á terra que não coma
As tranças do meu cabello.

193. A ideia do ceu chovendo sobre a terra é para muitos povos uma ideia sobrenatural, e em vez do phenomeno meteorologico, vêem o phenomeno de fecundação, no sentido animal d'esta palavra. No Velho e Novo-Mundo encontra-se a prova do que dizemos. Quando chove e ao mesmo tempo faz sol, affirma tambem o nosso povo, segundo me informa o meu condiscipulo Chaves de Oliveira, que é o sol a mandar perolas para a terra se enfeitar (Porto. Cf. §§ 24 e 128). [63]

As cantigas dizem egualmente:

Esta noute, choveu ouro,
Diamantes orvalhou, etc.

Lá vem o sol peneirando
Aljofre sobre as meninas, etc.

194. E' uma phrase usual: *F. é filho* (ou *filhote*) *de tal terra*. Tambem se diz: *mãe patria*.

195. Quando ha um echo num valle, monte, etc., diz sempre o povo que é uma *Moura encantada a fallar* (Guimarães, Regoa, Famalicão, Paredes, Santo Thyrso, etc.). [64]

---

[63] Na Polynesia diz-se que os nevoeiros são suspiros da terra para o ceu, seu esposo. As *gottas de orvalho* são lagrimas que o ceu lança sobre o coração da terra sua esposa. (G. Grey, *Polynesian Mythology*, p. 1 etc., apud Tylor, op. cit. p. 371). Cf. a *chuva de ouro* de Zeus sobre Danae.

[64] Toda a gente sabe que na mythologia classica, por ex., este phenomeno acustico era personificado na nympha Echo.

196. Poucas terras haverá em Portugal, onde se não falle de Mouros ou Mouras habitando grutas, montes e outeiros. *a)* Em Castro Daire ha uma *Cova da Moura*. *b)* No monte da *Órada* (Cabeceiras de Basto) existe uma furna com Mouros encantados; d'antes, quem os queria ir ver, ia á boca da furna e mostrava um *lenço vermelho*: elles vinham logo ao vermelho. *c)* Em S. Pedro-do-Sul diz-se que as Moiras estão encantadas nos outeiros, metade cobras e metade gente. Quem deitar leite nas lages, ou mostrar *cousas burmelhas* (vermelhas), como um lenço, uma faxa, etc., dizendo: «Toma lá esta prenda, e deixa a que trazes, mas deixa-a desencantada», a Moura deixa um monte de dinheiro; mas se se lhe disser: «Deixa-a encantada», fica um monte de carvão. As Mouras apparecem *de manhê* (de manhã) antes de nascer o Sol (e tambem na manhã de S. João) a estender meadas de ouro *por riba* (por cima) dos outeiros. Os encantados tem muita força, e até podem com um outeiro á cabeça; foram os Mouros que puzeram a Sé em Vizeu, numa só noute. *d)* No monte do Castello de Santa Christina (ao pé de Vermoim no Minho) havia d'antes uma Moura em fórma de cobra com orelhas. Toda a gente fugia, que ella até tombava o matto quando passava; mas um rapaz que promettêra matá-la, tomou uma arma, e sentou-se numa pedra á espera; tanto esperou, que adormeceu. A cobra veiu, deu-lhe um beijo e transformou-se numa bonita môça, que casou com o rapaz. Depois viveram muito felizes. *e)* Contou-me um homem de Rezende que uma vez cahira num campo uma arribada (terra e parede que se esboroam), porque estava lá mettida uma *Moura*, que logo fugiu. *f)* Num monte da freguezia de Mosellos, concelho de Feira, existem tres pipas enterradas, uma contendo *peste*, outra *azeite* e outra *oiro*; todos querem ir buscar a do oiro, mas receiosos de encontrar a peste não vão lá.—A estas *pipas* ou *talhas* anda ordinariamente ligado o nome dos Mouros. Em Portêllo, ao pé da Regoa, falla-se de uma mina com peste e oiro do tempo dos Mouros; mas para ir desenter-

rar o oiro, tem de se passar pela peste, o que causaria a desgraça da povoação proxima. *g)* Na Serra da Estrella ha, segundo a crença, muitos *haveres* (thesouros) encantados.

197. Segundo diz o snr. Consiglieri Pedroso (em *O Positivismo*, pag. 451-452, *Estudos de Mythographia Port.* I) ha dois montes ao pé de Penella, em cada um dos quaes estabeleceram outr'ora dois ferreiros gigantes as respectivas forjas; os ferreiros tinham um só martello, mas, apesar dos montes distarem uns 2 kilometros, atiravam-no um para o outro quando precisavam d'elle. Uma vez o martello desencavou-se; o ferro cahiu na encosta do monte Mello, e ahi brotou logo uma fonte; o cabo, que era de madeira, espetou-se na terra, a mais de 2 kilometros, e ahi se reproduziu um zambujo que deu nome á terra do Zambujal.

198. Num sitio de Santa Leocadia de Briteiros, numa mina, ninguem passa porque está lá o *Diabo Negro* no meio de uma fogueira. Quem ahi passasse de noite, seria pelo menos derribado.

199. Na maior parte dos montes ha capellas christans; quasi sempre as imagens são achadas por um pastor ou pastora de gado, e levadas para a egreja mais proxima; mas depois *fogem* para o mesmo sitio, o que significa que ellas *querem* ter alli um templo.

CAPITULO VI

As pedras

[Segundo o historiador grego Ephoro, havia no *Sacro Promontorio* (cabo de S. Vicente; a designação de *sagrado* não se perdeu) um *fanum Herculis;* apesar porém disto, o geographo Strabão diz: «Sed ibi neque fanum Herculis monstrari (*id enim Ephorum finxisse*), neque aram, neque alius ullius deorum, sed lapides multis in locis ternos aut quaternos esse compositos, qui ab eo venientibus ex more a majoribus tradito convertantur translatique fingantur.» (Strab. Geogr. ed. Didot, Paris 1853, cap. I, 4). O facto affirmado por Ephoro não fica destruido com as palavras de Strabão: Ephoro morreu 330 ou 300 annos antes de Christo; e Strabão no seculo I antes da era christã, de modo que em tanto espaço de tempo podia a tradição do *fanum* ter desapparecido. Ainda que Strabão seguisse a opinião de Artemidoro, este pertence ao mesmo seculo que elle. Além d'isto sabe-se que Ephoro era um escriptor consciencioso, e que, não muito longe, no Calpe, havia as celebres columnas.

No trecho transcripto do Concilio de Braga (pag. 67) vimos em vigor o culto das pedras *(saxa)* no principio da Edade-media; o mesmo culto nos apparece nas *Constituições* do bispado de Lamego (sec. XVI) citadas a pag. 85. A virtude das pedras de ara, e o costume de lançar pedras em agua para chover acham-se patentes em varias Constituições (ex.: de Braga de 1538 p. 72; de Lamego de 1563, p. 208; de Evora 1594, XXV, 1). A's pedras andam ainda ligados muitos costumes e superstições. Num documento da era de 949 (apud PORTUGALIAE MONUM. HISTOR., — *Diplom. et Chartae,* doc. XVII, pag. 11 e 12), tractando-se da *terminatio territorii Ecclesiae sive*

Monasterii Dumiensis, diz-se: «*Invenimus ibidem in petra caracterem Sancti Vicentij, et ex inde in alia petra invenimus Cruce*» e falla-se da *barca, qui sedet sculta in petra;* da *petra scripta ubi dicet Sanctae Eolaliae, ubi dividet Dumio, Culina* etc.; da *petra scripta, ubi dicet Terminum*, e de varias *petras fictas, qui ab antico pro termino fuerunt constitutas* (De *Petraficta* parece ter resultado o nome de povoação *Perafita* ou *Perafitta*, pela mudança normal do primeiro *t* em *d*,—*Petra*=*Pedra*—, quéda d'este, —ex. *mare*=*madre* —, e assimilação ou syncope do *c*.) — As freguezias e concelhos são ainda hoje separados por cruzes esculpidas em pedras, ou marcos de pedra. Em um d'estes marcos na B. Alta dizem-me que ha ou houve uma raza esculpida, que era a medida do concelho.—Nas ruas, aqui no Porto por ex., abundam umas pedras cylindricas, chamadas *Frades*, cuja significação está perdida, mas que são evidentemente um vestigio de cultos phallicos, como se reconhece pela comparação com outras de Italia, etc. Em algumas torres de Egrejas, por exemplo na da Senhora da Oliveira em Guimarães ha, num angulo, uma figura licenciosa de pedra, muito notavel. -- Nas aldeias encontram-se a cada passo penedos isolados com cruzes ou paineis, no meio de caminhos solitarios; muitos d'elles (o que porém lhes não é peculiar), tem já uma caixa para esmolas, já em volta uma multidão de braços e pernas de páo que os devotos alli deixam como um *ex-voto*. Além d'este ultimo reflexo do culto pagão dos penedos, temos ainda os *Senhores da Pedra* e as *Senhoras do Pilar* e *da Penha*. — Deixamos em claro o que a sciencia prehistorica no nosso paiz nos revelou sobre as pedras, isto é, do uso d'ellas para os primitivos instrumentos e para os monumentos dolmenicos, cromlecks, menhires, pedras-balouçantes, etc.; basta que digamos que os instrumentos se transformaram em *pedras de raio* (§ 146, *b*), etc., e que alguns dolmens se chamam *Pedras dos mouros*, etc.]

---

200. *a*) Quem quer saber se casará ou não, e quando, vae ao *Penedo dos casamentos* que fica ao pé da Povoa de Lanhoso, volta-lhe as costas, e atira-lhe com uma ou mais pedras; conforme a primeira, segunda, etc. acerta ou não acerta no penedo, assim a pessoa casa ou não casa nesse anno, no seguinte, d'ahi a tres, etc. *b*) Em Prazins, ao pé de Guimarães, ha outro *Penedo dos casamentos*, que o snr. Martins Sarmento e eu visitámos em Abril de 1881; é um penedo de granito, sem signal algum archeologico, mas fica

ao pé do *Monte de S. Miguel*, onde existem tradições de Mouros e vestigios de antiguidades. *c)* Em Baião ha uma variante d'estes oraculos; o penedo chama-se *Penedo dos cornudos*. (Cf. o que adeante dizemos do cuco).

201. Na egreja de S. Miguel do Castello, em Guimarães, ha uma Santa Margarida advogada dos partos. A mulher que quer saber se terá filho ou filha vae atirar *tres pédrinhas* a uma fresta que existe por cima da porta travéssa do sul; se alguma das pédrinhas entra pela fresta, terá filho; se não, terá filha. (Cf. outro processo identico adeante e no § 96).

202. Em Gondomar, uma legoa ao nascente de Briteiros, margem esquerda do Ave, a mulher que anda no seu estado interessante vae ter com o padre da freguezia para este raspar um pedaço de pedra de Anção (que vem d'um monte proximo onde houve uma capella a S. Simão); a mulher recolhe numa saquinha umas pitadas de pó, e trá-las ao seio para ter um parto feliz. A saca é de novo entregue a S. Simão.

203. Na serra de S. Domingos, ao pé de Lamego, ha uma pedra comprida, na qual as mulheres estereis se vão deitar para serem fecundas. [Uma pessoa da minha familia conhece varias mulheres que lá foram para o fim indicado].

204. Em Portugal existe a seguinte cantiga popular:

> Tres voltas dei ao *penedo*
> Para namorar José:
> Namorei-o em tres dias,
> Valeu-me a mim dar ao pé;

á qual o snr. dr. Theophilo Braga faz o seguinte commentario (*Orig. poet. do Christianismo*, p. 134-5): «o culto das *pedras phallicas*..... apparece aqui na ideia de casamento ligado á de uma dança em volta do penedo ou menhir.»

205. *a)* Na freguezia de Requião (c. de Famalicão) ha um penedo, chamado *Pedra leital*, com umas mamminhas [naturaes ou artificiaes?] aonde as mulheres para terem o leite que lhes falta, vão mammar. Nesta occasião, as mulheres dão tres voltas ao penedo. Ao pé está a capella de *S. João da Pedra Leital*. Independente da tradição oral, encontro no padre Carvalho o seguinte: «Ha aqui (Requião) uma Ermida de *Nossa Senhora de Pedra Leital*, aonde da parte de fóra está um penedo com uma verruga a modo de peito de mulher, aonde vão mamar as que lhes falta leite para criarem os filhos» (*Corografia*, p. 288, Braga 1868). Carvalho prende esta superstição com uma identica que ha em Jerusalem. *b)* As mulheres trazem ao pescoço parece que uma pedrinha chamada *leituario* (Traz-os-Montes), e uma conta chamada *conta leiteira* (Beira-Alta) para attrahirem o leite ao peito. [65]

206. *a)* O rapaz que trouxer uma pedra de ara é mais feliz nos seus namoros (Fife no Minho; Gaia). *b)* A mulher que tirar um bocado de pedra d'ara do altar, emquanto o padre diz missa, não terá filhos (S. Thyrso). *c)* As mulheres que puzerem a mão na pedra d'ara, não

---

[65] Nos §§ precedentes vê-se o caracter mais ou menos fecundo das pedras. Nada d'isto nos é particular. No valle de Labroust (Pyreneus), principalmente nas aldeias de Pouheau, Portet, Jurvieille, em vão os sacerdotes mandam destruir as pedras junto das quaes os namorados combinam encontrar-se (E. Désor, — *Mélanges scientifiques*, Paris 1879, pag. 210). As mulheres do Ganges banham com a agua sagrada os signaes gravados em rocha, para serem fecundas (id. ib. p. 201). Na aldeia de Mouthier, em Bresse, as mães cujos filhos tinham morrido, iam rolá-los pela *pedra de S. Vito*, na esperança de os ver resuscitar (id. ib. p. 202). As mulheres de Oisans tinham uma superstição identica com a *pedra de S. Nicolau*, de fórma conica (id. ib. ib.). Os recem-casados vão ainda esfregar o estomago pelo menhir de Kerloaz, para serem fecundos (F. Simões, — *Introd. á Arch.* p. 78). Etc, etc.

terão filhos (Moncorvo). *d)* As pedras de ara trazidas ao pescoço, em saquinhas, gosam de certa virtude; perdem porém a virtude, se se lhes tocar. *e)* E' peccado pôr a mão nas pedras d'ara dos altares (passim).

207. Disseram-me que no fundo do monte da Ranha, ao pé de Mondim da Beira, ha uma pedra muito lisa chamada *Pedra de Nossa Senhora,* onde ninguem deve passar, porque é o mesmo que pisar a Senhora.

208. *a)* No Marão, junto á antiga estrada de Villa Real para Amarante, e na serra de Mantellinha, estrada de Villa-Real para o Douro, ha muitas cruzes que indicam mortes; junto das cruzes cada viandante resa um Padre-Nosso e deita uma pedrinha (Informação do snr. Bernadino Rebello). *b)* Ao pé de Rio Tinto, junto á *Serra da Mulher Morta*, conserva-se tambem o costume de deitar uma pedrà e resar um Padre-Nosso, ao pé de uma cruz de ferro que ahi ha e assignála morte. Ninguem deve tocar nos monticulos de pedra (Informação do snr. Leite de Faria. Vid. o meu art. *Tradições das Pedras*, na *Era-Nova* pag. 78, § 3.º). *c)* O meu amigo Teixeira Bastos, no op. *Conservação e Evolução*, p. 12, (extracto do *Positivismo*), dá conta de um costume identico em Cabeceiras de Basto. Tenho ouvido fallar do mesmo costume noutras muitas partes. *d)* Estes montes de pedra eram chamados *Fieis de Deus,* e d'elles falla Viterbo no *Elucidario*. Em Lisboa ha uma travessa com essa denominação; e em Mondim da Beira um caminho). [66]

209. São vulgares os penedos em que se diz que existe a pégada ou de um santo (*pégada de S. Gonsalo*, no

---

[66] Este costume encontra-se em mais partes fóra de Portugal. Basta-me citar Sven Nilsson. *Habit. primitiv. da Scandin.*, trad. fr., p. 259, Spencer, *Princip. de Soc.*, I, p. 230, etc.

Penedo da Moira ao pé de Felgueiras) ou de um burro (no *Penedo da santa* no Paraizo ao pé de Guimarães. Esta ultima *pégada* é apenas uma lascadella natural e irregular; o snr. Martins Sarmento e eu visitámos em 1881 este penedo e não se lhe encontrou cousa notavel, só ao pé, no monte, onde abundam fragmentos de telha antiquissimos, appareceu um machado prehistorico de pedra polida), ou de Mouros (no *Penedo dos Mouros* ao pé de Braga), ou ainda de Jesus (*pégada de Jesus* em Cabeceiras de Basto). Ao pé de Lamego ha a *Fraga do Diabo* com pégadas de animaes e gente. Na Galliza ha varias pégadas da Virgem (Ferrol). Ao pé de Taboaço ha um Penedo da moura, onde se vê esculpida uma *chinella*. Tambem ahi está o cavallo de pedra que era onde d'antes os Mouros andavam a cavallo. No castello de Cabris (Taboaço) vêem-se nas pedras como que açafates e pratos esculpidos, do tempo dos Moiros. [67]

210. *a*) Em Mondim da Beira ha o *Penedo Encavallado*, em que na noite de S. João apparece uma Moira sentada a pentear os cabellos de ouro, ou a estender meadas tambem de ouro, tendo ao pé uma mesa posta com figos seccos; quem metter no bolso os figos fica rico, porque elles transformam-se em ouro (vid. os meus *Fragm. de Myth. Pop.*, § 1.º). *b*) «Na noite de S. João apparecem nas fontes e nos penedos, as *bichas mouras* sob a figura

---

[67] Desde uma alta antiguidade se encontram superstições identicas. Herodoto falla das pégadas de Hercules na Scythia. Na America do Norte apparece tambem varios *foot-prints of man* (vid. The archeological collection of the United States National Museum, by Ch. Rau, Washington 1876, p. 57). No monte Olivete vê-se a *pégada de Christo*. Na Asia ha muitas pedras com a pégada de Budha. O nosso grande Camões, diz de um monte de Ceylão (Lus. x, 136):

Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.

Cf. Desor, *ob. cit.*, art. *Les pierres a écuelles*, p. 184, 207, etc.

de cobras, com cabello na cabeça. Trazem uma tesoura de ouro nas mãos, e, quando encontram alguem, perguntam-lhe: «qual quereis vós, os meus olhos ou a minha tesoura?» Se a pessoa responde que quer antes a tesoura, as «bichas mouras» vão-se embora muito tristes; se pelo contrario a pessoa interrogada diz que antes quer os olhos, ellas trepam por ella á cima, dão-lhe muitos beijos e desencantam-se, transformando-se em formosas raparigas, depois do que dão em paga muitas riquezas.» (Oliveira de Azemeis. Apud C. Pedroso, *As mouras encantadas*, pag. 7). *c*) Na Serra da Estrella, os tesouros guardados pelos Mouros chamam-se *haveres*. Na *Talada*, debaixo de uma lapa, ha uma caldeira com um haver; só ha-de desencantá-lo

> Maria Guedelha
> Ou fita de orelha,
> Ou ferro de relha.

No *Fragão do Pecego* ha outro haver; mas o fogo não entra com a lapa que o cobre, e mais já se experimentou. A broca salta, e o fogo solta-se da pedra, e foge para o ar. (E. Coelho: *Quinze dias na Serra da Estrella*, in *Diario de Noticias* n.º 5596). *d)* No monte da *Órada* (Cabeceiras de Basto) disse-me um homem que ha uma pedra de Mouros com riquezas; já lá foi um padre com uma gallinha preta, um cão e um gato (cf. os meus *Fragm. de Myth.*, pag. 8) para as desencantar, mas começou a *trovoar* muito (trovejar), e transtornou-se tudo.—Esta circumstancia da trovoada tenho-a encontrado em mais partes: No sitio de Sumes (ao pé de Guimarães) appareciam umas Moiras na manhã de S. João com enfusas *mârêllinhas* (amarellas); uma vez foi lá gente e começou a *trovoar* com grande tempestade, e appareceram muitos mosquitos.—Num sitio da Galliza (segundo me informou um gallego) havia tambem uma *Moira encantada*, que apparecia da cinta para cima a pentear-se, mais linda que a Lua; foi lá uma vez um padre com *sete freguezias* para a desencantar, mas ella disse que queria

tornar a baixo a buscar as joias, e apenas foi, armou-se tal tormenta de relampagos e trovões, que todos tiveram de fugir, e o padre até deixou ficar o *livro dos encantos.* [68]

211. *a)* As Moiras andam ás vezes a fiarem com a roca á cinta, acarretando ao mesmo tempo pedras á cabeça para certas obras, como o convento da Villa da Feira e a torre de Leça do Balio. A *pedra formosa* da Citania de Briteiros foi por uma Moira levada á cabeça desde o alto de S. Romão até S. Estevão, emquanto fiava na roca. Em Prazins, ao pé de Guimarães, ouvi representar as Mouras do mesmo modo (Vid. os meus *Fragm. de Myth. Pop.*, p. 9, § 3.º). [69]

b) Ao pé da Serra da Estrella affirma-se que na construcção de uma ponte andava a *Mãe do Diabo,* fiando numa roca, a levar pedras á cabeça para lá. (Vid. o meu art. *Trad. pop. da Serra da Estrella,* na *Justiça Port.,* n.º 115).

212. Um homem tinha uma vez uma pedra quadrada com que gradava as terras. Disse-lhe uma voz que botasse a pedra ao rio, mas que ficasse com um bocado. O homem assim fez. Ouviram-se logo grandes gargalhadas pela agua abaixo, e o bocado com que o homem ficou mudou-se em oiro. Eram Moiras encantadas (Moncorvo).

---

[68] Assim como no nosso paiz os monumentos prehistoricos (dolmens) são habitados pelos Mouros, na Baixa-Bretanha, por ex., são habitados pelos *Nains* (Anões).

As Mouras dos montes e penedos é provavel que não sejam o mesmo que as das fontes. Ainda que as aguas saiam tambem das rochas e das montanhas, o culto das pedras acha-se muito bem estabelecido na crença popular para que o possamos confundir com outro. As Mouras tem uma significação mais vasta do que á primeira vista póde parecer.

[69] J. Grimm ao fallar da analogia entre as gigantes (riesenjungfrauen) e as fadas, diz; «die feen tragen ungeheure felsblöcke auf dem haupt und in der schürze, während sie mit freier hand ihre spindel drehen.» (*Deutsche Mythologie,* Berlim, 1875, p. 342).

213. No concelho da Maia, quando alguma rapariga se não porta bem, é costume juntarem-se as donzellas da terra com grandes abadas de pedras e irem á noite apedrejar-lhe o telhado (Informação do snr. Leite de Faria). [70]

214. *a)* Quem vae a primeira vez a uma terra, deve *pagar a patenta* ou *a cabrita,* isto é, deve pagar vinho, doce, etc., a qualquer amigo, e metter na boca um seixinho para memoria (Taboaço, Carrazeda d'Anciães, etc.; cf. § 173). *b)* Em Rio de Moinhos, ao pé de Vizeu, cada pessoa que vae a primeira vez á romaria da *Senhora da Lapa de Longe*, não só, em certo sitio da jornada, mette um seixinho na boca, mas deita uma pedra ao pé de outras mais que estão em monte (cf. § 208), e paga *a cabrita* ou *patenta* (patente) aos companheiros.

215. As pedras de calçada não se devem empregar na construcção de muros ou paredes, porque ao fim de sete annos dão uma volta (C. Pedroso, *Varia,* 235).

216. O raio é uma pedra. Cf. § 146, *b.*

217. Só junto de um penedo é que a operação de talhar surte effeito. Se é creança quem tem de ser talhado, leva-a o pae e não a mãe (Guimarães).

218. Ha uma superstição de que as andorinhas abrem os olhos aos filhos com uma pedra que se chama *pedra de andorinha* (Douro). [71]

---

[70] O antigo castigo do apedrejamento é muito sabido para que me seja preciso insistir nelle.

[71] Na Cornualha falla-se numa pedra polida e em fórma de ovo, que tinha a propriedade de dar ás pessoas cujos olhos eram tocados com ella a faculdade de ver os Anões (*Nains)* quando estes se tornavam invisiveis (*Trad. e Superst. de la Basse-Bretagne,* por Le Men, in *Rev. Celt.* I, p. 231). Cf. tambem *Les admirables secrets d'Albert le Grand,* — Lyon 1768, p. 95-96.

219. Ha varios dictados das *pedras*. Ex.: *pelos santos se adoram as pedras e as paredes* (Maia, etc.); *fallar com sete pedras na mão; armas de Santo Estevão; dorme como uma pedra; as paredes têm ouvidos* (passim); *faz rir as pedras* (passim). Aos dois ultimos se referem as cantigas:

Namorados, fallae baixo,
Que as *paredes têm ouvidos;* [72]
Os amores encobertos
E' que são os mais queridos.

Se eu soubera cantar bem,
Como sei notar cantigas,
Eu fizera ril-as pedras,
Q'anto mai-las raparigas!

220. Eis outras cantigas em que entram as *pedras.*

Fui lastimar minha sorte
Em cima de dois penedos:
Um se levantou e disse:
—Não descubras teus segredos.

Assubi-me ao penedinho
Para a auga ver correr;
Não sei que amor é o teu
Que me não póde esquecer.

221. Ha dous jogos chamados o *jogo das pédrinhas* (Beira-Alta, Minho) e o *jogo das mécas* (Moncorvo), em que os rapazes e raparigas tem *um certo numero de pequenas pedras na mão* que atiram ao ar a pequena altura. [73]

222. Ha entre nós, por ex. no concelho de Tarouca, várias *pontes pedrinhas,* por opposição certamente a *pontes das taboas* (no mesmo concelho, por ex.). [74]

---

[72] Os Italianos dizem: *Anche i boschi hanno orecchi.* Na Edade Media dizia-se tambem: *Aures sunt nemoris.*

[73] Estes jogos são alguma cousa parecidos com o jogo dos Astragalizontes, descripto no *Dicc. des Antiq. Rom.* de Anthony Rich, trad. fr.

[74] A palavra *pedrinha* é um adjectivo, derivado de *petrinusa,* que se encontra em Du Cange, como significando *lapideus, e petra factus,* e é evidentemente derivado de *petra.* Du Cange cita doc. com *muro petrino, monumenta petrina,* etc. *Ponte pedrinha* significa pois a lettra: *Ponte de pedra.*

CAPITULO VII

Os metaes

[Temos encontrado muito pouco nos escriptores antigos a respeito dos metaes. A pag. 85 citamos já um texto de Justino. A pag. 67 citámos uma *Constituição* em que se falla de benzer com espada. Nas *Ordenações Menuelinas* (seculo XVII) manda-se que *nem faça pera adeuinhar figuras ou imagẽs algũas de metal* (apud. *Ethnogr. Port.* de Ad. Coelho, § 43. Cf. o meu art. *Tradições dos Metaes,* § 10).— A respeito da espada, sabe-se que D. Sebastião pediu aos frades de Santa Cruz de Coimbra a espada de D. Affonso Henriques, para vencer com ella em Africa; a lenda acrescenta que a espada esqueceu no navio. Este facto faz lembrar não sò a espada invencivel de Balmung mas o facto succedido com Nidung, que, marchando com um exercito contra o inimigo, reparou que se tinha esquecido da sua *pedra de victoria.*—Gil Vicente, obras II, p. 415, no acto de introduzir a Moura para fadar D. Beatriz, ennumera as tres cousas que hade levar: o *terçado* para vencer, o *dedal* e o *annel* para saber o que se faz pelo mundo (ainda hoje se diz que temos um dedo que adivinha). Do annel e da espada falla o adagio:

A espada e o annel
Segundo a mão onde estiver.]

---

223. As Bruxas são principalmente afugentadas por

*

meio do ferro e do aço, como se vae ver. [75] *a)* Quando uma mulher dá á luz um filho, espeta um prego de aço no chão, para a creança não ser enfeitiçada (Penafiel, etc.). *b*) Para as Bruxas não sugarem o sangue dos recemnascidos, deve pôr-se debaixo do travesseiro uma tesoura de aço aberta em cruz [aqui á virtude do aço está reunida a da cruz] (Vimieiro, Sinfães). *c)* Para as Bruxas não ouvirem o que se diz d'ellas, deve-se ter de deante uma tesoura ou navalha aberta que contenha aço (Sinfães). *d)* E' muito usado no Porto (nas ruas mais afastadas do centro da cidade), Beira etc., pregar na pórta da casa uma ferradura de pé esquerdo e com numero pernão de buracos, por causa das Bruxas, do arejo, etc. [Segundo o Snr. Th. Braga,—in *Harpa,* 1876, p. 61,—nos Açores é tambem costume pregar no mastro da ré uma ferradura de pé esquerdo de uma mula; é para livrar de raios]. [76] *e)* Do borborinho sae uma Feiticeira ou Bruxa [quem me disse isto, confunde as designações de Bruxa e Feiticeira] quando se lhe atira com um

---

[75] Tylor diz: «Les djinns de l'Orient ont une telle terreur du fer, que son nom seul est un charme contre eux (Cf. § 223, *g)*: de même, suivant les traditions populaires de notre Europe, le fer disperse les elfes et les fées et détruit leur pouvoir.» (*Civil. Primit.,* I, p. 166).

[76] Note-se na superstição portugueza a coincidencia de ser *impar* o numero de buracos (*Numero deus impare gaudet:* Verg., *Egl.* VIII, 75), de ser *esquerda* a ferradura (o lado esquerdo é agoureiro: cf. *entrar em casa com pé esquerdo),* e de ser a *mula* um animal amaldiçoado, segundo a crença.

O mesmo ethnographo Tylor continúa: «Or, quant au fer, les sorciers sont de la catégorie des elfes et des esprits qui causent le cauchemar. Les instruments de fer les tiennent à distance. A cet usage on emploie de préférence *les fers à cheval,* comme nous le montrent, en Angleterre, la moitié des portes d'étables.» (ib. p. 166).

Os indigenas da Africa trazem uma argola de ferro ou cobre nos pés, ao que chamam o seu feitiço (*Alm. de Lemb.* 1874, p. 121). Plinio diz que se pregava nas portas das casas de campo um *rostrum lupi* por causa de cousas más (H. N., XXVIII, 44).— Além das ferraduras, o nosso povo usa ainda dependurar nas casas chifres, etc.

canivete aberto (cf. § 104). *f)* Trazem-se anneis de aço nos dedos para evitar feitiços, gôta, etc. (Beira-Alta, etc.). Segundo uma versão de Gondomar, este annel deve ser feito em 5.ª feira santa. *g)* Para se fazer fugir uma Bruxa que se encontre, cruzam-se as pernas e diz-se (Minho; *Alman. de Lembr.* de 1870, p. 140):

Tu és *ferro,*
E eu sou *aço,*
Tu és o Diabo
E eu te embaço.

224. *a)* Quando troveja, e está uma gallinha no chôco, põe-se um bocado de aço entre os ovos para elles não gorarem (Moncorvo, Gondomar, etc.) *b)* Quarta feira de trevas põe-se um ferro sobre a ave que choca ovos, para elles não gorarem (*Alm. de Lembr.* 1860, p. 202). [77]

225. Quando por acaso cae uma tesoura ao chão, vem uma visita (Porto). Ha varios meios de fazer com que se vá embora: deita-se sal no lume (C. Pedroso, *Varia*, n.º 345); ou põe-se atraz da porta uma vassoura com o cabo para o chão (Extremadura); ou diz-se (se a visita não vae embora por causa da chuva):

Elle chove
E choverá:
Quem stiver na casa alheia,
Se tiver vergonha, ir-s'ha. (Gondifellos).

A visita diz tambem comsigo:

---

[77] Plinio e Columella dizem exactamente o mesmo. Na Sicilia ha superstições identicas. A. de Gubernatis, que as cita, diz que lhe parece, pela interpretação de um hymno, que na antiguidade vedica existiam superstições identicas. (*Myth. Zool.* t. II, p. 296-97.)

Se eu stivesse em minha casa,
Assim como stou na alheia,
Mandava tirar o jentar
E cuidar na ceia.

(Ib.).

226. *a*) Quem dá um alfinete, quer significar amor de um anno e um dia (Beira, Douro etc.). *b*) Achar um alfinete e apanhá-lo é signal de testemunho (C. Pedroso, *Superst.*, Varia, n.º 255). *c*) Achar uma agulha não é bom (Porto). *d*) Das agulhas e alfinetes eis uma cantiga de Moncorvo:

Alfinetes são ciumes,
Agulhas variedades:
É o manjar dos amores
Quando vivem afastados.

e) Quem tem cravos, espeta-os com um alfinete e deita-os ao lavadouro para se elles irem embora; quem depois levar o alfinete, fica com os cravos (ib.). *e*) No livro *Passatempo honesto de Enigmas e Adivinhações* de Francisco Lopes, cuja 1.ª edição é do sec. XVI, vem (Part. I, n.º 8, ed. de Lisboa 1753,—cit. por Th. Braga, in *Era-Nova*, p. 246-247) uma adivinha aos alfinetes muito semelhante a esta que recolhi em Guimarães e de que possuo mais duas variantes:

Que é, que é,
Semos quinhentos soldados
Todos postos e armados,
Campos brancos em fileira;
Todas as moças nos põe
No logar mais augmentado
Deante da nossa fronteira.

227. Quando alguem, sem querer, espeta em qualquer parte do corpo um prégo, ou outro qualquer objecto de metal, como agulha, etc., deve ir espetá-lo numa cebola,

para não fazer ferida (Douro, Minho). Na Maia diz-se na occasião em que se espeta a cebola:

Espeto, espetão,
Agulha, agulhão,
Maldito serás,
F'rida não farás.

228. *a)* A chave do sacrario tem certas virtudes, como livrar do fanico e do Diabo; para isso trazem-na numa fita ao pescoço. *b)* A *chave macha* faz passar accidentes epilepticos (*Alm. de Lembr.* 1855, p. 324).

229. «No dia em que o mordomo da Cruz é empossado no seu logar, não deve pegar em objeto de ferro porque isso traria uma epidemia á freguezia. Se esta se manifestou por semelhante cousa, bastará, para a terminar, que o mordomo atire com uma alavanca de ferro por cima da egreja para o outro lado. — Se alguma mulher tiver o mau gôsto de puxar pela corda ao sino, e que elle toque, não poderá ter o seu *bom successo* sem que o marido vá tambem tocar o sino, puxando a corda com os dentes». (Alto-Minho, — *Alm. de Lembr.* 1863, p. 228).

230. Ha ainda varias superstições em que entram os metaes, como o sino, o annel, o dinheiro de Charonte, o aio, o ouro das Mouras; mas estas vão noutros logares.

CAPITULO VIII

Os vegetaes

[Eis algumas disposições do concilio de Braga do anno de 598, die Kal. Maiarum, 3.º anno do rei Ariamiro: «Non liceat iniquas observationes agere Kalendarum, et otiis vacare gentilibus: neque lauro, aut viriditate cingere domos. Omnis haec observatio paganismi est.» *(Collect. Concil. Hisp.*, Madrid 1603, cap. 73). — «Non liceat in collectione herbarum, quae medicinales sunt, aliquas observationes, aut incantationes attendere, etc.» *(ib.* cap. 74). — Já a pag, 67 citamos outro trecho em que se prohibe o culto das arvores. — Na *Constit.* do bispado de Lamego (sec. XVII), já tambem citada a pag. 67, falla-se da colheita das hervas do S. João, hervas que noutro qualquer dia, e depois do Sol nado, não tem egual virtude. — Nos exorcismos, como nas benzedellas populares, entram a cada passo a *ruda* ou *arruda* e outras plantas. —Nas *Ordenações philippinas* (1595) diz-se: «E por quanto entre a gente rustica se usaõ muitas abusões, assi como passarem doentes por Silvão, ou Machieiro, ou Lameira virgem,....» (apud A. Coelho: — *Ethnogr. Portug.*, § 54). — As plantas sagradas encontram-se em toda a parte. Nas Gallias havia o culto do olmo, e continuou mesmo a plantar-se um olmo deante de cada egreja christã. Quem fôr ás nossas aldeias encontra a cada passo uma carvalha á porta dos templos. Aqui mesmo no Porto a Egreja da Lapa tem o seu *lucus* e o adro da de Cedofeita está rodeado de arvores. Na Chorographia do padre Carvalho lê-se isto, que se refere a um antigo culto pagão christianisado: «Indo pois caminhando a santa (Santa Senhorinha, — cuja lenda recolhi do povo minhoto) com as suas religiosas a povoar o seu mosteiro (no Minho), chegaram a um

logar, que chamam Carrazedo, e querendo todas descançar á sombra de um grande e frondoso carvalho, cujo tronco inda hoje se mostra, e por ser verde pavilhão para reparo do sol d'aquellas santas servas de Deos, nam falta a devoção dos fieis catholicos d'aquelles contornos para o irem ver e darem *nove voltas* ao redor d'elle. (*Chorogr.* ed. 1868, p. 133). — S. Francisco de Assiz «— entrou no nosso reino de Portugal: e junto á cidade da Guarda existe ainda um *carvalho*, a cuja sombra esteve o Santo descansando na hora da sesta. Esta arvore que sempre foi tida em veneração pelo povo, etc.» (*Paraiso Seraphico* por Fr. J. Baptista, Part. II, p. 249).—Todos tem ouvido fallar na Senhora da Oliveira de Guimarães, invocação que provém do reverdecimento e fructificação instantanea de uma oliveira secca (Pinho Leal, *Port. Ant. e Mod.* v. *Guimarães*. Cf. meu *Estudo Ethnogr.*, not. 55); a aguilhada de Wamba floresce e fructifica egualmente ao darem parte a este de que ia ser rei (P. Torquato,—*Memor. resuscit. da antiga Guimarães*, Porto 1845, p. 145-146): o bordão de Santo Apollinar, arcebispo de Braga, opera o mesmo prodigio (*Hist. Ecclesiast. do Arceb. de Braga*, part. I, p. 269). Cf. ainda *Catalogo dos Bispos do Porto* por D. B. da Cunha, Porto 1742, p. 179; e a Biblia, *Lib. Numerorum*, cap. XVII). — Na lenda de S. Isabel falla-se tambem da transformação de pães em flores.]

---

231. *a*) Quando as plantas fallavam, o *chorão* protestou com Deus que havia de chegar ao ceu. O Senhor disse-lhe que nunca lá havia de chegar, porque quanto mais crescesse, mais havia de virar para o chão (Gondifellos).[78] *b)* Quando a Virgem ia para Belem, passou por um campo de tremoços. Como elles rugiram, e a Virgem não queria que elles fizessem barulho, disse-lhes: «Amaldiçoados sejaes vós! Quem vos comer, nunca se satisfará!» E de facto precisam de estar de môlho 24 horas para se poderem comer (Ib.). *c)* Tambem quando a Virgem ia para Belem amaldi-

[78] Lembra a Torre de Babel, a Pyramide da tradição americana, e todas essas lendas em que a humanidade castiga os que se lhe querem aproximar.

çoou as pinhas dos pinheiros porque, como ellas estavam a abrir com o calor, faziam barulho e denunciavam a passagem da Virgem (ib.). *d)* Na mesma occasião perguntou a Virgem a uns lavradores que andavam a semear trigo: «Que semeaes?» Responderam elles: «Semeamos pedras». Tornou a Virgem: «Pedras vos nasçam. D'aqui a tres dias vinde quebrar os penedos». Logo ao outro dia appareceu o campo coberto de penedos. Chegou a Virgem a um segundo campo e perguntou: «Que semeaes?» «Trigo». «Trigo vos nasça. D'aqui a tres dias vinde segá-lo». Effectivamente d'ahi a tres dias vieram os judeus e perguntaram aos lavradores: «Visteis aqui passar uma mulher com um menino, a cavallo numa jumentinha?» Responderam os lavradores: «Vimos. Andavamos nós a semear este trigo». Tornaram elles: «Ah! isso então já foi ha muito. Podemos ir embora». Assim escapou a Virgem [79] (Ib. etc.). *e)* Quando se queimava a lenha no principio do mundo, ella gritava (cf. § 92); foi por isso que o Senhor lhe tirou a falla para não commover a gente (Norte do paiz). *f)* A videira ainda chora (seiva) quando a podam ou a queimam (Traz-os-Montes, Beira-Alta, etc.). Uma cantiga de Mondim da Beira diz mesmo:

A ponta da vide chora
Lagrimas a seis a seis:
Tambem os meus olhos choram;
A causa bem na sabeis.

g) D'antes a lenha vinha do matto por seu pé para casa; mas uma velha rogou-lhe uma praga e agora é preciso ir buscá-la (Gondifellos).

232. Para facilitar o nascimento das creanças lan-

---

[79] «... Cette plante épineuse *(genévrier)* est particulièrement vénérée des paysans, parce que, d'après la tradition, elle aurait sauvé la vie à la Madone et à l'enfant Jésus dans leur fuit en Egypte» (Gubernatis, *Myth. des Plantes* p. 129).

ça-se a *Rosa de Jericó* numa vasilha de agua. Quando a rosa estiver aberta, tem a creança nascido (Rezende, Mondim, etc.).

233. O homem que plantar uma nogueira, morrerá quando ella fôr da grossura d'elle (Tondella, Penafiel, etc.).

234. *a)* Não se colhem figos depois do dia de finados, porque nessa noute vem os defunctos ourinar nelles (Maia). *b)* Para que uma figueira não seque, deve enterrar-se um cão debaixo d'ella (concelho de Figueiró dos Vinhos, — apud *Topographia medica das Cinco Villas e Arega*, por A. A. da Costa Simões, Coimbra 1860, p. 100).[80] *c)* Certas mulheres tem a propriedade de fazer seccar uma figueira, quando sobem a' ella (ib., ib.). *d)* Não se sobe á figueira em *hora aberta*, (hora das Trindades), porque é provavel que se cáia, o que seria morte certa (Maia). *e)* Depois de tocar Trindades não é bom sentar-se a gente debaixo d'uma figueira sem a *sangrar*[81] (cortar-lhe uma folha), porque dando o mal na figueira, a gente fica arejada

---

[80] Poder-se-ha comparar esta superstição com o costume antigo e espalhado de enterrar animaes etc. nas fundações, para estas ficarem mais seguras? Tenho procurado vestigios mais directos no nosso paiz, mas de balde. Ha apenas o adagio *casa feita* (ou *ninho feito*), *pêga morta*, que não sei se terá alguma relação com isto; e a crença de que o Diabo ajudou a edificar certas pontes com a condição de receber a alma do primeiro *fôlgo* ou *fôrgo vivo* que passar, mas é enganado porque fazem que um gato, por ex., atravesse primeiro a ponte (Douro, etc.). — Ha costumes ou vestigios de enterrar victimas na occasião de fundação de um edificio ou abertura de um poço, na Bulgaria, Smyrna, Athenas, entre os Arabes, os Turcos, India, Africa, Polynesia, etc. (Vid. Tylor, *Civil. Primitiv.*, 122 e seg.; *Rev. Celt.*, vol. IV, n.º 1). O engano que se faz soffrer ao Diabo encontra-se exactamente na Allemanha (Tylor, ib.), Bretanha (*Rev. Celt.*, I p. 423-5), nos Bascos (*Basque Legends* por W. Webster, p. 48) etc.

[81] Gubernatis dá conta de um costume italiano identico a este (*sagnari l'arvulu*), — *Myth. des Plantes*, 111.

como ella. *f)* A figueira dá fructo sem flor *(sic)*, porque Judas enforcou-se nella. Outros dizem que elle se enforcou num salgueiro, e por isso elle não dá fructo. *g)* E' crença que Adão no Paraiso se vestiu de folhas de figueira, depois que, peccando, se viu nu.

235 *a)* Para se saber se alguma pessoa que está ausente, tem saude ou não, corta-se a *herva de Nossa Senhora* e põe-se no telhado: conforme a herva se conserva verde ou murcha, ou sécca, assim o ausente passa bem, ou adoeceu, ou morreu (Mondim da Beira, etc.). [82] *b)* Noutras terras corta-se um bocado da *arvore da fortuna* e pendura-se numa linha: o presagio é o mesmo. *c)* Ha uma planta chamada *jarro*, que annuncia se o anno será fertil ou esteril (Ucanha; cf. § 79).

236. Quando numa esfolhada apparecem espigas vermelhas, o rapaz que as acha, abraça as raparigas todas (Mondim, Vimieiro, Penafiel). Estas espigas de milho chamam-se *abraços*, e é bom guardá-las, porque cozidas, serve a sua agua para curar as solturas.

237. E' costume plantar cyprestes e murta nos cemirios, bem como esculpir nos mausoleus uma arvore derribada. Da murta falla a canção popular (Beira-Alta):

> Meu ramo de murta fina,
> Eu hei-de-te combater:
> A murta dá-se a quem morre,
> Eu por ti quero morrer.

Do cypreste, diz Camões nos Lusiadas:

---

[82] Na America, India e Allemanha ha superstições identicas (Max-Müller,—*Ensaios de Myth. comparada*, trad. fr., p. 318).

Está apontando o agudo cypariso
Para aonde é posto o ethereo Paraiso [83].

238. A respeito do alecrim dizem estes versos de Villa Nova de Gaia:

Quem pelo alecrim passou
E não cheirou,
Se mal estava,
Peior ficou.

239. Com o S. João e as plantas ha muitas tradições no nosso povo. *a*) A mulher que quizer que lhe cresça o cabello deve ir na manhã do S. João, antes do sol nascer, cortar as pontas do cabello e pô-las sobre o rebentão de uma silva. Se alguem cortar a silva, o cabello nunca mais cresce (Sinfães). Em Guimarães ouvi que o cabello deve ser mettido numa silva aberta ao meio, á meia-noute do S. João. [84] *b)* Da meia-noute para a madrugada do S. João enramalham-se os campos com ramos de castanheiro para o *bicho* não fazer mal ás sementeiras [85] (B. Alta), ou para o milho

[83] É um velho costume collocar arvores nos tumulos (Gubernatis, *Myth. des Pl.*, 171).—Suetonio fallando de uma arvore plantada pelos Cesares, diz: ... et observatum est, sub cujusque obitum, arborem, ab ipso institutam, interit (Vida de Galba, I).

[84] «A Venise, ceux qui sont chauves vont recueillir la rosée de la nuit de Saint-Jean, qui a, dit-on, la propriété de faire repousser les cheveux. D'où le chant populaire vénetien:

Anema mia, de la zuca pelada,
Quando te cressarà quei bei capeli!
La note de San Zuane, a la rosada,
Anema mia de la zuca pelada!

Apud. Gubernatis, *Myth. des Plantes*, p. 187 e nota 1. Entre nós creio que tambem ha umas palavras allusivas, mas ainda não as pude recolher.

[85] «J'aprends aussi que, dans certaines localités de la Russie, on place les herbes recueillies la nuit de Saint-Jean sur le toit des maisons, spécialement des étables, pour en éloigner les mauvais esprits.» (Gubernatis, ib. ib.)

crescer tanto como esses ramos (Gondifellos). *c)* Quem na noute do S. João, á meia-noute em ponto, apanhar a semente do feto real (*Osmunda regalis* Lin.), alcançará tudo o que quizer. Nessa noute reunem-se junto do feto-real o Diabo e varias sombras a dançar, e é muito perigoso passar por alli nessa occasião (Maia). *d)* Segundo uma versão de Gondifellos só na noute de S. João é que cae a semente á *feitelha*, á meia-noute, porque vae o Diabo sacudi-la. A pessoa que quizer apanhar a semente, estende um lenço debaixo da *feitêlha*, prêso não sei como, para o Diabo o não levar; ao lado risca-se no chão um *sanselimão* (signo-samão), e a pessoa mette-se dentro para o Diabo não empécer.—Segundo uma variante de Gaia, o lenço é posto dentro do sanselimão [86]. *e)* Na noute do S. João costumam os namorados *deitar as alcachofras*, isto é, queimá-las na fogueira, dizendo:

Em louvor de S. João,
A ver se o meu amor
Me quer bem ou não.

e depois pô-las ao relento no telhado: conforme ellas de manhã tem reverdecido ou não, assim os namorados são felizes ou infelizes (B. Alta). A este poetico costume allude a cantiga de Mondim da Beira:

---

[86] O *feto* tem varios nomes no nosso povo: *feta-real* (Maia); *feitêlha* (Gondifellos, c. de Famalicão), *feito* (Douro), *fieito* (Lamego, Carrazeda), *fento, fentêlha* (Minho). A uma mulher de ao pé de Vizeu ouvi *fêntão*, e *feite*. «En Russie... on prétend que le *paporotnik* (*Aspidium filix mas* L.) fleurit seulement la nuit de Saint-Jean à l'heure de minuit, (como entre nós, no Minho, se diz tambem do feto). En Petite-Russie, on prétend que celui qui parvient à trouver la fleur de fougère acquiert la sagesse suprême. La fougère ne fleurit, dit-on, qu'un instant, à minuit, et pour la voir fleurir il faut vaincre le diable lui-même.» (Gubenatis, *ob. cit.*, p. 188). Ha ainda mais particularidades.

Na manhã do S. João
Muita pancada apanhei,
Por via das alcachofras
Que por ti, amor, deitei.

Em Azueira (Extremadura) dizem a mesma cantiga, apenas com esta variante no 1.º verso: *Na noute de S. Antonio.* Em verdade S. Antonio é tambem um santo casamenteiro. *e)* Em Villa-Cova-de-Carros (no c. de Paredes) cortam, na noute de S. João, dois pedaços de junco muito eguaes, representando um d'elles *o conversado* (namorado) e outro *a conversada* (namorada); o junco que na manhã proxima estiver mais comprido é o que denuncia maior amor. A isto alludem estas duas quadras, que naquella terra recolhi em 1878:

Dizem que me queres bem,
Inda o heide sprimentar:
Na noite de S. João
Junco verde heide cortar.

Não corte-lo junco verde
Que não é sprimentação:
Se tu queres sprimentar,
Sprimenta o meu coração.

f) Em Alemquer queima-se á fogueira da vespera de S. João a *herva pinheira*, e depois leva-se para casa e pendura-se á cabeceira; conforme ella ao outro dia de manhã tem reverdecido ou não, assim o rapaz ou rapariga que a queima é correspondido ou não nos seus amores (Apud C. Pedroso, em *O Positivismo*, 2.º anno, p. 331). *g)* Na Beira tambem é costume colher uma folha de figueira, passá-la pelo fogo (da fogueira?) e pô-la depois no quintal ou no telhado ao relento; se de manhã está orvalhada é que a pessoa é correspondida no amor, se não está, não é (*Almanak de Lembr.* 1868, p. 244,—cit. por Pedroso ib. ib.) [87]

---

[87] «C'est dans les herbes de la Saint-Jean que les jeunes filles européennes cherchent des présages sur leur époux futur... On place le bouquet sous le coussin du lit, et on tâche de s'y endormir et d'y rêver.» (Gubernatis, *ob. cit.*, p. 191).

h) Quando uma creança está rendida, vão com ella tres Marias a fiar na roca, e tres Joões, á meia-noute do S. João, ao pé de um vimieiro; um dos Joões racha um vime, e os outros dois passam a creança pela abertura do vime para as Marias. Dizem os Joões: «Que fazeis vós?». Respondem as tres Marias:

Fiamos linho assedado
Para ligar o vime
Que o menino é quebrado.

Isto diz-se tres vezes. O vime depois é atado; se soldar, é porque o menino sara; se não, não (Minho). *i)* Numa versão do Porto, vae com a creança doente o padrinho e a madrinha, á meia-noute do S. João, ao pé de um carvalho cerquinho: racham-no e passam pelo meio d'elle a creança rendida. O padrinho, ao passar a creança para a madrinha, diz:

Aqui tens a tua afilhada (ou afilhado)
Que nos dizem que está quebrada (ou quebrado).

Responde a madrinha, ao recebê-la:

Eu que a acceito sã e salva
Como na hora em que foi nada (nascida).

j) Numa versão de Alijó vae um João e uma Maria, ambos puros, ao pé de um amieiro. A Maria, ao passar a creança para o João, diz:

João!
Toma lá o meu menino quebrado
E has-de-m'o dar são.

Depois: «Em louvor de João, um P. Nosso e uma Ave-

Maria». Tres vezes. *k)* Numa versão de Fafe (Minho) vae uma Maria virgem e um João. A Maria ao passar a creança, e o João ao recebê-la, dizem estas palavras:

João!
Entrego-te o menino quebrado,
Has-de-m'o dar são.

Maria!
Pelo poder de Deus e da V. Maria
O menino são ficaria.

l) Numa versão de Valle-de-Passos, diz-se:

Quando este carvalho fechar
Tambem o menino hade sarar.
Em louvor da Virgem Maria
Um Padre Nosso e Ave Maria.

A operação repete-se tres vezes. *m)* Numa versão de Lisboa ouvi dizer que a planta escolhida é um vime, e que dizem as mesmas palavras que em *j*. O meu amigo o snr. C. Pedroso num curioso artigo já citado (*in Positivismo*, p. 337-8) dá conta de um costume de Lisboa semelhante aos precedentes; nesta versão diz-se que a camisa da creança é rasgada e que com ella é atado o vime aberto. *n)* A pag. 303 da *Bibliographia critica de hist. e litterat.* encontro, num art. do snr. F. A. Coelho, o seguinte para cura da hernia ou *quebradura*,—versão de ao pé de Coimbra: «Vão duas creanças, uma do sexo masculino, cujo nome de baptismo seja João, outra do sexo feminino, cujo nome de baptismo seja Maria, e que possa pela sua edade tomar em seus braços a creança que tem *quebradura;* colloca-se João d'um lado e Maria do outro, e trava-se o seguinte curto dialogo:

João: Toma lá, Maria.
Maria: Que me dás, João?
João: Um corpo quebrado
Para m'o pôres são.

E João passa a creança *quebrada* pela abertura feita

no carvalho para Maria.» [88] *o)* Na manhã do S. João, quando se colhe a *marcella,* antes de nascer o sol, diz-se (Vianna do Minho e Porto):

Oh que lido lũar vem
Para colher a marcella:
Apanhál-a e moê-la
E fazer a cama nella.

Oh que lindo luar faz
Para colher a marcella!
Vamo-la colher ambinhos,
Faremos a cama nella.

p) Como se sabe, ha muitas hervas bentas, e o mesmo padre Antonio Vieira (*Serm.* t. I, p. 509) diz: «todas as pennas, *como as hervas*, tem a sua virtude»; mas no S. João esta virtude é mais geral, como dizem as cantigas (Mondim da Beira e Minho):

Todas as hervas são bentas,
Na manhã do S. João:
Só o trevo coitadinho
Fica de rastos no chão.

Toda-las herbas tem prestimo
Na menhã de S. João,
Só o trevo de q'atro folhas
Colhido na má tenção... [89]

Quem metter o trevo de quatro folhas debaixo da *pedra d'éra,* (d'ara) sobre a qual o padre diga missa, póde

---

[88] Sobre o costume de ligar as arvores para lhes communicar certas doenças, vid. Gubernatis, *ob. cit.*, 202, Grimm, *D. M.* p. 1118 sqq.
Nas superstições mencionadas nestes §§ *h-n,* note-se quer a associação dos nomes *Maria* e *João,* quer a pureza d'ambos, quer o numero tres. No nosso povo as *tres Marias* figuram em muitas superstições, como veremos adeante. Cf. § 130, e este principio de uma oração gallega (apud *Parnaso Port. Mod.*, 290-1):

Padre nuestro pequeniño,
Léva-me por bo camiño,
Aló fun, aló cheguei,
Tres Marias encontrei, etc.

[89] «Toutes les herbes, même les mauvaises, les vénéneuses, les malfaisantes, perdent, la nuit de la Saint-Jean, leur poison et leur pouvoir diaboliques», mas: «Le jour même de la Saint-Jean, c'est-à-dire, après le lever du soleil, il serait dangereux de cueillir les herbes». (Gubernatis, *ib.* p. 187).

encantar qualquer pessoa (Gondifellos). *q)* Certas hervas, como *Digitalis purpurea*, Lin. (a que o povo chama *tráque* ou *tróque)*, alecrim, funcho, rosmaninho, sabugueiro, colhidas na manhã do S. João, livram do raio (cf. pag. 64), e servem para defumadoiros (Minho). Do *tróque* diz o dictado de Carrazeda d'Anciães:

Quando o tróque troqueleja
Já a cereja vermeleja.

r) Quem na manhã de S. João se esfregar no linho, livra-se de comixões (Minho). *s)* Algumas plantas tem o nome *do S. João*, como *Cinaria humilis*, Lin., *Achillea Ageratum*, ib. etc. [90]

240. *a)* O primeiro fructo de uma arvore, sendo ella do genero masculino (ex. *pereiro)*, deve ser cortado por uma mulher; sendo ella do genero feminino (ex. *pereira)* deve ser cortado por um homem. Se não se fizer assim, com esta troca de generos, fica a arvore a dar fructo um anno sim e outro não. (Norte do paiz). *b)* No Minho diz-se que o primeiro fructo deve ser comido pelo dono, senão fica a arvore *anneira*, isto é, fructificando um anno sim e outro não.

241. Ha em Baião, proximo ao rio Ouvil, uma nogueira tal que quem passar por baixo d'ella, ao pino do meio dia, é morto logo por uma gotta que cae de repente.

242. *a)* No tempo em que o centeio floresce, as raparigas colhem uma espiga, tiram-lhe a flor, e mettem-na no seio. Passados momentos, se a espiga estiver outra vez com flor, é porque a pessôa por quem ella foi deitada quer bem ás raparigas; se não, não (Freixo de Espada-Cinta).

---

[90] Gubernatis, ob. cit. p. 191, cita muitas plantas com a mesma denominação de S. João.

b) Os namorados, para saberem se são ou não correspondidos, costumam pegar num *mal-me-quer*, e, á maneira que lhe vão tirando cada petala, vão dizendo: *mal me queres*, *bem me queres* etc.; se acontece dizerem *mal me quer* á ultima petala tirada, não são correspondidos; se acontece dizerem *bem me quer*, são correspondidos. Cf. a cantiga (Penafiel):

Bem-me-queres, mal-me-queres
Tenho eu no meu jardim;
Bem me queres já acabou,
Mal me queres não tem fim.

243. *a)* As plantas são personificadas:

Fui-me deitar a dormir
Ao pé do triste sargaço;
As flores me responderam:
— Não chores por quem te é falso.

A oliveira se queixa,
Se se queixa tem razão;
Quando lhe colhem a baga,
Deitam-lhe a rama no chão.

Manjaricão da janella,
Que tendes, que estaes tão murcho?
— Foi o anno muito secco...
Ficar eu verde, foi muito!

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma;
Anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

b) Os amores das plantas são referidos nestes versos recolhidos de Coimbra por Adelino das Neves (nas *Musicas e canções populares*, Lisboa 1872) e de Rezende por mim:

O *cravo* por sympathia
A' linda rosa se uniu;
Foram laços tão estreitos
Que *amor-perfeito* sahiu. [91]

---

[91] O poeta Claudiano descreve assim os amores das plantas (*De Nup. Mar.*, v. 65):

Vivunt in Venerem frondes, omnisque vicissim
Felix arbor amat: nutant ad mutua palmae
Foedera; populeo suspirat populus ictu.
Et platani platanis, alnoque adsibilat alnus.

c) A origem celeste nestes:

O cravo cahiu do ceu,
Deu na pedra, ficou côxo;
O lirio, com sentimento,
Logo se vestiu de rôxo. [92]

d) A realeza nestes (Minho e Douro):

O' alecrim, *rei das hervas,*
Já meu peito foi teu vaso;
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

Veja que cravo le entrego
Para dar aos seus amores:
Pois no jardim não ha oitro,
E' o *capitão das flores.*

O' alecrim, *rei das hervas,*
O' oiro, rei dos metaes,
Quem dá fallas a brejeiros,
O que recebe são ais!

O' alecrim, *rei das hervas,*
E ó jasmim, *rei das flores*
. . . .
. . . . [93]

244. Na nossa litteratura de cordel ha varios livrinhos com a *linguagem das plantas, côres,* etc.; comtudo nem sempre existe ahi a tradição genuina, porque os auctores inventam muito. Conheço tambem um livro antigo intitulado *Tratado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na Sagrada Escritura,* por Fr. Isidoro de Barreyra, religioso da Ordem de Christo (Lisboa 1698), no qual abundam citações de escriptores ecclesiasticos, classicos e da Biblia, mas onde a tradição portugueza está pouco representada; eis algumas significações que tenho ouvido ao povo e que se acham nesse livro: *videira* é em-

[92] E' curioso comparar o seguinte verso do Rig-Veda (sec. 8, leit. v, pag. 576, trad. fr.):

«J'ai chanté les Plantes qui descendent du ciel autour de nous.» (v. 11).

[93] A analogia é tão notavel que não posso deixar de transcrever este verso do Rig-Veda (ib. ib.):

«O Somalatá *(Asclepias acida), tu es la reine* de toutes ces Plantes abondantes et sages» (v. 18).

Noutros logares do Rig-Veda, Soma é tambem *o rei das hervas.*

briaguez; *loureiro* é victória; *rosa* é graça; *lirio* é castidade; *canna* é inconstancia; *silva* é prisão; *alecrim* é ciumes; *manjeronà* (ou *manjarona)* é prazer.

As cantigas populares alludem frequentemente á linguagem dos vegetaes:

Se te mandei um raminho
De murta e nada mais:
A murta — *é para os mortos*,
Se morro, vós me mataes. [94]

Apanhei murta — *que é dor*,
Da manjarona, fiz mólhos:
Pr'a te ver torço caminhos
Feiticeira dos meus olhos. [95]

Cravo roxo, — *sentimento*,
Que eu bem sentida estou,
Por amar quem me não ama,
Q'rer bem a quem me deixou.

A hortellã — é *crueza*,
Menina, não seja crua:
Diga a seu pae que a case;
Acceite quem a procura.

Cravo roxo á janella
E' signal de *casamento*;
Menina, recolha o cravo,
Que o casar tem muito tempo. [96]

245. Em Resende e noutras partes, as noivas, quando donzellas, levam para a egreja no dia do casamento um ramo de flores, espetado numa laranja ou maçã, coberto por um lenço branco bordado. Estes ramos, em Resende, são depositados no altar da Virgem do Rosario. [97] Cf. esta cantiga:

[94-95] Cf. § 237.

[96] Sobre a significação symbolica das flores, vêde Gubernatis, *Myth. des Plantes*, p. 151, not. 2.

[97] Nas egrejas do rito grego dous jovens poem uma grinalda sobre a cabeça dos esposos. Em Creta os noivos dão um ao outro grinaldas de flores e deixam-nas suspensas na egreja durante quarenta dias. Num canto bulgaro, S. João corôa os esposos Stoïan e a Samodiva. Em Claudiano, *De raptu Proserpinae*, a joven, sem o saber, colhe flores e faz uma grinalda para as suas nupcias (Cf. Gubernatis, *Myth. des Plantes* p. 103, not. 2).

A oliveira — *é paz*
Que se dá aos bem casados;
O alecrim é ramalhudo
Que se dá aos namorados.

246. O povo acredita que o gyrasol anda conforme o Sol. O padre Antonio Vieira tambem diz: «Aquella flor a que o gyro do sol deu o nome, chamada dos gregos heliotropio, immovel e com perpétuo movimento, jamais deixa de seguir e acompanhar a seu amado planeta» (Sermões, t. I, p. 574). [98]

247. A' meia-noute do S. João vae muita gente colher o *azevinho* (*Ilex aquifolium?* Lin.); andam em roda d'elle a dançar, a tocar violas e a cantar:

Azevinho, meu menino,
Aqui te venho colher,
Para que me dês fortuna
No comprar e no vender,
E em todos os negocios
Em que me eu metter.

Nesta occasião deitam-lhe vinho em borrifos; depois cortam-no e poem-no á entrada da casa, ou em sitio escondido. Quando troveja, é tambem bom queimá-lo (Ouvido no Porto). [99]

248. E' vulgarissimo o emprego dos vegetaes para livrar de males. *a)* Quem tem sesões, vae a um logar de-

---

[98] Os nomes do gyrasol (os nossos lavradores tambem lhe chamam *sol*, segundo uma vez ouvi) nas differentes linguas, fr. *tournesol* ou *soleil*, it. *girasole*, allem. *Sonnenblume*, etc. mostram-nos quanto esta superstição é espalhada. Cf. Ovid., *Metam.* IV, 264 sqq.

[99] E' um verdadeiro sacrificio, que, porém, nada tem de extranho, porque no Mexico, nos Cafres, em Guiné, etc. é costume tambem levar offertas ás plantas.

serto, ao pé de um *trovisqueiro*, põe lá uma pouca de palha, um panno velho, uma pinga de vinho num caco, e migalhas de pão, e diz tres vezes:

> *Maleitas*, ficae à sombra d'este trovisqueiro;
> Aqui fica palha para te deitares,
> Pão para comeres,
> Vinho para buberes
> E panno para te alimpares.

Depois corre para casa, sem olhar para trás. Se alguem se servir d'aquellas coisas, fica com as sesões no corpo; senão, ficam os bichos com ellas (Maia, — communicação da ex.ma snr.a D. Maria Peregrina de Sousa). *b)* Segundo uma versão de Paços de Ferreira, botam-se fóra as maleitas assim: Leva-se o doente para o pé de um *trovisqueiro*, bem como um caco com agua, uma faca velha, um pequeno panno, um pequeno bocado de pão e uma sardinha; depois o doente dá tres voltas em redor do vegetal e diz de cada vez:

> «— Deus lhe dê bôs dias, sinhor capitão!
> Empreste-me a sua camisa
> Para uma funcção:

E aqui tem pão e carne, faca para partir, auga para se labar e panno p'ra se alimpar».

Feito isto tira-se-lhe a casca que é trazida para casa e posta ao fumo: confórme ella fôr seccando, assim a molestia vae desapparecendo (Informação do meu amigo Jeronymo Alves Barbosa, a quem devo muitas outras, todas valiosas). [100]

---

100 Cf. §§ 164 e 150. Plinius Valerianus, au quatrième siècle, conseillait de lier un arbre en prononçant une certaine formule, pour se délivrer de la fièvre-quarte: «Panem et salem in linteo de lyco

c) Quando as creanças *têm a Lua*, o que succede todas as vezes que ellas dormem com os olhos abertos, riem sem ter edade para isso, etc., faz-se-lhe o seguinte tractamento: A' noute sae a mãe á rua com a creança ao collo, e, estando a olhar para a Lua, apanha do chão o que quer que seja, sem saber o quê; em seguida toma um ramo de *aroeira (Pistacia lentiscus?* Lin.), um ramo de *alecrim*, cinco folhas de *oliveira*, cinco trapos de diversas côres (noutras partes do c. de Santarem são cinco bagos de *trigo* em vez dos *trapos)*, e cinco pedras de sal; mistura tudo com o que apanha na rua, e põe-no ao lume numa frigideira; depois começa a passar a creança sobre o fumo que sae da frigideira, fazendo cruzes com o corpo d'ella, e dizendo muitas vezes:

Assim como N. Senhora
Defumou seu amado filho
Para bem cheirar,
Assim eu te defumo
Para o mal te deixar.

(Santarem). [101]

d) Um ramo de sabugueiro livra de mau olhado; um alho-pôrro comprado no dia de S. João e posto em casa afugenta os espiritos malignos; no loureiro, oliveira, etc. não cae raio; os ramos bentos queimados (que ficam da festa dos Ramos) livram de raio, etc. *e)* O alho é que é um preservativo excellente contra as Bruxas e maus olhados. Todos os lavradores de manhã, antes de sahirem para o

liget et circa arborem licio alliget et juret ter per panem et salem: Crastino mihi hospites venturi sunt (c'est-à-dire, la fiévre); suscipite illos; hoc ter dicat.» *(Myth. des Plantes,* 202).

[101] Informação do meu amigo Carlos Galrão, que me deu muitas outras egualmente importantes. Cf. § 35, e esta outra superstição que não pôde ir no seu logar: quando uma criança está doente, é bom mostrá-la á Lua, dizendo: «Lua, eu te entrego o meu menino, que de dia véle e de noite durma» (Alijó).

serviço, trincam um dente de alho por causa d'ellas e do Diabo. A este respeito contam-se varios contos.

Até é costume, quando vão vender os porcos á feira, untar-lhes o corpo com um, ou tres, ou cinco (numero impar) dentes de alho (Rio-Tinto).

249. Quem se fere numa silva deve, para sarar, cortar a silva em que se feriu e queimá-la em seguida (Villa-Real). [102]

250. E' costume em varias partes (Beira-Alta, Douro etc.) *capar* as plantas, como o melão, o morango, o feijão, etc., — isto é, cortar-lhes um bocado d'um ramo.

251. Eis aqui em que consiste a virtude de várias plantas: *a*) O *jarro* annuncia se o anno será farto ou esteril (Ucanha). *b*) Nos ensalmos figura sempre um grande numero de plantas: — com o *sempre-verde* (geralmente *sabugueiro*) talha-se a erysipela e a fogagem:

> *Sempre-verde* venerado,
> Que na campa do Senhor fostes achado,
> Sem ser nado nem samiado, etc.

— com as *palhas-alhas* talha-se o *cobrêlo* (herpes); e uma fórmula de talhar o bicho diz (Minho e Gaia):

> Eu te benzo com tres palhas-alhas,
> Com tres maravalhas
> E tres da Anna do Matheus
> E tres do meu cão.
> Vae-te embora
> Que já stou são;

---

[102] E' a pena de talião, tão vulgar noutros tempos.

— quando alguem se ortiga, esfrega com *menthrasto* á parte ortigada e diz (Villa Marim):

Ortiga me ortigou
Menthrasto me sarou;

— o alecrim serve para talhar o ar: queima-se e recebem-se os vapores (cf. pag. 42); — com a *hera* péga-se em nove folhas, depois molha-se cada uma em agua, faz-se com ellas uma cruz no sitio *ezipellado*, e diz-se esta oração nove vezes:

A ezipella foi ao monte,
Chorando, gritando.
Quem le acudiria?
Acuda-le a hera,
E a auga fria.
Polo poder de Deus
E da Birge-Maria
Ella murcharia.

c) Contra as feiticeiras é bom trazer uma pedra de ara, com aipo, arruda, loureiro, oliveira, herva de inveja, tudo numa *saquinha.* [103] *d)* Para fazer seccar o leite ás mulheres deve pôr-se-lhes ao pescoço um collar de contas de páo de figueira, ou metter-se-lhes debaixo dos braços ramos de salsa verde, ou ainda collocar-se-lhes nos bicos dos peitos laranjas azedas assadas (Maia). *e)* Contra as

[103] E' muito vulgar as mulheres portuguezas trazerem comsigo *saquinhas* com varias cousas de virtude. Num processo da inquisição de Evora (sec. XVII) falla-se de um *saquinho pequenino* de linho com pós pardos, um papelinho, um feijão, pedaços de pedra que pareciam de ara, etc. (C. Pedroso, — *Contribuições para uma Myth. Pop. Port.*, VI, pag. 7). Em Gil Vicente (*Obras*, ed. d'Hamburgo, p. 96-7) diz uma feiticeira:

Vou polo alguidarinho
A candeia e o *saquinho* etc.

A proposito da virtude das plantas lê-se no Rig-Veda (vers. 91 sec. 8, leit. V, da trad. fr.): «Les plantes chassent la maladie loin de notre corps etc.»

bichas nas creanças serve um rosario de raiz de lirio ou alho (Mondim da Beira). *f*) Num conto pop. que ouvi em creança entravam estes versos:

Quem compra flores
Que curam mal de amores?

g) A arruda, o aipo e o alecrim são bons contra o Demonio (cf. *c*). *h*) A *herva de Nossa Senhora* livra do Demonio; quando a colhem, dizem (Porto):

Herva de Nossa Senhora,
Aqui te venho colher,
P'ra me livrares do Demonio
Que me não torne a apparecer.

i) No Domingo-de-ramos é costume irem os rapazes á egreja com grandes ramos (varas altas rodeadas de flores); estes ramos são benzidos pelo padre, vão na procissão dos ramos, e depois, queimados, servem para afugentar a trovoada (cf. pag. 64 e § 248, *d*).

252. E' costume guardar *penduras de uvas* de um anno para o outro, para que se não acabe o dinheiro na casa (Villa-Real).

253. *a*) No 1.º de Maio é costume enfeitar as portas das casas com ramos de giesta (Vid. *Fastos populares*) *b*) Quando os pedreiros acabam de fazer as paredes d'uma casa, põem ramos nellas (Beira, Minho). *c*) Tambem é costume na Paschoa, quando o Padre vae buscar o follar, enfeitar as portas com murta, alecrim, etc. *d*) Um ramo de loureiro á porta indica uma taberna.

254. *a*) Quando Deus quiz formar a mulher, tirou uma costella de Adão mas poz-lhe em vez d'ella uma costella de salgeiro (Minho). D'aqui a phrase usual: *o homem*

tem uma costella de salgueiro, ainda que noutras partes se diz que o homem tem uma costella de menos. [104] *b*) A proposito da relação do homem com as plantas diz-se ainda: *F. é fidalgo de cepa; — quem a boa arvore se chega, boa sombra o cobre; — boa arvore não dá ruim fructo; F. está na flor da mocidade.* [105] Tambem temos as *arvores de geração* das familias. *c*) Eis varias cantigas do Douro em que se allude á mesma relação:

Samiei no meu quintal
A semente do repolho;
Nasceu-me uma velha careca
C'uma batata num olho.

Samiei no meu quintal
O brio das raparigas:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

Eu não tenho pae nem mãe,
Nem nesta terra parentes;
Sou filha das tristes hervas,
Neta das aguas correntes.

O' minha canninha verde,
O' minha salta-paredes:
Inda m'basde vir ás mãos,
Como o peixe vem ás redes.

d) Um conto popular de Rebordainhos (c. de Bragança) diz: — Havia uma vez tres irmãos. O mais novo tinha tres maçãsinhas de ouro, e os outros, para ver se lh'as tiravam, mataram-no e enterraram-no num monte. Depois nasceu na sepultura uma canna. Certo dia passou por lá um pastor que cortou um pedaço da canna para fazer uma flauta; começou a tocar, mas a flauta, em vez de tocar, dizia:

Toca, toca, ó pastor,
Os meus irmãos me mataram
Por tres maçãsinhas de ouro,
E ao cabo não nas levaram.

---

[104] «L'aune est bon pour les sorcières du Tyrol; qui, d'après Mannhardt (*Baumkultus der Germanen*, 116), s'en font des côtes» (*Myth. des Plantes*, 39).

[105] Lucano diz de um joven: *Flos Hesperiae;* Seneca diz d'outro: *Flos Graeciae;* Catullo tambem diz: *Viridissimo flore puella.* Christo é para os padres da Egreja: *Flos campi.*

O pastor, quando ouviu isto, chamou um carvoeiro e deu-lhe a flauta. O carvoeiro começou tambem a tocar, mas a gaita dizia o mesmo. O carvoeiro passou-a a outra pessoa, e assim ella foi andando de mão em mão, até que chegou ao pae e á mãe do morto; a flauta dizia ainda o mesmo. Chamaram o pastor que disse onde tinha cortado a canna. Foram lá e encontraram o cadaver com as tres maçãs de ouro. (Contado pelo meu amigo João Candido de Sousa, que o ouviu ao povo). — O meu amigo Carlos Galrão disse-me que o mesmo conto era popular em varios pontos da Extremadura, apenas com esta variante: em logar das tres maçãsinhas é a flor do *lirolar* (?), e a cantiga que a gaita dizia era:

Não me toques, meu pastor,
Não me deixes tocar:
Meus irmãos me mataram
Por causa da flor do lirolar. [106]

e) O snr. Ad. Coelho traz nos seus *Contos populares portuguezes* (n.º XL) um, no qual se falla de uma roseira que nasceu na sepultura de uma menina. Quando alguem colheu d'ella uma rosa, ouviram-se vozes que disseram:

Não me arranques o meu cabello,
Que minha mãe m'o creou, etc.

---

[106] «Dans le dix-septième conte du cinquième livre d'Afanassieff, la sœur tue son frère, Petit-Jean, pour emparer de ses fraises rouges et de ses petits souliers rouges. Sur sa tombe pousse un roseau; un berger en fait une flûte et quand il la porte à ses lèvres elle module une plainte en ces termes:

Joue doucement, doucement, petit berger;
Ne blesse pas mon cœur!
Ma petite sœur, la traitresse,
Pour les petites fraises rouges, pour les petits souliers rouges.

Quand c'est la sœur qui met la flûte à ses lèvres, au lien des mots «petit berger» elle dit «petite sœur, tu m'as trahi», et le crime se découvre ainsi» (apud *Myth Zool.*, I, 211).

f) Comparem-se os ensalmos onde se diz que o *sempre-verde* brotou na campa de Christo. (Vid. o meu art. *Carmina magica do povo portuguez*, in *Era-Nova*, p. 519-520, e este livro § 251, *b*).

255. Em contos de Bruxas falla-se, como veremos, dos *silveiraes* e dos *amendoaes*.

256. Nas arrematações e leilões é costume empregar a phrase: *entrego o ramo*. Alguns leiloeiros trazem mesmo um ramo na mão.

257. Azeite derramado no chão é signal de ralhos: por isso, em elle cahindo, se lhe deita sal em cruz, dizendo;

Q'ando este sal chigar ao mar
E' que havemos de ralhar.

(D'ao pé do Porto).

258. *a)* Costuma-se dizer em fórma de dictado: *deixa zoar a carvalheira*, para indicar: *não faças caso* (Beira-Alta). *b)* Eis varias cantigas a proposito das plantas (Mondim da Beira):

Pela folha da oliveira,
Conheço a da ramada:
Faço-me desentendida
A mim não me escapa nada.

O' alto lirio roxo,
Cobre-me com tua sombra:
Eu furtei uma menina,
Não tenho adonde a esconda.

Eu tenho á minha jenella,
O que tu não tens á tua:
Raminho de violetas
Que alumeia toda a rua.

Q'ando o sobreiro der baga
E o loureiro der cortiça,
Então te amarei déveras,
Que agora tenho preguiça.

O serpão é miudinho,
Nasce no meio do cravo;
Se tu tens outros amores,
Não me enganes, que é peccado!

O serpão é miudinho,
Tem a folha ao desdem;
Olha que já passa d'anno,
Amor, que te quero bem.

Deitei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Se te quero bem ou não
O limão o demostrou.

Deitei o limão correndo,
Navegando foi ao fundo:
Para mim já se acabaram
Variedades do mundo.

Herva cidreira do monte
E' allivio dos pastores:
Deitam o gado a ella,
Vão fallar aos seus amores.

Nossa Senhora é rosa
Eu sou filha da roseira:
Não me posso apartar
De rosa que tanto cheira. [107]

c) Eis outras cantigas que são como um hymno sagrado ao carvalho (Penafiel):

Grande arvore é o carvalhinho,
Que deita a raiz p'ra o monte:
Quem me quizer ver contente,
E' pôr-me o amor defronte.

Grande arvore é o carvalhinho
De quatro castas de fructo,
Bogalhos e *bogalhinhas*
Landres e *maçãs de cuco*.

d) Os seguintes versos de Villa-Nova-de-Gaia estão um pouco incorrectos:

O trigo disse pr'a o centeio:
— Cala-te lá centeio, centeiaço,
Que tu não fazes
As funcções que eu faço.

O centeio disse p'ra o trigo:
— Cala-te lá, trigo espadanudo,
Que não acodes
Ao que eu acudo.

A aveia disse:
— Eu sou a aveia negra e feia,
Mas quem me tiver em casa
Não vae p'ra a cama sem ceia. [108]

e) Como variante dos versos do § 231, *f*, cf. estas quadras de Moura, no Alemtejo:

---

[107] Esta cantiga será o fragmento de uma oração? Não é muito raro apparecerem fragmentos de orações e romances em fórma de cantigas soltas.

[108] A fórma d'estes versos não parece rigorosamente popular.

Os gomos da silva choram
Lagrimas de quatro em cinco:
As penas que eu por ti passo
Deus sabe se eu as sinto.

Os gomos da silva choram
Lagrimas de cinco em duas:
Tambem os meus olhos choram
Por ter soidades tuas.

f) Como variante do § 238, diz-se na Extremadura:

Quem junto do alecrim passou,
E um raminho não apanhou,
Do seu amor não se lembrou.

g) Eis ainda mais duas cantigas, a primeira de Oliveira d'Azemeis, a segunda da Extremadura:

Dizes que eu não conheço
A arruda pelo cheiro,
Que sou tão afortunado
Como os cães que acham dinheiro.

Tens a parreira á porta,
Não a sabes vindimar; [109]
Tens o amor defronte,
Não o sabes namorar.

h) Adivinhas a respeito dos vegetaes:

ALHO: Tem dentes e não come
E tem barbas como um home.
(Extremadura, etc.).

CEBOLA: Chapèu sobre chapeu,
Chapeu do mais fino panno:
Não adivinhas este anno,
Nem pr'a o outro que vier,
Senão se t'o eu disser.
(Extremadura).

LARANJA: Que é, que é,
Altas castellinhas,
Verdes e amarellinhas?
(Minho).

OURIÇO: Altetes, altetes,
Com seus carrapetes,
Co'o riso que lhe deu,
Tudo se perdeu.
(Minho). [110]

---

109 Nas terras (e principalmente aldeias) de Portugal é muito costume ter á porta já uma simples videira, já uma ramada em fórma de coberto.

110 Parte d'este capitulo sahiu nos meus artigos *Mythologia Botanica* e *Cosmogonia popular*, in *Vanguarda* de Lisboa.

CAPITULO IX

Os animaes

[Strabão, fallando dos Lusitanos diz: «Maxime capros edunt, et Marti caprum immolant, praetereaque captivos et equos. Quin et ritu Graeco hecatombas cujusque generis instituunt.» (ed. Didot, 1853, pag. 128). Noutro logar, o mesmo geographo refere um costume lusitano de tirar agouros da inspecção das visceras de um cavallo.—Ainda que a seguinte noticia não se refere talvez a uma superstição lusitana, mencioná-la-hei: Q. Sertorio levava sempre comsigo, *através das rudes montanhas da Lusitania,* uma bicha branca que o advertia do que devia fazer e do que devia evitar (Valerio Max., *lib.* I. *cap.* II. 4). — Sivelo traz nas *Antigüedades de Galicia* varias estampas de cobras em penedos. — Aproximando-nos de tempos mais modernos encontramos os seguintes factos que se acham reunidos na *Ethnog. portugueza,* (extracto do *Boletim da Socied. de Geogr. de Lisboa)* do snr. F. A. Coelho: «Outros passam agoa per cabeça de cam pera conseguir alguũ proveito» *(Orden. manuelinas* 1514. L. v, tit. XXXIII). «Outro si defendemos que pessoa algũa nom benza cães, ou bichos nem outras alimarias» (ib. ib.). Do agouro causado por um corvo a uma *dona,* diz a estrophe:

Nunca taes agoyros vi
des aquel dia que nacy,
com'aquest'ano ouv'aqui;
e ela quis prouar de ss'yr.
e ouv'um corvo sobre sy
e nom quiz da casa sayr.

(*Canc. Vatic.* n.º 1077).

No interessante *Auto das fadas* de Gil Vicente diz uma feiticeira. (Obras, III, 93-98, ed. Hamburgo):

Ando pelos adros nua
Sem companheira nenhũa
Senão hum sino samão
Mettido n'hum coração
De gosto preto e nao al.
. . . .
Cavalgo no meu cabrão
E vou-me a val de Cavallinhos,
. . . .
Benta é a gata que pariu
Gato negro, negro he o gato.
Bode negro anda no mato,
Negro he o corvo e negro he o pez,
. . . .
Eu c'o sangue do Leão,
Mexido c'o nabo da Huja,
E alli o fel da coruja.
. . . .
Isto he fersura de sapo
. . . .
Eis aqui mama de porca,
Barbas de bode furtado,
Fel de morto excommungado,
. . . .
Com dons ratos no meu lar.
. . . .
Fel do morto, meu conforto,
Bolo cornudo, vós sabedes tudo,
Bico de pêgo, azas de morcego,
Bafo do drago, tudo vos trago.
Eu ñão juro nem esconjuro,
Mas gallo negro suro
Cantou no meu monturo.

(Gil Vicente enumera os animaes que entram nos feitiços. Adiante veremos como algumas d'essas superstições chegaram até nós).

Nas *Const. do bispado da Guarda* lê-se: «Prohibimos estreitamente a nossos subditos, que não usem de Agouros, fazendo conjecturas por as vozes, ou encontro dos animaes, ou do cantar, ou voar das aves, ou cousas semelhantes» L. v, tit. III, c. 2). Nas *Const. do bispado do Algarve*, anno 1673, v, 8. e nas do Porto, anno 1585, tit. XXI, const. I, e Lisboa, anno 1588, XXV, prohibe-se que se benzam animaes, ou se amente e encommende o gado perdido, sem manifestarem ao prelado as palavras que dizem. (Ainda actualmente nas aldeias da Beira-Alta, o gado ou outros animaes mordidos por cão damnado, são benzidos por certos padres, que tem poder para isso; estes padres até benzem o pão que esses animaes hão-de comer.]

---

259. I. ZOOPHYTOS.—Diz-se que os coraes annunciam melancolia ou prazer na pessoa que os tráz, conforme estão baços ou limpidos (Beira-Alta).

260. II. MOLLUSCOS.—*a*) Quando suam as mãos, é

bom esfregá-las numa lesma (pron. pop. *lêsmia)* para fazer desapparecer o suor. [Egual effeito se alcança esfregando as mãos nas paredes de um templo aonde se vae a primeira vez] (Taboaço). *b)* Quem tem fraqueza, cura-a, pondo sobre a *bôca do estâmago* uma lesma esmagada (Minho). *c)* E' um dietado vulgar: *isto não vale um caracol.*

261. III. ANNELADOS. — Neste grupo apenas conheço tradições a respeito das seguintes classes: *arachnidos*, *myriapodos* e *insectos.*

262. A. ARACHNIDOS. — O unico arachnido de que conheço superstições é a *aranha:* *a)* Quando se vê uma aranha, sendo grande, é signal de dinheiro, sendo pequena é signal de falso testemunho (Gaia). O meu amigo Consiglieri Pedroso traz a seguinte variante: se a aranha é preta, annuncia dinheiro; se é branca, annuncia falsos testemunhos (*Contribuições* etc., Varia, n.º 344). *b)* Uma outra variante que eu recolhi de Vouzella diz que teia de aranha branca é felicidade, e preta é infelicidade. *c)* Se uma aranha passeia pelo vestido de qualquer pessoa, tem essa pessoa de receber dinheiro: em prata, se é branca; em ouro, se é amarella; em cobre, se é negra (A. Luso,— *Erros ácerca de alguns animaes,* in *Livro de Leitura* de A. Leão, 1.ª ed. pag. 63). [111] *d)* Se alguem tentar matar uma aranha e o não conseguir, ella vae depois ter á cama da pessoa (Minho). *e)* Quem quizer fazer arreliar os alfaiates é fallar-lhes em aranhas, porque se conta que foram precisos muitos alfaiates com as tesouras abertas, para atacar uma que lhes appareceu. D'aqui o dictado que se usa quando alguem está muito embaraçado em

---

111 Il y a en Toscane une très-intéressante superstition relative à l'araignée: on croit que si l'on voit une araignée le soir il ne faut pas la brûler, car elle doit porter bonheur; mais quand on la voit le matin, il faut la jeter au feu sans la toncher.» *(Myth. Zool.* II, 171).

cousa de pouca monta: «Isto são sete alfaiates para matar uma aranha» (Beira-Alta). Eis varias cantigas, a primeira da Beira-Alta, e as outras do Minho, sobre o mesmo assumpto:

Setecentos alfaiates
Para matar uma aranha:
Fortes são os alfaiates
Que nem isso apanham!

Vinte cinco mil alfaiates
Todos postos em campanha,
Com as tisoiras abertas
Para matar uma aranha.

Setecentos alfaiates
E' tudo: — *farei, farei:*
Para matar uma aranha
Gritam: — *aqui d'el-rei!*

Aqui d'el-rei quem acode
Ao fogo de Santarem!
Acudam os alfaiates
Em quanto os homens não vem.

O meu amigo F. Adolpho Coelho disse-me ter ouvido vagamente que em certo ponto de Portugal ia num jogo, ou cousa semelhante, uma aranha levada em andor. *f)* Ouvi em pequeno um conto chamado, *Historia das sete parvoices*, no qual um homem, tendo-se recolhido na toca de um castanheiro para passar a noute, começou de manhã a gritar muito, porque viu sobre a toca uma teia de aranha, o que elle julgava ser uma prisão (Beira-Alta). *g)* D'alguem que não vê qualquer cousa que lhe mostram, costuma-se dizer que *tem teias de aranha nos olhos.*

263. B. Myriapodos. — O unico myriapodo de que conheço superstições é a *centopeia.* *a)* Quando uma centopeia desce por uma parede a baixo, é signal de chuva; quando sobe é signal de sol (Guimarães). *b)* Quando se vê uma centopeia, diz-se tres vezes para ella parar e poder ser morta (Gaia, Guimarães, etc.): *S. Bento te prenda*, ou, tambem tres vezes: *S. Bento te tolha* (Porto). Assim que se disser isto, a centopeia pára e não póde fugir. [Tambem ouvi, mas só a uma pessoa, que o mesmo se faz com a aranha].

264. C. Insectos. — *Grillo.* *a)* Para fazer sahir um

grillo do buraco, costumam os rapazes pegar numa palhinha de centeio e engravatar o buraco, dizendo (Guimarães):

> Sae grillinho,
> Sae grillão,
> Que lá vem
> O S. João.

b) Noutra versão de Guimarães, diz-se:

> Sae grillinho,
> Sae grillão,
> Que andam os porcos
> No teu lameirão.

c) Numa versão de Vouzella, os rapazes levam ou uma candeia accesa ou uma lumieira de palha, chegam a luz ao buraco e dizem:

> Grillo grillinho
> Sae do buraquinho [112].

d) Os grillos nas aldeias são muito estimados, e, quando elles *cantam* nas pilheiras das cosinhas, dizem que é signal de fortuna para a casa (Beira-Alta). No citado art. do snr. A. Luso lê-se: «e que fortuna não é para a casa onde cantar o grillo branco!» (ib. pag. 63). Nas cidades costuma-se

---

[112] A. de Gubernatis, *Myth. Zoologique*, II. pag. 77-79, traz várias fórmulas, semelhantes: citámos uma para amostra: «Je trouve dans Du Cange, qu'au moyen âge les enfants avaient coutume de se réunir le soir de Noël avec des perches, munies à chaque bout d'un torchon de paille à laquelle ils mettaient le feu, puis ils allaient autour des jardins et s'approchaient des arbres en chantant:

> Taupes et mulots
> Sortez de mon clos,
>
> Sinon je vous brûlerai la barbe et les os.»

ter em casa o grillo numa pequena gaiola. A respeito do *canto* do grillo, cf. esta cantiga da Feira:

Agora cantam os grillos,
E' signal de tempo quente.
Adeus, amor de algum dia,
Já que não fostes pr'a sempre.

e) No Brazil diz-se que quando canta um grillo negro é signal de morte em casa ou na visinhança, e quando canta um grillo pardo é signal de boas novas (*Alman. de Lembr.* 1860, p. 182). *f)* Recolhi de Villa Real um conto popular, chamado *Historia de João Grillo*, no qual entra o *adivinhão* João Grillo que adivinha por acaso differentes cousas. Numa terra chamaram-no e perguntaram-lhe, apertando na mão um grillo: «Que está aqui dentro?» Elle, como não sabia, disse a lastimar-se «Ai! Grillo, Grillo, onde estás tu mettido!» E assim cuidaram os outros que elle tinha adivinhado. [Em pequeno ouvi na Beira-Alta uma variante do conto]. [113]

265. *Louvádeus.*—*a)* Em Villa Real, quando se vê um *louvádeus* (louva-a-Deus), diz-se-lhe a seguinte fórmula, e elle fica quieto, *alevantando as mãos:*

Louvádeus, louvádeus,
Ergue as mãos para Deus.

b) Em Vouzella, quando se vê um louvádeus, pergunta-se-lhe: «louvinhádeus, p'ra que banda foi o lobo?» E elle *alevanta as mãos* para a banda para onde foi o lobo.

266. *Bicha d'âl-rei.* Ha um *bichinho* chamado *bicha d'âl-rei*, que quando se lhe diz

---

[113] Cf. *Myth. Zool.*, II, 49 e not. 50.

Bicha d'âl-rei.
Põe nas mãos p'ra o ar,
Senão matarei,

ergue logo as mãos (Sandim).

267. *Joanninha.* — *a*) Para caçar a Joanninha, diz-se-lhe (Villa Real):

Joaninha, voa, voa,
Leva as cartas a Lisboa.

b) Duas variantes de Gaia, que, com muitas outras tradições, devo ao meu amigo J. Vieira d'Andrade, dizem:

1.ª Vôa, vôa, joanninha,
Que teu pae stá em Lisboa,
Comendo rabinho de sardinha,
E a tua mãe está em casa,
Comendo caldo de gallinha.

2.ª Joanninha, avôa, avôa,
Que teu pae stá em Lisboa
C'um rabinho de sardinha
Para dar á joanninha:
Joanninha não no quiz,
Deu-le um p. no nariz.
Z... Z... Z... Z...

268. *Mosca.* — *a*) Quando entra em casa uma mosca vareja ou varejeira (*Musca carnaria*) é signal de visita (Porto). Na Extremadura diz-se o mesmo e acrescenta-se que tambem é signal de presente proximo. *b*) Recolhi de Cabeceiras de Basto um conto popular em que entra um tolo que, entre varias parvoices, fez a seguinte na occasião em que ia comprar doze vintens de carne ao açougue: «Stábo (estavão) lá as moscas, zum-zum, zum-zum; pega elle e diz: — ó minhas sandeirinhas, tendes fome? pegae

lá a carne. — Vae o carniceiro péga nella e põe-na no talho. D'ahi a oito dias, torna lá que le dessê os doze vintens, e o carniceiro disse que l'os [le os = lhe os] num dava. Despois elle foi chamar um doutor para citar o carniceiro. O doutor o conselho que le deu (ao tolo) foi que assim que visse as moscas, fosse onde fosse, que l'atirasse co'a moca, e que as matasse. Neste comênos, pousa-se uma no nariz do doutor, elle (o tolo) dá-le co'a móca e rachou-l'a cabeça; o doutor inda por fim le deu os doze vintens.» [Ouvi em pequeno um conto, semelhante a este episodio, no qual um homem que era apoquentado pelas moscas foi consultar um doutor: o doutor disse-lhe que lhes atirasse com a móca onde quer que as visse; nisto as moscas pousam na cabeça do doutor, e o homem executa ahi mesmo as ordens do lettrado].
c) Uma adivinha da mosca diz (Douro etc.):

O que é que nasce na deveza
E vae comer co'o rei á mesa?

269. *Abelha.* A respeito da abelha que dá mel para os vivos e cera para alumiar os mortos, diz-se em Torre-de-Dona-Chama esta adivinha:

Qual é o animal que voa,
Sem tripas nem coração,
Que dá luzença aos mortos
E aos vivos consolação?

No concelho de Bouças diz-se tambem a seguinte, cuja fórmula inicial é commum a outra adivinha do morcego:

Estudantes que andaes no estudo
Nos livros da philosophia,
Dizei-me qual é uma ave
Que não tem peitos e cria,
Que dá tristeza aos vivos
E aos mortos alegria.

Nesta, ao contrario da de cima, a abelha dá tristeza aos vivos por causa dos mortos que ella alumia.

270. *Formigas.* — *a)* Em Guimarães, as freiras do Carmo, para evitarem que as formigas fossem ao doce, punham na porta dos armarios um papel com este lettreiro:

Em louvor de S. Bento
Que não venham as formigas cá dentro.

Em Taboaço também onde se não quer que as formigas vão, põe-se um escrito em honra de *S. Supriano* (S. Cypriano). Em Santarem põe-se no mesmo sitio um papel com estas palavras: *Esta casa é de S. Francisco.* *b)* Os rapazes, quando, num sitio em que possa haver formigas, fallam de um ninho, dizem que elle tem *pédrinhas* ou *cassapinhos* conforme tem ovos ou passaros pequenos, — isto para as formigas lá não irem (Beira-Alta). *c)* Em Arcozello, ao pé do Porto, diz-se o seguinte, que parece uma imprecação:

Deus le dê tantos annos de vida,
Como de palmos tem uma formiga.

d) Tambem ha uma quadra que diz (Oliv. de Azemeis):

O diabo leve os ratos
Mai-los dentes ás formias,
Que me roeram os livros
Onde eu studava as cantias.

e) Uma adivinha de Iou (concelho de Valle-Passos) representa assim a formiga e os seus ovulos:

Que é,
Tem pescoço de cabra,
Bico de torquez,
Branca como a neve,
E preta como o pez?

271. *Piolho.*—O primeiro *bicho* (piôlho) que apparece na cabeça de uma criança deve ser morto na aza de um cantaro para a creança cantar bem (Douro).

272. *Pulga.*—Em Oliveira d'Azemeis diz-se:

A pulga disse que a matasse,
Mas que a não estorcegasse.

273. *Boa-nova.*—As boas-novas (borboletas) quando entram em casa annunciam cousa boa, se são brancas, e cousa má, se são negras (Beira-Alta, etc.). Em Santarem tambem se diz que as mariposas são signal de boa nova. [114]

274. *Besouros.*—Os besouros são agoureiros (Extremadura).

275. *Váccaloura.* Os appendices corneos da cabeça d'este insecto trá-los o povo para livrar de ar, feiticeria, etc. (Minho, Beira-Alta, etc.) Em Rio de Moinhos (Vizeu) trazem-nos no hombro, por dentro. Muitas pessoas costumam até encastoá-los. [O insecto no Entre-Douro-e-Minho chama-se *váccaloira*, em Resende *carrôa*, em Rio de Moinhos *carrócha*, etc.].

---

[114] Gubernatis falla tambem do «papillon (peut-être le petit papillon noir à taches rouges) qu'on appelle en Sicile, le petit oiseau de bonnes nouvelles *(occidduzzu bona nova)*, ou le petit cochon de saint Antoine *(purciduzzu di san Antoni)* et qui croit-on, porte bonheur quand il entre dans une maison. On l'engage à venir à la maison qu'on ferme aussitôt qu'il a pénétré, afin d'empêcher le bonheur d'en sortir. Quand l'insecte est entré, on lui chante:

'Ntr'à to vucca latti e meli,
'Ntr'à mè casa saluti e beni.

(*Myth. Zool.* II. 224 e not. 1.)

276. IV. VERTEBRADOS. — Neste grupo conheço superstições a respeito de todas as classes:

277. A. PEIXES. — *a)* Umas cantigas populares dizem:

O mar pediu a Deus peixes,
Para andar acompanhado:
Quando o mar quer companhia,
Que fará um degraçado!

O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes a Deus fortuna;
O homem pediu sciencia
A mulher a formosura.

b) As creanças com asthma devem trincar um peixe em dia de S. João para sararem (Ucanha). *c)* Quando os pescadores vão ao rio Vau e Tamega ao peixe, ouvem uma voz (do Tardo) que lhes pergunta: «O peixe é para mim ou para vós?» Se os pescadores dizem que é para elles, não pescam nada; se porém dizem que é para o Tardo, são felizes. O melhor peixe que apparece, trincam-no com os dentes e deitam-no ao rio, para serem felizes. O mesmo fazem para o mesmo fim ao primeiro peixe que apparece. (Informação de uma senhora de edade, de Cab. de Basto). [115] *c)* No meu escrito *Cosmogonia popular portugueza* (in *Vanguarda)* publiquei um conto intitulado — *A torre de Babylonia, quem lá vae nunca mais torna,* — no qual um pescador que vae ao mar encontra *o rei dos peixes* que lhe pede que o não pesque, mas que a final é pescado por instigações da mulher do pescador. [116] *d)* Para se saber se uma mulher

---

[115] Nesta importante noticia, em que o Tardo figura como uma verdadeira divindade das aguas, parece estarem confundidas tres versões distinctas: ou a felicidade da pesca depende da resposta dos pescadores (1.ª), ou da offerta do melhor peixe (2.ª), ou da offerta do primeiro peixe pescado (3.ª).

[116] Nos *Contes populaires de la Haute-Bretagne,* por Paul Sebillot (Paris 1880, in 8.º) vem sob o n.º XVIII um conto *Le roi des Poissons* no qual o rei dos peixes pede tambem ao pescador que o não mate; porém o pescador, a instigações da mulher mata-o. Vid. tambem Gubernatis, II, 361 *(Myth. Zool.)* e Tylor (Civil. Primit. I, p. 387).

que anda gravida traz rapaz ou rapariga tira-se a espinha a uma sardinha e deita-se ao lume; se a espinha se vira, nascerá rapaz; se não, nascerá rapariga (Minho, Sinfães, etc.). *e)* De uma rapariga que é muito bonita costuma-se dizer: *Aquillo é um peixe!* *f)* Apesar de haver peixes, como os *atuns*, os *musicos*, etc., que produzem uns certos sons, costuma-se dizer em fórma de dictado: *é mudo como um peixe*. *g)* Um ornato frequente nos jugos dos bois é o peixe (Vid. o meu *Estudo Ethnographico*, pag. 38 e sqq.).

278. B. BATRACHIOS. — Conheço superstições a respeito das rãs e dos sapos.

279. *Rans.* — *a)* Matar as rans causa dôres de cabeça, porque ellas vão todos os dias ao ceu lavar os pés do Senhor (Paços de Ferreira). *b)* As rans quando cantam annunciam bom tempo. [117]

280. *Sapos.* — *a)* O sapo teve desavença com a cobra e cortou-lhe o rabo. Um dia quiz pôr termo á desavença e foi ter com ella, mas a cobra disse-lhe: «E o meu rabo?» (S. Christovão de Nogueira de Sinfães). *b)* A codorniz passando um dia por certo sitio, viu o sapo á porta do seu covil, e como elle só tivesse visivel a cabeça, a codorniz encantou-se da belleza dos olhos d'elle e pediu-lhe que sahisse para fóra; o sapo obedeceu, mas a cordoniz aterrou-se tanto com a figura d'elle, que se retirou bradando: «*Tem-te lá! Tem-te lá! Tem-te lá!*» D'aqui acredita-se que veiu a fórma do seu canto (cf. adeante) (Paços de Ferreira). *c)* Quem está atacado de feitiços cose os olhos a um sapo com retroz vermelho, prende-o com um barbante á perna do leito e detém-no alli por espaço de tres dias, ao fim dos

---

[117] Cf. Plinio, *H. N.*, liv. XVIII, 78-88. — A pronuncia popular da *rã* em alguns pontos é *arrã* (*a-rã*).

quaes o levantam ao ar tres vezes, e em seguida o queimam numa boa fogueira (Paços de Ferreira). *d*) Muitas fórmulas para talhar começam:

Eu te talho,
Bicho bichão,
Sapo, sapão, etc.

e) Tem-se muito terror do sapo, por que se cuida que elle é venenoso. *f*) Quando se quer matar um sapo, se elle não ficar bem morto, vae de noute ter á cama de quem lhe fez o delicto (Porto), ou vae lá ourinar (Penafiel). *g*) Para fazer mal a qualquer pessoa, apanha-se um sapo e criva-se-lhe a cabeça de alfinetes. Todas as dôres que o sapo sentir, sente-as a tal pessoa até que morre, e o sapo não sente nada (*sic*) (Apud Consiglieri Pedroso, *Superst. pop.*, — *varia*, n.º 439). *h*) Quando se encontra um sapo, deve espetar-se com uma canna, da bôca á barriga, deixando a mesma canna, assim com o sapo, enterrada na terra. Ninguem que passe o deve tirar d'aquella posição, porque, se o fizer, tira a fortuna á pessoa que o espetou (Id. ib. n.º 257). *i*) Uma pelle de sapo, cortada do tamanho de doze vintens em prata, e posta de môlho em vinagre durante quinze dias, livra de anthrazes (Id. ib. n.º 305). *j*) Devem-se matar os sapos, espetando-os num páo, por causa dos feitiços (Villa-Real). *k*) «E' tal a aversão que o povo lhes tem (aos sa-sapos)... que chega mesmo a dizer que se deve cuspir tres vezes fóra, todas as vezes que se fallar em sapo, para que não nasçam sapinhos na boca.» (Augusto Luso, — *Erros ácerca de alguns animaes*, in *Livro de Leitura* pag. 72). *l*) Diz-se que, quando chove, os sapos nascem das gottas da chuva.

281. c. Reptis. Conheço superstições a respeito das cobras e dos sardões.

282. *Cobras.* — *a*) As cobras são inimigas dos homens

e amigas das mulheres (Beira, Douro, etc.). *b)* «As cobras no principio do mundo *pediro* (pediram) a Deus pernas. O Senhor preguntou-le p'ra quê. *Disséro* que p'ra correr a trás dos *homes*. O Senhor não le deu as pernas» (Cabeça-Santa no c. de Penafiel). *c)* Sonhar com cobras é signal de dinheiro (Minho). *d)* Um rapaz que quer captivar uma rapariga passa pelos olhos d'uma cobra uma agulha enfiada, e depois pelo vestido da rapariga (Mondim da Beira, etc.). Em Guifões (c. de Bouças) disseram-me que, quando um rapaz quer captivar uma rapariga, apanha uma *vibora*, mata-a, e põe-na em agoa corrente, de modo que a agua leve a carne toda e fique só o esqueleto; depois péga no esqueleto da vibora e toca com elle a rapariga: esta fica logo enamorada do rapaz. *e)* As cobras são inimigas da luz; quando ha um caminho cheio d'ellas, deve pôr-se no chão um archote acceso; ellas não descançam emquanto o não apagarem a bater-lhe com a cauda (Pernambuco). *f)* Para encantar a cobra, diz-se a *Salvè-rainha* ás avéssas; depois póde pegar-se n'ella, que não faz mal (Portêllo ao pé da Regoa). *g)* E' muito espalhada a superstição de que as cobras gostam de leite (Norte e Sul do paiz); dizem já que ellas se escondem nos estabulos das vaccas, já nas camas com as mulheres que andam a criar, e acrescentam que emquanto mamam no seio da mulher tem a ponta da cauda mettida na bôca da criança para a enganar. Ligada a esta superstição anda a seguinte: que quando entra pela bôca dentro a qualquer pessoa uma cobra, é bom, para ella sahir, pôr ao pé uma bacia com leite (Beira-Alta, ect.). O conto n.º xx da collecção do snr. F. A. Coelho (pag. 46-48) allude á mesma superstição. *h)* Uma cantiga diz (Sinfães):

Lindos olhos tem a cobra,
Q'ando olha de repente:
Ninguem se fie em mulheres...
Quanto mais juro mais mente.

i) Diz-se que as cobras quando vão beber deixam a

peçonha sobre uma pedra; se alguem puder tirar a tal pedra, ellas, quando vem de beber, ficam muito arrenegadas por não poderem tornar a ser *peçonhentas.* *j*) Quando se arranca um cabello pela raiz e se mergulha em agua muito tempo, engrossa até se transformar em cobra (Mafra, Douro, etc.).

283. *Sardão.* — *a*) O sardão é amigo dos homens e inimigo das mulheres, a respeito de que se contam varios casos; um d'elles é que, estando uma vez um homem a dormir e vindo uma cobra para lhe entrar pela boca dentro (cf. § 281, *a*, *g*), o sardão começou a bater com a cauda na cara do homem para este acordar (Beira-Alta, Douro, etc.) Outro é o do sardão que ataca uma tecedeira, defendendo-se ella a deitar-lhe novelos que elle vae engolindo. Cf. tambem a lenda da *Senhora da Lapa*, na Beira-Alta. *b)* No principio do mundo, o Senhor perguntou aos sardões se *querio* pernas: elles *dissêro* que sim. «E p'ra quê?» «Para fugir dos homes». O Senhor deulhe então pernas (Cabeça Santa. Cf. § 281, *b*). *c*) Para encantar os sardões, diz-se o *Padre Nosso* ás avessas, e atira-se-lhe com uma moeda de 10 reis; elle morde-a e quebra os dentes (Portêllo ao pé da Regoa. Cf. § 281 *f*).

284. D. AVES. — *Cuco.* *a*) A poupa foi uma vez chamar o cuco para a ajudar a fazer certo trabalho; disse o cuco (Gondifellos):

> Eu, se estiver suão,
> Vou-te dar uma de mão,
> E se estiver de nevoeiro,
> Quero ir para o meu cuqueiro. [118]

b) A poupa era a mulher do cuco, mas a poupa andava

[118] *Cuqueiro,* — ramalho onde canta o cuco.

amigada (amancebada) com o mocho; depois o cuco mandou bater [com licença..., — nota da informadora] no c... ao mocho; o mocho dizia: *ui! ui!* quando lhe batiam; e o cuco: *no c...! no c...!*; e a poupa: *poucas! poucas!* (Gondifellos). *c)* Quando as raparigas andam a aprender a fiar e ainda pouco sabem, dizem-lhes que ellas andam a fiar para as calças do cuco (Guimarães; Gaia). *d)* Se as raparigas não mostrarem um fiado ao cuco, elle tira-lhes os olhos [Dizem as mães isto ás filhas para ellas trabalharem]. (Fareja no concelho de Fafe). *e)* Assim que se ouve cantar o cuco, cuidam as mulheres em curar as suas meadas, por supporem que elle anda a metter a bulha ás que não fiarem (Minho, — apud *Alm. de Lembr.* de 1854, p. 136). *f)* Quem ouve cantar o cuco, de manhã cedo, não morre nesse anno, *g)* Quando qualquer pessoa em jejum ouve cantar o cuco, costuma dizer: «Lá vem o cuco que me caçou em jejum.» [119] (Fareja no conc. de Fafe). *h)* Uma quadra de A. F. de Castilho, publicada no *Almanach Occidental* para 1879 (Porto, Typ. Occid., 1878, pag. 48), diz o seguinte que parece referir-se á superstição de que o home, cuja mulher lhe é infiel, se chama *cuco:*

Lembrou-se de casar Thomé caduco;
Porém não quiz: — a causa? ao pôr do sol
Enterneceu-se ouvindo um rouxinol;
Mas já de tarde *tinha ouvido um cuco*... [120]

Um meu amigo disse-me de cór esses versos de um poeta nosso:

---

[119] «Si l'on entend chanter le coucou à jeun, on sera *vouen* (ou oura un engourdissement de tous les membres) toute l'année. On dit alors que le coucou *a-t-attrapé. (Faune pop. de la France,* par E. Rolland. Paris 1879, t. II, p. 95).

[120] Tous les noms du coucou s'appliquent également aux maris trompés (E. Rolland, *Faune,* etc., ib., pag. 89).

Um tabellião caduco,
Com mulher moça casado,
Vae fazer papel de *cuco*
Tomando o novo estado;
....

i) A seguinte quadra da Beira-Alta e do Douro annuncia o tempo do cuco:

Se o cuco não vem
Entre Março e Abril
Ou o cuco é morto
Ou não quer vir. [121]

j) O cuco é uma ave phallica e casamenteira por excellencia; as raparigas, rapazes, etc., quando o ouvem *cucar*, costumam perguntar-lhe (Minho, Douro, Beira-Alta, etc.):

Cuco da gesteira,
Quantos annos me dás solteira?

Cuco da carrasqueira, etc.
Cuco da carvalheira, etc.
Cuco da ramalheira, etc.

Cuco de Janeiro,
Quantos annos me dás solteiro?

Cuco de Maio,
Cuco d'Aveiro,
Quantos annos
Hei-de estar solteiro?

Cuquinho da beira-mar,
Quantos annos me dás pr'a casar?

Cuco da carvalhada,
Quantos annos me dás de casada?

Cuco da vidarada, etc.

Cuco da Carraspuda, (logar)
Quantos annos me dás de viuva?

Cuco da rameira,
Quantos annos me dás de vida,
Dou-te seis vintens na algibeira?

Depois contam-se as *cucadas* do cuco: tantas vezes

---

[121] Como esta estrophe traz E. Rolland diversas *(Faune*, etc., p. 83-85). Eis uma:

Entre mars et aivri
Chante, coucou, si t'é vi (vivant).

elle disser *cu-cu*, tantos annos se está solteiro, casado, etc., (Cf. § 200) [122].

k) Cf. a seguinte cantiga de Mondim da Beira:

Vou-me casar a Salzedas,
Que me deram por degredo,
Que é terra de muito padre,
Canta lá o cuco cedo.

l) Do cuco é costume dizer (1 Arcozello; 2 Gondifellos):

1. No tempo do cuco
Chove de manhã,
De tarde está enxuto.

2. O cuco,
Pequeno corpo,
Grande apupo.

m) «Em Villa Nova de Famalicão a melhor festa para os habitantes da villa é a do cuco. E' sempre no dia de S. Bento (21 de Março). Vae o cuco-mór mettido em uma liteira puxada por dois burros lazarentos; depois do cuco-mór segue-se o trem, que consiste em taxos, bacias, caldeiras, etc., tudo muito velho, carregado em jumentos; e atrás de tudo segue-se o brazão d'armas dos irmãos da confraria, que é outro jumento carregado de chifres de boi. Em todos os largos pára esta linda comitiva, e o cuco-mór envia então varias aves pequenas, como pardaes, chascos, etc., dizendo: «Ahi vae um cuco para a freguezia de tal, outro

---

122 E. Rolland traz várias fórmulas semelhantes (ib., p. 93-94):

Coucou
Boloutou
Regaide su ton grand livre
Comben i a d'énées è vivre.

Coucou des villes,
Coucou des bois,
Combé ai-z'y d'années
A me maria?

Em Bernoni (*Credenze pop. venez.* p. 60) lê-se:
«Al *Cuco*, nella bassa Lombardia, si rivolge questa dimanda:

Cuco dla cua bianca,
Quanti ani vœt che scampa?»

para a freguezia de tal», e assim corre toda a villa — » (*Alm. de Lembr.* para 1857, pag. 146). Independentemente d'esta noticia, disseram-me que no dia da festa do cuco é costume travarem-se pouco mais ou menos estes dialogos entre os habitantes da villa: «—Hoje quem é que vae buscar o cuco?» «— E' o snr. F. que tem uns *bois brancos*». — Depois finge que vae buscar os cucos, e que manda um para cada uma das freguezias onde ha mais raparigas.

285. *Gallo.* — *a*) O gallo d'antes fallava. Quando os Apostolos estavam á mesa, affirmavam elles que Christo não era Deus, e Christo respondeu que era tanto Deus como o gallo fallar; foi então que o gallo disse: *Coroado!* E é ainda hoje a sua linguagem (Penafiel). *b*) Quando Christo nasceu disse o gallo: *Jesus-Christo é ná... á... á... do* (nádo). E é esta a sua linguagem. *c*) Os gallos velhos põem um ovo d'onde nasce um sardão, que matará o dono da casa (Minho). *d*) «Diz o povo que o gallo aos sete annos põe um ovo, do qual nasce uma cobra» (A. Luso, — *Erros ácerca de alguns animaes*, in *Livro de Leitura*, pag. 74). *e*) «O gallo estando sete annos numa casa, põe um ovo d'onde sae uma serpente. Se esta fita primeiro o dono da casa, este morre; se é o contrario que se dá, é a serpente que morre» (Consiglieri Pedroso, — *Superst. pop.* — Varia —, n.º 514). *f*) O gallo, ao fim de sete annos, põe um ovo donde sae um *bicho mau* (Moncorvo). *g*) «Quando um gallo canta quatro vezes antes da meia noite, é signal de morte» (C. Pedroso, ib., n.º 188). *h*) Para tirar o medo a qualquer pessoa, é bom que ella coma atraz d'uma porta cristas de gallo assadas (Douro). *i*) É (ou era) costume em muitas partes (Douro, Traz-os-Montes, Beira-Alta) correr o gallo por occasião do Entrudo. Estende-se uma corda, de banda a banda, ás paredes de um caminho e pendura-se nella o gallo. Os rapazes vão armados de espadas, e dizem (Moncorvo):

Este gallo é malvado,
Deshonrador das gallinhas;
Inda bem não amanhece,
Já anda pelas curtinhas [123]
Cá, crá, cá... á... á...

Este gallo é malvado
Da cabeça até ao rabo, etc.

Depois os rapazes erguem a espada para o apanhar, mas nesta occasião os que estão de cada lado do caminho puxam a corda, e o gallo sobe, de modo que é preciso muita destreza da parte dos *guerreiros* para o matar. O gallo morto é levado ao mestre-eschola (Moncorvo).—Em Guifões (conc. de Bouças) tambem d'antes se corria o gallo por occasião de qualquer festividade. Quem lhe cortava a cabeça com a espada, ficava com elle.—Tanto em Moncorvo como em Mondim da Beira, etc., dizia-se na occasião da corrida do gallo:

Gallo, gallarós,
Tem nas pernas de retrós,
Quando vae para o poleiro
Vae cag. para vós. [124]

Outro meio de correr o gallo, em qualquer rifa, etc.,

---

[123] *Curtinha*, tanto em Traz-os-Montes como na Maia, é o *campo da porta* (campo ao pé da porta).

[124] «En Allemagne, on faisait danser des coqs, qu'on sacrifiait ensuite le 25 juillet, jour consacré à saint Jacques (le saint qui vide la bouteille, comme on dit en Piémont), à saint Christophe et à l'ancien dieu du tonnerre Donar (*Myth. zool.*, II, p. 298-299, trad. fr.). «D'après un usage en vigueur dans les fêtes des comtés d'Essex et de Norfolk... un individu, les yeux bandés, gagne un coq s'il réussit à l'atteindre sur les épaules d'une autre personne (ou bien étant renfermé dans un pot élevé à douze ou quatorze pieds de terre, contre lequel on lance des projectiles.... Le sacrifice d'un coq était en usage dans l'Inde, en Grèce et en Allemagne» (ib., p. 305).

era (Maia, etc.), enterral-o com a cabeça de fóra, e ir o espadachim com os olhos vendados a ver se lhe cortava a cabeça com a espada; cortando-a, ganhava.

j) A respeito de quando mátam um gallo, ha na nossa *litteratura de cordel* varios livrinhos com o *testamento do gallo*. De Cab. de Basto recolhi tambem estes versos:

O gallo é guerreiro,
Dá um grito no poleiro.
O' gallinhas, vinde ver
Que este gallo está a morrer.
Tenho o meu dito acabado,
Não tenho mais que dizer.

k) Por meio de um pequeno golpe dado no pescoço de um frango preto, extrahe-se-lhe sangue com o qual se dá uma fricção forte nas costas da creança doente de lombrigas, até que appareçam borbulhas que depois são aparadas com uma navalha de barba, na crença de que essas borbulhas são as cabeças das lombrigas que acudiram alli ao cheiro do sangue (A. Luso, — *Erros*, etc., ib., p. 74). *l*) O canto do gallo annuncia a vinda do novo dia. Cf. este hymno da Egreja:

Gallus jacentes excitat:
Et somnolentos increpat,
Gallus negantes arguit.
Gallo canente spes redit,
Aegris salus refunditur.

(*Breviarium*).

m) Gallo que canta de gallinha é mau agouro (Villa Real). *n*) O canto do gallo á meia noite faz dissolver a assembleia do Diabo e das Bruxas [125]. *o*) A noite do Natal

---

125. «Dans l'Avesta, le chant du coq accompagne la fuite des démons, éveille l'aurore et fait lever les hommes (*Myth. zool.* p. 297 tom. II). Vid. este livro num dos cap. seguintes.

chama-se a *noite do gallo*, porque á meia noute se diz a missa do gallo (Moncorvo, etc.). *p*) Nos telhados dos edificios e principalmente nos das torres das egrejas é muito costume pôr um gallo de ferro pintado de vermelho ou de preto a servir de cata-vento [126]. *q*) Adivinhas do gallo:

Foi, não é; (frango?)
Come e bebe
E anda em pé.

(Tellões, c. d'Amarante).

Que é, que é,
A' meia noite se levanta o inglez,
Sabe das horas e não sabe do mez,
Tem esporas e não é cavalleiro,
Escava no chão e não acha dinheiro? (Guimarães)

r) E' mau agouro cantarem os gallos antes da meia noute. Cf. este § em *g*. Um adagio minhoto diz:

Gallo que fóra d'horas canta
Cutello na garganta.

s) Ouvi em pequeno (na Beira-Alta) um conto popular, que infelizmente não tenho todo na lembrança, mas em que entravam quatro animaes de que dois eram o gallo e o gato. Estes quatro animaes dizem, não sei a que proposito:

---

[126] «En Hongrie (où l'on place un coq de fer blanc, peint de différentes couleurs, au sommet des grands édifices pour indiquer la direction du vent, — c'est la girouette *(weathercock)* d'Angleterre et d'Italie; nous avous tous entendu parler du coq de la tour de Saint-Marc à Venise, qui fait sonner les heures), on croit que pour apaiser le diable il faut lui sacrifier un coq noir. Le coq rouge, au contraire, est un signe d'incendie» (*Myth. zool.*, II, p. 304; cf. not.). Em J. Grimm acho a seguinte noticia, no cap. do fogo: «— Das volk vergleicht dieses element einem von haus zu haus fliegenden hahn: «ich will dir einem *rothen hahn* aufs dach setzen' ist drohung des mordbrenners — *(Deutsche Mythologie*, — ed. de Berlim, 1875, pag. 500).

Vamos todos quatro,
Ninguem nos mette papo.

Não sei tambem a que proposito, diz o gallo, noutra parte do conto: «*mostra-lhe a ordem! mostra-lhe a ordem!*».

286. *Gallinha.* — *a*) Eis aqui uns curiosos versos intitulados *A minha gallinha pinta*, e recolhidos em Cabeça Santa (conc. de Penafiel) pelo alumno de medicina o meu amigo A. M. de Souza Baptista a quem devo muitas outras informações [Tambem na B. Alta ouvi em pequeno parte d'estes versos]:

A minha gallinha pinta
Põe tres ovos ao dia;
Se ella puzera quatro,
Que dinheiro não fazia!

Já me davam pela cabeça
Uma vaquinha moresca;
Já me davam pela crista
Uma vaquinha moirisca;
Já me davam pelo bico
A renda do senhor bispo;
Já me davam pela lingua
A cidade de Coimbra;
Já me davam pelo pescoço
Uma dama com seu moço;
Já me davam pelo papo
Raza e meia de tabaco;
Já me davam pela moela
Uma vaquinha moirela;
Já me davam pelo coração
A renda de S. João;
Já me davam pelas tripas
Duas feixadas de fitas;
Já me davam pelo rabo
Um cavallo enfreiado;
Já me davam pelas azas
Na ribeira umas casas;
Já me davam pelas pennas
Duas vaquinhas morenas;
Já me davam pelas pernas,
Umas meias amarellas;
Já me davam pelas unhas
Cento e meio de agulhas;
Já me davam pelo corpo
Toda a cidade do Porto;
Já me davam pelo ril (rim)
Um *porrão* de *sahil.* [127]

Gallinha que vale tanto
Vae-se levar ao convento,
Para que as freiras digam:
«Chô pr'a fóra... chô p'ra dentro.

b) Quando as gallinhas se espiolham é signal de chuva (*passim*). *c*) Para as gallinhas não fugirem, passam-se por

[127] *Porrão* é um pote; *sahil* é um certo liquido combustivel.

baixo de uma tripeça, e diz-se tres vezes (Oliveira de Azemeis):

Eu porqui te passo
E aqui te torno a passar;
Quando eu te procurar
Aqui te venha achar.

Segundo outra versão (que recolhi de Paços de Ferreira) diz-se, fazendo cruzes com os pés no lar junto da gallinha:

Minha gallinha, meu lar,
Onde te perder
Eu te torne a achar.

Segundo uma versão do snr. C. Pedroso (*Varia*, n.º 488) deve esfregar-se-lhe o rabo pelo lar, e dizer-se:

Se eu te procurar
Aqui te venha encontrar. [128]

Segundo outra versão passa-se a gallinha debaixo do banco da cosinha (Paredes de Coura). *d*) Devem matar-se as gallinhas quando cantam de gallo, por que isso é prenuncio de desgraça proxima (Extremadura, etc.). No Douro diz-se que

Gallinha que canta de gallo
Quer em breve o amo no adro;

[128] Cf. o costume que ha em muitas partes (Beira-Ala, Minho etc.), de escrever nos livros o seguinte, por cima da assignatura do dono:

Livro meu muito amado,
Thesouro do meu saber,
Folgarei de te encontrar
No dia em que te perder;

Cavalheiro que te achar,
Se tiver uso de honrado,
Se não souber o meu nome
Ei-lo abaixo assignado.

e por isso a matam, dizendo:

Agoiro
Venha pelo teu coiro.[129]

e) No principio do mundo, quando os animaes fallavam, a gallinha dizia (Penafiel) «que muito se medisse e nenhum se vendesse» [o que certamente se refere ao grão que as gallinhas comem]. *f*) Gallinha preta em casa livra o dono de ser *abrangido pelo diabo* (Paços de Ferreira). *g*) Não é bom que as gallinhas entrem na incubação á quarta feira (ib.). *h*) Os ovos que a gallinha puzer em quinta feira de Ascenção, do meio dia para a uma hora, nunca apodrecem, e livram de certas doenças (C. Pedroso,—*Varia*, n.º 280). *i*) Gallinha preta tem alguma cousa com feiticeria (id., ib., n.º 486). *j*) Não é bom deitar gallinhas quando troveja, porque grolam os ovos (id., ib., n.º 207. Cf. este livro § 224). *k*) Para *botar* uma gallinha assobem acima d'um forno com umas calças vestidas com a cuada para a cabeça, e dizem:

Em louvor de S. Salvador,
Tudo pitinhas, só um gallador.

e rezam um P. N. e A. M. (as mulheres antes querem pitinhas que franguinhos: Cabeça Santa e Penafiel). Conheço ainda mais fórmulas, uma já por mim publicada e outras ineditas,—para a occasião de deitar os ovos á gallinha:

Em *lougor* de S. Gonsalo
Para que sáia tudo pitinhas
E um só gallo.
(Paços de Ferreira).

Em *lougor* de S. Salvador
Para que sáia tudo pitinhas
E um só gallador.
(Ib.)

---

[129] Quando la galina canta de galo, la ciama disgrazie o morte, e bisogna tirarghe subito el colo. (D. G. Bernoni, —*Credenze popolari veneziane*, — Venezia, 1874, p. 21).

Em louvor de Santa Rita
Que saiam tudo gallos
E uma só pita.
(Gaia).

Em louvor de S. Romão
Que nasçam tudo pitas
Só um cantão.
(Beira Alta).

l) Para alguem saber da sua sorte, deita um ovo de gallinha num copo bem limpo e cheio de agua (de modo que a gemma se não desligue); depois põe assim o copo fóra da janella ou porta, desde o anoitecer até ao amanhecer: se o ovo tiver fórma de esquife, annuncia morte; se a tiver de navio, é viagem para o Brazil; se a tiver de egreja é casamento, etc. [Isto é na vespera de S. Pedro ou S. João] (Paços de Ferreira, etc.). *m*) Adagios da gallinha:

Os ovos que se botam em Janeiro
Já vem a pôr no rolheiro. [130]
(Gaia).

A gallinha de Janeiro
Vae pôr co'a mãe ao colmeiro.
(Oliveira d'Azemeis)

Gallinha pedrez
Não a comas, nem a vendas, nem a dês. [131]
(Passim).

Pouco a pouco enche a gallinha o papo.
(Passim).

---

[130] Isto é, vem a pôr no tempo das régas, porque o *rolheiro* é a meda de trigo, centeio, etc.

[131] O snr. C. Pedroso (*Trad. pop.*, Varia, n.º 485) diz: «E' de bom agouro ter uma gallinha pedrez. Cf. o proverbio: gallinha pedrez, — nem a vendas nem a dês». — Não sei se elle ouviu a superstição ao povo, se a concluiu do proverbio: por mim, tenho ouvido a varias pessoas (Beira, Douro) que a razão do proverbio é porque a gallinha pedrez põe muitos ovos. Cf. o dictado siciliano (*Myth. Zool.* II, p. 300 e not. 1):

La gallina cantatura
Num si vinni, nè si duna
Si la mancia la patruna.

A superst. siciliana annexa parece porém indicar agouro.

n) Costuma-se dizer que *pita que canta quer gallo;* cf. esta cantiga de Mondim da Beira:

Ai lari, lari, ló léla,
Eu venho do S. Gonsalo; (romaria no concelho)
Toda a vida ouvi dizer:
—Pita que canta quer gallo.

o) Adivinhas do ovo e das gallinhas:

Qual é coisa, qual é ella,
Capellinha branca
Sem porta nem tranca?

Redondinho, redondoque,
Não tem fundo, nem batoque.

Pipeirinho, pipeirote,
Não tem por onde lhe tire
Nem por onde lhe bote.

— O que é que bebe e não mija?
— A gallinha.
— Cebo para quem tanto adivinha.

287. *Andorinhas.* — *a*) «Quando na beira do telhado de uma casa ha ninhos de andorinhas e alguem os desmancha, é signal de que se desmancha a casa, porque o ninho de andorinha é sagrado e traz felicidade á casa onde está». (C. Pedroso, — *Varia*, n.º 329). Em Mondim da Beira ouvi em pequeno dizer que só os judeus é que são capazes de desmanchar os ninhos ás andorinhas [132]. *b*) Não se devem matar as andorinhas, porque ellas são *gallinhas de nosso-Senhor* (Extremadura) [133]. *c*) As andorinhas vão todos os dias ao ceu lavar os pés ao Senhor; por isso não se devem matar os filhos d'ellas (P. de Ferreira; Cf. § 279—*a*).

---

[132] «En Allemagne, comme en Italie, les hirondelles sont considérées des oiseaux d'excellent augure; c'est un péché mortel de les tuer ou de détruire leurs nids *(Myth. Zool.* II, 253). Na Bretanha o ninho das andorinhas é sagrado; d'ahi o proverbio: «Hirondelle, fais ton nid — A me petite fenêtre, en Bretagne» (Sauvé, *Proverbes et dictons de la B. Bretagne*, n.º 919).

[133] Um dos nomes que E. Rolland traz da andorinha é *Poule de Dieu*, «parce qu'elle joue un rôle dans les légendes pieuses» *(Faune pop. de la France*, II, p. 315 e not. 2).

d) Quando as andorinhas andam rasteiras é signal de chuva (Beira, etc.) [134]. *e*) Diz-se isto ás andorinhas (Minho):

Andorinhas loucas,
Ides muitas, vindes poucas.

f) Vid. § 218. A *pedra de andorinha* é boa para as molestias de olhos (C. Pedroso, *Varia*, n.º 471) [135].

288. *Milhafre.* — O milhafre no Minho tem o nome de *minhoto* e diz-se-lhe (Gondifellos):

1. Minhoto, minhoto,
Que levas no gôto?
— Sardinha assada.
— Quem t'a assou?
Maria Gou-Gou;
Passou pelo rio
E não se molhou,
Comeu uma broua
E não se fartou,
Comeu um bôlo
E arrebentou.

2. Minhoto, minhoto,
Faze uma rodinha (volta no ar, a fugir?)
Que eu te darei uma pitinha.

O povo teme o minhoto, porque elle leva frangos, gallinhas, etc.

289. *Pombos.* — *a*) Quando os pombos abandonam o pombal, é desgraça para alguem da casa (Paredes de Coura). *b*) Quem uma vez tem pombos, nunca mais deve deixar de os ter, porque é agouro (Extremadura) [136]. *c*) Quem não tem pombas em casa não é afortunado (Gaia). *d*) Deve-se defumar o pombal e os primeiros pombos que nelle entram, para depois não fugirem; não fazendo assim, fogem todos

[134] O mesmo em Rolland, ib., ib. p. 315.
[135] Cf. E. Rolland, obr. cit., II, pag. 317, sqq.
[136] «Quando se distruge la razza dei colombi, xe disgrazie». (Bernoni, — *Credenze pop. venez.* pag. 22.)

(C. Pedroso, *Varia*, n.º 240). *e*) Um proverbio, citado por Pedroso (ib. 299), diz:

Casa de pombos,
Casa de tombos.

o que é o contrario do que se disse em *c*.

290. *Corvo.* — *a*) Uma vez andavam uns pedreiros no monte a arrigar um penedo, o que lhes custava; passou um corvo por cima e disse: *Scaba! scaba! scaba!* (escava?) D'aqui lhe veiu a sua feia voz (Paços de Ferreira). *b*) O corvo é uma ave agoureira; quando alguem está doente, e anda um corvo por cima do telhado a gritar, o doente morre. Sempre porém que se ouve um corvo é mau (*passim*) [137]. *c*) Em Vouzella, quando o ouvem berrar, dizem-lhe:

Corvo negro do peccado,
Não insertes [138] o meu gado,
Nem no negro nem ao branco,
Nem ao que anda misturado.

Vae ao Porto,
Que 'stá lá o teu pae morto;
Come-lhe a carne,
Deixa-lhe os ossos
Para amanhã pela manhã
ao almoço [139]

---

[137] Esta superst. parece que tem uma fórma mais primitiva na Bretanha franceza, porque ahi cuida-se que dois corvos presidem a cada casa, ligados á existencia dos chefes da familia; se um d'estes está para morrer, a ave sinistra vae para o telhado soltar gritos lugubres, e ahi fica até que o cadaver saia a porta; depois foge e não volta, porque era o genio ligado aos destinos do mundo (*Rev. Celtique*, pag. 269-270). — Em E. Rolland (t. II, *Faune pop.*, pag. 116) vem a seguinte menção: «Wenn die raben krächzen wird in der nähe ein unglück vorfallen» (Tyrol, Zeitsch. f. d. d. *Myth.*, I, 238).

[138] *Insertes.* O povo diz *insertar* por *encetar*.

[139] Noutros paizes tambem as creanças lhe recitam fórmulas. Ex. (Rolland, ib. ib. p. 114):

291. *Gavião.*—*a*) Os pastores (Vizeu) dizem ao gavião uma fórmula, variante do § antecedente em *c*:

Gavião do Diabo,
Não me entres no meu gado,
Nem no negro, nem no branco,
Nem no que anda misturado:

Se queres carne, vae ao Porto,
Que stá lá o teu pae morto,
Entre odres de vinho
E um quarto de carne assada (sic).

b) D. Francisco Manoel no *Fidalgo Aprendiz* traz esta seguidilha:

Gavião, gavião branco,
Vae ferido, vae voando.

292. *Coruja.*—*a*) «Suppõe o povo que ella mora nas torres e telhados das egrejas, para roubar e beber o azeite das lampadas» (A. Luso,—*Erros ácerca de alguns animaes*, no *Livro de Leitura*, p. 64). *b*) «Se, pousando sobre o telhado de uma casa, deixa ouvir o seu grito rouquenho ou o sopro seguido, que se assemelha ao resonar d'uma pessoa com a bocca aberta, entende o povo que ella chama alguem á sepultura; e com a ideia da noite e visinhanças dos cemiterios, olha a coruja como ave funebre e mensageira da morte, declarando-lhe a guerra mais atroz....» (Id., ib., pag. 64). *c*) O povo teme principalmente os gritos da coruja quando ha um doente numa casa *(passim)*.

293. *Codorniz.*—Nos arredores de Guimarães chamam *calcoré* á *codorniz* porque dizem que ella canta *cal-co-ré*. Quando a ouvem cantar contam os gritos, e tantos ella der, tantos tostões custa o alqueire de milho nesse anno (Guimarães, Avião, etc.).

Corp, corp,
Vai t'en à la mar,
Es tu que manges lous corses; (cadaveres)
Tous petits manjoun la car
E tu rousigues lous osses.

294. *Poupa.*—«As pessoas mais abastadas, e cuja tulha não estava ainda varrida, por Maio e Junho, costumavam emprestar a familias mais pobres de trabalhadores etc. as medidas de grão que precisavam nestes mezes escaços; para os quaes popularmente se dizia ás crianças, que a poupa aconselhava, em seu monótono *pou-pou*, *pou-pou* (linguagem da poupa), a economia e reserva, traduzindo-se a cantiga aos meninos em «*Poupa o pão p'ra Maio*». Taes emprestimos eram fielmente restituidos, ou em especie ao chegar a nova colheita, ou em trabalho nas terras ou vinhas, etc.» (Sernancelhe na Beira,—*Saraiva e Castilho*, 2.ª parte, Londres 1877, pag. 162). [Sobre a poupa ver § 283 d'este livro, e o conto XII da collecção de F. A. Coelho]. A pronuncia beirã é *poupa* (d'onde o trocadilho *poupar*), mas no citado conto (de Ourilhe no Minho) vem escripto *popa*, comquanto eu já tenha ouvido *poupa* no Minho.

295. *Rouxinol.*—É, como se costuma dizer, o poeta das noites de verão; e só quem vive no campo póde bem apreciá-lo, quando elle, empoleirado num loureiro, á luz da lua, deixa ouvir as harmonias do seu canto dulcissimo. O povo correspondé-lhe, referindo-lhe innumeras cantigas, sob as quaes andam ás vezes encobertos pensamentos amorosos. Nellas o amante é comparado ao rouxinol. *a*) Eis quatro cantigas, as tres primeiras da Maia (Villar do Senhor) e a quarta de Gondifellos:

O reixinol, cando canta,
Rebolbe as pennas no bico:
Assim são nos meus amores,
Cando comigo se pico. (i. é, se zangam) [140]

---

[140] Reixinol = roixinal = rouxinol, como eiteiro = oiteiro = outeiro (v. pg. 49 e 51); *pico* = picom = picam (se *picar*). O povo, no Entre-Douro-e-Minho, desanalisa as vogaes nasaes finaes atonas; assim diz chamo = chamam (chamom). Na Beira-Alta, etc. tambem se diz *virge, home*, etc.

O reixinol do loureiro
Tem no cantar *salutario*: [141]
Como póde ter juizo
Quem toda a vida foi vário?

Sae-te d'ahi, reixinol,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormi-la menina,
Que está no somno prumeiro.

O rouxinol, cando canta,
No meio dá um assobio,
Como o filho do vigairo
Que chama ao pae,—*sinhor tio*. [142]

b) De alguem que canta bem, diz-se que é um rouxinol.

296. *Arvéla.* — Os rapazes (em Ventosa, c. de Vouzella), para as *arvelas* irem para o ninho e elles depois poderem tirá-lo, dizem-lhes:

Arveiinha a cima,
Rebolão ao chão,
Que stão nos filhos
A' espera de pão.

[A palavra *arvéla* corresponde provavelmente a *arveloa, alveloa*].

297. *Perdiz.* — *a*) « — E' máo agouro ter uma perdiz viva em casa, porque morre muito cedo o chefe da familia — » (*Superst.*, — Varia n.° 422 de Consiglieri Pedroso). *b*) Cantigas de Mogadouro:

---

[141] Noutras cantigas é *solitario* em vez de *salutario*.

[142] E' costume os filhos de padres chamarem *tios* (e *padrinhos*) aos paes.—Em varias terras (na B. Alta por ex., e principalmente na serra) o povo não só chama *tios* ás pessoas desconhecidas, mas ás pessoas mais velhas da terra; ouve-se a cada passo: *ti João, ti Maria, ti Anna*.

A perdiz anda no monte
E o perdigão no vallado;
A perdiz anda dizendo:
—Anda cá, meu namorado.

A perdiz anda no monte,
Come da herva que quer;
E' como o moço solteiro
Emquanto não tem mulher.

298. *Gaivota.*—Em Gaia diz-se ás gaivotas:

Fugide, gaivotas,
Que lá vem o Diabo co'as botas.

299. *Môcho.*—*a)* O *piar* dos mochos é agoureiro (Estremadura, etc.). *b)* Caçador que encontre um môcho, póde crer que não mata nada nesse dia (Extremadura).

300. *Pardaes.*—Quando se ouvem os pardaes é signal de sol (Vouzella).

301. *Papagaio.*—*a)* Costuma-se dizer (passim):

— Papagaio real
Para Portugal,
Quem passa?
— E' o rei que vae á caça.

b) No conto pop. port. (publiquei na minha *Cosmogonia pop.*, in *Vanguarda* de 6 Fev. de 81, duas versões, e tenho ainda outras) da rainha que tem dois filhos que são deitados numa condecinha ao rio, e depois salvos e educados sem o pae saber d'elles, entra um papagaio muito intelligente, que, num banquete a que assistiram os dois rapazes e o rei, avisa este de tudo o succedido com os filhos.

302. *Pato.*—*a)* As Bruxas, como veremos, metamorphoseiam-se em patos. *b)* Segundo Eduardo Coelho (*Quinze dias na Serra da Estrella*, no *Diario de Noticias* n.º 5595) o lobishomem na serra da Estrella toma a fórma de *pato*

marreco, habita as lagoas da serra, e rouba as aguas de réga.

303. *Rolas.*—Quando as rolas cantam, é signal de chuva (C. Pedroso,—*Varia* n.º 401).

304. *Pavão.*—«O pavão esmorece quando olha para os pés, por os ter feios» (C. Pedroso,—*Varia*, 205; o mesmo em Traz-os-Montes).

305. *Peto.*—«O peto costuma ás vezes quebrar uma varinha e voar com ella no bico. E' uma varinha do condão, e feliz d'aquelle que a apanhou, se esta ave a deixou cahir» (C. Pedroso, *Varia*, n.º 470).

306. *Pêga.*—*a*) Da pêga conheço um adagio:

Ninho feito
Pega morta. [143]

b) Ha uma tradição historica portugueza a respeito das *pêgas* de Cintra.

307. *Peru.*—Os rapazes dizem ao peru uma fórmula que vae a pag. 61, not. ao § 141.

308. *Melro.*—O melro é outro cantor das noutes estrelladas, como o rouxinol, mas d'elle pouca cousa posso

[143] E. Rolland cita estes proverbios: «Nid tissu, oiseau envolé»; «Nido fatto, gazza morta» *(Faune pop.*, p. 408). Ainda que na nota 80 citei o adagio portug., a explicação d'elle parece estar mais clara nestes dois estrangeiros: é costume vulgar dos rapazes nas aldeias *andarem aos ninhos*, e o facto do ninho descobre a ave, que depois é agarrada com laços de linha postos em volta do ninho (Mondim da Beira etc.)

aqui dar: *a*) Quando alguem tem sede, costuma dizer: «Agua ao melro, que tem no bico sêcco». Numas cantigas numerativas do *Trango-Mango* recolhidas por mim de Vouzella, diz-se indifferentemente (vid. o meu art. *Tradições Popul.* na *Vanguarda* de 21 Ag. 81):

Eram 24 marrafinhas	Eram 24 marrafinhas,
Todas a fazer um doce:	Todas a fazer um doce
Auga ao melro, sécca o bico,	*Deu-lhe o* TRANGO MANGO *nellas,*
Não ficaram senão doze.	Não ficaram senão doze.

b) Nos *Contos popul. portug.* de F. Ad. Coelho, vem, sob o n.º XII, um em que se traduz assim a linguagem do melro: «*chelro, merlo, merlo, chelro*» (*ob. cit.* p. 22).

309. *Alma de mestre.* «—Encontram-se no alto mar umas avesinhas que dão sentidissimos e largos pios, ás quaes os marinheiros puzeram o nome de *almas de mestre,* crendo supersticiosamente que são as almas dos mestres ou capitães de navios que se perderam, e que andam naquelle fadario de pios, emquanto seu corpo não chega a terra, e não obtem sepultura christã—» (Almeida Garrett, —*Camões*, not. ao canto V). [144]

310. *Pito-nu.* —Havia um passaro sem pennas chamado *pito-nu.* Todas as outras aves lhe emprestaram pennas para elle se vestir, e a coruja ficou por fiadora d'elle para com ellas; mas o *pito-nu* apenas se agarrou vestido, fugiu. A coruja nunca apparece de dia com medo de que as outras aves a piquem, pelo facto de ella não poder restituir as pennas do *pito-nu.* (Ao pé da Guarda) [145].

---

[144] A crença de almas em fórma de aves não é só nossa: vid. por ex. no tomo 2.º, pag. 200, da *Revue Celtique* de H. Gaidoz, o art. *Mythological Notes,* IX por W. Stokes, o qual diz: «That souls assume the forms of birds, etc.»

[145] Cf. Tylor, *C. P.* I, 475; E. Rolland, *Faune Pop.*, 44 (Aves).

311. *Pito-Suro.*—O Pito-Suro encarregou-se de ir fallar ao Rei para lhe expôr o resultado da conspiração dos gallos e frangos que se queixavam de serem mortos pelo homem. O *Suro*, no caminho, encontrou um rio que lhe disse que o não deixava passar: o *Suro* engoliu-o; encontrou um penedo enorme e depois um enxame de vespões que lhe disseram o mesmo que o rio: o *Suro* engoliu tudo. Chegou ao palacio, não o deixaram entrar e metteram-no no gallinheiro, onde elle vomitou o rio; depois metteram-no na cavallariça, e elle vomitou lá as vespas; por fim metteram-no no jardim, e elle vomitou lá o penedo. O rei, obrigado por tantos destroços, mandou-o chamar, mas não o pôde attender, e apenas lhe concedeu a vida a elle (Minho; cf. tambem o conto XI dos *Cont. p. port.* de F. A. Coelho, e o verso de Gil Vicente, cit. na introd. a este cap.: Mas *gallo negro suro*).

312. *Ave-incerta.*—«No Alemtejo ha uma ave (qual?) que, se algum caçador a matar, a alma penada d'ella, fica errando pelo mundo até que o assassino vá pelo espaço de trinta noites gritar por ella a um cemiterio—» (C. Pedroso, *Varia*, 373).

313. **Factos diversos.**—I. *Fórmulas para enxotar os passaros das sementeiras.* *a*) Colloca-se fel de boi dentro de um pucaro de barro, e enterra-se de noite na seára de painço que se quer livrar da passarada. Depois de enterrado o pucaro, anda á volta do campo um homem ou mulher em fralda de camisa a dizer:

> Passarinhos, deixae o meu painço,
> Que tem fel!
> Ide para o monte,
> Que tem mel!

Quando se aproxima o tempo da ceifa, torna lá a mesma pessoa, em egual disposição, a tirar o fel; se o não tirasse,

o painço ficava amargoso. (Vid. o meu *Estudo Ethnographico*, Porto 1881, pag. 22). *b)* Eis outra fórmula de Villa-Marim (mas ignoro as ceremonias):

> Xô, passarada!
> Foge do meu linho,
> Vae para a cevada.
>
> (Vid. um meu art. na *Era Nova*, pag. 546).

c) Para as aves não irem ás sementeiras, pega-se numa panella com a bôca voltada para o peito, e anda-se tres vezes á volta do campo, dizendo (Sinfães):

> Passarinhos de *arzel* (sic), ao monte,
> Que o monte tem mel
> E a minha sementeira
> Tem fel.
>
> (Vid. o meu art. *Trad. Portug.*, I, 24, na *Aurora do Cavado* de 25 de Ag. de 1880).

314. II. *Jôgo das pitinhas.*—Assisti a este jogo em pequeno, e uma mulher de Taboaço contou-m'o tambem, mas como eu conservo poucas ideias d'elle, e a mulher explicou-se mal,—postoque o que ella disse concorda com o pouco de que me eu lembro,—não posso aqui dar uma descripção tão exacta como era preciso.—Assentam-se umas poucas de creanças, nos regaços umas das outras, em carreira, havendo mais duas que fazem uma de gallo e outra de raposa; a raposa vem roubar as pitinhas (as que estão encarreiradas), e, a cada uma que leva, o gallo dá signal, cantando.

315. Na 5.ª feira d'Ascensão os passaros não vão aos ninhos, do meio-dia para a 1 hora (Extremadura).

316. E. Mammiferos.—*Cão.* *a)* O cão, porque é um fiel companheiro e amigo do homem, um guarda sollicito das casas e das quintas, merece da familia portu-

gueza uma estimação especial.—Quasi todos os cães têm nome proprio, tirado já de rios, já da Mythologia, já de outros animaes, etc., como: *Nillo, Tejo, Minerva, Leão, Tigre, Pombo*, etc., etc.—Tambem é costume pôr ao pescoço dos cães colleiras de metal com o nome do dono e ás vezes da casa ou quinta a que pertencem, para, se ás vezes se perderem, elles poderem ser restituidos. [146] *b*) Quando alguem tem um inchaço, uma ferida, etc. acha um remedio no bafo do cão (Beira-Alta, etc.). Um adagio do Algarve diz:

Bafo de cão
Até com pão. [147]

c) Costuma-se dizer que os cães ladram á Lua. [148]

---

[146] Cf. o seguinte: Os romanos collocavam colleiras com bullas ao pescoço dos escravos fugitivos. Eis algumas inscripções d'estas colleiras,—inscripções semelhantes ás dos nossos cães, que são apenas mais concisas: *Bulla tene me ne fugia(m)*;—*Tene me quia fugi, et revoca me domino meo Bonifatio Linario*;—*Reboca me ad domum Theodetenis ad dominum meum Vitalione(m)*. Na *Revue Archeolog.*, d'onde tiro estas noticias, lê-se mais que o uso das *bullas* nas colleiras substituiu o castigo de marcar a cara com um ferro em braza,—e accrescenta-se que depois a superstição popular se apoderou das *bullas*, suppondo que ellas evitavam a fuga dos que as traziam. (*Ob. cit.*, pag. 102-109, vol. 29.º,—*Les colliers et les bulles des esclaves fugitifs aux derniers siècles de l'empire romain*,—por Louis Lefort).

[147] «El can ga 'l balsamo su la lengua. Co' se ga piaghe, el can co la lengua le fa guarir» (Bernoni,—*Credenze popolari veneziane*, Veneza 1874, pg. 37).

[148] Vid. § 32. Uma adivinha com fórma litteraria diz:

Sou uma dama preciosa
Dos mancebos despresada:
Os cães comigo tem rixa,
Só no mar sou desejada.

Um proverbio latino diz: «*Delia nota canibus*», porque Delia ou Diana, *a caçadora*, (Lua) andava acompanhada de cães.

d) Quando uiva um cão, é preciso descalçar o pé esquerdo, e, voltando a sola do sapato para cima, dizer, para o agoiro ficar sem effeito (cf. § 285-*d*):

Todo o agoiro
Sobre o teu coiro

(Maia).[149]

[Quando outro qualquer agoiro assusta os aldeões, elles deitam sal no lume e ficam descançados. (Ibidem)].

e) Quando alguem é mordido por cão damnado (cf. tambem a introd. a este cap.) *apéga-se* com S. Romão, rezando-lhe e dizendo (Vouzella):

Senhor S. Romão
Nos livre dos cães damnados
E por damnar
E todo o bicho
Que ao de cima da terra andar.[150]

(Cf. tambem Pinho Leal, — *Portug. Ant. e Mod.*, v.

---

[149] «Quando che i cani ziga co un urlo, mor qualchidun de là a pochi zorni» (Bernoni, — *Credenze popol. venez.* pg. 22). Cf. tambem A. Maury, (*La Magie et l'Astrologie*, pg. 166, 4.ª ed.) que cita J. Grimm, — *D. M.*, 2.ª ed. pag. 1072. Cf. mais A. de Gubernatis, — *Myth. Zool.* II, pg. 39.

[150] Na Sicilia, o advogado é *S. Vito*, a quem uma oração popular pede:

Pri lu nnomu di Maria
Ligu stu cani
Ch' haju avanti a mia.

(G. Pitrè, — *Spettacoli e Feste*, Palermo 1881, pg. 281).

Em Veneza, «Co' se incontra cani cativi o cani rabiosi, per no essar morsegai, se dise:

Santa Maria Madalena
Tegni quel can a la caena, etc.

(Bernoni, *ob. cit.*, p. 44).

S. Romão, e este livro, § 155). Em Cabeça Santa (Penafiel) diz-se a seguinte oração para livrar de cousas más:

Eu me entrego á luz,
E á bella santa cruz
E ao rei da virgindade
E ás tres pessoas da SS. Trindade,
Que nos livre de lobos e lobas,
Cães damnados e por damnar,
D'hôme morto, má encontro,
D'hôme vivo, de má p'rigo.
S. Romão seja comigo.

f) Quando alguem é mordido por um cão (não damnado) frita o pello do cão em azeite e põe-no por cima da mordedura. Até se costuma dizer: *cura-se a mordedura com o pello do mesmo cão* (Beira-Alta, etc.) [151] *g*) O povo traduz, como temos visto, a linguagem de varios animaes. A linguagem do cão é esta (Cabeça-Santa):

Stalica-te, minha perna,
Arrebita-te, meu rabo,
Quero achar a porta aberta
E mulher de má recado.

[Isto é, mulher que deixe a comida mal acautelada].

h) Em Vouzella, Minho etc. dizem-se estes versos do cão, que são ao mesmo tempo uma fórmula numerativa:

Eu tenho um cãosinho,
Você tem dois,
Adeus, amorzinho,
Até ao dispois.

Eu tenho um cãosinho,
Você tem quatro,
Adeus, amorzinho,
Coração, ingrato

[151] «En Sicile, quand quelqu'un est mordu par un chien, on coupe à celui-ci une touffe de poil qu'on plonge dans du vin avec un charbon ardent; on fait boire ce vin à la personne mordue» (*Myth. Zool.*, II, 39). Tylor, citando a mesma superst., transcreve esta phrase dos Eddas scandinavicos: «O pello do cão cura a mordedura» (*Civilisação primit.*, trad. fr., I, pg. 98-99).

Eu tenho um cãosinho,
Você tem tres,
Adeus, amorzinho,
Até oitra vez. [152]

Estes versos tem uma musica propria. *j*) Ha com allusão ao cão alguns dictados de terras que eu reuni nos meus *Dictados topicos de Portugal*, ex.:

Guimarães
A cada porta
Sete cães.

k) Nas tampas dos antigos tumulos, por ex. nas dos de D. Pedro 1.º e D. Ignez, em Alcobaça, vêem-se cães esculpidos aos pés das estatuas dos defunctos. Explica-se vulgarmente o facto por ser o cão o symbolo da fidelidade; mas é preciso reserva nessa explicação. *l*) *Adagios:*

Quem tem medo, compra um cão. Cão que ladra não morde. [153] *Estão como o cão e o gato* (i. é, muito arrenegados). *Preso por ter cão e pelo não ter.*

m) *Adivinha* (B. Alta):

Tem rabo e coração;
Ad'vinha, tolo, que é cão.

---

[152] Os tractamentos que o povo portuguez usa entre elle são tres: *vossemecê, você* e *tu* (e ás vezes tambem *o sinhor*). — A palavra *vossemecê*, pelo intermedio *vossamecê*, deriva de *vossa mercê*; a palavra *você*, que tambem é pronunciada *võcê, vũcê* (e com *b-v*), deriva de *vossemecê* pela fórma intermédia *vómecê* (que é usual em vez de *vossemecê*) ou antes *vóm'cê* (pronunciado o *m*).

[153] *Il can che abbaia non morde* dizem os italianos.

n) Quando um de nossos cães fizer um buraco defronte de casa, morre qualquer pessoa [da familia?] (Arredores do Porto). *o*) Costuma-se dizer em fórma de improperio, ou brincadeira, a outra pessoa: *ah cão! ah seu cão!*

317. *Gato.—a)* Os gatos fazem asthma; e os gatos pretos curam-na, comendo-se guisados (Extremadura). Uma versão de Paços de Ferreira diz-me só que elles são bons contra a asthma. *b*) Quando um gato *se lava* com a mão direita annuncia visita de homem [com a esquerda annuncia-la-ha de mulher?] (Arredores do Porto; cf. §§ 268-*a* e 225). *c*) Quando um gato *lava a cara*, deve-se notar de que lado é: ao outro dia, o vento está d'esse lado (Arcozello de Gaia). *d*) Se um gato está sobre o forno a *lavar-se*, voltado para o Nascente, temos chuva; se está voltado para o Poente, temos bom tempo.—D'ahi os seguintes versos que juntamente com esta explicação recolhi de Cabeceiras de Basto:

Sobe o gato ao forno,
Lava-se para o Nascente,
Chuiva de repente;
Lava-se para o mar,
Velhas a assoalhar.

e) Para os gatos não fugirem de casa, deve-se-lhes untar as patas com azeite (Gaia). *f*) Quando as creanças pedem que lhes *contem historias*, é costume dizer-lhes esta fórmula (ha outras differentes, que tambem tenho colligidas):

Era uma vez
Um gato maltez,
Alça-lhe o rabo
Chupa-lhe o pez.

Resposta:

Chupa-lh'o tu,
Que és mais cortez.
Chupa-lh'o bem:
Quanto mais chupas,
Mais tem.

(Moncorvo).

g) O coelho pediu ao gato que lhe désse o rabo, e o gato disse-lhe que lhe désse leite; depois foi pedir leite a vacca, para leite dar a gato, para gato lhe dar rabo, — a vacca disse-lhe que queria herva; foi então pedir a moço que lhe désse herva, para herva dar a vacca, para vacca lhe dar leite, para leite dar a gato, etc., — e o môço disse-lhe que queria sapatos; o coelho foi a sapateiro para este lhe dar sapatos, para sapatos dar a moço, para moço lhe dar herva, para herva dar a vacca, etc., — e o sapateiro disse-lhe que queria sêdas; o coelho pediu a porco que lhe désse sêdas, para sêdas dar a sapateiro, para sapateiro lhe dar sapatos, para sapatos dar a moço etc..... (Sinfães. — Esta versão está incompleta, porque numa versão que em pequeno ouvi em Mondim da Beira, o porco quer farinha ou farellos que são pedidos ao moleiro; este quer uma mó que é pedida ao pedreiro; este quer picos que são pedidos ao ferreiro; este quer carvão: depois a raposa que nesta versão entra em vez do coelho, e *quer o seu rabo para Domingo ir á missa*, — vae ao Marão arrancar lenha para fazer o carvão, e ainda lá anda).

h) *Dictados do gato:* — *Não é por ahi que vae o gato ás filhoses;* — *fiz d'elle gato-sapato;* — *de noite todos os gatos são pardos;* — *gato escaldado, d'agua fria tem medo.* Quanto o bafo do cão é bom, quanto o do gato é mau; d'ahi o adagio algarvio:

Bafo de gato
Que nem chegue ao fato (cf. § 316-*b*).

i) *Adivinha:* Qual é coisa, qual é ella, que tem ore-

lhas de gato e não é gato? — *Uma gata.* [154] *j*) A respeito do gato e da creação da mulher, vêde adeante. *k*) Costuma-se dizer que o *gato tem sete folles*, — isto é, sete orgãos respiratorios, — (Beira, Douro, etc.) e que *a mulher vale por sete gatos* (Douro). Na Extremadura dizem que a razão por que o gato leva tanto tempo a morrer, é por ter sete folles. *l*) E' muito mau dar comida quente aos gatos, porque os faz derramar [damnar] (C. Pedroso, — *Varia* n.º 408). *m*) Os gatos tambem tem nomes como os cães (vid. § 316-*a*). *n*) Aos homens pobres que, por dinheiro, vão aos enterros com tochas, etc., chama-se *gatos pingados* (Porto) [cf. adeante]. *o*) Considera-se o gato como o symbolo da ingratidão.

318. *Porco.* — *a*) Quem tem uma doença de pelle, chamada *bertueija*, deve ir embrulhado deitar-se nos ninhos dos porcos (Arredores do Porto). *b*) A quem se assenta nas pias dos porcos nascem alporcas [cf. *alpórca* e *pórca*] (Cabeça Santa). *c*) Em algumas aldeias, onde se costumam deitar os porcos para as estradas, é uso para elles se não perderem, medir-lhes a cauda com um pau, e metter depois este debaixo da pia (*Almanach de Lembr.* 1861 pag. 303; cf. § 286-*c*) *d*) As porcas com cria trazem ao pescoço uma fita vermelha ou uma fita de trovisco, por causa dos máos-olhos (Famalicão). *e*) Sonhar com carne de porco é signal de desgosto na familia (C. Pedroso, — *Varia* n.º 444). *f*) No conto de *João Grillo*, citado a pag. 135, § 264-*f*, perguntam ao Grillo, apertando na mão um bocado da cauda de um porco: «que está aqui?». Elle, como não sabia, disse o adagio: *aqui é que torce a porca o rabo*. Os outros cuidaram que elle tinha adivinhado. *g*) E' costume matar os porcos no Natal, no S. André, e no S. Thomé:

---

154 Cf. *Devinettes popul. de la Basse Bretagne* in *Rev. Celtique*.

No dia de S. André
Quem não tem porco mata a mulher.

Pelo S. Thomé
Faz o porco *qu-é... qu-é...* [155]

Na Beira-Alta (Mondim da Beira) e arredores, um porco mata-se assim: estendem-no num longo banco de madeira e atam-no com uma corda, segurando-o além d'isso varias pessoas; depois com uma grande faca fazem-lhe um buraco nas guelas, até que elle morre. Morto, chamuscam-no com palha accesa, lavam-no, rapam-no com uma pedra, e em seguida com navalhas, até a pelle ficar bem limpa. Um certo osso com pouca carne tem o nome de *assadura;* a assadura é dada a uma creança que a come assada (por brincadeira chama-se *assadura das palhas* a um rôlo de palha que se introduz no anus do porco). Alguns dias depois da *matança do porco,* faz-se o jantar da *sârrâbulhâda,* a que de ordinario assistem amigos e parentes do dono do porco. A *sârrâbulhada* (cujo nome provém de *sârrâbulho,* ou sangue de porco cosido) consta quasi só de carne de porco. *h*) O Diabo apparece nos *corgos* (ribeiros,—Beira-Alta) em fórma de *Porca com sete leitões.* Um dos muitos nomes populares do Diabo é *Pôrco-sujo.* *i*) D'alguem que é muito rico costuma-se dizer *que é rico como um pôrco.* *j*) A alguem que não é limpo chama-se *pôrco.* *k*) Os porcos, quando andam a *esfossar* muito na palha ou no cisco, annunciam chuva. *l*) *Conto popular:*=Q'ando Deus andava pelo mundo a mais S. Pedro a pedir, acháro quatro porquinhos no caminho, e déro-nos a criar a uma mulher, e disse-le o Sinhor: «Tome conta d'estes porquinhos, que

---

[155] Este costume encontra-se noutras muitas partes. cf. *Rev. de Ethnolog.* de A. Coelho, fasc. 1.°, *Myth. Zool.* de A. de Gubernatis, t. II, etc.

nós cá vimos para o anno para os partirmos e para ser dois seus e dois meus». Os porquinhos crescio muito, o que fazia admirar. Chega-se o anno e viéro elles para partir os porquinhos, e ella tinha escondido dois para dar conta só dos oitros dois. O Sinhor préguntou por elles, e ella disse: «Dois morrêro, e os oitros dois inda ahi stão». Mas o Sinhor como sabia que elles que éro vivos, e que ella os tinha escondido, disse assim:

Pois estes dois qu'aqui stão
Seus e meus serão,
E os que stão naquelle *haido* fichados (heido)
Por essas serras irão —»

Fôro elles que despois lá ficâro *porcos-montezes* bravios — (Cabeceiras de Basto).

319. *Cavallo.* — *a*) Quando se vê que um cavallo (e boi, porco, etc.) anda triste e não come, benze-se com a camisa do homem que houver em casa (Arredores do Porto). *b*) Sonhar com cavallos é signal de casamento. *c*) Quando pare alguma egoa ou burra, deve pôr-se ao pescoço do filho uma bolsa, prêsa por uma fita vermelha, com aipo e alho, por causa das bruxas (Sinfães. Cf. § 251-*c*). *d*) Quando tosse um cavallo dizem logo: *S. Antonio!* tantas vezes quantas elle tossir (P. de Ferreira). *e*) *Lenda.* Em Vizella (Minho) mostram-se umas ruinas a respeito das quaes se conta que noutros tempos morava alli um fidalgo cuja mulher cohabitava com um cavallo da casa. Diz-se mais que o cavallo, apenas sentia os passos da mulher em cima na sala, começava logo a relinchar. O fidalgo então incendiou o seu palacio e tudo quanto havia dentro, mulher, cavallo, etc. [156]

---

[156] Nos codigos de Egreja encontram-se disposições contra o ajunctamento do ser humano e do bruto.

320. *Macho.* Os almocreves costumam pendurar na testa dos machos um pequeno chifre artificial para livrar de *cousas ruins* (Norte do reino).

321. *Mula.* O povo diz que a mula é amaldiçoada porque comeu as palhas em que o Menino Jesus dormia no presepio de Belem (Norte do reino).

322. *Burro.* —*a*) No principio do mundo o burro fallava, e dizia que tanto geasse que lhe cahisse a beiça (Póvoa de Lanhoso). Uma versão de Carregosa (Douro) dá estes versos (que em Cabeça-Santa se dizem do cavallo):

O burro disse que tanto nevasse
Que até as ventas se lhe arreganhasse.

b) Nos campos espeta-se um páo com uma caveira de burro (ou com um chifre, etc.), para afugentar os máos olhados (concelho de Paredes). *c*) A denominação—*burro!* dada a alguem é uma injuria, porque designa estupidez. *d*) Quando os burros andam pouco ou não querem andar, e os fustigam, dizem-lhes: «Quem te mandou a ti ser burro?» *e*) Quando num certo negocio se notam obstaculos, etc. diz-se: «Aqui anda caveira de burro». *f*) *Dictados do burro:*

Quem burro vae a Santarem,
Burro vae e burro vem. [157]

---

[157] Ha outras rimas populares onde entra o nome *Santarem*, como:

Minha mãe tem, tem
Tripas a coser
Em Santarem.

Cf. o rifão historico a respeito de D. Fernando (Fernão Lopes, *Chron. de D. Fernando*, cap. 36, apud *Era-Nova*, pag. 151):

Antes burro vivo do que cavallo morto. — Burro morto, cevada ao rabo. *g*) Ha entre nós um conto, (muito espalhado por todo o mundo), em que um principe tem orelhas de burro [158]. Noutro conto os excrementos de um burro são ouro. *h*) Quando nasce um burro, põe-se-lhe ao pescoço uma colleira escarlate com uma bolsinha cheia de alhos e arruda, para livrar o burro de feitiços, e a mãe de lhe seccar o leite (Minho, — apud *Alm. de Lembr.* 1857, p. 376). *i*) Cf. o conto LXVI de Ad. Coelho.

323. *Boi e Vacca.* — *a*) No principio do mundo, quando tudo fallava,

> O boi disse que tanto chovesse
> Que até os cornos lh'amollecesse,
> (Penafiel, etc.)

b) A quem fôr na companhia dos bois não acontece mal nenhum; as feiticeiras não entram com elles (Douro, etc.) *c*) Quando se lançam as sementes á terra, chega-se ao focinho do boi a cesta que as contém, para este as bafejar, e a sementeira produzir, porque o boi bafejou Christo no presepio (*passim* no Minho e Douro). *d*) Quem soffre do *tizorelho* põe no proprio pescoço o jugo quente do boi (Famalicão, Guifões no c. de Bouças), e diz (Guifões):

> Tizorelho,
> Vae-te d'aqui,
> Que bois e vaccas,
> Cangam aqui.

> Exvollo vai,
> Exvollo vem,
> De Lixboa
> Para Santarem.

[158] Cf. *Contos popul. port.* de F. A. Coelho, e um art. d'este mesmo escriptor no *Positivismo,* pag. 74 sq.—Gubernatis, *Myth. Zool.,* I, pag. 404, etc.

e) O excremento (bosta) de boi serve para barrar as portas dos fornos (Minho e Douro). *f*) Nos melanciaes espeta-se um páo com um chifre de boi na ponta para afugentar os máus olhados (Paredes, Maia, Ucanha;—cf. § 322-*b*). *g*) O boi que berra á porta de uma casa onde ha raparigas annuncia casamento (arredores do Porto). *h*) Em Sandomil o boi bravo vae á egreja para o benzerem. *i*) Em Alter o padre lê o Evangelho entre os chifres do boi bravo para o amansar. *j*) O boi vae em muitas festas, como em Braga, Penafiel, Basto, etc. *(bòi bento)*. Em Alter-do-Chão entra na egreja o *boisinho de S. Marcos*, a que os *emprezadores* (irmãos de S. Marcos) dizem, batendo-lhe com umas varinhas:

Entra, Marcos,
Em louvor do senhor S. Marcos.

O boi chega até ao altar-mór. Depois da festa offerecem-se ao santo muitos bezerros que tambem fazem a sua entrada no templo (vid. o meu *Estudo Ethnographico*, — pag. 28 e 29). *k*) Quando tosse algum boi, dizem logo: *S. Antonio!* tantas vezes quantas elle tossir (Paços de Ferreira; cf. § 319-*d*). *l*) A respeito do *fel de boi*, vid. § 313-*a*. *m*) Quando uma vacca está a berrar, as pessoas solteiras devem logo metter a mão na algibeira, que é para casarem cedo. Vacca que berra é signal de casamento na terra. Sonhar com um boi é signal de casamento breve (Pedroso, — *Varia* n.os 315, 430 e 443). *n*) «Quando a uma vacca ou cabra lhe foge o leite, para que elle volte, deve atar-se-lhe uma corda a uma orelha e a outra extremidade da mesma corda a um pé» (Id. ib. n.º 371). *o*) O bafo das vaccas é santo, porque J. Christo nasceu junto de uma vacca (Extremadura, cf. este § em *c*). *p*) A's vaccas, quando andam com as crias, ata-se-lhes á cauda um farrapinho vermelho por causa do máo olhar que causa *dadas* nellas (Famalicão; cf. § 322-*h*). *q*) Nas lendas de *Moiras encantadas*

é muito vulgar entrarem vaccas, sendo menos vulgar entrarem bois. Eis dois casos, que extraio dos meus *Fragmentos de Mythologia Popul. Portug.*, pg. 2-3: Um camponez costumava mandar uma vacca a um monte da freguezia de Mosellos (c. da Feira), e, como varias vezes ella apparecesse em casa com a barriga bem cheia, e os uberes vasios, pegou um dia e fechou-a. A's horas de sahir, a vacca saltava e mugia desesperada; á vista d'isto o dono abriu-lhe a porta e seguiu-a, até que a vacca entrou numa caverna que ia dar a um viçoso lameiro. De repente appareceu uma cobra espantosa que disse ao homem: «Deixa-me tirar o leite de que preciso, e dar-te-hei uma grade d'oiro». O homem consentiu, e a cobra deu-lhe a grade, com a condição de elle não fallar em Deus; mas elle, apenas se viu cá fóra, tão contente estava, que disse para a vacca: «Anda lá com Deus: com Deus tudo, e sem Deus nada». Immediatamente a grade se transformou em carvão. A cobra era uma *Moira*.—No monte do Castêllo de Guifões (Mattosinhos) localisa-se uma lenda semelhante; mas ahi uma rapariga guarda a vacca, e a Moira tira o leite, dando á pastora um vaso que esta só deveria abrir passado um anno. A rapariga abriu-o antes do praso expirar, e achou-o cheio de bogalhas amarellas, que já iam a mudar-se em ouro. A mesma *Moira* mandou uma vez deitar ao visinho rio Leça uma pedra que se mudou em grade de oiro. *r*) Ha um conto pop., de que tenho duas versões e estou em vesperas de arranjar terceira, no qual uma rapariga, a quem a madrasta quer mal [159], vae por ordem d'esta para o monte com grandes tarefas de fiar e dobar, e depois faz a dobagem nos chifres da vacca, que além d'isso a instrue sobre varias cousas. A vacca em castigo foi morta, e, quando a rapariga

[159] Cf. o adagio:

Madrasta
O nome lhe basta.

*

lhe lavava as tripas, fugiu uma pela agua a baixo; a rapariga correu a trás da tripa e foi ter á casa de umas *fadas*, que, por ella lhes varrer e preparar a casa, a fadaram muito bem (Beira-Alta). *s) Adivinhas:*

JUNTA DE BOIS (cf. § 324-*i*-*s*).

Oito batem na calçada, (patas)
Quatro olham para o ceu, (chifres)
Um guia a càngalhada, (lavrador)
Outro toca o chirineu. (moço que vae a trás)

(Porto).

BOI — Mil marinhinhos, (pelles)
Mil marinhões, (pelles)
Dois parafitas, (chifres)
Quatro tanchões. (patas)

(C. d'Anciães).

VACCA — Qual é coisa,
Qual é ella,
Quatro na cama, (uberes)
Quatro na lama, (patas)
Dois parafusos, (chifres)
E um que lhe abana (cauda? moço?)

(S. Martinho de Mouros).

324. *Cabras, Bodes.* — *a*) O nome vulgar da cabra na Beira-Alta é *chiba*, *chibinha;* os bodes tambem se chamam *chibos.* *b*) De alguem que tem as barbas grandes diz-se *que tem barbas de chibo;* de um rapaz que é desinquieto diz-se que é um *cabrito*, e de uma rapariga diz-se que é uma *cabra*. Tambem se diz: *Feio como um bode.* *c*) No principio do mundo, quando tudo fallou, disse a cabra:

Que tanto sol fizesse
Que até as pedras rachasse.

d) O Diabo apparece em figura de bode, e conhece-se principalmente pelo *pé* (passim). *e)* O conde D. Pedro, a respeito da genealogia da casa de Haro, conta a lenda da *Dama pé de cabra*, lenda que A. Herculano romantisou no seu livro *Lendas e narrativas*. Segundo D. Pedro, andava uma vez D. Diogo Lopes á caça e ouviu cantar muito alto sobre uma penha uma mulher, que elle viu *ser mui formosa e mui bem vestida;* casou com ella, com a condição de nunca *se sanctificar*, mas uma vez que, estando á mesa, fallou em *Santa Maria*, logo a *Dama pé de cabra* fugiu para as montanhas, *em guisa que a nom viram mais.* *f)* «Quando falta o leite a uma cabra, para que elle volte, deve atar-se-lhe uma corda a uma orelha e a outra extremidade da mesma corda a um pé». (*Varia*, n.º 371, por C. P. Cf. § 323-*n*). *g)* Ha um jogo infantil, conhecido pelo nome de *jogo da cabra cega:* uma das creanças (*cabra cega*) leva um lenço a tapar os olhos e vae correr a trás das mais, até agarrar outra, que é depois a *cabra cega* e faz recomeçar o jogo. Antes de principiar o brinquedo, trava-se o seguinte dialogo entre a *cabra* e a creança:

— Cabra cega, d'onde vens?
— Eu venho de Guimarães.
— Que trazes de venda?
— Pão e canella.
— Dás-me da merenda?
— Ficou-me na venda;
Bubi-a de vinho,
Agora m'alembra.

(Vizeu).

— Cabra cega,
— D'onde vens?
— De Vizella.
— Que trazes de lá?
— Pão e canella.
— Dás-me d'ella?
— Não que é para mim
E para a minha velha
— Zupe-te nella. [160]

(Guimarães).

[160] Como este verso dá entender (*zupar* é bater em alguem, —Minho), as creanças jogam mutuamente o murro, em quanto correm. — Em vez de *Vizella* tambem na Beira, etc., se diz *Castella*: uma fórmula de Taboaço, semelhante á 2.ª que aqui dou, acaba; *zumba-te nella* (*zumbar* é bater, como *zupar*). O jogo da cabra-cega é já mencionado por Gil Vicente, e tem paradigmas noutros paizes (cf. Th. Braga, *Os jogos pop.* in *Era-Nova*, p. 356-7).

h) Eis duas cantigas populares de Vouzella, allusivas á cabra:

O' minha cabra amarella,
O' meu sino sem badallo,
Queira Deus não sejas tu
O amor com quem eu fallo.

O' minha cabra amarella,
Pellada pela barriga,
Eu tambem me estou pellando
Por aquella rapariga.

i) *Adivinhas da cabra* (tambem se diz do boi a 1.ª; na 2.ª é a uva que falla á cabra).

1.ª Quatro batem na calçada, (patas)
Dois olham para o ceu, (chifres)
Dois fazem a queijoada, (uberes)
E um toca o *berimbeu*. (cauda ou moço?)

2.ª Alto me miras,
Comer me querias;
De ti sahirá (o ôdre)
Quem me levará.

j) Sobre *pagar a cabrita*, vid. § 214. Num jornal de provincia lê-se o seguinte: «cabrita, é o costume de aquelle que compra uma junta de bois na feira, pagar uma conveniente quantidade de vinho a todos os que entrarem na tranzação, quer como partes principaes, quer secundarias».

325. *Carneiro*, *Ovelha*. — *a*) No principio do mundo disse a ovelha:

Que tanto ventasse
Que até a lã lhe voasse.

(Penafiel; Gaia).

b) Uma vez uma mulher viu um carneiro á porta da casa d'ella; botou-lhe as mãos, mas como fallasse no nome de Jesus, o carneiro sumiu-se, deixando um cheiro muito mau. Era o Diabo (Cab. de Basto). *c*) Ha um conto popu-

lar (Santarem) no qual entra um Moiro encantado em carneiro (vid. os meus *Fragm. de Myth.*, pag. 3). *d)* «Para haver fortuna numa casa, é bom pôr em cima da porta uma armação de carneiro preto e uma ferradura» (C. Pedroso, *Varia* n.° 313). *e)* As tecedeiras costumam pendurar chifres de carneiro nos teares, por causa das cousas ruins (Beira-Alta). *f)* J. Christo é chamado o *manso cordeiro;* uns versos que se cantam em Mondim da Beira dizem:

— Manso cordeiro,
— Pr'a onde caminhaes?
— Pr'a o monte Calvario.
— Bemdito sejaes!

g) S. João Baptista, a quem os pastores com especial devoção veneram, e em cujo dia os gados vão a banhar, é representado com um cordeiro ao lado. Uns versos que com outros ouvi no Porto, dizem:

S. João, chora, chora
Lagrimas de prata fina,
Por lhe fugir o cordeiro
Por aquella serra a cima.

h) *Conto popular* (de Villa Cova, c. de Paredes). — Uma vez um lobo encontrou uma ovelha que andava a pascer [161], e disse-lhe: «O' ovelha, eu como-te!» Respondeu a ovelha: «Pois sobe alli para cima, que eu entretanto vou pascendo, e depois entro-te lá mesmo pela bôca dentro». O lobo subiu para o alto do monte e esperou. A ovelha, assim que viu o lobo longe, fugiu. O lobo começou a correr atrás d'ella, e, como a não pudesse agarrar, disse:

«Que eu sou lobinho-cão,
Nunca corri tanto em vão».

[161] *Pascer,* termo popul. da localidade.

Respondeu a ovelha:

«Que eu sou ovelhinha russa,
Nunca corri tanto de escaramuça».

i) Adagio:

Ovelha que berra,
Bocado que perde.

Ir buscar lã
E vir tosqueado.

j) Adivinha (Villa da Feira; cf. § 56):

Branca larada
Que vae pela estrada,
Não fia nem tece
E seus filhos veste. (As ovelhas)

326. *Rato.*—*a*) Ha um conto popul., *Hist. da carochinha*, que vem na collecção do snr. F. A. Coelho (n.° 1) e que eu tambem ouvi em pequeno,—conto em que a carochinha casa com um rato (João Ratão). *b*) Para a etymologia pop. de *Rates* vid. § 161-*a* d'este livro. *c*) De um homem jovial, etc. costuma-se dizer que *é um ratão*. *d*) *Adagio:*

O que se ha-de dar ao rato
Dê-se ao gato.

Sobre o adagio: «Quem lançará o cascavel ao gato?» vid. *Rev. de Ethnolog.* de A. Coelho, pag. 143, fasc. II-III. *f*) *Cantiga*:

Oh quem fôra rato, rato,
Que ratára pelo chão,
Que ratára as maçarocas
Das meninas do serão!

(Taboaço).

327. *Toupeira.* — *a*) A toupeira é cega e diz-se vulgarmente: *é cego coma* [162] *a toupeira* [163] (passim). *b*) *Cortar a toupa* é o nome que as mulheres dão á cura de quaesquer furunculos que ellas dizem devido ao *ser peçonhento* da toupeira. Para se cortar a toupa, é preciso matar uma toupeira, guardando d'isso segredo de um anno. A fórma do curativo é esta: benze-se nove vezes o furunculo, sendo uma vez cada dia, e acompanhando esse acto com a seguinte fórmula (vid. *Alm. de Lembr.* 1876):

Bicho, bichinho matei,
Do que segredo guardei.
Em louvor da Virgem Maria
Padre Nosso e Ave Maria. [164]

(Monsão).

c) E' costume caçar as toupeiras no campo por meio de certos tubos de barro mettidos na terra.

---

[162] O povo diz, em certas phrases comparativas, *coma* em vez de *como*. A fórma *coma* apparece em Gil Vicente (ex: *obras*, t. III pag. 161, Hamburgo) e em gallego. A pronuncia do adagio é: «cego *cumá* toupeira».

[163] «C'est un préjugé assez répandu de croire la taupe aveugle» (Rolland, — *Faune*, mammifères, p. 13). M. de Norguet (apud Rolland, ib.) cita um proverbio bretão:

Si taupe voyait,
Si sourd (salamandre) entendait,
Le monde finirait.

Cf. a seguinte cantiga pop. (apud Ad. das Neves, — *Musicas e canç. pop.*, pag. 87):

Quando a pedra nadar
E a cortiça fôr ao fundo,
Então se hão-de acabar
As murmurações do mundo.

[164] «A certain jour de la lune, on étouffe une taupe dans la main. Dès lors la *main est taupée* et peut guérir certaines maladies» (apud M. Rolland, ib. pag. 13).

328. *Furão.* — Os furões, quando vêem uma mulher menstruada, morrem; por isso não devem ser tractados por mulheres (Paredes de Coura).

329. *Coelho.* — *a*) Do *Sermão de S. Coelho*, a que já allude D. Francisco Manoel (na *Feira de Annexins*), obtive duas versões, a primeira de Guimarães, a segunda que eu ouvi em pequeno na Beira-Alta:

Sermão de San Coelho
Tem o rabo bem vermelho;
A carriça deu um grito
A' porta de S. Francisco;
Toda a gente se espantou,
Só uma velha ficou
Embrulhada num sapato
Para mandar de presente
Ao abbade S. Vicente. [165]

Sermão de San Coelho
Tem o barrete vermelho
E uma espada de cortiça
Para matar a carriça;
A carriça deu um berro,
Todo o mundo estremeceu,
. . . .

b) No art. *Os jogos popul. e infantis* (in *Era-Nova*, pag. 360) traz o snr. Th. Braga esta quadra:

Oh Senhora Anna,
Guarde o seu coelho,
Que me vae á horta
Do feijão vermelho.
(Minho).

c) *Cantigas*:

Caçador que vae á caça
Não vae caçar o coelho,
Vae por ver uma menina
Do colletinho burmelho.

O coelho é matreiro,
Dorme co'os olhos abertos.
. . . .
. . . .

d) Vid. *Cont. pop. port.* de Ad. Coelho, pag. 7.

---

[165] Ao meu amigo Adolpho Salazar, de Guimarães, devo a colheita d'este *sermão*, bem como de muitas outras poesias pop. do Minho.

330. *Lobo.*—*a*) Quando um lobo vê qualquer pessoa sem a pessoa o ver a elle primeiro, esta perde a falla (passim). [166] *b*) O lobo nos contos pop. é chamado *compadre Lobo* e entra a cada passo com a raposa (cf. *Contos pop. port.* de Coelho, n.os VII, IX). *c*) Sobre os lobos e o nevoeiro vid. este livro § 112. *d*) Em pequeno ouvi muitos contos em que figurava o lobo; eis algumas reminiscencias: —Uma vez uma mulher tinha uma figueira e passou um homem que pediu figos á mulher [velha?], dizendo-lhe que casava com ella; dito e feito, a mulher deu-lhe os figos; o homem foi-se embora e disse-lhe que se chamava *Nonovi* (ou *Nonovio:* não-no-vi) e que voltava tal dia para celebrarem o casamento; o dia chegou, mas o homem não; a mulher perguntava a toda a gente pelo seu *Nonovi*, ninguem lhe dava noticias, antes se riam; ella então botou-se ao caminho á procura d'elle, e anoiteceu-lhe; depois, como visse ao longe um lobo com os olhos muito brilhantes e cuidasse que era o noivo, começou a dizer toda contente [a ideia é esta, mas parece-me que o dito era em verso rimado]: «Lá vem o meu Nonovi com tochas accesas que me vem buscar!»; o lobo aproximou-se, fez *ão!* e devorou a velha (Mondim da Beira).—Uma vez uns lobos tinham enterrado um carneiro para o comerem em certo dia; mas um d'elles foi ás escondidas e comeu-o sósinho; os outros, quando viram que o carneiro tinha desapparecido, disseram que haviam de saltar todos por cima de um carro com estadulhos, (carro de bois), que o criminoso ficaria espetado nos estadulhos; saltaram, e o criminoso ficou effectivamente es-

---

166 Virgilio (Egl. IX, 53-4) diz:

.... Vox quoque Moerim
Jam fugit: lupi Mœrim videre priores.

«La vue d'un loup rend un homme muet» (Rolland, ib. pag. 117).—Na *Romania*, x, pag. 289, M. Darmesteter menciona a mesma superst. em Plinio, S. Ambrosio, Isidoro de Sevilha, Theocrito, Platão, Virgilio, e no Avesta.

petado nos páos. [167] (Ibidem). *e*) As povoações da Beira, principalmente na serra, são com frequencia atacadas por lobos, aos quaes até fazem montarias os caçadores em certas occasiões; por isso, quando alguem (gente pobre) consegue matar um lobo, vae depois com a pelle d'elle empalhada pedir pelas portas, — como eu fui testemunha muitas vezes.—*f*) Cf. o conto VI de Ad. Coelho. *g*) Adagio: *Do contado come o lobo*, isto é, ninguem deve considerar uma cousa como segura, alludindo ao pastor que, apesar de ter o gado contado, vê o lobo levar-lhe uma rez (Vimieiro). *h*) Dos *lobishomens* e *lobeiras* fallarei adeante.

331. *Raposa.* — *a*) Do mesmo modo que o lobo é o compadre, a raposa é a comadre. *b*) A raposa é o typo da astucia. *c*) O figado frito de raposa é bom para certo mal. *d*) Na manhã do S. João, antes do Sol nado, devem procurar-se as raposas nos campos e chamar-se-lhes muitos nomes como porca, bebeda, lambareira, etc. para ella não vir buscar as gallinhas (Sinfães). *e*) *Conto pop.*—Era de uma occasião uma raposa e foi buscar *seccôrro* para os filhos (comida) e depois vae e foi lá o coelho ao buraco d'ella, mas em antes de ir tinha feito um buraco no valle, largo de uma banda e estreito da outra, e dipois preguntou aos filhinhos da raposa pela mãe, e dipois os filhinhos, indo lá aquelle homem, quando a mãe chigou disseram: — «O' minha mãe, veiu cá um homem com as orelhas esguiadas, que le havia de fazer e acontecer». — Vae ella e pensa: «Ai! que foi o ladrão do coelho! Esperae ahi que eu le vou fallar». — E ella foi á procura d'elle, mas como elle entrou pelo buraco mais largo e sahiu pelo mais estreito, vae ella e seguiu-o e ficou encravilhada (i. é, presa) e elle vae de volta e diz-le:

---

[167] Lembra os celebres *juizos de Deus* de edade-media (tambem os houve em Portugal, vid. *Panorama,* vol. IV, *Crenças portug.* — por A. Herculano).

«O' minha raposinha,
E' dizê-lo
E fazêlo!
Zus, catruz! — »

(**Maia**).

f) Cf. os *Cont. pop.* do snr. Ad. Coelho, sobre a raposa.

332. *Morcego.* — «Para apanhar os morcegos, quando á noitinha andam voejando pelo ar, é bom levantar uma canna e gritar-lhes repetidas vezes:

Morcego! morcego!
Vem á canna, que tem cebo».

(**Consiglieri Pedroso,—*Trad. pop.*, Varia, n.º 449**).

Em algumas terras, quando o morcego entra á noute numa sala, os rapazes costumam apanhá-los, agitando chapeus no ar, etc. (Mondim da Beira). [168]

333. *Baleia.* — Uma vez um homem foi engolido vivo no mar por uma grande baleia; mas, como elle levasse comsigo um instrumento cortante, cortou o figado do animal, que, morrendo, foi pela agua trazido á praia. Uns pescadores, vendo a baleia morta, começaram logo a desfa-

---

[168] «Pendant les chaudes soirées d'été les enfants cherchent à attirer les chauves-souris en agitant en l'air soit un mouchoir blanc, soit un chapeau, soit une longue perche et en leur adressant certaines paroles mysterieuses» *(Faune pop., mammif.,* p. 5). M. Rolland traz entre outras, estas formulas (ib. pag. 6):

Cat-sori!
Passe par ichi
On t'donnera du pain musi.

Bloody, bloody Bat,
Come into my hat!

zê-la para guardasoes, oleo, etc.; nesta occasião o homem, que ainda estava vivo, gritou e foi salvo, recebendo até o animal que elle havia morto (concelho de Paredes). [169]

APPENDICES A ESTE CAPITULO

I. — Vozes para chamar os animaes. *a*) As gallinhas chamam-nas assim na Maia: *chu-chu*, *chu-chu;* ou: *pi-pi*, *pi-pi;* assim em Mondim da Beira: *plinha*, *plinha* e tambem, fechando os labios como quem dá um beijo; em Guimarães chamam-nas como na Maia, e assim: *xurrinha, xurrinha*; em Mondim enxotam-nas dizendo: *xô*, *xô!* (cf. § 313-*b*). *b)* As rolas: *rû! rû!* (Guimarães). *c*) Os gatos: *bich! bich! bich!* ou: *bichinho, bichinho*; para os enxotar dizem: *sápe! sapé gato! sápe d'ahi!* (passim). Cf. os versos (Porto):

> Sape, gato
> Lambareiro,
> Tira a mão
> Do sucareiro.

d) Os cães em Guimarães chamam-nos *tó*, *tó;* em Mondim da Beira: *boch, boch, boch;* ou ainda: *poch! poch!* (*p-b*) ou *bóca! bóca alli! e*) Os porcos em Mondim da Beira chamam-nos: *bico! bico!* ou: *bicá! bicá! bicá-tó, tó, tó...;* na Maia dizem *bicá, bicá bica* ou *réco! réco!* (um dos nomes do porco

---

[169] Tambem, se a memoria me não engana, ouvi em pequeno um conto parecido. A semelhança entre elle e a fabula de Jonas é tanta, que é provavel que o conto não seja popul., mas, por ex., introduzido por algum prégador em sermão, etc.

na Beira-Alta é *réco*); em Mondim para enxotar os porcos tambem dizem: *tô! tô d'ahi!* *f*) Aos bois na Maia dizem-lhes assim: *toma, toma* (como em Mondim); quando o lavrador anda a lavrar, conversa com os bois e falla-lhes como se elles o entendessem (Beira-Alta); para guiar os bois diz-se: *uó! uó!* (Mondim etc.). *g*) Para fazer parar os cavallos diz-se: *chó! chó* (Mondim), e para os fazer andar produz-se um som dobrando a lingua com fôrça; o almocreve tambem conversa com os machos. Quando os cavallos vão beber, assobia-se-lhes (passim). [Se alguma pessoa está bebendo, e outra, por brincadeira, lhe assobia, diz (Porto):

> Nunca a agua me prestou
> Senão quando um burro me assobiou.]

II. — Armadilhas para apanhar passaros.

a) *Alçapão.* — E' uma especie de gaiola quadrada de 0,m1 de alto pouco mais ou menos, tendo na parte superior uma porta que abre para cima; esta porta, na parte superior, sustenta um chumbo, para que, desarmado o páo que a sustenta, ella caia e feche a gaiola; d'ella se suspende uma espiga de painço, de modo que o passaro a não possa tocar sem tocar no pau que a sustenta. Os *alçapões* são geralmente destinados a *pintasirgos* (pintasilgos), e por isso junto d'elles se põe uma gaiola com um pintasilgo dentro para chamar os outros (Guimarães).

b) *Caniços* ou *Nassas.* — Estas armadilhas são feitas de vime ou varinhas de choupo. Tem a fórma de um covilhete [170] suspenso de um lado por uma varinha e d'outro lado assente no chão. Debaixo deitam-lhe migalhas, etc. para que os passaros, vindo comê-las, bulam na varinha e façam cahir o covilhete, que logo os encarcéra (Maia).

---

[170] *Covilhete* (Maia, Mondim da Beira, etc.) é o nome de uma tigela de barro.

c) Ha uma outra armadilha semelhante á precedente, mas com esta differença: faz-se no chão uma cova pequena onde se deita a isca, e por cima põe-se uma taboa, do mesmo modo suspensa e que do mesmo modo cae (Guimarães).

d) *Caixão.*—E' um caixão ordinario que se arma por meio de dois páos e um fio preso nas duas extremidades do caixão que pousa no solo. E' destinado ao pombo (Guimarães).

e) *Castellão.*—E' um arco cujas duas extremidades estão tensas por uma corda. Na curva do arco prende-se uma rede conica. E' destinado a caçar *sombrias*; o chamariz é um grillo ou mosca grande (Guimarães).

f) *Rede.*—A rede emprega-se para apanhar os passaros bravos nas medas onde vão pernoitar; cerca-se esta com a rede, bate-se a meda, e os passaros, ao fugirem, ficam presos nella (Guimarães).

g) *Laço.*—O laço é feito de fio, com um nó corredio; dentro do circulo formado pelo laço põe-se milho, e quando, para o comer, entram as pombas dentro do laço, puxa-se pelo fio, ficando presas pelos pés (Guimarães). Em Mondim da Beira é costume cercar o ninho de qualquer passaro com o laço, e depois puxar por este quando o passaro entra.

h) *Armelos com visco.*—Os mais usuaes são feitos com uma linha de 0,m3 de comprido, pouco mais ou menos, coberta com visco e preso nas duas extremidades um bocado de pão, sendo preferivel côdea, por offerecer maior resistencia ás picadas do passaro que toma o pão, e tentando voar com elle, fica com as azas presas no visco.

Pode servir tambem um bocado de piassava, com a differença de levar pão só numa das pontas; o passaro prende-se da mesma maneira. Tanto á linha como ao piassava dá-se o nome de *palheiras*.

Tambem se applica o visco em *palheiras*, propriamente ditas, para apanhar os passaros no bebedouro: conhecido este, que é quasi sempre procurado diariamente, collocam-se

envolta d'elle de distancia em distancia pedras ou torrões, sobre os quaes se põem as palheiras. Não deve porem a sua altura, isto é, a distancia entre o chão e a palheira, exceder muito a do passaro, para que este, passando sob estas para beber, se envisque.

Ha passaros que não comem pão (boieira ou levandisca,—nome usual) e então em vez d'este, collão-se presas pelas azas, numa palheira de piassaba, 6 ou 8 moscas; põe-se a palheira assim arranjada sobre duas pedras, mas um pouco obliquamente, de modo que quando tentão comer os insectos a palheira lhes cae sobre as azas (Guimarães.)

i) *Costellas.* — Para apanhar os passaros usam-se na Sortelha (Beira-Baixa) umas armadilhas, (chamadas *costéllas*) de rede, com um pincho, onde se poem *aúdes* (formigas de azas); quando os taralhões véem apanhar os *aúdes*, a armadilha cae e elles ficam presos. — Na Beira-Alta tambem são conhecidas as *costellas* para os passaros, mas não posso dizer em que consistem.

j) *Abuizes.* — Os *abuizes* são uma especie de armadilha com um laço de cabello e *aúdes* (Sortelha).

k) *Inxózes.* — Estas armadilhas compoem-se de uma cova com umas taboas, de tal modo que abrem quando a perdiz passa, e tornam a fechar (Sortelha).

III. — Armadilhas para apanhar peixes.

a) *Chumbeira* (para peixe meudo). — É uma rede em fórma de saia cosida na cintura, e guarnecida de espheras de chumbo para poder ir ao fundo; na parte estreita tem uma corda de quatro a cinco braças de comprido, corda em que se péga quando se atira a rede á agua. A chumbeira fecha pór meio de um artificio e traz o peixe (Minho, Douro, Beira, etc.).

b) *Noça.* — E' uma rede semelhante á do *castellão*, com a differença de ter na bôca uma rede mais pequena para obstar a que o peixe que entra não possa ser levado pela corrente; colloca-se na parte mais estreita do rio (Guimarães).

c) *Alvitana.* — E' outra rede comprida que se atravessa no rio, durante a noute, para apanhar o peixe na corrente: outras vezes a *alvitana* põe-se adeante dos *aloques* que, assim tapados, são batidos com um pau para o peixe fugir e cahir na rede (Guimarães).

d) *Aranhô* (para lampreias e saveis no rio Tamega e Douro). — Parece-se com uma teia de aranha, d'onde lhe vem o nome.

e) Ainda ha outros meios de pescar: á canna com o anzol (differente para as trutas e para os bordalos); amassando trovisco com lama, embrulhando-o num panno e mettendo-o nos *aloques* das enguias, que, assim atordoadas, são apanhadas (Minho, Beira-Alta, etc.). De redes, como *boqueiro*, *estremalho*, *barbal*, *lampreeiro*, *cabaceira*, etc. não sei mais que os nomes.

IV. — Factos que não puderam ir no seu logar.

a) D'alguem que anda muito vagarosamente diz-se: *vae a passo de lesma.* *b*) Os alfaiates são chamados *aranhas.* *c*) A *bicha d'âlrei* do § 266 é chamada *cavallinho d'el-rei* em Sinfães. *d*) Para expulsar a lagarta e o pulgão das vinhas, vae um certo padre (pois nem todos têm essa virtude ou se prestam a isso) com resas e agua benta correr as vinhas, excommungando aquelles animaes (Cadaval etc. Cf. as *Practicas de exorcistas*). *e*) Cantigas da pulga e do piolho (a 1.ª, de Cab. de Basto, a 2.ª e 3.ª de Vizeu, a 4.ª e 5.ª da Feira):

De Lisboa me mandaram
Um presente com seu môlho:
As costellas d'uma pulga
O coração de um piolho.

A pulga e o piolho
Andam na varzea a sachar:
Lá vae o *persevelhito* [171]
Com a cesta do jantar.

---

[171] O povo na Beira-Alta diz *persevêlho* correspondentemente a *persevéjo.*

Uma pulga deu-me um couce
Deitou-me a baixo da cama:
Não ha coisa que me agrade
Como uma mulher mediana.

A pulga é bicho negro,
Tem os dentes de marfim,
Dorme no meio das moças,
Quem me dera ser assim!

Santa Luzia do Couto,
S. Matheus de Mandail,
Tirae os dentes ás pulgas
Que me não deixam dormir. [172]

f) *Adivinhas* (1.ª *pente e piolhos*; 2.ª *piolho*; 3.ª *pulga*; 4.ª *mosca*; 5.ª *formiga*):

1.ª Tamanho como um cavaco,
Vae buscar os bois ao matto?

2.ª Todos o tem,
Ninguem o quer ter;
E depois que o vêem
Ninguem o quer perder?

3.ª Semente preta
Terra mimosa,
Salta a semente,
Fica uma rosa?

4.ª O que é que nasce na deveza
E vem comer co'o rei á meza!

5.ª E' negra como o pez
E agarra como a torquez. [173]

g) Quando se dá com um ninho de passaros, deve dizer-se para as formigas não irem lá:

Formigueiro,
Vae ao oiteiro,
Se tiver ovos, chuchae-os,
Se tiver passarinhos, esmigalhae-os.

(Gondomar).

— Para as formigas não irem aos ninhos não se deve di-

---

172 Cf. os epigrammas citados pelo snr. Gaston Paris no *Petit Poucet*, pag. 22-23.
173 Vid. *Era-Nova* pag. 254, 435 e 438.

zer, debaixo de têlha, que elles têm ovos ou passarinhos (cf. § 270-*b*). *h*) O sapo é *ajudante* e companheiro das Bruxas (Maia). — Quando um sapo nos fita é preciso dizer de repente, tres vezes, cuspindo sempre fóra (Maia):

Santos — em mim,
Quebrantos — em ti (cf. § 280-*k*).

— Cuida-se que o sapo, quando vê uma cobra, começa a gritar, e se lhe vae metter na bôca (*passim*); cf. a cantiga (Porto):

O sapo é feiticeiro,
Ninguem o ha-de dizer,
Mette-se na boca á cobra
Para ella o comer.

i) As *Moiras encantadas* apparecem em fórma de cobras (vid. adeante). *j*) A *gallinha preta* em casa livra de coisa má, porque esta *acanhará* a ave negra e não a gente *Rev. Univ. Lisb.*, IV, 267. Cf. este livro § 286-*f*). *k*) Quando dá uma molestia qualquer num rebanho de ovelhas, procura-se uma cobra muito pequena, mette-se dentro do chocalho ou campainha que a ovelha guiadeira traz, e tapa-se com uma rolha de cortiça. A cobra fica viva dentro do chocalho até o gado estar todo bom (Moncorvo. Apud *Alman. de Lembr.* de 1859, p. 260). — Nas aldeias é costume pendurar ao pescoço do gado, meudo e grande, chocalhos e campainhas: as campainhas são de metal amarello, e os chocalhos são de lata e compridos (estes usam-se só no gado meudo). — Quando o gado ou a gente tem o *bicho* deita-se em agua chifre de veado, e lava-se nessa agua o gado e a gente (Famalicão). *l*) Sobre o coelho e o gato vid. o conto XIII da collecção do snr. Ad. Coelho. — Uma cantiga da Feira diz:

O coelho é matreiro,
Fê-la cama na queiró;
E' como a moça solteira,
Fá-la cama e dorme só.

m) Os ovos que se deitam para a gallinha chocar não devem passar por logar onde esteja agua, porque se estragam. Se porém tiverem forçosamente de passar, deve deitar-se-lhes por cima ou sal ou *brôa* (pão de milho) esmigalhada [provavelmente por o pão levar sal] (Maia). *n)* «O goraz (peixe) tem duas malhas, uma de cada lado da cabeça. Diz-se entre o povo que é o signal dos dedos de S. Pedro, quando num dia em que andava pescando apanhou este peixe» (C. Pedroso, Trad. pop., — *Varia* n.º 446). —

o) *Cão.* — Abel tinha um cão que estimava muito; quando Caim matou Abel, o cão foi pelo mundo fóra a dizer: *Caim... Caim...* D'aqui o grito do cão, quando lhe batem (Mafra). A este grito do cão (*caim, caim...*) chama-se em Mondim da Beira, etc. *cainhar*. — Para fazer seccar o leite ás cadellas, põe-se-lhes ao pescoço uma saquinha com certas cousas (creio que uma conta) (Extremadura). — O cão pediu ao lobo que o ensinasse a uivar, e o lobo pediu-lhe que o ensinasse a farejar. O lobo ensinou-o a uivar, mas quando lhe pediu que o ensinasse a farejar, o cão disse:

Se te eu ensinasse a farejar,
A' cama me ias matar.

(De ao pé da Guarda).

p) *Burros.* — Os burros tem as orêlhas grandes, pelo seguinte motivo: Quando Deus creou os animaes, deu o nome a todos; d'ahi a dias veiu verificar se elles se lembravam ainda dos seus nomes; todos se lembravam, menos o burro; Deus então puxou-lhe muito as orelhas, e disse-lhe: «burro, burro, sempre hasde ser burro!» (Mafra; cf. § 322-*c*-*d*). — Quando se passa por um sitio onde se en-

contram burros a espolinharem-se no chão, deve-se, para não nascerem *trilhaduras* nas plantas dos pés, cuspir naquelle sitio tres vezes (Norte do reino). *q*) Quando se lança á panella o sangue do porco com o fim de o coser, deve dizer-se para o sangue crescer: *Bica! bica!* que é a voz com que se chamam os porcos (Maia). *r*) Adagio (Paços de Ferreira):

A mulher e a ovelha
Quer-se como o Sol na cortêlha.

s) Quando as gallinhas desovam, devem-nas passar pela perna esquerda de um homem para tornarem a pôr ovos de *casca dura* (Minho). *t*) No principio fallava a serpente, o sardão, o sapo, etc. Deus perguntou-lhes se queriam ter pernas, e ferrar. A serpente disse que não queria ter pernas, mas ferrar. O sardão disse que não queria ter pernas e não ferrar, mas ser avêsso ás mulheres. O sapo disse que não queria ter pernas nem ferrar, mas ter o corpo feio, e os olhos bonitos (Leça do Balio; cf. §§ 280-*b*, 282-*b* e 283-*a*-*b*). *u*) O sapo tinha cauda e a toupeira olhos. Depois trocaram, e a toupeira ficou cega e com cauda, e o sapo com uns lindos olhos e sem cauda (Chaves; cf. 327-*a*). *v*) No principio do mundo a ovelha fallava. Ella estava presa, mas queria que lhe abrissem a porta, porque tinha chegado Março e já havia que comer, e ella disse então:

No Março
Onde quer eu passo;
No Abril
Abre a porta, deixa-me ir;
Em Maio
Onde quer eu caio.

Mais tarde, quando a Virgem ia para o Egypto, andava a ovelha no monte a berrar: *Belem! Belem!* A Virgem não queria que ella berrasse, para se não saber que ia alli, e

a ovelha continuava sempre a dizer aquillo; pelo que a Virgem a amaldiçoou e a condemnou a berrar (Famalicão, etc.) *w*) *Adagio:* Tão velho como a serpe (passim). *x)* «Quando o gallo canta ao anoutecer, indica moça que está para fugir da casa paterna» (Brazil; *Alm. de Lembr.* de 1860, p. 182). *y*) Em varios pontos da Beira-Alta costumam metter um gato vivo numa panella tapada e collocá-la no fogo do galheiro de S. João: o gato morre assim assado no meio da alegria barbara dos rapases [174]. —Ao pé de Vianna do Castello é tambem uso queimar um gato no fim das malhadas (*Alm. de Lembr.* de 1859, p. 87). [175]

---

[174] Temos aqui certamete o vestigio de um antigo sacrificio (Vid. os meus *Fragm. de Myth.* p. 12).

[175] Tanto neste cap. como no antecedente não puz os nomes scientificos nem dos animaes, nem dos vegetaes, porque, se isso era facil nuns casos, era difficil noutros ou impossivel, visto não se saber a que variedades as superstições se referem ás vezes.

CAPITULO X

O homem e a mulher

334. I. Origens primitivas. — *a*) Quando Deus quiz formar Eva, tirou uma costella a Adão, mas veiu um cão e levou a costella. Deus correu atrás d'elle, e, agarrando-lhe pela cauda, fez d'ella a mulher, dizendo:

Tanto vale fazer Eva
De uma costella de Adão
Como do rabo de um cão.

(B. Alta). [176]

b) Noutra versão, diz-se que em vez do cão foi uma raposa. D'aqui a *manha* da mulher (Tras-os-Montes). *c*) Noutra versão diz-se que foi um gato, e que, tendo-se mettido num buraco, o Senhor puxara tanto que a cauda se arrancou: Deus não querendo ir tirar outra costella de Adão, porque este poderia acordar, fez da cauda do gato a mulher (Guimarães). *d*) Andava uma vez a mulher a bulhar com

[176] Cf. Gubernatis, *Myth. Zool.* ii, 39.

o Diabo. Deus mandou S. Pedro apartá-los. O santo foi, cortou a cabeça a ambos e voltou. O Senhor perguntou-lhe: «O' Pedro, tu que fizeste?» «Não se queriam accommodar, e eu peguei e cortei-lhes a cabeça». Tornou o Senhor: «Eu não te mandei fazer isso; torna a pôr as cabeças nos seus logares». S. Pedro foi, mas ao collocar as cabeças sobre os pescoços, enganou-se e collocou no pescoço do Diabo a cabeça da mulher e no d'esta a do Diabo. Eis porque a mulher tem a cabeça tão leve (D'ao pé da Guarda).[177] *e*) Sobre a origem do homem, já se disse que elle tem uma costella de salgueiro, etc. (cf. § 254-*a*).

335. II. ANTES DO PARTO E NO PARTO.—INFANCIA. *a*) Uma mulher grávida não deve cheirar flores, porque nasce a creança com ellas no corpo (Arcozello). *b*) A mulher grávida não deve trazer chaves, nem nada com feitios, para a creança não nascer com signaes (*passim*). *c*) Para se saber se uma mulher traz rapaz ou rapariga temos varios meios: 1.° cospe-se na *boneca* da castanha e deita-se ao lume; se estoira é rapaz, se apenas bufa é rapariga (Mondim da Beira, Fafe etc.); 2.° Observa-se com que pé a mulher desce o primeiro degrau de uma escada: se fôr com o direito nasce rapaz; se fôr com o esquerdo nasce rapariga.[178] (Braga). [Cf. §§ 96, 201 e 277-*d* d'este livro]. *d*) Quando uma mulher tem um parto difficil deve-se voltar uma têlha de egreja ou capella para a alliviar (Villa-Real). Numa versão de Foscôa diz-se que é o marido que hade levantar a telha (*Alm. de Lembr.* 59, p. 263). *e*) Quando uma mulher está a dar á luz, para ser feliz, devem ir nove Marias, todas virgens, dar nove badaladas no sino, puxando com os dentes na corda (Escalhão,—*A. de Lemb.* de 1861,

[177] Cf. Gubernatis, *Myth. Zool.*, I, 325.

[178] Cf. a seguinte superst. do Espiro: «*Tradunt autem si post coitum ad dextram partem abeant tauri, generatos mares esse; si in laevam, feminas* (Plinio,—*H. N.* VIII, 70).

pag. 375. Tambem já ouvi a mesma superst.). *f)* A mulher gravida que passa por debaixo do pallio, numa procissão, terá bom-successo (*A. Lemb.* de 1856, p. 271). *g)* Para apressar o parto deve cortar-se com uma tesoura um fio de *retroz vermelho* (esta côr é essencial) em pequenissimas porções e dá-lo em vinho a beber á doente (Ucanha). *h)* Quando nasce uma creança, não se embrulha num saco, porque, se se embrulha, sae ladra (Maia). *i)* Quando se lava a primeira vez um recem-nascido, deita-se-lhe na vasilha onde o lavam dinheiro, para a creança ser trabalhadora (Maia. Cf. § 149-*c-d*). *j)* Quando os meninos estão por baptisar (i. é, quando são *moiros*) e andam ao collo da mãe, é preciso pôr-lhes atravessadas no braço as calças do pae, para as Bruxas os não levarem (Chaves). *k)* «Não se deve deitar uma criança com a cara para a Lua, porque fica amarella» (*Varia*, por C. Pedroso, n.º 453). *l)* Quando se entra em casa de uma mulher parida, deve dizer-se: *Benza-te Deus!*» (P. de Ferreira). *m)* Ha mulheres com leite, as quaes pela sua presença gosam da propriedade de o tirarem a outras. Para evitar isto é conveniente, quando duas mulheres nessas condições se despedem, dizerem: «Adeus, F., eu não quero o teu leite». — Se o leite desapparecer, para que elle volte, é preciso pôr um collete ao relento da noute, tres noutes a fio, e de todas as vezes darlhe muitas pancadas; ao fim de tres noutes veste-se o collete orvalhado antes do Sol nascer (Extremadura). *n)* Para o leite seccar ás mulheres, quando andam a criar, faz-se qualquer das seguintes cousas: põe-se ao pescoço um collar feito de páosinhos de figueira; mettem-se ramos de salsa verde debaixo dos braços; poem-se laranjas azedas nos bicos dos peitos; lança-se leite no lume (Maia, etc.). Se uma mulher, que anda a criar, deixar cahir leite ao chão, e vier uma cadella, uma gata ou qualquer animal feminino que crie, e o lamber, secca o leite da mulher e augmenta o do animal (Maia, etc.). *o)* A' uma mulher que beber agoa ou outro qualquer liquido por um vaso por onde outra mu-

lher tenha bebido, secca-lhe o leite. Para o leite tornar, é preciso que a mulher a quem elle seccou beba primeiro e dê á outra de beber (Barcellos). *p*) As mulheres que criam, devem trazer comsigo azeviche, por causa das *dadas* nos peitos (Guimarães). As *dadas* curam-se assim: pega-se num pente com o arrepio para cima, [corre-se?] no peito doente e diz-se (resando em seguida):

> O bô home me deu pousada,
> E má mulher me fê-la cama
> Em cima das vides,
> Em cima da lama.
> Bai-te, *dada,* d'essa mama.

Uma versão de Sinfães explica d'este modo a fórmula: Jesus Christo pediu pousada uma noute a uma mulher, e esta fez-lhe a cama sobre vides e sobre lama, por o marido annuir ao pedido de Christo contra a vontade d'ella. Em castigo, nasceu uma *dada* no peito da mulher, mas Christo, a pedido do homem, curou-a com a fórmula supradita (Vid. o meu art. *Carmina magica* in Era Nova, § 3.º e 37.º). *q*) A mulher que tem filho pequeno não consente que lhe baloicem o berço vasio, pois isso o tornaria bravo (Minho, — *Alm. de Lemb.* 1856, p. 271). *r*) Duas crianças que ainda não fallam não se devem beijar, pois, se o fizessem, não fallaria depois uma senão quando fallasse a outra (Ib. ib.). *s*) A mãe que amamente um filho, não deve beber quando o tiver ao peito, sob pena de ficar com ataques epilepticos; ha todavia um remedio: se encontra um d'estes sacerdotes novos, sahidos do povo supersticioso, e que não perdeu as ideias que bebeu com o leite, pede-lhe que ao acabar de dizer a missa nova metta na boca um bocado de pão de ló, e ficará este sendo antidoto do mal que fez a mãe da creança (Ib. ib.). *t*) A primeira camisa vestida por um recemnascido, guarda-se e não se lava; pois acontecendo ser a creança accommettida pelas feiticeiras, mette-se a camisa dentro de uma panella a ferver ao lume, pelo que

a feiticeira entrará pela porta dentro a descobrir a panella para tirar a camisa (Paços de Ferreira). *u*) Quando se vê uma criança com o cabello levantado é *ougada*, e por isso deve comer detrás da porta do forno parte de um bôlo de pão de milho com aseite, e deitar o restante a um cão preto (Douro, Beira-Alta, etc.). *v*) No dia do baptisado de uma criança a madrinha deve dar pão-trigo a qualquer pessoa que o pedir; este pão chama-se *samagaio* (Guimarães). *w*) Quando se baptisa uma creança, e ella não chora durante a ceremonia, morre cedo (Maia). *x*) As creanças que tem uma cruz no ceu da boca [*cruz* resultante da articulação dos maxillares superiores com os palatinos] tem o dom de curar umas certas doenças, e adivinham o futuro (Extremadura).

y) Quando a madrinha entrega o pequeno baptisado á mãe d'este, diz-lhe (Guimarães):

Entregou-m'o amoirado,
Aqui lh'o entrego bem criado;

ou (vid. *Pantheon*, pag. 106, not. 1, num art. de Martins Sarmento) qualquer d'estas fórmulas:

Levei-o amoirado,
Trago-o baptisado.

Levei-o pagom (pagão)
Trago-o christom.

z) Não é bom deixar levar aos gatos a *embiga* (sic) ou cordão umbilical, porque a creança ficará ladra (Famalicão). *a'*) E' preciso queimar a *envide* (cordão ombilical). *b'*) Se antes das creanças fallarem, estas se mirarem num espelho, ou se alguem lhes cortar o cabello, ficam sem falla (Minho). *c'*) Põe-se uma *tesoura aberta* [á virtude do aço une-se a da cruz], *arruda* e *alecrim* á cabeceira do berço das creanças para as Bruxas as não chuparem (Minho, *Alm. de Lembr.* 1856, p. 271). *ç'*) As creanças é que costumam tirar as sortes nas rifas, etc. (B. Alta). *d'*) As creanças costumam trazer em volta do pulso um cordão com os seguintes

objectos enfiados: um vintem em prata, uma conta de azeviche, uma figa, etc., — por causa de *cousas más* (Beira-Alta, Douro, etc.). *e'*) Quando se vê uma creança a primeira vez deve dizer-se (Famalicão):

> Benza-te Deus!
> *Bons olhos* te vejam
> E os *maus* quebrados sejam!

f') Para as creanças perderem o medo faz-se um dos seguintes remedios; a creança leva um frango preto a S. Bartholomeu-do-mar, ao pé de Esposende; — ou còme de trás da porta crista de gallo assada (Minho). *g'*) As creanças, quando tiram um dente, devem deitá-lo para trás das costas, dizendo tres vezes (Gaia etc.):

> Dente fóra
> Outro melhor na cova.

Outras formulas:

> Dente fóra
> Oitro milhor na cova;
> Em louvor de S. João
> Que me dé oitro milhor
> P'ra comer o pão.
>
> (Vouzella).

> Dente fóra
> Cagalhão na cova.
>
> (Mondim da B. etc.).

> Dente podrigão
> Este fóra e outro são.
>
> (Taboaço).

> Em louvor de S. João
> Toma lá o meu dente podre
> Dá-me cá um são.
>
> (Norte do reino.)

No Brazil as creanças, quando chegam á edade de mudar os dentes, tiram um, deitam-no ao telhado e dizem:

Mourão, mourão,
Tomae vosso dente pôdre
E dae-me cá o meu são.

(*Alm. de Lemb.*, 1864, p. 283).

h') Quando se lava a roupa das creanças não se deve torcer, porque se torce o crescimento d'ellas (Maia) *i'*) Para amansar as creanças bravas conheço dous meios: — 1.º Batem com as çabeças d'ellas na do animal que S. Marcos, padroeiro de S. Marcos da Serra, tem aos pés, pausando as pancadas com estes versos (Algarve, — *Alm. de Lemb.* 1859, p. 331):

Mé sinhor san Marcos,
Que amansás toiros brabos,
Amansai-me este filho,
Que é pior q'a todo-los diabos. [179]

2.º Levam as creanças a uma capella de S. Gonsalo, pondo-as em cima do altar emquanto a madrinha (e parece que a mãe) dão nove voltas á capella; depois com o cajado do santo dão nove pancadinhas no *rabistel* das creanças (Villameã, em Traz-os-Montes). *j'*) A creança que vae crescendo, e não falla, póde ser curada por dois modos: 1.º E' levada dentro de um folle ás costas da madrinha a sete casas (*tres* ou *nove*, segundo outras versões), dizendo esta

---

[179] Estes versos offerecem-nos várias particularidades de linguagem. A respeito de *mé* (meu) sei que no Sul, etc. se diz *mê* e *mei*; a respeito de *amansás* (amansaes) esta fórma corresponde ás 2.as pessoas pl. do gallego,

Ay! si nom me *levás* pronto,
. . . .
Pombas, qu'*arrulás* nas eiras,
(Cantares gallegos).

posto que neste dialecto do port., ao lado de *levás*, existe *levades*, etc. como no port. archaico; a respeito de *q'â* (gall. *ca*), esta palavra é o lat. *quam*.

Esmollinha á creança do folle,
Que quer fallar e não póde,

mastigando um bocadinho do que lhe dão, e mettendo na boca da criança o restante. A madrinha com a creança deve entrar por uma porta e sahir por outra (Minho, Douro).— 2.º A creança muda ha-de passar, com um cartucho de confeitos na mão, debaixo do andor de S. Luiz (numa festa de Braga), por tres vezes, dizendo quem a leva:

S. Luiz, rei de França,
Dae falla a esta creança
Que ella quer fallar e cança.

k') Se o menino, que está a criar, embala o berço (quando vasio), chama por outro que hade nascer breve; mas se o berço é embalado por irmão ou irmã mais velha, então é perigoso, porque a creança que dorme no berço terá dores de barriga (Maia). *l'*) Para as creanças dormirem, é costume cantar-lhes cantigas, ao mesmo tempo que lhes embalão os berços. Eis algumas d'essas poesias do berço (Minho):

Nana, nana, meu menino,
Que a mãesinha logo vem:
Foi lavar os teus panninhos
A' pocinha de Belem.

O menino quer dormir,
O somno num le quer dar:
Anda somno, anda tu,
Para o menino nanar.

O menino quer dormir,
O somno num le quer vir:
Anda somno, anda tu,
Para o menino dormir.

Quem tem meninos pequenos,
Num se l'inora o cantar; [180]
Q'antas vezes se le canta
Cum bontade de chorar!

---

[180] A mulher que me disse os versos explicou-me assim esta phrase: *Não se faz escarneo do cantar.*—No Cadaval (Peral) *ignorar* significa *extranhar*, o que faz muito sentido em *num se l'inora o*

Embéla, berço, embéla,
Com pausinho de oliveira,
Embéla-me esta menina
Que a quero metter freira.

Quem tem meninos piquenos,
Allevia a criação:
De dia tem-no nos braços,
A' noite no coração.

Tambem ao berço se cantam estes versos do menino Jesus (Cab. de Basto):

1.ª O' meu menino-Jesus,
Descalcinho pelo chão:
Mettei os vossos pésinhos
Dentro do meu coração.

2.ª O' meu menino-Jesus,
Qu'é do vosso sapatinho?
— Deixei-o em Santa Clara
Mettido num buraquinho.

3.ª O' meu menino-Jesus,
Descalcinho sem chapeu?
— Venho lá da Via-sacra,
Lá do caminho do Ceu.

4.ª O' meu menino-Jesus,
Da bandeirinha burmelha,
Vós sendes o pastor d'almas,
Eu heide ser vossa ovelha. [181]

Ainda tenho ouvido outras cantigas em varias partes:

O meu menino é d'oiro,
De oiro é o meu menino:
Heide mandá-lo arranjar,
Em quanto que é pequenino.

Vae-te *Côca*, vae-te *Côca*,
Para cima do telhado,
Deixa dormir o menino
Um somninho descançado.

m') *Anedocta.* Contaram-me no Minho a seguinte: «Ũa mulher *embelava* ũa criênça e dezia:

Nina, nina, nina, nina,
Já tem dentes a menina;

---

cantar (não se lhe estranha o cantar). Depois de isto escrito ouvi uma cantiga que diz

Quem tem meninos pequenos
Não se lhe estranha o cantar etc.

—O povo diz *inorar*=*ignorar*; e diz *num*=*não*, mas *só antes de outra palavra* (como *nam* em Lisboa) *e nunca isoladamente.*

[181] A fórma *sendes* (sois) ao lado de *sêmos* (somos) é por analogia com *tendes* ao lado de *temos*; mas diz-se *são* ou *som* na 3.ª pess.

E o home dixe:

Nana, nana, nana, nana,
Já se me acabou a gana.
(S. Torquato de Guimarães).

n') E' costume dizer em Arcozello a respeito do nascimento dos dentes das creanças:

Quem cedo indentece
Cedo irmandece. [182]

o') *Prodigios infantis.*—E' espalhada a crença de que em certas circumstancias a creança de muito tenra edade vence a natureza, fallando:—Conta Fernão Lopes (escriptor do sec. xv) que na acclamação de D. João 1.º uma creança de leite saudara o monarcha *Chronica*, ed. 1644.—A esse mesmo milagre se refere Camões, (*Lusiadas*, iv, 3).

Quando em Evora a voz de uma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E, como cousa, em fim, que o Ceu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal! Portugal! alçando a mão,
Disse, *pelo Rei novo, Dom João.*

—Diz Garcia de Resende, escriptor do sec. xvi (*Miscellanea*, in *Livraria classica portug.*, p. 88):

Em Evora vi um menino,
Que a dous annos não chegava,
E entendia, e fallava,
E era já bom latino,
Respondia e perguntava:

Era de maravilhar,
Ver seo saber, seo fallar,
Sendo de vinte e dous meses;
Monstro entre portuguezes
Para ver, para notar.

[182] *Irmandece* (* irmandar) ter irmãos? Cf. *serandar* (fazer serão).

No romance *D. Sylvana*, (versão do Porto) diz-se:

Estando o menino ao peito,
Inda nem um mez teria,
Tocam sinos em palacio:
— Minha mãe, quem morreria?

Nos meus *Rom. pop.* (n.º XI) diz-se:

Um menino de tres dias
Será milagre fallar...

p') Quando, a brincar, uma creança passa por cima de outra, esta não cresce mais, e, para crescer, é preciso que aquella passe outra vez em sentido inverso (Douro, etc.) *q'*) Ha varios meios de pôr medo ás creanças, como veremos no cap. seguinte. *r'*) As creanças antes de baptisadas chamam-se *moiras* (cf. este § em *y*); e, se morrem nessa occasião, vão para o limbo (Villa-Real). Tambem se diz que as creanças, quando morrem, passam pelo Purgatorio, por causa do leite que mammaram (Mondim da Beira).

336. III. Sonhos. — *a)* «Pôr as meias penduradas á cabeceira da cama, quando nos deitamos, faz sonhar muito» (C. Pedroso, *Varia*, 219). *b*) Sonhar com um cemiterio é signal de herança; com dinheiro é phrenesi; com chuva é temporal; com peixe é banquete; com touro é morte de parente; com laranjas ou agua limpa é signal de gôstos; com agua suja é signal de desgostos; com botas é signal de que alguem se vae embora de casa (C. Pedroso, ib. n.os 200, 201, 208, 209, 256, 317, 418 e 320). — Sonhar com cavallos é signal de casamento; com uvas pretas, é signal de que havemos de receber cartas; com uvas brancas é signal de lagrimas; com gatos é signal de traição (Douro). — Sonhar com ovos é signal de mexericos; com egreja é morte; com J. Christo crucificado é martyrio; com o Senhor-fóra é mau sonho; com gatos é ralhos; com gallinhas

é penas (cf. *pennas-penas);* sonhar que um morto está vivo é signal de que está no ceu; sonhar que um morto está morto é signal de que está penando; sonhar com aranhas é falso testemunho; com oiro é hospedes; com cerejas é casamento; sonhar com agua clara a correr é fortuna; com rios turvos é desgosto (Norte do paiz). *c)* Resa-se a nossa Senhora de Belem uma salve-Rainha para que os sonhos se nos tornem em bem (Porto). *d)* Quem sonhar tres noites a fio com dinheiro enterrado e o não disser, encontra o dinheiro; mas, se o disser, então não o encontra (Beira-Alta, etc.) *e)* Ha sonhos *directos* e *indirectos*; os directos ficam apontados, os indirectos são estes: quando se sonha que uma certa pessoa morreu, é porque ella ainda está muito vivedoura (Beira-Alta, etc.); [183] quando alguem sonha que está a cahir, é signal de que hade crescer mais (Ib. ib.). *f) Adagio:*

Sonhar que cae um dente
E' morte de parente.

(Beira-A. etc.). [184]

g) Sobre uma oração a Santa Helena para os sonhos vid. um meu art. in *Era-Nova*, p. 542.

337. IV. Amores. — *a)* No Minho e Douro os namorados chamam-se *conversados.* Transcrevo para aqui uma descripção curiosa: «Todos os rapazes e raparigas *conversam.* Ora não sei como hei-de explicar o que elles chamam *conversa*, que o não é, nem namoro, nem galanteio, mas que participa de tudo isto. E' a conversa entre um só rapaz e uma rapariga; e ninguem passa entre elles, ainda que longe es-

---

[183] Cf. Tylor, (*Civil. Primitiv.*, I, p. 142-143).
[184] Quando che se se insogna che casca un dente, mor un parente; etc. (Bernoni, — *Cred. pop. ven.* p. 24).

*

tejam um do outro, nem os interrompe, a não haver extrema necessidade de tal, e menos ainda se atrevem a metter-se na conversa dos dois, que todavia fallam alto, principalmente se se fiam no seu saber, que é quando mais loucuras dizem.... A rapariga que só conversa com um rapaz é muito criticada, porque já é conhecido que ha affeição entre ella e o seu conversado: a que é mais cuidadosa da sua boa fama conversa com todos os que a procuram nas festas, até que o seu casamento esteja justo». (*Costumes populares no Minho*, por D. M. Peregrina de Sousa, in *Rev. Univ. Lisb.*, IV, 347). *b*) «Quando um rapaz namora uma rapariga, e ha outra que o quer namorar a elle, deve esta deitar sal á porta da primeira. Desde este momento já ella não póde tornar a ver o mesmo rapaz por grande que seja o amor que lhe tenha.» (*Varia* n.º 230, de Consiglieri Pedroso). *c*) Para um rapaz não abandonar uma rapariga, deita esta no caminho uma mancheia de terra, de modo que o rapaz, ao voltar da missa, a pise sem saber; ou mette um bocado de queijo debaixo do braço e dá-lh'o a comer sem elle saber; — ou arranca um cabello do bigode d'elle e trá-lo de volta do dedo *mêndinho* (minimo) da mão esquerda, alguns dias, sem elle saber (Villa-Real). *d*) Quando uma rapariga quer que um rapaz lhe venha fallar, diz o seguinte tres vezes, ao toque das Trindades, batendo cada vez com o pé direito no chão: «F., não comerás, não beberás, nem dormirás, nem escreverás, nem descançarás, sem comigo vires fallar» (Porto). Outra versão que publiquei nos meus *Costumes populares da prov. do Minho*, pela primeira vez, menciona o seguinte: Quando um namorado está de mal com a sua *ella,* pega num limão, ás Trindades, durante tres dias, e diz isto tres vezes, espetando de cada vez um alfinete no limão:

Assim como eu pico este limão,
Assim pico o teu coração:
Que não possas comer,
Nem beber,
Nem dormir,
Nem descançar,
Em quanto não vieres fallar.

e) Quem quizer casar com a pessoa desejada, deve pedir isso ao levantar a Deus, pondo primeiro debaixo da *pedra d'era* (pedra d'ara) o trevo de quatro folhas colhido na manhã do S. João (Vid. *Cost. pop. da prov. do Minho*, n.º 57. Cf. este livro § 239-*p*). *f*) Para se obrigar uma pessôa a olhar-nos com amor, diz-se-lhe (Guimarães, — Apud *Costum. pop. do Minho*, n.º 44 — informação de uma Bruxa):

Com estes dois te vejo (dois olhos)
Com estes cinco te arremato, (cinco dedos)
O coração te trinco
E o corpo te parto.

g) Para se captivar alguem (cf. § 282-*d*) pega-se num bocado de pedra d'ara, toca-se com ella na pessoa que se quer captivar (basta tocar os vestidos) e diz-se (Minho, — Apud os meus *Cost. pop.* n.º 43):

Deus te salve, pedra de ara,
Que no mar foste creada!
Assim como bispo ou arcebispo
Póde dizer missa em ti,
Assim tu F. (nome de pessoa)
Não te possas separar de mim (mi?).

h) Para dois namoradores saberem quem tem mais amor, se elle, se ella, fazem duas bolinhas de estopa ou linho, dando a uma o nome do rapaz, á outra o da rapariga, e depois apegam-lhe o fogo: a que primeiro subir indica mais amor (Gaia, — cf. § 96 etc. e pag. 110-111). Para se saber se dois casarão, fazem-se dois flócos de linho muito

fôfos. Um floco representa o moço, o outro a moça. Põem-se ambos os flocos a par, melhor no lar. Pega-se-lhes o fogo ao mesmo tempo. Se os dois flocos a arder se levantam juntamente, ou, pelo menos, sobem ambos, casamento certo; se um se desvia, não acompanhando o outro, a pessoa que elle representa não gosta da outra (Briteiros). *i)* Uma velha ensinou a seguinte receita: quando uma rapariga quer que o namôro a ame de véras, faz um bôlo de pão, palmilha-o nas mãos e diz:

> Chapa d'aqui,
> Chapa d'alli,
> Quem te comer
> Morrerá por mim; (mi?)

depois mette-o no fôrno, e assim que estiver cosido, dá-o ao rapaz para elle comer. — Conta-se que uma vez um namorado a quem a sua ella tinha preparado o tal pão, o déra ao cavallo em vez de o comer; o cavallo, assim que pôde fugir, apresentou-se á porta da donzella, dando muitos couces, — tudo por influencia do feitiço (Paços de Ferreira, — cf. § 319-*e*). *j)* Para uma rapariga, quando tem por exemplo tres namoros, saber qual d'elles lhe é mais afeiçoado, faz o seguinte: corta tres papeis e num escreve — *muito*, noutro — *pouco*, noutro—*nenhum*: depois dobra-os egualmente, baralha-os á meia noute de qualquer dia, e põe um debaixo do travesseiro, outro atrás da porta, e outro fóra da porta, na rua; pela manhã vae examina-los: o do travesseiro indica mais, o da porta pouco, e o da rua nada (Paços de Ferreira). *k)* Como se sabe, os namorados correspondem-se por meio de cartas. Eis algumas cantigas alludindo a isso, as tres primeiras por mim colhidas numa serra da Beira-Alta (Pinheiro, no c. de Mondim) e as outras em Mondim da Beira:

> Se lo papel consentira
> Tinta burmêlha em si,
> Escrevera-te eu ũa carta,
> C'o mesmo sangue de mim.

> Se lo papel consentira
> Tinta berde e amarella,
> Escrevêra-te em ũa carta
> Que tu chorasses por ella.

Se lo papel consentira
Tinta burmelha aos ramos,
Escrevêra-te eu ũa carta
Com trinta mil desenganos.[185]

Carta vae d'onde te eu mando,
A'quellas mãos de marfim:
Carta, põe-te de joelhos,
Dá-lhe um abraço por mim.

Vae-te carta aventurada,
Ao jardim da perfeição,
Onde tenho meus sentidos,
Alma, corpo e coração.

l) Os namorados costumam dar varias prendas uns aos outros. As cantigas tambem alludem ao costume:

1) *Annel* (Beira-Alta, Douro):

Meu annel das sete pedras
Ninguem no tem senão eu:
Antes que meu pae me mate,[186]
Heide amar a quem m'o deu.

O annel que me tu déste
Quarta-feira, amor, de tarde,
Varri a casa com elle,
Sastifiz minha vontade.

Deste-m'o annel de vidro,
Milhor m'o deras de prata,
Pois, se o vidro logo quebra,
Logo se o amor aparta.

O annel que me tu déste
Quarta-feira do Senhor[187]
Era me largo no dedo
Apertadinho no amor.

Annel d'oiro não é prenda,
Muito menos o de prata:
Annel de contas miudas
E' de amor que nunca aparta.

Tenho tres anneis no dedo,
Um inteiro, dois cubrados,
Tambem tenho tres amores,
Um firme, dois enganados.

O annel que tu me déste,
Era de vidro, cubrou,
O amor que tu me tinhas
O annel o demostrou.

O annel que tu me déste
Trago-o no dedo mendinho:
Toda a vez que tu me lembras
Dou no annel um beijinho.

---

[185] São estas cantigas o unico caso da litteratura popular do continente em que tenho achado o ant. art. *lo* em separado.

[186] O povo diz *antes que* em vez de *ainda que*.

[187] Variante: *Antoninho lavrador* (Feira).

O annel que tu me déste
Anda-me aos saltos no dedo:
Se tu me quizeras bem,
O annel estivera quêdo.

Fostes ao Sinhor da Serra,
Nem um annel me trouvestes,
Nem os Moiros da Moirama
Fazem o que tu fizestes.

Um romance popular (cf. os meus *Romances pop. port.* n.[os] XVI e XVII) acaba assim:

Amostra-me o annel d'oiro
Que eu comtigo arreparti:
Amostra-me a tua ametade
Que a minha ei-la aqui:

2) *Lenço:*

Vae-te lenço venturoso
A's mãos do meu bem parar,
Vae ditoso possuir
O que eu não posso gosar.

Abre este lenço e verás
Quatro ramos floridos,
No meio encontrarás
Nossos corações unidos.

Neste lenço deposito
As lagrimas que por ti choro:
Não posso viver, menina,
Ausente do bem que adoro.

Quem achar o que eu perdi,
E' um lenço quasi novo:
Tem em cada ponta um *S*
No meio dois: Ai que eu morro!

Effectivamente é costume vender lenços com canções, nomes, e corações pintados para os namorados.

3) *Varia:*

Aqui tem este raminho
Que da minha mão se offerece:
Não é como eu queria
Nem como o senhor merece.

Se fordes ao S. Gonsalo,
Trazei-me um S. Gonsalinho;
Se não puderdes co'elle grande
Trazei-me um pequenino.

Apesar porém do que fica dito, lê-se no *Alman. de Lembr.* de 1858, pag. 303, que é de mau agouro darem-se dous namorados o presente de um lenço, um santo e um rosario; o lenço enxuga lagrimas da separação, e então a pessoa que o dá deve receber de outra uma moeda qualquer (mesmo 5 reis) para se fingir que foi comprado; a respeito do santo e do rosario, a pessôa que os quer dar

diz á outra onde elles estão, para ella os ir buscar, e assim se fingir que forão roubados (Minho). *m)* Poucos paizes haverá que tenham tanta abundancia de poesias amorosas como Portugal. Esta poesia traduz-se em cantigas, ás vezes de um sentimento admiravel, como (Beira-Alta):

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha!
Quando has-de dar um vôo
Da tua jenella á minha!

Das lagrimas faço contas [188]
Com que reso ás escuras:
O' morte que tanto tardas,
O' vida que tanto duras!

Ainda hoje não comi,
Senão lagrimas com pão,
Que estes são os alimentos,
Que os meus amores me dão!

Não ha machado que córte
A raiz ao pensamento,
Não ha lettrado que diga [189]
O que eu tenho no intento.

Vou me espedir do rio, [190]
Das pedrinhas de lavar:
Não me despeço de ti,
Só por te num ver chorar!

Adeus, adeus, ó Mondim,
As costas te vou virando;
Minha bôca se vae rindo,
Meus olhos ficam chorando!

José amo, José quero,
José trago nos sentidos:
Por amor de ti, José,
Trago os meus somnos perdidos!

Este mundo é uma vinha,
Heide mandá-la cavar,
Pera sâmiar desejos
Pera comtigo fallar.

Não me atireis com pedrinhas,
Que eu sou um menino quêdo,
Eu sou filho d'um pedreiro,
A's pedras não tenho medo.

Fui-me deitar entre as nuvens,
De uma estrella fiz encosto,
Abracei-me a uma d'ellas,
Cuidando que era o teu rosto.

O teu cabello, menina,
Mette-te infinita graça;
E' como meadas d'oiro
Aonde o Sol se embaraça.

Quem me dera ser ditoso,
Como o linho que fiaes!
Quem me dera esses beijinhos
Como vós no linho daes! [191]

---

[188] *Contas* é synonimo de rosario.
[189] O povo chama *lettrados* aos advogados.
[190] *Espedir* = despedir. (Cf. o andaluz *escubrí, espreciá,* etc.)
[191] As mulheres quando fiam, precisam de levar o linho á boca, como para o beijar.

Eu heide amar uma pedra,
Deixar o teu coração:
Se uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem razão.

Adeus, adeus, ó Mondim,
Sobre ti heide dar ais:
Arrecolheis os estranhos,
Botaes fóra os naturaes!

333. V. Casamento — *a)* Quando os noivos vem da egreja é costume em muitas terras armar-lhes arcos com flores, fitas, buxo, etc. para elles passarem por baixo. Em S. Tiago da Cruz, no Minho, penduram no arco um limão e uma maçã; a noiva pega no limão e o noivo na maçã, trocando em seguida entre si estes fructos. O limão é para viverem com gosto; a maçã para a noiva não ter tentações. — Na Extremadura (não sei bem em que terra) pendura-se um bôlo no arco e põe-se ao pé uma banca com uma garrafa de vinho e copos. Quando os noivos chegam, o noivo deve apanhar o bôlo e dá-lo á noiva, que o divide pelos convidados. Em seguida bebem todos o vinho. — Em Marco de Canavezes os noivos passam por debaixo de tres arcos. No primeiro está uma roca e papel e tinta: a noiva fia, e o noivo escreve alguma cousa. No segundo está um livro e uma almofada: a noiva cose e o noivo lê. No terceiro está uma meia e uma espada: a noiva faz na meia (i. é, trabalha na meia) e o noivo desembainha a espada. — Em Sinfães põem ao pé do arco uma enxada e uma tesoura para indicar as obrigações dos noivos, e armam uma mesa com pão e vinho: os noivos devem comer e beber, e deixar dinheiro. *b)* «E' costume na freguezia de Pombalinho (a 4 leg. de Coimbra) e suas immediações, estender guardanapos em cima das pedras das ruas por onde tem de passar o préstito de algum casamento: ao voltarem os noivos da egreja, munidos cada um de seu sacco, vêem pratos cheios de hervilhas, favas, batatas, etc. e mettem tudo nos saccos e o levão para casa» (*Alm. de Lemb.* 1861, pg. 263). — Em Trancoso, quando os noivos vinham da egreja, punham-lhes pelo caminho mezas, umas com doces, etc., outras com uma roca, um fuso, livros, etc. para indicar as obrigações dos

noivos na casa. *c)* Na Extremadura o padrinho do casamento deve deitar confeitos ou dinheiro aos rapazes; se não dá nada, os rapazes cantam-lhe o seguinte:

> **Desque morreu o Felix**
> **Inda não vi casamento tão reles!**

—Na Beira-Alta, em varias terras atira-se aos noivos, na volta da egreja, com grãos de trigo, d'arroz, flores, etc. —«Fazem os noivos (em Pederneira) com antecedencia os seus convites a todos os parentes, amigos e conhecidos, que no dia do casamento (que é quasi sempre de tarde) os hão-de acompanhar á egreja. Nesse dia começa o noivo a correr as moradas dos convidados; depois de reunidos vão a casa das madrinhas e todos juntos se dirigem a casa da noiva, que já os espera; ahi se atirão aos futuros conjuges muitos confeitos. Caminhão depois todos para a egreja matriz, indo o noivo adeante com os convidados, e atraz a noiva entre as duas madrinhas; depois da benção do padre, e na igreja ainda, torna a cahir sobre os noivos segundo aguaceiro de confeitos. No regresso dirigem-se todos á casa em que devem habitar os novos esposos, e alli os espera um abundante jantar, findo o qual começa a dança, que dura até alta noute, ao som de uma ou mais guitarras: acha-se a noiva sentada no meio das madrinhas; da entrada da porta é então comprimentada pelas suas amigas e conhecidas, e tambem pelas de seu esposo, com grandes dóses de confeitos impellidos ás mãos cheias com tal força, que muitas vezes tem succedido ficarem as madrinhas, e mesmo a noiva, com algumas contusões na cara. E' repetida aquella scena todas as vezes que chega alguma pessoa do conhecimento e amizade dos noivos. A casa *de baile* acha-se sempre apinhoada de gente, e dura a dança até os circumstantes cançarem, porque o noivo não tem ahi voz activa nem passiva, e fôra uma grande desfeita aos convidados e mais pessoas que alli concorrem, se fossem despedidos antes de se fartarem de dan-

çar. Esta festa é de um ou mais dias, segundo os haveres dos noivos; e no fim d'ella ha quasi sempre bordoada, em consequencia das fortes e continuas libações a que procederam os convidados. Ainda não ha muito que os noivos se deixaram da especulação de mandarem na vespera do casamento um prato pequeno d'arroz cozido com assucar a todos os seus convidados e ás pessoas principaes da terra; e cada um, segundo a sua generosidade, dava pelo presente 240 e muitas vezes 480 réis; acabou porém o costume assim que se começou a dar pelo presente o que elle valia. Passado o casamento, e no proximo domingo ou dia santo, é do grande tom ir a noiva, no meio de suas madrinhas, acompanhada do noivo e com o seu melhor fato, ouvir a missa chamada das onze, a que de ordinario vai mais povo; apenas entrão na igreja, ainda que já esteja o padre a celebrar a missa, todas as vistas se dirigem para elles, e corre de bôca em bôca, *ahi vem os noivos*, fazendo-se com isto um grande sussurro. Depois d'este acto, que é o final, ninguem mais se importa com os noivos, nem mais caso se faz d'elles.» (*Alm. de Lembr.* de 1860, p. 373-4). *d)* Nos arrabaldes de Soure (Minho) os noivos vão para a igreja num carro de bois com campainhas, muito enfeitado. O noivo deve levar as pernas de fóra e voltar com ellas dentro. Se a noiva é pura, ha muitos foguetes; se tem alguma mancha, não ha nada. *e)* Em Lanhezes e suburbios (Minho), no dia do casamento, a noiva faz-se acompanhar do seu *dote* (geralmente uma caixa com muita roupa) num carro de bois: ao chegar o prestito á porta da egreja, desappoem-se os bois, e puxam os dois noivos ao carro para dentro da egreja até chegarem ao local do casamento; terminada a ceremonia, tornam os noivos a levar o carro para a porta, onde de novo se appoem os bois ao carro. Dizem que a significação d'isto é o noivo receber a mulher com dote, sem o que não tinha direito a elle. *f)* Os casamentos no Jarmello acham-se assim descritos no *Alm. de Lembr.* de 1859, pag. 309: «Vae o noivo com os seus parentes e con-

vidados buscar o noivo a casa, onde os parentes e amigos d'esta mostrão resistencia em a deixar sahir, cedendo porém a final, e partindo todos caminho da igreja. Concluida ahi a ceremonia, voltão todos para a casa, tendo grandes difficuldades a vencer pelo caminho fóra: numas partes encontrão-se mêzas cobertas de alvissimas toalhas e açafates de ramalhetes, que são offerecidos aos noivos e mais pessoas da comitiva a trôco de alguns patacos, ou quartos de pão, que os mais previdentes levão já partidos em burnaes ou lenços; noutros sitios apparece a estrada interceptada com uma fita ou cordão, e é necessario pagar a portagem segundo a generosidade de cada um; mais adiante topa-se com outro obstaculo, que é preciso vencer á força de dadivas. Chega-se a final a casa da noiva, aonde ha ainda a pagar alguma esportula: proximo á entrada, recolhe-se a noiva, e o noivo marcha com os seus convidados para sua casa. Sahem então de dentro da casa da noiva duas ou tres mulheres, cada uma com seu taboleiro de papas estendidas sobre toalhas, e cortadas já em quadradinhos, e mesmo á mão os distribuem a todas as outras mulheres e crianças que por alli se achão. Para os homens vem tambem dois ou tres serventes, com açafates de cuscureis e um copo de vinho para cada um. Acabada a distribuição, entrão os convidados e achão já a mêza servida; assentão-se indistinctamente, o amo com o criado, o parocho com o moleiro, o barbeiro com o cavador, e principia o abundante banquete patriarchal: ao empinar o ultimo copo, apparece o noivo com os seus convidados para conduzirem a noiva, e então é que são os maiores trabalhos: os de fóra querem entrar para tirar a noiva, os de dentro oppõem-se, e trava-se uma lucta, em que figurão principalmente os trovadores, que em versos á sua moda pedem a sahida da noiva ou recusão entregal-a a seu marido, a quem por fim se dá licença para a levar; é então acompanhada em triumpho por todos os que assistiram ao casamento, e com isto acaba a funcção.» *g)* Os casamentos em Cabo Verde descreve-os as-

sim o *Alm. de Lembr.* de 1861, pag. 67: «Quando casa uma donzella, vai sempre a cavallo numa égua até á porta da egreja [192] para ser fecunda; e, não sendo donzella, a pé; o noivo vai a cavallo, de calça branca, lenço branco na mão direita com as pontas cahidas para o chão, e ao pescoço cordão d'ouro que o padrinho é obrigado a pedir emprestado quando o não tenha. E'-lhes prohibido rirem e comerem neste dia, salvo se os padrinhos lhes mettem alguma cousa na bôca, sempre em pequena quantidade. Desde que chegão da igreja até serem conduzidos pelos padrinhos á casa em que devem dormir, ficão os noivos sentados numa especie de tribuna no interior da casa. Pela noute adeante ouve-se um tiro, esperado com anciedade pelos pais e parentes, que então parecem doudos de contentes, batem as palmas, dão guinchos e pinotes, ha batuque e chaveta (toca-se e canta-se). Pela manhã vão os padrinhos acordar os noivos, e acompanhão-nos até á rua, onde estão já uma mêza e duas cadeiras para estes se sentarem; vem uma mulher, põe em cima da mêza um córte de camisa, outra um córte de panno, outra um córte de saia de chita; os homens, uns dão 240, outros 320, outros 480, conforme suas posses. Ha aqui menina que nesta occasião apanha para cima de 60$000 réis; o que vale é serem mais raros os noivos que vão a cavallo do que a pé.» *h)* Em Villa-Cova-á-Coalheira (Beira-Alta) fazem-se assim os casamentos: A *patrulha* (comitiva) do noivo vae a casa da noiva, e d'aqui, com a *patrulha* d'esta, segue para a egreja. Os visinhos juntam-se então *ás manadas* e pertendem roubar a noiva; mas esta, como vae bem guardada pelas *patrulhas*, resiste; o povo vinga-se então lançando açafates de grão de trigo sobre a noiva e

---

[192] Cf. o conto popular (Beira-Alta), *Historia das sete parvoices*, na occasião em que se narra este episodio: ia uma noiva a cavallo (era o costume da terra) a entrar a porta da egreja, mas, como não coubesse, dizião uns da comitiva que se cortasse a cabeça á noiva, e outros que se cortassem as pernas á cavalgadura.

companhia, — havendo grandes algazarras e alegrias. Acabada a ceremonia do casamento, cada assistente encommenda um padre-nosso ou um responso ao parocho pelas obrigações particulares. No fim d'isto, segue a *patrulha* do noivo para casa d'este e a da noiva para casa d'esta, havendo em ambas as casas grandes bodas. Apenas termina a boda do noivo, vae tudo para casa da noiva, onde se torna a comer. Aos jantares succedem danças e cantorias até alta noite. [193] *i)* No Barrôso é costume ir o noivo e seus a casa da noiva bater á porta. De dentro pergunta-se: «Quem é, e que quer?» Responde-se de de fóra: «E' F. que vem aqui procurar gente, honra e fazenda». Torna-se de dentro: «Entre, que tudo encontrará». [194] Os presentes offerecidos pelas donzellas á esposada constam de flores, e de doces dispostos em forma pyramidal, que são encetados pelos noivos e depois passam para os padrinhos e convivas se servirem d'elles. No offerecimento dizem-se versos como estes (cf. pag. 216):

Aqui tem, menina, este ramo,
Que da minha mão se offerece:
Não é como eu desejava
Nem como a senhora merece.

(*Alm. de Lemb.* 1859, pg. 323).

---

[193] Mac Lennan, num trabalho sobre o *Casamento primitivo,* mostra que as luctas e roubos que se fingem na occasião dos casamentos não são senão symbolos do que se fasia primitivamente quando as mulheres erão levadas como captivas. — Theophilo Braga, na *Hist. Universal,* 1.º vol., p. 48, relaciona já os costumes portuguezes do combate no casamento com os costumes primitivos. — Consiglieri Pedroso, na *Familia primitiva,* estudou as mesmas relações, que depois desenvolveu numa memoria lida ao *Congresso de Anthropologia e Arch. Prehist.* realisado em Lisboa em 1880.

[194] Comp. com este dialogo o costume mencionado in *Romania,* x, 553.

j) Se chove no dia do casamento é signal de ventura para os noivos (Gaia). D'aqui o dizer-se: *choveu-lhe na boda* (B. Alta). *k*) No dia do casamento, o que primeiro sobe para a cama é o que primeiro morre (Gaia). *l*) E' bom guardar a camisa do casamento para a levar para a cova (Extremadura). *m*) «Na noite do casamento, nos arredores de Lisboa, é costume uma pessoa da familia ir lavar as costas á noiva, antes de ella ir para o quarto, a fim de ser feliz» (C. Pedroso, *Varia* n.º 239). *n*) «Quando uma pessoa, por engano, calça uma bota e um sapato, desmancha-se algum casamento que haja contractado na familia» (Id. *loc. cit.* n.º 290). *o*) Quem tem saião (planta) á porta, não se casa (Extremadura). *p*) Quem comer os cantinhos do pão, sem fallar, casa (Douro). *q*) Tres luzes numa meza é signal de casamento (Douro, cf. § 87). *r*) Aquella pessoa em quem outra que andar a varrer embarrar com uma vassoura, não casa nesse anno (Douro). *s*) Quando uma rapariga deseja casar, sendo convidada a qualquer casamento, deve procurar, mesmo por chalaça, pôr na cabeça o chapeu do noivo, ou então deve fazer com que a noiva lhe dê uma parte do ramo que leva (Douro). *t*) O viuvo não deve consentir que lhe varrão os pés, porque é prognostico de que nunca mais casará (Brazil, — *Alm. de Lembr.* de 1864, pag. 284). *u*) Em Reriz, ao pé de Castro Daire « — a familia é organisada de um modo particular. Os paes escolhem um filho ou filha para chefe de familia; o conjuge ordinariamente vem de fóra, e o dote, que é quasi sempre em dinheiro, encorpora-se no casal. Outro filho ordena-se, entrega-se-lhe o govêrno da casa, e fórma na familia um centro de união e fraternidade» (*Alm. de Lembr.* 1861, pag. 366). *v*) Eis uns versos (de Cabeça Santa no c. de Penafiel) em que se allude ao casamento do velho, mas onde ha elementos do romance das *Maravilhas do velho* que publiquei nos meus *Rom. pop. port.* (n.º 2):

Se eu casar comtigo, velho,
Hade ser com tal partido:
Ou tu hasde morrer cedo,
Ou te eu heide enterrar vivo.

Se eu casar comtigo, velho,
Hade ser com tal contracto:
Eu dormir na cama molle,
E tu no sôlho co'o gato.

Ah! seu velho, ah! seu velho,
Ah! seu velho, velharrão,
Você tem as barbas sujas,
E' de andar ao carvão!

Ah! seu velho, ah! seu velho,
Ah! seu velho, velharraz,
Você tem as barbas sujas,
Retire-se lá para traz!

Novidades do meu velho
Tenho para lhe contar:
Eu foi (fui) dar co'o velho morto
Antre as *virges* do lagar, [195]
Foi (fui) chamar as choradeiras
Que o viesse chorar.

Ha ainda mais cantigas a proposito do casamento (Cabeça-Santa):

Minha mãe, p'ra me casar,
Prometteu-me tres ovelhas,
Uma manca, outra cega,
Outra môcha, sem orelhas.

Minha mãe, p'ra me casar,
Prometteu-me quanto tinha:
Depois de me ver casada
Deu-me um folle sem farinha.

Minha mãe casou-me em Maio,
Minha sogra não tem pão,
Doe-me a barriga com fome,
Ai! que dôr do coração.

Minha mãe, case-me cedo,
Em quanto sou rapariga,
Que o milhão sachado tarde [196]
Puxa palha e não dá spiga.

Outras de varias partes:

Uma velha, muito velha,
Tão velha como a saragoça,
Fallaram-lhe em casamento,
De velha tornou a moça!

Uma velha, muito velha,
Mais velha do que um chapeu,
Fallaram-lhe em casamento,
Levantou as mãos p'ra o ceu!

---

[195] *Virges* são paus altos que abraçam o feixe do lagar.
[196] Em muitas terras (B. A. etc.) *milhão* é synonimo de *milho*.

Outras da Galliza (*Parnaso Port. Mod.*, 293-4):

Miña nai ten tres ovellas,
Todas tres mas ha-de dar,
Unha cega y outra coxa,
Y outra que non pode andar.

O casado casa quer,
O solteiro no lla dan,
O que ha-de ser casado
Ha-de saber gañar pan.

w) Eis umas cantigas dos *noivados* (de Moura, no Alemtejo):

Senhor noivo, eu lhe peço
Que a noiva não tracte mal:
Ella sabe o que deixou,
Não sabe o que vae buscar.

Esta casa está juncada
De junquilhos da ribeira:
Viva o noivo má-la noiva,
Má-la sua parentéla! [198]

O' senhora mãe da noiva,
Sôme á porta, venha ver, [197]
Venha ver a sua filha
Que se foi arreceber.

Trago dentro do meu peito
Um canivete doirado,
Para partir pão de ló
No dia do meu noivado.

Quando o noivo a noiva abraça,
No dia do seu noivado,
Eu invejo a linda sorte...
Quem me dera ser casado!

Quem *quijer* comprar eu, vendo,
Um ramo que estou guardando: [199]
O estado de solteira
Para mim stá-se acabando.

Vou-te dar os parabens,
Queira Deus que p'ra bem seja,
Di a rosa que arrecebeste [200]
Hoje á *fácia* da egreja. [201]

x) Em muitas terras, como Beira, Traz-os-Montes, Douro, é costume dar muitos tiros no dia de um casa-

---

[197] *Sôme* assôme.
[198] *Má-la* (mais la), mais a.
[199] Estes versos creio que alludem a um costume popular; mas não posso agora indicar a qual.
[200] *Di a* = de a (da).
[201] *Fácia* = face.

mento.[202] *y)* O uso de danças, cantos e arremêsso de trigo aos noivos, de que a cima fallei, acha-se já em Gil Vicente (*Obras*, III, ed. Hamburgo, pag. 145, 146 e 154) na *Farça de Inez Pereira*, representada em 1523:

MÃE

. . . .
Eu quero chegar alli
Chamar meu amigo ca,
E bailarão de terreiro (sahe).

Vem a mãe com certas moças e mancebos para fazerem festa......

MÃE

Ora vae tu alli, Inez.
E bailareis tres por tres.

FER.

Tu comnosco, Luzia, aqui;
E a desposada alli;
Ora vêde qual direis.

Cántão todos de terreiro:

«Mal herida iba la garza
«Enamorada
«Sola va y gritos daba».

FER.

Ora senhores honrados,
Ficae com vossa mercê,
E nosso Senhor vos dê
Com que vivais descansados.

LUZIA

Ficae com Deos, desposados,
Com prazer e com saude,
E sempre elle vos ajude
Com que vivais descansados.
Esta festa foi agora,
Mas melhor será outrora.[203]
. . . .

LEONOR

Ora dae-me essas mãos ca:
Sabeis as palavras? si!

PER.

Ensinárão-m'as a mi,
Porém esquecem-me já.

LEONOR

Ora dizei como eu digo.

PER.

E tendes vós aqui trigo
Pera nos geitar por riba?[204]

z) Sobre o casamento vid. §§ 91 e 245.

---

[202] Este costume existe noutros paizes. Cf. este § em *h*.
[203] Cf. as cantigas d'este § em *w*.
[204] Cf. o *Romancero del Cid* (ed. da snr.ª D. Carolina Michaëlis, Leipzig, 1871, p. 30-31), no casamento do Cid.

*

339. VI. Vida domestica. 1) *Comidas.* — *a)* Os nomes portuguezes das comidas são: a *parva*, o *almoço*, a *côdea*, chamada tambem *fatiga* (*fatia*), o *jantar* (pron. pop. *jêntar*, *jintar*), a *merenda*, a *ceia* e o *ceiote* (pron. pop. *cióte*, verbo *ciotar*). A *parva* consta de pouca comida, como azeitonas com pão e agua ardente, e dá-se antes de almoço aos trabalhadores, os quaes dizem então que vão *matar o bicho* (Beira-Alta). O *almoço* é a comida da manhã. A *côdea* é uma pequena refeição entre o almoço e o jantar (Carrazeda d'Anciães). O *jantar*, nas aldeias, é geralmente á hora do meio-dia. A *merenda* (só ha *merendas* desde 25 de Março até 8 de Setembro) é á tarde. A *ceia* é ao anoitecer. O *ceiote* é geralmente á meia noite, e dá-se aos homens que andam em certos trabalhos, como de lagar etc. (Taboaço). *b)* Em algumas partes é costume dizer certa oração ao começar a comer. Nos conventos liam-se em voz alta livros espirituaes durante a comida. No escrito *Policia e urbanidade christãa*, — appenso ás *Historias proveitosas* de G. F. Trancoso, lê-se no cap. I, doc. I, § 7: «Ao *benzer da mesa e dar graças*, estar com o corpo direito, sem vos recostar, e com as mãos decentemente compostas, e quietas, e com os olhos baixos»; e no cap. VIII, § 9 (pag. 387): «Lavae primeiramente as mãos e logo respondei alternativamente ao que benze a mesa: se não houver outro que lance a benção, vós a lançae, mas seja (como já disse no cap. I) com a cabeça descoberta». — O uso de *dar graças a Deus* no fim do jantar (e ás vezes da ceia) é geral. Diz-se uma pequena oração, como: *Nosso Senhor nos dê muito e sustente com pouco* etc. *c)* Em quanto se come, não deve estar dinheiro sobre a mesa, porque é signal de traição ou pobreza (Villa Real). *d)* A' mesa do jantar não nos devemos sentar entre medico e padre, porque é signal de morte (Douro). *e)* Se estão treze pessoas á mesa, morre uma nesse anno (*passim*). *f)* «Não se deve comer ao luar, porque quem come ao luar, como a lua» (C. Pedroso, — *Varia* n.º 453). *g)* Não

se deve estar na quina da mesa, porque quem ahi está não casa (Porto). *h)* Adagios:

Quem canta antes de almoço
Chora antes do sol-posto.

Das largas ceias
Estão as sepulturas cheias.

Em Março
Merenda e pedaço,
Em Abril
Merenda e merendil.
(Carregosa).

i) A' parte da comida que não é caldo chama-se *condôito* ou *peguilho;* até se diz a alguem que está a comer pão: *apeguilha-o com alguma coisa* (Beira-Alta) *j)* Em quanto que se faz a ceia, a familia está ao lume e resa a *corôa de Nossa Senhora* em côro (aldeias da B. Alta).

2) *Coser o pão.* — *a)* Ao acto de peneirar e amassar chama-se *governar o pão.* Depois do pão *governado*, e *finto* ou *lêvedo* [205], é *tendido* e *enfornado.* — Eis algumas ceremonias executadas ao *coser do pão.* Quando se deita o sal na agua que serve para amassar a farinha, diz-se:

Em louvor de S. Gonsalo,
Que nem saia insôlso nem salgado. [206]

Quando se acaba de amassar a farinha, fica a massa na masseira e gravam-se com a mão direita tres cruzes na massa, dizendo:

á 1.ª cruz: O Senhor te accrescente,
O Senhor te levede;

[205] *Lêvedo* ou *lêvado* é com o fermento; verbos *fintar* e *levedar, tender* o pão é dividir a massa em *pães* e *bôlas.*

[206] *Insôlso,* se não ha equivoco na informação que recebi, é uma fórma intermédia entre o lat. *insulsus* e *ensôsso.*

á 2.ª cruz: S. Mamede
Te levede;

á 3.ª cruz: S. Vicente
Te accrescente.

Quando o pão se não levéda, põe-se um rosario em cima da massa ou um objecto do vestuario dos homens; e, se, ainda assim, elle não se leveda, é signal de que algum rato ou aranha passou pela masseira. Em seguida, pega-se num tição do lume e gira-se com elle por cima da massa. Se o pão estiver lêvedo e o forno ainda frio, para a massa se não azedar, péga-se em uma faca que tenha aço, e mette-se a faca na cruz existente sobre a massa, mas com o cabo para o ar. Não pondo a faca, póde-se tambem introduzir no meio da massa um copo cheio de agua fria até que o forno seja aquecido. Tambem se devem introduzir na circumferencia da massa algumas folhas de figueira. Algumas vezes faz-se um bôlo da mesma massa e introduz-se no forno; aquecido o bolo, introduz-se este na massa, mas sobre a cruz. Finalmente, quando se mette o pão no forno, faz-se uma cruz com a pá á porta do forno, e diz-se:

O Senhor te acrescente
Como o folle da semente,
Dentro do fôrno
E fora do fôrno,
Como accrescentou o mundo todo:
Nós a comer,
E tu a crescer,
Todos seremos cheios
Com bem pouco comer. [207]

(Douro).

[207] Em algumas partes diz-se *o comer* (substantivando o infinitivo do verbo) por *a comida* (Porto etc.).

— Esta formula tem variantes que pouco differem, como (e note-se a linguagem):

S. Levede
Te levede;
S. Crescente
Te acrescente. [208]

S. Vicente
Te accrescente
S. Levede
Te levede,
S. João
Te faça pão,

Deus te abençoe
Dentro do forno,
E fóra do forno
E o meu visinho
Que coma um corno.
(Guimarães).

S. Levede
Te levede
S. Vicente
Te accrescente,
S. João
Te faça pão,
N. Senhora te dê a virtude
E a nós a saude.

S. Vicente
Te accrescente,
S. João
Te faça bom pão
S. Maria Magdalena
Te bote a absolvição. [209]

(Traz-os-Montes e Douro).

---

[208] Esta fórmula revela-nos o phenomeno do *nomen, numen.* S. Crescente e S. Levede são o *crescente do pão* e o *levedar.* — Nas trad. bretas, por ex., tambem *alar,* a charrua, deu um S. Alar, (cf. S. *Fructuoso* no § 340-*c*) que protege os campos (Ap. *Devinettes bretonnes* de Sauvé, in *Rev. Celt.*, IV). — Em Roma temos um facto analogo com *Pilumnus* e *Picumnus,* sobrenomes de Marte. *Pilumnus* é o deus dos padeiros, e *pilum* e *pila* o gral e o pilão do trigo; *Picumnus* de raiz *pic* = fender, foi interpretado como aquelle a quem é consagrada a ave *picus* (M. Breal, — *Hercule et Cacus*).

[209] O snr. Salomone Marino publicou no *Archivio per le tradizioni popolari,* pag. 178, uma fórmula siciliana semelhante á portugueza:

Pani, crisci
Come Diu ti binidissi;
Crisci, pani, 'nta lu furnu
Comu Diu crisciu a lu munnu

San Franciscu,
Pani friscu!
San Cantáuru
Pani càuru, etc.

—Do acto de coser o pão tira-se um jogo que consiste no seguinte: duas pessoas dão as mãos uma á outra, fazem um movimento de vae-vem, e dizem:

> Assim se amassa,
> Assim se peneira;

depois dão uma volta (com as mãos sempre agarradas) de modo que fiquem com as costas uma para a outra, dizendo neste acto:

> Assim se dá volta
> Ao pão da masseira.

b) As portas dos fornos, pequenos quadrilateros de pedra (e ás vezes de ferro), tem geralmente uma cruz esculpida; quando as assentam na bôca do fôrno barram-nas com excremento (*bosta*) de boi (estando dentro o pão, já se vê). Na propria parede do forno, sobre a porta, ha tambem frequentemente uma cruz. *c*) As povoações costumam ter um forno publico, a cargo de um *forneiro*, que, pelo seu trabalho, recebe um pão chamado *pôia* (Taboaço). Na casa d'este fôrno, quando está frio, costumam juntar-se os aldeões para se aquecerem e conversarem (B. Alta). *d*) Quem *cóse o pão* dá sempre á porta do fôrno, ás creanças pobres, um bocado de bôla [a bôla é mais achatada que o pão] (Mondim da Beira).

3) *Serões.*—Os serões (refiro-me á Beira Alta, e com especialidade a Mondim) são reuniões nocturnas de mulheres para trabalhar (geralmente na meia). Escolhe-se de ordinario uma loja que seja quente: as mulheres assentam-se á roda, tendo no centro da roda, ou num *velador*, ou, pendurada do tecto, a candeia que alumia o trabalho. Os serões começam em setembro e acabam nos fins de março. Começam já depois de ser noite e duram ahi até á meia-noute.

Os serões são uma causa de communicação e conservação das tradições populares, porque alem das cantigas soltas e romances que se cantam, tambem se contam muitas *historias*. O acto de fazer serão chama-se *serandar*. Cf. as seguintes cantigas do concelho de Gaia:

Esta moda da seranda
E' uma moda bem ligeira,
Faz andar as raparigas
Como o trigo na joeira.

A seranda por castigo,
Mija por um assobio:
O diabo da seranda
Até no mijar tem brio!

O' seranda, ó serandinha,
Toca, toca a serandar:
Vamos dar a meia volta,
Se é de víra, troca o par.

O seranda, ó serandinha,
Eu hei-de ir ao teu serão,
A fiar uma maçaroca
Do mais fino algodão.

A seranda por ter brio,
Mija por uma cabaça:
O diabo da seranda
Até no mijar tem graça!

Gosto muito da seranda,
Só pelo andar á roda:
Lá dará contas a Deus
Quem inventou esta moda!

A's vezes os serões são interrompidos com os descantes que os rapazes lá levam alta noute; já se vê que começam depois todos a dançar.

340. Vida agricola e pastoral. — 1) A principal riqueza de Portugal provém do campo; tambem não é o campo o menor assumpto de superstições, como já por varias vezes se tem mostrado neste livro. *a)* Em Maio vae o padre com o povo fazer ladainhas pelos campos, para as sementeiras produzirem. Numa *Practica* de exorcistas (traduc. do P. Rodrigues, Coimbra 1694, pag. 357) ensina-se, por occasião da benção dos termos, a seguinte formula: «Benedictio Dei Patris Omnipotentis ✠ Filii ✠ et Spiritus Sancti ✠ descendat et maneat super agros, vineas et fructus». *b)* Na noite do S. João, o homem que quizer que as fôrças productoras do campo do visinho venham para as

d'elle, monta num cambão, atravessa assim o campo do visinho em direcção ao proprio campo, e diz:

Aqui vou neste cambão
Na noite de S. João,
Para trazer atrás de mim
Pipas de vinho e carros de pão.

(Minho).

Segundo outra versão, tambem do Minho, monta-se num cambão de sete chavelhas (sete buracos para chavelhas), fustiga-se asperamente ao atravessar a propriedade do visinho e diz-se:

Vae boi, vae vacca,
Esta terra é fraca:
O renovo que ella der
Cahirá na minha arca.

Dito isto, o homem do cambão pega num malho e vae dar tres pancadas nas mêdas de centeio que o visinho tem na eira. *c)* Nenhum lavrador começa a lavrar sem se benzer primeiro (o que geralmente se faz no começo de qualquer serviço). Em Cabeceiras de Basto, ao terminarem a sementeira, rezam um P. N. e dizem:

S. Frituoso
Milagroso!

para que o santo (S. Fructuoso) faça nascer bem os *fructos*. Em S. Martinho de Guifões, (c. de Bouças) dizem na mesma occasião:

Deus te ponha a virtude,
E em nós a saude.

Em Taboaço resam a Santa Eufemia. *d)* No § 313 enumerei varios meios de livrar os campos de acções maleficas. Eis outro: atira-se com tres pitadas de sal ao campo e diz-se (Minho):

Trista com trista,
S. João Evangelista
De redor d'este renovo assista;
P'ra que, se alguma Bruxa ou Feiticeira
O quizer levar,
Hade *(sic)* contar as estrellas do ceu
E as areias do mar,
Com a cabeça para o chão
E as pernas para o ar:
E com este sal ha-de apanhar. [210]

e) Na impossibilidade de mencionar as diversas especies de trabalho campestres e os usos annexos, limitar-me-hei ao seguinte: Quando andam os trabalhadores a cavar as vinhas, o ultimo á direita do cordão que elles formam juntos é o *rei da cavada*, e o da esquerda é a *rainha*. Para irem comer diz o rei (sem elle o dizer não se pára): «Louvado seja N. S. J. Christo!» A rainha quasi não faz nada. O que anda no meio chama-se *vassallo* e é o que manda vir o pipo com vinho para todos (Taboaço). Na Ucanha tambem ha annos (não sei se ainda) durante os trabalhos da lavoura se elegia um *rei* (o da direita) e uma *rainha* (o da esquerda). O *rei* tinha por obrigação dar o signal das comidas, e do trabalho; dizia:

Comam e vamos,
Limpem as barbas,
Atem os pannos;

ou ás vezes por chalaça:

---

[210] Vid. o meu *Estudo Ethnograph.* pag. 19-22.

Comam e vamos
Atem as barbas,
Limpem os pannos. [211]

A *rainha* exercia as funcções só nos sabbados á noite. —A segunda cava das vinhas chama-se *redar* e *stravessar* (Taboaço); *erguer* é levantar as vides do chão; a isto segue-se o *enxofre* e a *vindima*. As vindimas do Douro, a que concorre gente de muitas terras, são, como os serões, outra causa de communicação e transmissão de trad. O povo não trabalha, principalmente as mulheres (que andam em grande quantidade nas vindimas), sem cantar; alem d'isso, os vindimadores, quando vão para o Douro, levam descantes animados. —No trabalho de *maçar* e *tascar* os linhos, as mulheres tem duas comidas de manhã, alem do jantar: o *almôço* e a *fatiga* [verbo *fatigar* cf. § 399-*a*]; no fim do dia dá-se a cada mulher, a fóra o respectivo salario, uma estriga para madrugar mais (Taboaço). —A sementeira do milho chama-se *vessada*. O dia da vessada é um dia grande para a casa. Os trabalhadores, durante esse trabalho, dão muitos *vivas* aos donos da casa. Depois da vessada ha a *picada* em que as mulheres vão com uma vara aguçada metter na terra cada grão de milho solto [este processo da vara é perfeitamente primitivo e encontra-se em alguns selvagens]. Ha ainda outros trabalhos como *escanar*, i. é, tirar as folhas deixando só a espiga, *cascar*, *esfolhar* ou *escamisar*, i. é, tirar o *côsco* (*fôlho* da espiga). Seguem-se as *malhadas*, que se fazem em *eiras*, espaços de terra lageados tendo uma casa ao pé para recolher os instrumentos da lavoura, etc.; o instrumento com que se malha tem em Mondim da Beira, etc. o nome de *mangoal*, e compõe-se de um cabo comprido, tendo em cima prêso por um couro um páo grosso com que bate

---

[211] Os Romanos tinham tambem o seu *rei da meza*, o qual determinava o numero de copos de vinho que cada conviva devia beber. Horacio diz (L. I, od. 4): *Non regna vini sortiere talis.* — Cf. adiante o *imperador dos moleiros*.

nas espigas. *Riscar* ou *desbolhar* o milho é tirar o grão ás espigas (quando estas são em tão pouca quantidade que não vale a pena *malhá-las*) com o *furão* (pequena e estreita vara de ferro aguçada na extremidade e encabada num páo em que se pega). Perto de Vianna do Castello era (ou é) costume no fim das malhadas queimar uma meda de palha moida tendo sobre ella posto um gato numa panella. O gato ás vezes morria assado, outras vezes fugia, se a panella quebrava. (Vid. este livro, a pag. 199). Noutras partes do Minho, no fim das malhadas, ha um desafio a mangoaes. Os que mais bulha fazem são os vencedores e bradam aos ououtros; «— *Leva a gata! Leva a gata* —» (*Alm. de Lembr.* 1859, p. 87). — Quando os carros tem de levar batatas, milho, esterco, etc. põe-se-lhes a *séve* (Beira-Alta) chamada *caniça* no Douro, armação de vergas para segurar o que elles levam. Quando não levam *séve*, levam *estadulhos* (B. Alta) chamados *fueiros* no Douro, páos a pino mettidos em buracos á volta do carro. — A vara que o lavrador leva na mão e que tem em cima um ferrão para picar os bois chama-se *aguilhada* (B. Alta) ou *aguilhão* (Douro). São bem conhecidos estes instrumentos *arado*, *charrua*, *grade*, *sacho, sachôlo, sachóla*, *enxada*, *enxadão*, *engaço, padiola* (ou *carrela* na Maia) para que tenha de me demorar com elles. Os *carros*, no Norte do paiz, são de uma fabrica primitiva, e só um desenho dará perfeita ideia d'elles. Sobre os *jugos* e *cangas* vid. o meu opusculo *Estudo Ethnographico*. — Cantigas do campo (as primeiras de Mortagoa e a ultima de Guimarães):

Dizem que não sei sachar,
Que todo o milho arranco:
Ainda Deus me hade dar
Uma leirinha no campo. [212]

Eito fóra, *eito* fóra,
Eito ao cabo do chão,
Depois do eito fóra [213]
Descança meu coração.

---

[212] Um dos caracteres das cantigas pop. é serem em quadras de redondilha maior, rimando apenas o segundo verso com o quarto; se nesta cantiga rima tambem o primeiro com o terceiro é por acaso.

[213] *Eito* — é a porção de terra que cada um sacha (Mortagoa).

Quem me déra cá o verão,
O tempo das *escamisadas*
Para dar ao meu amor
Quatro castanhas assadas.

Quem me déra que viesse
O tempo que ha-de vir,
O tempo das *esfolhadas*,
Para me eu adevertir.

2). — *a*) Ligado ao trabalho da lavoura anda o cuidado do gado. O gado divide-se em meudo (ovelhas, carneiros e cabras) e graúdo (bois e vaccas). *b*) Os pastores do gado tem differentes denominações: *pastores* propriamente ditos (*passim*), e *pegureiros* (Resende); aos ajudantes dos pastores chama-se *zagaes* em algumas terras do districto de Bragança. As pastoras do gado em Vouzella, Mortagoa, etc. chamam-se *doeiras*, como até as cantigas pop. dizem:

Vae-te d'ahi para fóra,
Pernas de gallo assado,
Vae seguindo o teu caminho,
Deixa as *doeiras do gado*.

Não me namoram coraes,
Nem pendentes das orelhas,
Namoram-me os teus aceios,
Doeirinha das ovelhas.

c) Os pastores, quando andam a guardar o gado, trazem sempre uma pequena flauta a que na Beira-Alta se chama *pifaro* (pifano). Estas flautas em algumas terras de Traz-os-Montes, onde se chamam *fraitas*, são muito bem gravadas.

341. VIII. Doenças e Remedios. — *a*) Quem tem um pé ou mão dormente, faz-lhe por cima uma cruz com o dedo molhado em saliva (Mondim da Beira). No Porto e arredores usam-se estas fórmulas contra a dormencia:

Desadormece, pé,
Que está um lobo atrás da sé;
Elle quer-te comer
Tu num pódes correr.

Desadormenta-te pé,
Que lá vem o *lobo mé*
Pela casa do Thomé
Que te hade querer comer
E tu não hades poder correr.

b) Quando cae um argueiro num olho, cospe-se fóra

tres vezes para elle *se mover* [sahir] (Gaia). *c)* E' bom metter medo ás pessoas que tem soluços, para elles pansarem (Gaia etc.). *d)* Quando as mulheres estão atacadas de sesões, promettem ir, se sararem, em romaria a S. Cornélio (vulgo *S. Cornêlho*) no concelho de Monforte (Alemtejo), levando-lhe uma duzia de chifres que tenham sido achados (*Alm. de Lembr.* de 1858, pag. 234). *e)* Quem padecer de dôres de ouvidos deve levar a S. Ovidio (vulgo *Santo Ouvido*, por etymolog. pop.) uma telha nova, mas que seja roubada (Douro). *f)* Quando se tem *sarampão* (serampo) é bom vestir uma saia de baeta encarnada (Extremadura). [215] *g)* Quando as mulheres teem uma dôr de cabeça e suppoem que essa dôr é *dada* (produzida por um olhar muito forte), devem, para sarar, esfregar a cabeça com a manga esquerda da camisa de um homem, estando elle com ella vestida (Minho). *h)* «Quando uma criança pequena não se desembaraça a andar, põe-se a um canto na occasião de darem as Ave-Marias, dizendo-se por tres vezes:

Ave-Marias a dar
E o meu menino a andar!»

(C. Pedroso,— *Varia* n.º 215).—Em Lisboa diz-se tambem:

Andar, andar,
C'um pésinho no ar,
P'ra da terra
Chegar ao ar. [215]

---

[214] O nome do serampo na B. Alta é *serampêllo*.

[215] Anda, niño, anda,
Que Dios te lo manda;
Y la Virgen Maria,
Que andes todo el dia.

Anda, niño, anda,
Que Dios te lo manda.
Si no andas hoy
Andarás mañana.

(F. R. Marin,— *Cant. pop. español.*, pag. 46, Sevilha 1882)

i) «Quando uma pessóa está doente, e se desconfia se foi mal que lhe fizeram, deve dizer-es:

Fulano (nome da pessoa)
Deus te cheirou,
Deus te criou,
Deus te tire o mal,
Que nesse corpo entrou.»
(C. Pedroso, Ib. n.º 353).

j) Para se fazer vedar o sangue que *se soltou* a qualquer pessôa (i. é, que lhe sae pelo nariz) deve-se fazer ás escondidas da pessôa uma cruz de palha nas costas d'ella (Taboaço, etc. Cf. Pedroso, ib. n.º 119). *k)* Quem tem uma empigem talha-a assim (Minho, *Alm. Lemb.* 1861, p. 144):

Impija (impije?)
Rabija,
Assim como eu hoje comi e bebi
Assim tu não saias d'aqui.

—Sobre doenças vid. outros §§ d'este livro.

342. IX. Morte e funeraes. *a)* A alma de quem morre, passa por uma ponte tão estreita como o gume de uma faca (Mondim da B., Famalicão). *b)* Quando alguem morre, se o cadaver está parecido, a alma está em bom logar; se não, não (Arcosello). *c)* O fel dos defunctos rebenta ao terceiro dia, (ou setimo). Quem ajoelhar numa campa, antes de findo este praso, tem gôtta ou *itriz* [ictericia], e por isso se marcam as campas com um ramo de murta (Minho). *d)* Quem veste um defuncto, vae-lhe dizendo: «levanta o braço, F. (nome proprio)», «levanta a perna, F.» etc., á proporção que o vae vestindo (Minho). *e)* Quando morre um homem, o sino dá tres *signaes* (toques); quando mulher, dois; quando anjinho, apenas repica (B. Alta). *f)* Quando

morre um homem, não se deve, durante um anno, frictar no tacho em casa, deve-se ir frictar a casa dos visinhos, porque, se se frictar, fricta-se a alma do defuncto; — mas isto é só a respeito dos homens, a respeito das mulheres póde-se frictar á vontade (Maia). *g*) Se, mesmo casualmente, se apagar a luz que alumiou um defuncto, a pessôa que foi causa d'isso está mál: o defuncto vai a trás d'ella (Minho). *h*) Quando morre qualquer pessôa, deve-se-lhe virar o colchão e collocá-lo ao alto, dos pés para a cabeça; não fazendo isto, morre breve outra pessôa (Douro). *i*) Quebrando-se o vidro de um espelho, morre uma pessôa da familia (Douro). *j*) Não se deve ver passar qualquer defuncto até se perder de vista, porque senão morre-se nesse anno (Douro). *k*) Bispo do Porto que vá chrismar á egreja de S. Pedro de Miragaia morre dentro de um anno (Douro). *l*) Os pobres morrem todos de feitiçaria; para se saber quem na fez, péga-se na camisa com que falleceram, mette-se dentro de uma panella de barro com agua, barra-se o testo d'esta, e põe-se ao lume, porque a pessôa que fez o feitiço vem destapá-la (Douro). *m*) Quando vamos dar os pesames por alguem que morreu nosso conhecido, não nos devemos sentar do lado do dorido, porque isso é signal de outra morte (Douro). *n*) Quando *nosso Pae* (o *Senhor-fóra*) vae a algum enfermo, se a *glória* acaba dentro da porta, o enfermo não escapa (Douro). *o*) Para nos esquecermos de um morto devemos resar um padre-nosso com a bôca fechada (Villa-Real). *p*) «Se houver um assassinato, sem se conhecer quem foi seu perpetrador, lança-se a victima de bruços no chão, e mette-se-lhe debaixo da lingua uma moeda de 400 reis, que logo o assassino se descobrirá. Se porém este fôr experiente, basta que vista a camisa ás avessas, e ninguem lhe porá a mão em cima» (Brazil, — *Alm. de Lemb.* 1864, p. 284). — Quando alguem é assassinado, diz-se que lhe fica o sangue no chão a pedir vingança (B. Alta). *q*) Em Paraduça, ao pé de Leomil, o dorido fica um mez com a camisa suja no corpo. No fim d'este

tempo vae o povo acompanhá-lo á missa.—Em Gondifellos (Famalicão) o dorido fica um mez sem fazer a barba. *r*) Na freguezia de Villa-Cova de Carros, (c. de Paredes), no primeiro domingo depois do fallecimento de alguem ha um *obradorio* (responsos), e no fim d'elle todos os assistentes bebem e comem á porta da egreja.—Em varias terras de Portugal (Beira-Alta) é costume, no dia do enterro, dar esmolas de pão aos pobres, ou á porta do cemiterio ou da casa do defuncto, como presenciei muitas vezes.—Estes usos modernos tem relação com outros usos antigos, segundo a Constit. do bisp. do Porto: «E cada um dos parochos, sob pena de lhes dar em culpa, não consintam em suas freguezias abusos e superstições nos acompanhamentos, enterros, officios, exequias e trintarios, nem que se *coma sobre as sepulturas*, nem façam resas com ajuntamento da freguesia á porta da Igreja, em que se *costuma dar de comer* (Liv. 4, tit. 2, const. 9, p. 471 da ed. vigente).[216] *s*) Na freguezia de Guifões (c. de Bouças) deita-se no caixão do morto *dinheiro de cruzes* para o morto passar S. Tiago de Galliza, onde ha um buraco por onde toda a gente tem de passar ou em vida ou em morte (cf. § 40). Em Cimbres, (c. de Mondim da Beira) deita-se no caixão dinheiro para o morto passar a *barca* (ou a *ponte*). O mesmo costume de

---

216 No meu escripto *O Presbyterio de Villa-Cova* mostrei como o costume dos *banquetes funebres* era antigo e espalhado. Parece que já existia nos tempos prehistoricos (Lubbock,—*O homem prehist.* 2.ª ed. fr., 157; Buchner,—*L'homme selon la science*, trad. fr., 2.ª ed. p. 24, etc.). Nas inscripções romanas da Lusitania falla-se do banquete funebre. Sobre o costume nos Romanos, Normandia, Chinezes, selvagens, etc., vid. entre outros: Creuzer,—*Religions de l'antiquité*, t. 2.º, part. 1.ª, pag. 454-7; Tylor,—*Civil. Primit.*, p. 19; Maury,—*La Magie*, 4.ª ed., p. 18 e *La Terre et l'homme*, 3.ª ed., p. 600; Cantu,—*Hist. Univ.*, (2.ª ed. port.), p. 240; T. d'Aragão,—*Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo de Tavira*, Lisboa 1868; Estacio da Veiga,—*Povos balsenses*, p. 14; *Magasin Pittoresque*, III, 276-7.

deitar dinheiro para passar a barca existe em Sinfães e creio que no Minho. [217] No Porto e em Villa-Real espeta-se um alfinete no habito do morto, para este se lembrar dos vivos perante Deus. *t*) Em Alijó, mal se tem coberto a cova, lança-se uma mão-cheia de terra sobre o morto. — Em Mondim da Beira vi, no enterro de um padre, ir cada padre do acompanhamento lançar uma enxadada de terra na sepultura. *u*) Quando passa um defuncto devemos levantar-nos, senão morremos cedo (Minho, Resende etc.). Se o prestito parar á nossa porta é mau agouro (Minho). *v*) Quem vae á missa nos Domingos, em Alijó, deita agua benta sobre as campas que estão nas egrejas [porque outr'ora, e ainda actualmente em algumas partes, como já tenho visto, enterrava-se nas egrejas]; quem tambem vae aos cemiterios quando ha agoa benta, deita-a nas sepulturas (Mondim da Beira). *w*) Em Guimarães, no dia dos *Fieis defunctos*, vão ao cemiterio as pessoas a quem morreu alguem enfeitar as campas com flores. *x*) Em Basto (Minho) quando um defuncto tem de atravessar a ponte para ser enterrado na freguezia limitrophe, o seu padre acompanha-o até ao meio da ponte. Ahi pousa-se o corpo. Todos os que o acompanham, parentes ou amigos (só do sexo masculino) levam punhados de areia fina, e cada um por sua vez atira a areia ao rio, dizendo «F. (nome do morto), tantos anjos te acompanhem para o ceu, como areias cahem na agua». Ao atirarem as areias tapam os ouvidos, de modo que não ouçam o barulho da quéda na agua. Em seguida, o parocho da outra freguezia, que vem do lado opposto da ponte, levanta o cadaver e condu-lo á egreja. *y*) O uso das *choradeiras* ou *carpideiras*, mulheres assalariadas que iam nos acompanhamentos a chorar pelos mortos, era outr'ora muito vivo entre nós. Basta abrir qualquer *Constituição* de bispado, que lá veremos disposições contra ellas. Na do Porto (1687)

[217] Vid. o mesmo em Maury, *La Magie*, 4 ed., 158.

*

por ex. lê-se: «Prohibimos que nos dittos acompanhamentos, e enterramentos, e nas egrejas em que os defuntos se enterrarem, se consintam pessoas que *vão dando vozes discompostas*, *ou fazendo extraordinarios e desconcertados prantos*» (Liv. 4, tit. II, const. 9, p. 471). Gil Vicente parece alludir ao mesmo costume:

Prantos fazem em Lisboa
Dia de Santa Luzia,
Por el-rei D. Manoel
Que se finou nesse dia.

O romance popular *D. Linda*, que ouvi em Guimarães a uma velha, termina assim:

Ella depois que o viu morto,
Logo se poz a chorar:
«Chamem-me padres e frades
Para o vir enterrar,
Eu mando chamar senhoras
P'ra me ajudar a chorar»;

aos quaes versos a velha acrescentou este commentario: «— porque d'antes, quando esfallecia alguem, chamavam *choradeiras* para irem assistir, e ainda hoje se diz d'ellas

Choram o meu e o alheio
Por um quarto de centeio —».

O meu amigo o snr. F. A. Coelho, a proposito de um art. que publiquei no *Pantheon* (p. 82-84), dignou-se mandar-me uma nota com esta facecia popular (versão de Coimbra): «Era uma vez uma mulher que estava a carpir um finado, e vae ao despois perguntou-lhe uma visinha o que estava a fazer, e ella disse:

Estou aqui a chorar o marido alheio
Por um alqueire de trigo ou de centeio;
Não sei se m'o darão meio, se cheio.

Nisto a viuva do defuncto, por quem a outra estava a carpir, poz-se a saltar no meio da casa e a dizer:

Hade ser calcado (o alqueire)
E repimpado,
E ainda por cima
Um grande punhado.»

Outra versão que ouvi a uma velha da Terra da Feira diz assim: «Era uma vez uma mulher, cujo marido estava morto, e depois foi ás visinhas pedir se ellas o vinham chorar com a saia preta pela cabeça, e as visinhas começaram a dizer:

Ai! ai!
Quem hade chorar o alheio
Por um quarto de centeio!

A viuva respondeu-lhes:

Chorae-o mais bem chorado
Que vos dou mais um punhado.»

O costume das choradeiras está actualmente decadente. Em Villa Chã de Cangueiros (c. de Mondim) vigorava ha annos (não sei se ainda).—A respeito do Alto Minho deram-me a seguinte informação. «—Na freguezia do Suajo (Arcos) costumam ir *carpideiras*, mulheres com saia pela cabeça a chorar ao pé do morto, para o que recebem uma pósta de bacalhau, um vintem de pão, e vinho ou dinheiro correspondente a um quartilho—». Uns versos que me mandaram da Maia (e de que ha outras versões) dizem assim:

Marabilhas do meu bélho
Que tenho p'ra bos contar,
Que me deu real e meio
P'ra me bestir e calçar;
E d'isto o que sobejasse
Que l'o tornasse a mandar
Para comprar o toucinho
Para fazer um jintar.
Lebantei-me muito cedo,
Fui-me pôr a cosinhar,

Bou dar co'o meu bélho morto
Antre as pedras do lagar,
Atirei-le c'um fueiro,
Acabei-o de matar;
Fui chamar as *choradeiras*
Que o biésse chorar:
Bem chorado ou mal chorado
Bá o belho a enterrar.
Gatos da misericordia,
Que o meu bélho lubaes,
Retirae-m'o das paredes
Que num salte elle aos quintaes,
Que elle era amigo de figos
E de peras carbalhaes;
Elle era amigo de grêlos,
Desterrou-me os meus nabaes;
A coba que le fijéres,
De sete báras de medir,
Olhae que elle é muito fino,
A casa num torne a bir;
A pedra que le butares
De pêso de cem quintaes,
Olhae que ella é muito fino,
A casa num torne mais. [218]

Transcrevi o romance todo, porque nelle se relatam varias particularidades, como os *gatos* [no Porto chama-se *gatos pingados* áquelles que de casaca e com uma tocha vão por dinheiro a enterros], e á *pedra* sobre a sepultura. [219] Numa outra versão d'este romance (vid. os meus *Rom. pop.*, n.º 2) diz-se:

O' meu mestre sapateiro,
Manda cá o teu mocinho,
Que é p'ra tocar a sineta:
Já morreu o meu velhinho;

versos em que se allude ou ao toque dos finados na torre, ou a este costume que ha nas aldeias (Beira-Alta) de, poucos momentos antes do enterro, andar um rapaz pela rua a tocar uma campainha para juntár gente. *z*) A' frente dos

---

[218] O costume das *choradeiras* existia nos antigos Romanos (vid. *Lei das doze Taboas*; Horacio, *Art. Poet.* v. 431-2; Varrão, *lib.* 6.º, cap. 3.º), nos Egypcios (Dr. Favret, *Funérailles et Sépultures*, Paris 1868, p. 144) e em muitos outros povos, que seria longo enumerar.

[219] Cf. o seguinte costume andaluz: «*El pájaro verde* llaman en Osuna al sucio ataud que sirve para los entierros de caridad» (*Juan del Pueblo*, — por F. R. Marin, Sevilla 1882, p. 73).

enterros vae a *bandeira das almas* onde se vê pintado o purgatorio e S. Miguel a pesar as almas. Os seguintes versos (*Romanc. geral* de Th. Braga, n.º 49) referem-se á superstição:

S. Miguel, pesae as almas,
Ponde pesos na balança,
Os peccados erão tantos,
Foram com elles ao chão, etc.

aa) Em algumas terras, quando morre alguem, é costume os visinhos mandarem a comida á familia do morto.

bb) Luctuosa.—Sobre o tributo funerario da *luctuosa*, transcrevo as seguintes linhas de um documento (praso) relativo á quinta de Margaride (ao pé de Guimarães), quinta pertencente ao meu amigo o snr. Conde de Margaride, a quem agradeço o eu ter podido ver aquelle e outros documentos: «... pagará de *lutuosa* por falescimento de cada huma das vidas deste praso a milhor pessa que ouver de movel nas cazas da dita quinta...». O praso tem a data de 18 de Agosto de 1678, e a *luctuosa* era paga ao directo senhorio. [220] Outros mais textos podia citar; mas creio que basta este.

cc) Estes versos do romance *D. João e D. Maria*, que recolhi de Traz-os-Montes alludem á hora da morte:

---

220 Semelhante a este costume da *luctuosa* era o da *prazerosa*, que consta da *Vida de Manuel Machado de Azevedo* (da casa de Castro, no concelho de Amares), pag. 35 a 36: «mandô Manuel Machado, que le pagassen otra (pensão) com titulo de *placerosa*, todas las vezes que a los Señores, que fuessem de la casa de Castro, les naciesse el primero hyo varon; e que essa fuesse una hogaza, un carnero y una calabaça de vino... si bien algunos plazos dizen que la calabaça sea de agua y la hogaza de ceniça» (Ap. Pereira-Caldas, *A Prazerosa*, in *Revista litteraria do Porto*, p. 43, an. 1867).

Tres dias te eu dou de vida,
Tres horas e sem mais nada:
Uma é para *testamento*
E para *bens da tua alma:*
Outra é para *sacramento*
Hora mais bem empregada;
Outra é para espedimento
Da tua querida e amada.

Bens d'alma são as missas etc. que o moribundo manda dizer por sua alma. *dd)* Sobre a *mão de finado* tambem chamada *mão finada* (Minho), e, por etymologia pop., *mão refinada* (Guimarães), vid. § 93. Sobre outros costumes da morte vid. § 80, 88, 208, etc. *ee)* Quando morre alguem, a primeira cousa que se ouve no céu são os sinos (Villa-Real). O povo traduz em verso a linguagem dos sinos. Aqui apenas mencionarei a do toque de finados:

—Morreu a velha...
—Que te deixou?
—Uma manta velha.

(Traz-os-Montes).

—Cá morreu um pó..ó...bre...
—Que te deixô..ô..ôu?
—Z-uma manta vé..é..lha...
—Partimo-la, partimo-la! [221]

(Oliveira d'Azemeis).

343. X. Mistéres diversos.—Já no decorrer d'este livro tenho alludido *a alfaiates* (§ 262-*e*, e p. 194), *pastores* (p. 238), *lavradores* (§ 340), etc. Pouco me fica pois para aqui. *a)* *Cantadeiras* e *cantadores*. São mulheres e homens que, medeante certo salario, vão cantar *ao desafio* a differentes terras por occasião de festas, etc. A este costume allude uma cantiga:

---

[221] Este costume existe noutros paizes. Segundo o meu amigo o snr. dr. G. Pitrè me disse numa carta «Una campana di Palermo, che sonava verso l'ora della scuola, secondo il popolo, diceva: *Don Pepé, Scola c'è* (bis). Un' altra d'un monastero di Clarisse: *Semu ma-(mala te)* (bis)».—Cf. tambem *Rev. Celtique*, III, 215.

Cantadeira, canta alto,
Que este povo quer ouvir!
Se tu não pódes do peito,
Quem te mandou aqui vir?

(Maia).

A's vezes a satyra é fina, outras vezes, mais frequentemente quando os versos são improvisados, é baixa. [222] *b) Marinheiros.* Os marinhéiros, quando se vêem em affiicções no alto mar, promettem levar a vela de offerta a qualquer imagem, principalmente a Santa Clara; depois andam com ella pelas ruas da cidade a pedir até obterem o valor d'ella, que depois dão para a imagem (Porto). *c)* O *moleiro*, segundo a crença popular, devia ser *despresado*, mas não o é, porque moeu a farinha para as hostias de Christo (Minho). — Na Beira-Alta diz-se porém que ser moleiro é desprêzo, porque o moleiro paga-se por suas mãos (quando tira a maquia do pão moido). — A crença em que o moleiro é despresado não parece porém ser, ou muito espalhada, ou muito arreigada, porquanto, num doc. ms. de 1575, figura como *homem-bom* (em Guimarães) um moleiro. — «Na villa d'Eiras, uma legua ao norte de Coimbra, existia o costume, que datava d'antigos tempos, de eleger annualmente entre os moleiros da villa um imperador. Este *monarcha*, acompanhado da sua côrte, subia no domingo do Espirito do Santo ao cimo da serra, onde está situada a capella da S. Sabastião, e d'alli deitava a sua benção a uma outra capella [223] que está na fralda do monte sobre o qual se ergue o convento de Santo Antonio dos Oli-

[222] Estes costumes portuguezes do *desafio* acham-se descriptos na *Bibliotheque universelle et revue suisse*, n.º 228 Dez. 1876. Sobre costumes semelhantes extrangeiros vid., por ex., *Archivio per le tradizioni popolari*, I, p. 93 e seg. *(Des Dayemans* pelo snr. C. de Puymaigre), — *Juan del Pueblo* por F. R. Marin, p. 43, etc.
[223] E' a do Espirito Santo, edificada ha seculos.

vaes. Na madrugada da segunda-feira seguinte dirigia-se com a sua commitiva á egreja dos frades bernardos de Cellas, e ahi, depois de coroado pelo capellão, era brindado pelos religiosos, aos quaes elle fazia algumas mercês. Consistiam os brindes em grangêa, confeitos miudos, que alli denominam pastilhas, e lhe eram offerecidos numa salva de prata com um garfo para elle se servir, e apoz isto manjar branco e mais algum doce e vinho. Depois d'este cerimonial voltava ao seu *imperio* onde encontrava na praça da villa um grande tablado, e nelle uma cadeira de espaldar para se sentar, e em frente uma mesa com comida franca. No fim d'este banquete havia cavalhadas, que as mais das vezes resultavam em forte pancadaria» (Cf. p. 236) (*A Liberdade*, de Viseu, n.º 419). *d*) O *pedreiro* está amaldiçoado porque atirou com pedras á Virgem; e a Virgem disse-lhe:

Pedreiro, pedreirete,
Hade ser sempre pobrete e alegrete.

Com effeito, accrescentou a minha informadora, o pedreiro canta sempre e assobia, mas nunca tem 10 reis (Minho).—Os pedreiros quando andam a subir pedra para os edificios, costumam produzir um som alto e agudo, que pouco mais ou menos se traduz assim: *âôu-ôu*, *âôu-â-ó-ôu*, com uma grande monotonia e tristeza. *e)* O *ferrador* devia ser despresado, mas não o é, por ferrar os cavallos do rei (Minho). *f)* Como já por varias vezes vimos, o povo costuma traduzir em linguagem os gritos dos animaes e dos sinos; do mesmo modo traduz as acções da vida; assim a linguagem do sapateiro, que, ao cosêr as solas, tem de afastar as mãos para ao lado ao mesmo tempo, é esta: *não entra cá d'elles! não entra cá d'elles!* (B. Alta). Ao sapateiro se diz tambem (B. Alta):

Sapateiro remendão
Bota-me aqui um tacão. [224]

A linguagem do alfaiate, tambem ao cosêr, é: *é impossivel! é impossivel!* (Mondim da Beira). *g)* Cada vendedor que anda pelas ruas não só tem um estribilho para apregoar, mas um tom ou musica especial para cada genero de commercio. No Porto, as sardinheiras dizem: *Espinho biba... bibinha...* (sardinha viva de Espinho); as que vendem faneca: *faneca fresca...;* as vendedeiras de melões: *quem compra melões de Coimbra?... melões de Coimbra... tão bôs...;* as que vendem uvas: *uvas de cima do Doiro...;* as vendedeiras de manjares e pasteis: *pasteis de Santa Clara!* (convento); *manjares fresquinhos!* etc. Na Beira-Alta os *vareiros* [225] apregoam assim o peixe: *quem compra sardinha nova?* (salgada); *fresca como auga!*—De terra para terra variam não só os tons, mas os estribilhos; assim os garotos que apregoam jornaes tem no Porto, em geral, um tom aspero, emquanto que em Lisboa, tem quasi sempre um modo cantado e doce. A voz das mulheres que vendem melões no Porto é uma perfeita musica. [226]

344. XI. VARIA.—*a)* Quem, depois de ter sonhado, se vira na cama, esquece o sonho (Gaia, Porto, etc.). *b)* Não é bom dormir com os pés para a porta da rua (Gaia, etc.) [227] *c)* Para um homem entrar numa casa, onde haja

---

[224] Cf. *Cantos popolares españoles* de F. R. Marin, Sevilla 1882, vol. I, n.º 151.

[225] *Vareiro* (por *ovareiro=de Ovar*) é o termo generico que designa vendedores de sardinha (na B. Alta, etc.).

[226] O snr. dr. G. Pitrè publicou no *Archivio per le tradizioni popolari,* p. 289-92, um estudo *sulle voci dei venditori ambulanti* na Italia.

[227] Cf. *Supersticiones popul. andaluzas* por A. Guichot y Sierra, n.º 31 (in *El Folk-lore andaluz,* pag. 63, fasc. 3.º).

cães, deve ir nu; os cães não ladram nem fazem mal, porque um homem nu é a imagem de Christo (Arcozello de Gaia). — Na Beira-Alta tambem se diz que um homem nu representa Christo). *d*) Para se fazer com que uma visita se vá embora, faz-se uma fogueira grande (Carregosa; cf. § 225). *e*) Não é bom ter espêlho partido em casa, porque a casa (i. é, a fortuna da casa) anda para trás; para tornar a andar para deante, é preciso mandar lançar os fragmentos do espelho a um rio, num sitio abaixo da passagem (Porto). [228] *f*) Quando se muda de casa, a primeira cousa que se deve levar para a nova casa é lenha e sal (Gaia); uma versão do Porto diz: azeite, pão, vinho, carqueja e carvão. [229] *g*) Não é bom coser (remendar, pontear, etc.) a roupa no corpo; mas desapparece o mau effeito se se disser:

Senhor-do-Olho-Vivo,
Coso o que está roto
E não o que está vivo.

(Gaia).

h) Ao benzermo-nos devemos dizer (Arcozello):

Deixa-me benzer co'a mão cânha, (esquerda)
Que não diga o Diabo que é mânha.
Deixa-me benzer co'a mão canhêta, [230]
Que não diga o Diabo que é peta.
Deixa-me benzer co'a mão toda,
Que não diga o Diabo que é pôrr... [231]

---

[228] Cf. A. Guichot, *ib.* n.º 27.

[229] «Co' se va a star su 'na casa nova se porta prima sal, pan, ogio, legne e un poca de çenare» (Bernoni, — *Credenze,* pag, 28).

[230] *Canhêta.* Chama-se *canhôto* a um individuo esquerdo, isto é, que se serve da mão esquerda em vez da direita.

[231] Estes dois versos finaes serão mais modernos?

Tambem as crianças dizem de brincadeira ao benzerem-se:

Pelo signal
Da santa carracha:
Vinho maduro
Na minha borracha.

(Beira, etc.)

Pelo signal
Do bico real,
Comi toucinho,
Não me fez mal;
Se mais me désse
Mais comia...
Adeus Padre
Até outro dia. [232]

(Porto).

i) Quando uma de nossas orelhas está vermelha, estão a fallar de nós: em bem se a orelha é a direita, em mal se é a esquerda (Douro, etc.). [233] *j)* No fim de uma novena deve-se comer e beber, senão ella não é acceita (Estarreja). *k)* Duas pessoas que abrem a bôca ao mesmo tempo, hão-de ser comadres (Minho). *l)* Quando alguem boceja, deve fazer com o pollegar muitas cruzes na bôca em quanto tiver esta aberta [de alguem que não tem que comer diz-se: *faz cruzes na bôca*] (passim). [234] *m)* Quando alguem espirra, os circumstantes descobrem-se e dizem: «Jesus! *Dómis téco!* (Dominus tecum), *Viva!*», uso que a pouco e pouco vae desapparecendo na alta sociedade. O costume de dizer *Jesus!* etc. (que é o mais geral no

[232] Cf. R. Marin, *Cant. pop. españoles*, I, n.º 90: *Por la señal, — De la santa canal* etc.
[233] Cf. A. Guichot y Sierra, *ib.*, § 33.
[234] Vid. a not. á superstição seguinte.

povo) explica-se bem pela comparação com os de outros paizes, como se vê na nota; mas o seguinte conto, que ouvi a uma mulher de Famalicão e a um homem de Basto (Minho) contém a chave do enigma: «Uma vez o Diabo e um ladrão combinaram, aquelle entrar numa môça e este roubar uma junta de bois, mas com a condição de o ladrão não dizer palavra nenhuma quando o Diabo fosse a entrar. A môça deu um espirro, e o Diabo ia a entrar; mas nesta occasião o ladrão disse: «*Dómisteco!*» e o Diabo não pôde conseguir os seus fins, pelo que começou a berrar para se livrar do ladrão: «O' lavrador! acuda ao *haido* (heido) dos bois, que um ladrão anda a roubar-lh'os». Assim nem o Diabo entrou, nem o ladrão fez o roubo.» [235] *n*) A um rapaz que tem o cabello cortado de pouco diz-se (Mondim da Beira):

Tosquiado, molinhado,
Leva os porcos ao malhado,
. . . .

Em Cabeceiras de Basto, tambem a namorada diz ao seu rapaz, quando este está tosquiado de fresco:

---

[235] Para se comprehender o uso de saudar alguem que espirra ou boceja, é preciso saber que existe uma crença de que os *espiritos* entram no corpo da gente, sobretudo para produzirem doenças. Os Amakosas, quando espirravam, invocavam o seu divino senhor *Utixo*, mas depois que foram convertidos ao christianismo, dizem: *Volve os teus olhos para nós, Deus salvador!* ou: *Creador do ceu e da terra!* (Callaway, — *Relig. of Amazulu*, apud Tylor, *Civil. Primit.* I, 115). Nas ilhas Samoa dizem *Viva!* exactamente como nós. Os negros do Velho Calabar dizem: *Longe de vós!* fazendo um gesto, como para repellir um mal (Vid. Tylor ib. pg. 114 ss.). D'estes factos se conclue que o Diabo, no conto, representa o espirito ruim, e que o nome de *Jesus* é para o expulsar. Noutras eras, em vez de Jesus, devia pois invocar-se outro nome de divindade. — As cruzes na boca, durante o bocejo, tem a mesma origem.

Louriado, louriado,
Vae p'ra cima do telhado,
Que lá stá um burro morto,
Vae-le puxar pelo rabo.

o) Quando se vê um individuo defeituoso, diz-se em algumas partes:

Deus que o assignalou
Alguma coisa l'achou.

p) O coixo, o calvo e o gago são mal vistos pelo povo, como os seguintes versos de Oliveira d'Azemeis dizem:

Se vires o *coixo* bô,
Contae-o por novidade;
Do *calvo* que Deus nos livre,
Do *gago* que Deus nos guarde.

Cf. o seguinte soneto, —*Agouros*—, do arcadico F. Joaquim Bingre (in *iscellanea poetica*, jornal semanario, 20 de Fev. de 1851, pag. 62):

Ha tres noites me ladra no telhado
Uma agoureira c'ruja, e pia um môcho; [236]
Logo que me levanto, encaro um côxo,
E os bons dias me dá um corcovado.

Pelo dia adeante um mao olhado [237]
De arremêsso me dá um torto e chôcho;
Um calvo, ao pôr do sol, com boné roxo
Me faz um rapa-pé empaturrado.

---

[236] Cf. §§ 292-*b*, e 299-*a*.
[237] Cf. este § em *r*, e o § 335-*e*'. Cf. mais A. Guichot, *ib.* n.º 21.

Todos estes malditos agoureiros
Sempre foram Aruspices dos mortos;
E da hora fatal os mensageiros...

C'rujas, môchos, carcundas, côxos, tortos,
E calvos,—seus eguaes—, são marinheiros,
Que levam os baixeis, da morte, aos portos!!!

q) *Superstições da barba.* A respeito da *benção da barba* no sec. XI em Portugal, transcrevo estas linhas de uma carta de João Pedro Ribeiro ao arcebispo Cenaculo: «Talvez V. Ex.ª não tenha ainda encontrado a pratica em Portugal da Benção da barba que traz o Pontifical. Achei-a em hum documento de Pendorada que he a Doação feita na Er. 1037 por Bellita a seu sobrinho Velino, em que se lê:=*Do tibi ipsa larea in die de sagratione ad confirmandum benedictione de tua barba.* Em outra da mesma data feita ao mesmo por sua Thia Autilli se lê:=*Do tibi ipsa lanea in benedictione de tua barba in die de illa sagratione.* (Apud *Boletim de Bibliogr. Port.* dirigido pelo snr. A. Fernandes Thomaz, vol. I, pag. 34).—A veneração pela barba é antiga, e o penhor das barbas de D. João de Castro creio que se funda numa crença muito anterior.—Diz-se que a um homem que trabalha na meia não cresce a barba (Mondim da Beira). Cf. estes versos popul. de Arcozello de Gaya:

Homem sem barba,
Falha amulherada,
Muita festa p'ra festa,
Mais d'isso nada.

—São tambem de Arcozello os seguintes:

Home de barba ruiva
Uma faz, oitra cuida.

Costuma-se dizer, apontando successivamente a barba, a boca, etc.:

Esta barba barbeirinha
Esta boca comedeirinha
Este nariz de cangirão
Esta testa de nabarro [238]
Este pello de cão. [239]

(Carrazeda d'Anciães.)

Cf. este adagio (ap. Bluteau, *Vocabulario*, v. *barba)*:

Mais vale migalha
Que pello de barba.

r) Costuma-se dizer (B. Alta): *Tem uns olhos capazes de fazer seccar uma figueira; tem uns olhos que fazem lume debaixo d'agua; tem lume no olho.*

s) Arroz (ou batatas) com pão
E' comer de toleirão.

(Maia, etc.)

t) As saudações que o povo usa geralmente são: *Guarde-o Deus! Louvado seja N. S. J. Christo! Vá com Deus! Adeus!* etc. *u)* Quando uma mulher se penteia, não deve deitar o cabello fóra, sem lhe cuspir e fazer tres cruzes, — por causa da feiticeria (Arredores do Porto). *v)* «Quando apparece uma malha branca na unha é signal de presente proximo» (C. Pedroso, — *Varia*, n.º 224). — Tambem se diz

[238] *Nabarro*, augmentativo de *nabo?* Cf. *velh-arr-ão* a pag. 225. F. Diez suppõe que no suffixo — *arr* ha um elemento iberico (*Gramm. des langues rom., — trad. fr.* II, 340).

[239] *Pêllo* por *cabello*. Em hispanhol, como no dialecto mirandez, *pelo* significa *cabello*. Cf. *pellar*, e estes versos (R. Marin, *Juan del Pueblo*, p. 22): «...tener por cabecera, las trencitas de tu *pelo*».

(Beira-Alta, Douro) que esta malha denota que a pessoa que a tem disse uma mentira. — «Quando apparece uma malha branca nas unhas da mão esquerda é signal de mentira; se apparece nas da mão direita, é signal de presente» (C. Pedroso, *ib.* 225). *w*) «Quando cae uma saia a uma mulher casada, é porque lhe andam com o marido; se a mulher ê solteira é porque lhe andam com o namorado» (id. ib. 236).

x) «Quando uma pessoa vae para calçar um sapato e o encontra de lado é signal de revez» (*id. ib.* 237). *y*) Quando, por engano, se veste um collete, casaco, etc., do avêsso, é signal de presente (Beira-Alta). [240] *z*) *Vozes do povo:* Quando se quer saber qualquer cousa, chega-se á janella, á hora das Trindades (outros dizem que a qualquer hora) e diz-se: = *Meu S. Zacharias, meu santo bemdito, fostes cego, surdo e mudo, tivestes um filho e o nome lhe puzestes João: declarae-me nas vozes do povo se eu...* (formula-se aqui o que se deseja saber). — Em seguida correm-se as ruas, sem parar, recolhendo os ditos que se ouvem, e applicando-os ao fim, no que elles tem de applicavel. — A fórmula diz-se tres vezes, e a ceremonia dura tres noutes seguidas (Minho). — No Porto, antes de se correrem as ruas, vae-se rezar á *Senhora das Verdades* (ao pé da Sé), e, emquanto se anda pelas ruas, não se falla com ninguem. — A isto chama-se *ir ás vozes*. [O snr. Martins Sarmento, que me deu a informação do Minho, accrescentou-me: «cf. *vox populi, vox Dei*»].

aa) Quando se tem a orelha esquerda quente, estão a dizer mal de nós, e por isso se faz o seguinte: dá-se um nó muito apertado no lenço de asoar, ou.... [não pude saber o resto] (Arredores do Porto; cf. este § em *i*). *bb*) Qualquer objecto que tenha de ser vendido não deve ser posto sobre a cama, — senão perde-se a venda (Arredores do Porto). *cc*) E' bom duas pessoas terem o mesmo pensamento ao mesmo tempo (Villa Real). *dd*) «Aquelle por

---

[240] O mesmo na Andaluzia: Guichot, *ib.*, n.º 25.

cima de quem se passa, fica *enguiçado*; para desmanchar o encanto [i. é, *desenguiçar*] é necessario passar-lhe de novo por cima, mas em sentido contrario» (Brazil, — *Alm. de Lembr.* de 1860, pag. 181. Cf. § 335-*p'*). — Quando um rapaz passa sobre o outro, diz (Gondifellos):

> Eu te enguiço
> Pela porta do carriço,
> Que não cresças mais do que isso.

ee) Quando alguem veste uma roupa nova, bate-se-lhe ao de leve, dizendo que é para assentar as costuras (passim).

APPENDICE

(Linguagem infantil)

345. Como appendice ao art. II d'este capitulo, julgo interessante mencionar alguns termos da linguagem infantil portugueza. A origem da maior parte d'elles é facil de conhecer: *a*) ou provém do lat., como *bum-bum* (lat. *bua, bu:* cf. Diez, *Gr.* I, 8) *pápa* (ib.), *maman* (lat. *mamma*, ib.), etc.; *b*) ou provém de reduplicação da syllaba tonica, processo familiar ás linguas selvagens, e que mesmo em lat. se encontra (*cecidi.* etc.), — como *ti-ti; c*) ou provém de onomatopeia, como *tó-tó; d*) ou provém de imitação do facto, como *fazer biquinha.* — Eis os termos (Beira-Alta): *bó-bó* (avó), *bum-bum* (beber); *chicha* (carne); *fazer cáca*; *fazer biquinha* (ourinar); *maman* (mãe); *ná-ná* (berço); *nanar* (dormir); *papá* (pae); *papar* (comer); *pi-pi* (pita); *pu* (crepitus ventris); *ti-ti* (tia); *tó-tó* (porco); *um dóe* (ferida); *xi* (abraço, — d'onde as rimas: *xi do coração, pipa de vinho, caixa de pão*); *Béto* (Alberto); *Lé-Lé* (Helena); *Li-Li* (Luiz); *Né* (Manoel); etc.

*

CAPITULO XI

Seres sobrenaturaes

MARAVILHOSO POPULAR

346. I. LOBISHOMENS. [241] Os nomes populares do lobishomem são: *lâbushóme*, *lâbushómem* (Beira-Alta), *lâbishómem* (Minho, Algarve), *labishome*, *lubishómem*, *lubishóme* (passim). [242] O nosso povo dá ainda ás vezes como synonimos: *Corredor* (Minho, etc.) e *Tardo* (Paços de Ferreira, etc.) Os

---

[241] O meu amigo Z. Consiglieri Pedroso escreveu uma erudita monographia sobre os *Lobis-homens* (*Trad. pop. port.* n.º VII, Porto 1881, 18 pag.), onde compara a crença portug. com varias crenças extrangeiras. Nessa monographia diz o snr. Pedroso que não encontrou menção de lobishomens nos sec. XVI e XVII nem em mais de trezentos contos que tem recolhido. Veremos no presente cap. que o lobishomem era conhecido no sec. XVI (portanto no sec. XVII) e que entra em contos pop., postoque nelles o *lobishomem* desempenhe um papel analogo ao do *olharapo* noutros contos. Veremos mais confirmados alguns factos do art. do snr. Pedroso que parecem extraordinarios. Convem pois sempre, como elle fez, apontar tudo o que se ouve.

[242] Em fr. o lobishomem chama-se *loup-garou*, em sueco *varulf*, em allemão, *währwolf*, em inglez *were-wolf*, etc., palavras onde ha a ideia de *homem* e de *lobo*. — O port. *lubishomem* creio que assenta sobre o lat. * *lupus-homo* (cf. *lâbushomem*).

nomes dos *lobishomens* fêmeas são (alem de *Lobisomem*, com as variantes), *Peeira* e *Lobeira* (Minho).

347. A mais antiga noticia que conheço dos lobishomens é a seguinte, do sec. XV ou XVI, do *Cancioneiro* de Garcia de Resende, — ed. 1515 (*Rifão*, fl. 28):

> «Sois damnado *lobishomem*,
> Primo d'Isac nafu».

D. Raphael Bluteau, no *Vocabulario*, ed. de 1716 (*v. lubishomem*), cita estes versos de F. de Sá de Miranda (sec. XVI):

> «Bento, maos lobos são homens
> E mais os d'essas montanhas,
> Que ha cem mil *lobishomens*:
> Cuidava eu que erão patranhas!»

e est'outros de um certo poeta:

> De noite, qual lobishomem,
> Correi o fadario embora:
> Ou andae como Estatinga
> Que nessas partes se encontra.

Do conhecimento dos lobishomens no sec. XVII falla F. A. Coelho, in *Rev. de Ethnologia*, pag. 179. — Do sec. XVIII ha menção na *Anacephaleosis medico theologica* etc. por Bernardo Pereyra, etc. — No *Portugal Medico* de Braz Luiz de Abreu (ed. de 1726), livro que o illustre lente da Eschola Medica do Porto, o snr. dr. J. Carlos, Lopes se dignou offerecer-me para os meus estudos de tradições populares, falla-se tambem da *Lycanthropia*, com «huma acção depravada das faculdades rectrices, que representão o homem debaixo da especie de Lobo» (p. 588, n.º 38).

348. Em todo o paiz se falla de lobishomens; mas, como todas as versões são fragmentadas, acho que o melhor meio é apresentá-las assim mesmo, sem tentar dar-lhes ordem. *a)* Quem tiver sete filhos a eito, rapazes ou raparigas, não sendo uns padrinhos dos outros, um qualquer d'elles tem de ser *Corredor*, i. é, tem de *correr fado;* e vae empoleirar a roupa na *arbre* mais alta que houver, e espolinha-se em espolinheiro de bicho, e fica no *alimal* que se alli tiver espolinhado. Só se lhe quebra o fado, fazendo-lhe sangue no rabo (que é o dedo mendinho), [243] ou queimando-lhe a roupa no forno, — vindo elle, neste ultimo caso, *trupar* [bater] á porta nessa occasião. [244] Se se lhe não *quebrar o fado* durante um certo tempo, o *Corredor* transforma-se em *Lobishome*, e depois come tudo quanto encontra, cães, gatos, *cadavles*, *jimentos*, gente, etc.; — em elle passando a *Lobishome*, *dixe!* [i. é, fica Lobishomem toda a vida]. [245] O *Lobishome* só é *Lobishome* nas noutes de Quarta e Sexta-feira, mas á Quarta anda mais; na Quinta e Sabbado de manhã cedo lança pelo bôca fóra tudo quanto comeu, e fica gente como nós (versão da Maia). [246] *b)* Quando o padrinho deixa de dizer certas palavras na occasião do baptismo de uma creança, esta tem de correr fado; para isso, quando está já crescida, mas antes de chegar á edade da communhão, vae-se espolinhar no espolinhadoiro de uma encruzilhada, pendura a roupa na arvore mais alta que

---

243 Cf. C. Pedroso, *O Lobishomem,* pag. 13.

244 Segundo uma versão do snr. Pedroso (ob. cit., pg. 14), o lobishomem tenta tirar o fato do fogo e ás vezes morre; mas, se resiste, fica salvo, e mata a pessoa que lhe fez isto, se a póde encontrar.

245 A fórma pop. *dixe!* (que existe em gallego e que neste caso significa em portuguez: *acabou-se!*) corresponde a *disse,* pela mudança dos *ss* em *x,* (ex. *crassa* = graxa) e não immediatamente, como alguem já disse, ao lat. *dixit,* cujo $x = cs$.

246 A presente versão e a seguinte estabelecem gráos de *Corredor* (ou *Tardo*) para *Lobishomem.* O mesmo ouvi vagamente a gente de Paços de Ferreira.

houver, e fica um animal; chama-se *Tardo*. Se durante sete annos lhe não *quebrarem o fado*, fazendo-lhe sangue, passa a ser *Lobishomem*, e então come gente. Tanto o *Tardo* como o *Lobishomem*, andão de dia em fórma de homem, e de noute em fórma de animal. Não descobrem nunca a sua sorte. Conhecem-se por uma grande magreza, (pois que nunca engordam) e amarellidão na cara (Vallongo). *c*) Em Guimarães disse-me uma velha que o lobishomem passa ás Terças e Sextas-feiras, fazendo tanto barulho como um *càmboio*. O fado do lobishomem chama-se *fado corredor*. *ç*) Um individuo que practíca qualquer acção má [segundo uns; segundo outros, póde ter deixado de a praticar] *corre fado*. Altas horas da noute transforma-se em animal, quasi sempre em burro, e corre desalinhadamente grande extensão de terreno. O fado dura sete annos, e só póde ser quebrado por meio de um ferimento no lobishomem. *d)* Os *Lâbushómes* são filhos de compadres e comadres (Sandim na Beira). *e)* A mãe que tem seis filhas successivas deve pôr á setima o nome de *Eva* por causa do *fado* (Penafiel, — onde ainda ha poucos annos se deu o caso da imposição d'esse nome). *f)* Uma mulher tinha um marido que sahia todas as noutes e voltava sempre muito frio e a lançar pela bôca fóra bicharia, como cães, gatos, etc. Uma vez a mulher foi a cima de um pinheiro muito alto buscar a roupa d'elle e metteu-a no forno a arder: assim lhe quebrou o fado (Cabeceiras de Basto). *g)* Uma pessoa de Guimarães fez-me a seguinte distincção: os *Lobishomens* comem gente; os *Corredores* andam a correr fado em fórma de animaes. *h)* Quando o Lobishomem sae á noute (meia-noute) enterra a roupa que despe, deita-lhe pedras por cima e diz:

Quanto mais te carregar,
Mais hei-de andar.

Quebra-se-lhe o fado, picando-o. O *Lobishomem* anda em fórma de cavallo, á Sexta-feira; por isso é mau andar-

mos de noute então. O *Lobishomem* provém do coito de uma mulher com um compadre (Villa-flor, — informação do meu condiscipulo Guilhermino Augusto de Moraes). *i)* Os lobishomens vão espojar-se nas encruzilhadas, transformando-se depois em cavallos, — ás Sextas-feiras. — Quem casar com comadre ou cunhada tem os filhos lobishomens; para que isto não aconteça, deve ser queimada a primeira camisa que os filhos vestirem (Villa-Real, — inform. do meu ex-condiscipulo A. Apparicio Ferreira). *j)* Os lobishomens correm sete freguezias cada noute. Podem ser apanhados, atirando-se-lhes á sombra (Villa-Real). *k)* O lobishomem perde o *fadario* quando se lhe vira o fato dentro de um moinho. Deve-se-lhes virar muito depressa, para que elle não appareça no local onde se faz a operação (Extremadura). *l)* «A pessoa que tiver sete filhos deve ver lobishomem um d'elles. Deus é quem, nos altos mysterios da sua sabedoria, ordena isto. Esse filho, no tempo que lhe está determinado, despe-se e vae collocar a roupa no cimo de um pinheiro, aonde mais ninguem possa chegar; depois desce nu para baixo, e espoja-se no chão, metamorphoseando-se acto continuo em o animal que no mesmo sitio se havia ultimamente espojado. Começa em seguida a *correr fado:* tem para isso certas e determinadas noutes. Acabado o tempo, vae buscar a roupa ao pinheiro, e, apenas pega nella, volta ao estado humano. Se porem alguem lhe fizer sangue durante o tempo do fado, *quebra-se* este. O lobishomem corre como o vento. E' indicio da aproximação de um lobishomem o latido desconfiado dos cães (Villa-Cova-de-Carros, — vid. o meu *Presbyterio de Villa-Cova*, II, *Lobishomens).*

m) Conto: — Era uma vez uns casados que tinham tres filhos. Numa occasião de inverno, tinham fome e não tinham que lhe dar. Foram levá-los a um bosque e deixaram-nos lá ficar. Era quasi noute, e as creanças, quando se viram sós, caminharam por um caminho pelo bosque adeante; viram ao longe uma luz, dirigiram-se a ella. Era uma casinha habitada por um Lobis-homem e mulher. O Lobis-homem tinha sahido, e

a mulher deu de cear ás creanças e deitou-as num *carto* adonde ella tinha tambem tres filhas, as quaes dormiam sempre cada uma com sua carapuça na cabeça, que era o motivo de se differençarem das outras creanças que alli iam ter, para o Lobis-homem, quando viesse, não comer as que tinham a carapuça, que erão as filhas. O Lobis-homem, quando chegou, tinha-lhe a mulher uma boa ceia preparada para elle se encher e não fazer mal ás creanças; elle principiou a dizer que lhe cheirava alli a carne humana, e a mulher dizia-lhe: — «Come, come, que não é ninguem, e vae-te deitar que estás enfadado». Elle assim fez, foi-se deitar. Ja tarde, de noute, levantou-se, foi ao quarto e procurou as creanças, matando e comendo aquellas que não tinham carapuça. Os pequenos, que tinham tirado as carapuças das filhas do Lobishomem, assim escaparam á morte; emquanto o Lobis-homem comia as filhas, por engano, — fugiram elles. Pela manhã, foi o Lobis-homem e a mulher procurar as filhas e não as encontraram; lembraram-se então do que os rapazes teriam feito, e, para se vingar, o Lobis-homem calçou umas botas de sete legoas [247] para os apanhar mais de pressa; de uma passada que deu, passou mais adeante e deixou-os ficar atrás, e como estava enfadado deitou-se a dormir; em quanto elle dormia, chegaram os pequenos e conheceram-no; um d'elles tirou-lhe as botas, calçou-as, pegou nos irmãos ás costas, e fugiu; só de uma passada estava na casa d'elle. Os paes, quando os viram, ficaram muito contentes. Botaram isto ás folhas. O rei chamou estes pequenos á presença d'elle e pela esperteza d'elles deu-lhe um prêmio para viverem felizes. O Lobis-homem foi para casa e bateu muito na mulher, por ella ser a causa de elle ficar sem as filhas e sem as botas. — *Victoria, Victoria,* — *Acabou-se a historia.* = (Cumieira c. de V. Real).

n) Os lobishomens devoravão gente, mas só rapazes de

---

[247] Cf. C. Pedroso, *op. cit.* pag. 12.

1 a 14 annos. Era uma vez um carvoeiro, tinha sete filhos, e, como não tinha dinheiro para os sustentar, queria-os impôr fosse como fosse; e o mais pequeno de todos, chamava-se o *dedo pollegar* [248] ou simplesmente *o dedo;* elle desconfiava que se querião desfazer d'elles e metteu-se uma noite debaixo da mesa para ouvir o que os paes dizião. Os paes disseram que quando fossem uma vez ao monte os havião de lá deixar ficar todos. O *dedo* sahiu pela porta fóra, foi ao ribeiro e trouxe muitos seixos e metteu-os no bolso e foi-se deitar na cama. Depois sahiram pela manhã muito cedo e o *dedo* foi deixando cahir os seixos um a um para marcar o caminho; no fim, quando tinha já quasi tudo acabado, parou o pae a cortar lenha, e disse-lhes que ficassem alli todos, que vinha já. Foi, mas não voltou, e os pequenos já estavam desesperados. Era já tardito, e começou o *pollegar* [249] a dizer muito afoutamente. «Vinde comigo». E forão indo pela estradinha dos seixos até casa. Assim que chegaram a casa, ficaram todos á porta e um visinho que devia dinheiro á mãe, deu-o ao pae e mãe. A mãe foi ao açougue e trouxe carne, etc. A mãe estava á mesa a comer e diz para o homem: «Ai Manuel, quem dera aqui os nossos filhos! Onde estarão elles!» Responde o *pequeno pollegar:* «Aqui minha mãe!» E repetiram todos: «Aqui minha mãe!» Entraram e ceiaram. Emquanto o dinheiro durou, os pequenos estiveram em casa sem ir ao matto; mas acabada a semana, emquanto o pae e a mãe estavam a ceiar, o pollegar metteu-se outra vez debaixo da mesa a ouvir, e ouviu que era preciso outra vez impô-los. O pequeno metteu-se outra vez na cama por amor de não desconfiarem. Emquanto estavam todos a dormir, o pollegar sahiu de vagarinho para procurar a chave da porta para ir buscar seixos ao ribeiro; a porta não tinha chave; e tor-

---

[248] «Era muito baixinho, era um anaio» (exacto). Cf. not. 25.
[249] Tambem o *pequeno pollegar.*

nou-se a deitar muito afflicto, sem dizer nada aos irmãos. Pela manhã muito cedo os paes deram um pedaço de pão a cada um: todos os irmãos comeram o pão, menos o *dedo* que o guardou. Quando sahiram para o matto, o *dedo* foi botando as migalhas de pão pelo caminho; acabou-se-lhe o pão, e os paes num certo sitio pararam e disseram: «Esperae aqui, que nós já vimos». E foram-se desviando; os pequenos estavam entretidos a jogar, só o *dedo* vigiava sempre. D'ahi a pouco os paes desappareceram. A' tarde começaram os outros pequenos a chamar muito pelos paes, mas, nada! Mas o *dedo* disse: *Stânde calados! e vinde;* mas os passaros tinham comido as migalhas e ficou tambem a chorar. Era quasi noute e elles sem comer, e começava a ouvir-se os lobos a berrar, e depois o *dedo* assubiu para uma arvore a ver se veria uma luz a distancia, mas só via uma muito pequenita lá ao longe. Lá foram todos para ella; e chegaram a uma casinha muito pobre; bateram á porta e veio uma mulher e abriu, e elles pediram-lhe agasalho para a noute. Ella disse assim: «eu de comer dou» e fez-lhe uma fogueira muito grande e todos se puzeram a aquecer; mas disse-lhe: «eu aqui não vos posso dar agasalho porque o meu home é lobishome e come os meninos». Nisto bateram á porta e elles todos atarantados metteram-se debaixo da cama. O lobishomem entrou e perguntou pela ceia, a mulher disse-lhe que já estava prompta e pôz-l'a mesa, e começaram a comer. Diz elle: «hoje é o dia dos meus annos, vamos a beber mais uma pinga»; foi buscar o barril e bebeu; já estava assim meio tonto e começou a arreganhar o nariz e a dizer: «aqui cheira-me a folgo-vivo»; diz a mulher; «tu stás tolo»! Diz elle: *«ágora* [250] *stou»;* e começou a procurar todas as partes e foi dar co'os pequenos debaixo da cama e diz: «bôa caça!»; e começou a tirá-los todos um por um, e disse á mulher: «dá-le bem de comer para que stejam bem

---

[250] *A'gora* significa *não.*

gordinhos para ámanhã comer e mais os outros lobishomes meus amigos»; e mandou á mulher armar uma cama para os amigos dormirem, «mas entretanto pódes lá deitar os pequenos», e começou a amolar a faca. Os pequenos deitaram-se, e o *dedo* ficou toda a noute acordado; as pequenas (filhas do lobinho) tinham todas na cabeça uma coroa de metal e o *dedo* tirou-lh'as e pô-las na cabeça dos irmãos e d'elle. O lobishomem depois veiu com uma faca e procurou os pequenos, mas como lhes sentiu a coroa, cuidou que erão as filhas, e foi á cama d'ellas, e como lhes não sentiu a coroa, cortou-lhes a cabeça e foi dormir mais. O *dedo* assim que o sentiu a resonar fugiu com os irmãos. Ao outro dia a mulher poz-se a pé, e como visse as pequenas num lagar de sangue, chamou o lobinho; este calçou as botas de sete legoas com as quaes, a cada passada, andava sete legoas (os lobishomens usavam essas botas). O *dedo* viu-o e esconderam-se todos no vão de um penedo; o lobishomem deitou-se a dormir, e o *dedo* tirou-lhe as botas, e como ellas serviam a todos os pés, vestiu-as, pegou nos irmãos ao collo, e fugiu; chegou a casa, largou os pequenos, foi ao rei, e, como elle andava em guerra, disse-lhe que se promptificava a dar-lhe noticia do exercito, cuja noticia ha muito não sabia. O rei pagou-lhe o preço justo, e o *dedo* partiu; trouxe a noticia e o rei ainda lhe pagou mais. O *dedo* foi levar o dinheiro aos paes, e em pouco tempo ficou rico, com a jornada.— *Victoria*, *Victoria*,— *Acabou-se a historia.* =(Guimarães.) *o)* Os lobishomens são provenientes do illicito coito carnal do padrinho com a afilhada ou da madrinha com o afilhado (Bragança,—apud Consiglieri Pedroso, *O lobishomem*, pag. 7). *p)* Uma Bruxa, pronunciando certas palavras, póde fazer gerar espontaneamente um lobishomem (Lamego,—apud o mesmo id. ib.) *q)* Pondo-se ao recem-nascido, no caso de haver sete filhos a fio, o nome de Jeronyma ou Bento, conforme o sexo, evita-se que elle tenha de correr fado (id. ib. pg. 8). *r)* «Quando uma mulher der á luz successivamente sete filhos varões, deve o mais velho

sangrar o dedo minimo [cf. este § em *a*] ao mais novo para evitar que o ultimo seja lobishomem; e o mesmo deve fazer-se quando forem sete femeas para que a ultima não seja *hirã* [vid. adeante] (Cabo-Verde,—id. ib. ib.). *s)* Qualquer pessoa que morre de Bruxaria transforma-se em lobishomem (Lamego,—id. ib. ib.) *t)* Os lobishomens, mesmo no estado natural, são magros, de côr amarella caracteristica, tristes (C. Pedroso, ib. pg. 9). A gente de Vianna ouvi que os lobishomens são muito altos. Diz o snr. F. A. Coelho: «E' a côr extremamente pallida, sem doença apparente que revela o lobishomem na sua fórma humana» (*Rev. de Ethnolog.*, pg. 180, § 259). Os lobishomens, no estado natural, distinguem-se pelas orelhas compridas, ventas arrebitadas e os cabellos da cova do ladrão de uma côr parda com laivos escuros (C. Pedroso, *op. cit.*, pg. 9). *u)* Os lobishomens correm sete adros (Oliveira do Hospital),—sete freguezias matrizes numa hora, em fórma de cão, gato ou gallinha (Caldas), passa sete pontes e sete rios, entre as onze e a meia-noute (Mafamude),—corre sete legoas, sete encruzilhadas, sete ribeiros, e a pessoa que lhe quizer quebrar o fadario tem de o acompanhar a casa, senão elle volta outra vez a cumprir o seu destino (Regoa),—correm as sete *partilhas do mundo* [251] (Oliv. de Azemeis),—sete villas acastelladas, [252] sete vaes, [253] sete outeiros e sete encruzilhadas de estrada, mas só andam ás terças e sextas-feiras da meia-noute para as duas horas, ficando tão

[251] O snr. Pedroso escreve «sete partilhas (sic) do mundo». Deve entender-se *sete partidas*. Cf. o livro da litteratura de cordel, *As sete partidas do rei D. Pedro,* e o dictado usual a proposito de alguem que anda muito: *correu as sete partidas do mundo.*

[252] O snr. Pedroso escreve «sette villas acastelladas (sic)». Não sei que duvida haja aqui para pôr o *sic,* porque *villas acastelladas* são villas fortificadas.

[253] O snr. Pedroso escreve com razão «sete vaes (sic)». A palavra *vaes* póde ser (por *valles*) o plural de *valle,* cuja pronuncia usual é *val;* cf. *bordaes,* (por *bordallos* de *bordallo, bordal*).

moidos que no dia seguinte não podem levantar-se, e perdendo a côr (Lisboa, — superst. citadas por C. Pedroso, ib., pg. 10). *v)* Os lobishomens apparecem á hora do crepusculo nos logares sombrios, fazendo muito barulho, que é ouvido pelas pessoas a quem querem influir (*Alm. de Lembr.* cit. por Pedroso, ib. pg. 10). *w)* Os lobishomens, quando vão na carreira, apagam as luzes (Pedroso, ib. pg. 11).

x) «Uma vez estava uma mulher á janella e viu passar um lobishomem. Este, mal a viu, investiu com ella, mas apenas lhe roçou pelo fato sem lhe fazer mal. No outro dia, a mulher foi a olhar para o marido e viu-lhe atravessados nos dentes uns fios de baeta encarnada das roupinhas que ella tinha vestida» (Coimbra, id. ib. p. 12). *y)* Quando se fere um lobishomem, é preciso que o sangue não salpique á pessoa que o fere para esta não ficar com o fadario. Por isso, em vez de fouce que tem o cabo curto, torna-se preferivel uma vara comprida com um bico na ponta, e ainda assim deve largar-se logo a fugir para longe (Lavadores, — apud Pedroso, ib. p. 13). Só a mulher do lobishomem é que o póde picar com um alfinete, sem o sangue lhe fazer mal a ella, ainda que se salpique (Caldas, id. ib, ib.). Tambem a baba do lobishomem, cahindo numa pessoa, faz passar o fadario para esta (Lisboa, id. ib. ib.). *z)* «Quando o lobishomem não é bem picado, em vez de se desencantar, dobra-se-lhe o fado (Caldas, id. ib. ib.). *aa)* Uma vez uma mulher, cujo marido era lobishomem, virou-lhe o fato que elle deixou em casa; immediatamente o lobishomem voltou aos pinotes, já no estado natural, mas nu (Bucellas, id. ib. pg. 14). *bb)* A edade em que o lobishomem começa a correr o fadario é, segundo certa versão, aos treze annos (Ad. Coelho, *Rev. de Ethn. e de Glott.* pg. 180, § 258). *cc)* Em Coimbra havia na couraça de Lisboa, na muralha acima da Alegria, uma pilastra ou ameia que, era fé no sitio, fôra derribada por um lobishomem (Ad. Coelho, ib. pg. 181).

dd) Sobre o lobishomem em fórma de pato, vid. § 302.

ee) Os lobishomens correm o seu fado em virtude de feiti-

ços ou de promessa não cumpridas (Minho, — *Almanach de Lembranças*, citado por F. Adolpho Coelho, in *Revista de Ethnologia e de Glottologia*, pag. 183, § 267.

ff) A superstição dos lobishomens é commum aos Açores e á Galliza. *gg) Conto popular:* Era de uma vez uns meninos, e depois foram p'ra o monte guardar o gado, e depois encontraram uma velhinha a fiar na roca, e a velhinha disse-lhes assim:

— Ondes ides, meus meninos?

— Nós andamos aqui a guardar o gado.

— Vossês não tendes fome?

— Nós ind'ágora adormecemos, mas já temos.

— Antão eu dou-vos um bocadinho de pão.

— Pois sim, senhora.

Ella deu-lhes o pão, e elles começaram a comer. E assim que comeram forão indo com as varas na mão. E depois tornou-os a chamar e disse-lhes:

— Aquelle boi (ia um boi a correr muito) vae a correr, e aonde elle for parar está lá uma casa, e nessa casa moram *duas* Lobishomens (sic), mas acautelae-vos que ellas talvez vos queirão comer.

— Pois sim, senhora, muito obrigada. [254]

E depois foram indo p'ra deante e viram uma mulher á porta da tal casa, e ella disse-lhes assim:

— Quereis bolo quente?

— Queremos, sim senhora.

— Antão, vinde cá dentro.

Depois entraram, e ella disse-lhe assim:

— Antão esperae ahi que eu vou-o fazer.

Elles esperaram, e ella disse-lhe assim:

— Sabeis dançar?

---

[254] Quando qualquer pessoa do povo tem de agradecer, diz *obrigada*, se a pessoa a quem se dirige é do sexo feminino; e *obrigado*, se esta é do sexo masculino.

E elles disseram:
—Sabemos, sim senhora.
—E sois capaz de dançar em cima d'esta pá, sem sahir fóra?
—Não senhora.
E ella disse:
—Mas eu sou.
E elles disseram:
—Então dance lá:
Ella poz-se em cima da pá, e elles agarraram e atiraram com ella ao fôrno, fecharam a porta, sahiram cá para fóra e esconderam-se para o lado da casa.
Depois veiu a mãe da que estava no forno (era velha) e não viu a filha e começou a dizer:
—Ah! bom, ella não está cá, é porque foi ver se encontraria alguma caça...
E como visse carne no forno disse muito contente:
—Ah! que temos caça!
E começou a comer.
Depois os meninos foram-se desviando para o pé da porta e começaram a gritar:

Rilha, minha velha, rilha,
Os ossos da tua filha!

Ella não deu fé, e contiuou a comer. [255]

Victoria, Victoria,
Acabou a historia.

(Guimarães, cont. por Leocadia de Fafe; não sabia ler).

---

[255] Ha ainda outros contos em Portugal nos quaes se menciona um facto semelhante a este. — Cf. a lenda de Thyestes, etc.

349. *a)* Na casa em que havia sete filhas a seguir, uma d'ellas tinha de ir para *Lobeira*, mas este mal podia-se evitar se a mais velha fosse madrinha da mais nova. A *Lobeira* ia governar nos lobos; todos os lobos andavam ao mando d'ella, que estava mettida numa cova, porém em fórma de rapariga. — Se em vez de haver sete filhas, houvesse sete filhos, um d'estes ia para *Corredor* ou *Lobishomem* (Cabeceiras de Basto). *b)* O meu amigo o snr. dr. Martins Sarmento fez o favor de me recolher a seguinte versão: — *Lobishomem femea:* A setima irmã é fadada para *Peeira* dos lobos. Vae viver sete annos com os lobos; dorme na cova d'elles; os lobos alimentam-na, e, se ella falta, ficam furiosos. Se se pergunta ao povo o que significa *Peeira*, elle responde: «a que vive ao *pé dos lobos*»; mas a palavra só é conhecida com a applicação supra (Ancora, — onde ainda ha alguem que conhece uma *Peeira* dos lobos, ou pelo menos ha alguem, parente da pessoa que a conheceu). [256]

350. II. Olharapos. [257] *a)* Além do nome *Olhara-*

---

[256] Nas *Mythological Notes*, xii, de W. Stokes, lê-se «The story told by Giraldus Cambrensis, *Top. Hib. Dist.* 2, c. 19, of the man and woman transformed into wolves every seven years is too well known to be cited here. The irish name for a female werwolf is *conoel. Conoel*, i. *ben tet a conrecht* (a woman that goes into wolfshape), H. 2. 16. Col. 98. In H. 3. 18, p. 634, col. 3, there is a similar gloss: *Conel. i. ben téit i cúánricht* (a woman that goes into the form of a little hound)». In *Rev. Celtique*, t. ii, p. 202-203.

[257] A primeira noticia que dei dos *Olharapos* foi nos meus *Costumes pop. do Minho* (in *Penafidelense* de 12 Junho 1881). O snr. F. A. Coelho fallou depois tambem d'elles na *Rev. de Ethnolog.* p. 161; e o snr. C. Pedroso traz no *Archivio per le trad. pop.*, p. 270-1, um conto pertencente ao cyclo dos olharapos, — chamado *Alicornio*, denominação popular impropria, por confusão entre *um só olho* e *um só corno*. *Alicornio*, por *Unicornio*, é vulgar, e já acho essa fórma condemnada como popular por D. N. de Leão — *Orth. da Ling. Port.*, ed. 1576.

po e *Olharapa*, é tambem popular o de *Olhapim* (em Tras-os-Montes). *b)* Os olharapos são homens differentes de nós, anthropophagos, com um só olho no meio da testa, e que vivem num paiz distante (Beira-Alta, etc.). *c)* Segundo uma versão de Cab.' de Basto, os olharapos tem tres olhos, dous na frente e um no cachaço, razão pelo qual tanto vêem para trás como para deante. *d)* Em Guimarães tambem ouvi dizer que tanto vêem para trás como para deante. *e)* Gente de Arouca fallou-me de gigantes com um só olho no meio da testa. *f)* Segundo outra versão do Minho, o olharapo é anthropophago e tem quatro olhos: dois adeante e dois no cachaço. *g)* Os olharapos são povos ainda existentes. Uma vez um homem do Souto (ao pé de Briteiros, no Minho), que os antepassados de quem contou isto conheceram, estava na terra d'elles passando grandes perigos. Entrou certo dia na casa onde uma creança se occupava em fazer varios preparativos de caçarolas, parece. Depois de algumas perguntas o homem soube do pequeno que os paes andavam por fóra, e não tardarião a entrar, e que o comeriam. O homem allegou que tinha necessidade de sahir, e, assim que se apanhou fóra, subiu para cima de um pinheiro. Em seguida viu o olharapo e a olharapa entrarem em casa e sahirem pouco depois com *chumieiras* [258] na mão a procurá-lo por todo o pinhal sem o descobrirem. (Apud os meus *Cost. pop. do Minho*, § 25). *h)* Em creança ouvi um conto semelhante ao n.º XXVIII (*Os meninos perdidos*) da collecção do snr. Ad. Coelho, no qual figurava uma mulher chamada *Dona Loba*, que tinha só um olho no meio da testa. *i)* *Conto popular*:=Era uma vez um homem e tinha tantos filhos que já não sabia a quem chamar para padrinho. Appareceu-le Santo Antonio, e disse:

— O' hominho, tu que tens?

---

258 Lumieiras de palha.

— Tenho tantos filhos. Agora nasceram dois juntos, não tenho a quem chamar para padrinho.

— Diz, arranja madrinha, que padrinho vou eu ser.

O homem arranjou madrinha e foi S. Antonio ser padrinho.

Depois d'isso, disse S. Antonio:

— Toma conta d'estes meninos e, assim que elles tiverem tres annos, leva-m'os para á serra de tal banda e deixa-os lá ficar.

O hominho, assim que elles chegaram a essa edade, assim fez, e deu-le pão e cebola e disse-le:

— Ficae meus meninos aqui, e esperae que eu venha por vós.

Os meninos assim fizeram.

A' noite, disse o menino para a menina:

— O' Maria, nós como havemos de ir, ao correr da agoa ou ao luzir do lume?

Diz a menina:

— Ao luzir do lume.

A menina tinha botado os casquinhos da cebola pelo caminho e por elles foram ter a casa de seu pae.

O pae disse-le assim:

— O' meus meninos, quem vos ensinou o caminho para casa?

— Diz a menina: Fui eu que tinha deitado os casquinhos da cebola e vim por elles.

O Santo Antonio chegou nessa occasião e disse:

— O' compadre, tu levaste-me lá bem os afilhados!

Diz o pae:

— Eu levei-os, mas elles tornaram a vir para casa.

— Pois amanhã leva-m'os lá e não le dês nada.

O homem assim fez. Não le deu nada e disse-le que ficassem lá.

Os meninos ficaram muito tristes. Chegou á noute e fizeram a mesma pergunta um ao outro. A menina deu a mesma reposta. Depois foram pelo monte a baixo, e encontraram uma *olharápa*. A olharápa le disse:

— O' meus meninos, quereis vós vir para minha casa?
Dizem elles assim:
— Queremos, sim, senhora.
A olharápa levou-os para casa, metteu-os numa caixa de castanhas sêccas. Os meninos agarraram um rato e tiraram-le o rabo. De cada vez que a olharápa dizia: «O' meus meninos, botae cá o vosso dedinho fóra», os meninos botavam o rabo do rato. Depois perderam o rabo do rato, e botaram-le o dedinho.
— Ai, meus meninos, já estaes gordinhos, sahide para fóra. O' meus meninos, agora haveis de ir por um braçadinho de lenha cada um. [259]
Elles foram. Nisto apparece S. Antonio, e disse assim:
— Olhae, meus meninos, ella mandou-vos á lenha mas é para vos queimar, mas quando vós virdes o lume acceso ide ver á maceira se lá está pão; e se não virdes lá o pão, ella despois que o lume estiver acceso, diz-vos assim:
— Espoleiae-vos aqui, meus meninos.
Dizei-le vós assim:
«— Espoleie-se Vm.^{cê} primeiro, para nós aprendermos.»
Quando ella vos fôr a dizer como é, dizei vós assim:

«Ajudae-me aqui, S. Pedro,
A enfornar este bezerro.»

Depois metteide-a dentro do forno; cando vós abrirdes a porta ao forno, cada um dos olhos d'ella hão-de ter seu cachorrinho: um ha-de ser *Ares* outro *Vento;* depois servirão para tu ires á caça.

Os meninos assim fizeram. Apenas a velha le disse, apenas elles a metteram dentro. Depois pegaram nos dous cachorrinhos, e o menino ia com elles á caça. Aonde constou que havia uma *bicha de sete cabeças* que comia uma

---

259 *Ir por,* — significa: *ir buscar.*

pessôa por dia, aonde já não havia nessa terra senão a filha de um rei para comer. O rei tinha promettido áquelle que le salvasse a sua filha de casar com ella. O rapaz, cando lhe consta aquillo, começa a ouvir a bicha; elle aproximou-se a ella. Aonde a filha do rei le disse:

—Fuja, fuja, senão é comido tambem.

Elle disse:

—Embora eu seja comido, a bicha hade morrer.

E accrescentou: «Ares e Vento, vinde cá!»

Apenas elles chegaram ao pé d'ella, mataram-na logo. Ficou a filha do rei salva. O rapaz chegou ao pé d'ella, cortou as lingoas á bicha e embrulhou-as no vestido; levou-as para casa. Depois d'isto foi a filha do rei para casa e o pae ficou todo alegre por a não ver comida por aquella infernal bicha. E disse assim:

—Minha filha, quem matou a bicha?

—Foi um menino pobre que lá chegou com dois cachorrinhos, e apenas chamou por elles, elles degollaram-na logo.

—Minha filha, manda-o chamar.

—Meu pae, elle é muito envergonhado e não vem.

Vae um curioso, pega nas sete cabeças da bicha e leva-as ao rei. O rei disse:

—O' minha filha, aqui tens o teu marido.

Diz ella:

—Meu pae, não é esse. O meu marido não traz as cabeças, traz as lingoas embrulhadas no meu vestido. Vae a menina á janella e vê-o passar. E disse:

—Meu pae, alli vae o meu marido.

—Chama-o para cima.

O rapaz mostra o bocado do vestido com as sete linguas. Logo que elle chegou, o rei le fallou casamento para a filha. O rapaz casou, e á irmã metteram-na num convento. O rapaz ficou rei alli, e a irmã do convento arranjaram-le casamento noutro reinado e foi ser rainha. Aqui está o milagre do S. Antonio. (Contado por Margarida Rosa, de Cabeceiras de Basto, em Janeiro de 1880). *j)* As *olharapas*,

segundo se diz ao pé da Regoa, têm um só olho. *k*) Segundo outra versão de Guimarães, os olharapos chamam-se tambem *olhapins* e tem quatro olhos, dois para *diênte* e dois para trás; mas, por uma contradição, vulgar na trad. pop., são muito baixinhos, são uns *anaios*. [260]

351. III. ALMAZONAS. *a*) As *Almazonas*, tambem chamadas *Almajonas*, mulheres muito grandes e gordas, deitam os seios para trás das costas e assim alimentam os filhos ás costas (Maia, Minho, Beira-Alta). [261] Até na Maia se diz de uma mulher nutrida: *Aquillo é uma almazona*. *b*) Havia um reino (das *Almazonas*) onde as mulheres se governavam umas ás outras, e os homens, que erão escravos, faziam o serviço proprio d'ellas. Ellas porem forão uma vez vencidas na guerra, a rainha posta fóra e os homens tornaram a occupar o seu logar (Cabeceiras de Basto).

---

[260] A crença portugueza *olharapos* ou *olhapins* prende-se verosimilmente com a dos cyclopes, que do mesmo modo erão gigantes, anthropophagos e com um só olho no meio da testa. Nos Highlands as tradições fallam dos *Famhairans*, gigantes d'um só olho. — A proposito do *Tartaro* nos Bascos, lê-se em Webster: «Who, or what is the Tartaro» ? — «Oh! you mean the man with one eye in the middle of his forehead», — is the prompt and universal answer. The Tartaro is the Cyclops, the sun's round eye. (*Basque Legends*, Londres 1877, pag. 1).— A lenda dos Cyclopes não parece peculiar dos gregos, romanos e mais povos da Europa, porque, M. d'Abbadie (apud Webster, op. c., p. 2) ouviu na Africa Oriental um conto d'estes a um homem que nunca tinha sahido do paiz. — Na palavra *Olharapo* ha evidentemente o radical *ôlho* ou *olhar*.— No folheto que o snr. dr. Stanislao Prato se dignou offerecer-me, — *Quatro novelline pop. roman.*, 1880, vem a pag. 7, um conto *L'òcchiaro* analogo ao citado do sr. C. Pedroso. A palavra *òcchiaro* parece corresponder a *olharapo*.— Cf. mais *Archivio per le trad. pop.*, p. 160-2.

[261] A palavra *Almazona*, ou, pela mudança de *z* em *j* (cf. Isabel-Jabel, etc.), *Almajona*, é evidentemente o mesmo que *Amazona*. Já D. Nunes de Leão, in *Orthogr. da Ling. Port.*, ed. 1576, dá *almazona* como a fórma popular de *amazona*. O *l* proviria acaso da analogia com *alma*.

c) A lenda das Amazonas soffre uma variante notavel em Gondifellos (c. de Famalicão). Lá faz-se distincção entre *Almajonas* (mulheres grandes) e *Allamôas*. As *Allamôas* [262] erão mulheres do reino da *Allamanha* [263], que traziam os filhos ás costas mettidos num taleigo, e nunca deixavam andar os homens com ellas. Os homens ião lá só uma vez cada anno; ao fim de certo tempo ellas botavão-nos fóra. Quando nascia uma menina, ellas ficavão com ella; quando nascia um menino, mandavão-no para os homens. Os homens erão os *Allamões*, gente muito alta. [264]

352. IV. Gigantes. *a*) Como já vimos, os *olharapos*, segundo certas versões, são gigantes. *b)* Os gigantes figúram em algumas lendas populares. Segundo Consiglieri Pedroso (*Estudos de Mythographia Portugueza*, in *Positivismo*, II, p. 452) ha dois montes proximos a Penella, onde outr'ora trabalhavão dois ferreiros gigantes. *c)* «São raras hoje em Portugal as tradições ácerca de gigantes, segundo cremos. Os gigantes, os ogres, foram substituidos na tradição por ladrões. Mostram-se em diversos logares (por ex. num monte entre Barcellos e Vianna do Castello) *covás do ladrão*, e correm ácerca d'ellas apagadas lendas» (Ad. Coelho, in *Rev. de Ethnolog.*, p. 165). Pela minha parte pouco tambem tenho apurado no povo a respeito dos gigantes. O mesmo professor transcreve na cit. *Revista* um trecho da *Chorographia* de Carvalho (III, 221) a respeito da lenda de um ladrão gigante.

---

[262] *Allamôa*, por *allemã* ou *allamã*, é um feminino popular de *allamão (allamom)*, como *barôa* de *barão*, *cidadôa* de *cidadão*, etc.

[263] A linguagem popular portugueza tem *Allamanha* em vez de *Allemanha*; aquella fórma é directamente o lat. *Alammania*, que se encontra nas inscripções, nos auctores, etc.?

[264] Tanto as *Almazonas* como as *Alamôas* são evidentemente as *Amazonas* da antiguidade.

353. V. Anãos.—Da mesma maneira que sobre os *Gigantes*, pouco sei sobre os *Anãos*. *a)* O termo *anão* (lat. *nanus*) tem como synonimo no Minho *anaio* e *anainho*. *b)* Segundo uma versão portugueza, não me lembro d'onde, havia uma terra de *Anãos* (ou *Anões*), onde tudo era muito pequeno, aves, quadrupedos, homens, etc. *c)* Cf. o conto do §-*n*, em que figura o *Dedo pollegar*, rapaz muito pequeno. *d)* Segundo ouvi a gente de ao pé de Ovar, aquellas creanças por cima de passam, estando ellas no berço (cf. §§ *p'* e *dd*) ficam *anãs*.

354. VI. Moiros.—Já neste livro alludi por varias vezes a lendas de Moiros e Moiras (c. §§ 166, 171, 195, 196, 210, 211, 212, 323-*q*, 325-*c*, pg. 196, § 335-*y*, etc.) o que em parte extrahi do meu opusculo, *Fragm. de Myth. Pop. Port.*, (Porto, 1881) onde pela primeira vez em grupo estudei as *Moiras* sob estes tres aspectos: *Moiras encantadas com thesouros* (em aguas, pedras, montes), *Moiras produzindo um echo*, *Moiras fiandeiras;* por isso aqui pouco mais tenho que dizer: *a)* «—Os Moiros são gente da Moirama; stivéro cá antigamente; depois botára-nos fóra os portuguezes, e elles fôro para a Moirama, que é um reino muito longe; mas ficáro cá algumas *Moiras* encantadas» (Gondifellos).—A *Moirama* é, como se vê, a terra dos Moiros, o que se affirma em todo o paiz, pelo menos no Norte. *b)* Todos os monumentos antigos arruinados foram, segundo a crença, feitos pelos Moiros, que erão muito ricos. E' notavel que em todas as partes se diz que, quando passa um rio perto de algum monte ou castello de Mouros, existia um caminho subterraneo d'esse monte ou castello para o rio, por onde os Moiros levavão os cavallos a beber. *c)* A 1 kil. ao norte de Minde existe uma caverna ou lapa, chamada o *Regatinho*. Foi por muito tempo crença arraigada em Minde que proximo do *Regatinho* havião os Mouros enterrado uma *capa de ouro* (para fazer a qual se empenharam cinco villas; cf. § 180-*a*), e um *jogo de bolas tam-*

bem d'ouro. Proximo d'esta caverna ha a *Cova do Mouro*, onde na manhã de S. João o povo via uma formosa Moira a assoalhar thesouros e cantando harmoniosamente varias canções, uma das quaes dizia assim:

«Mais vale a *Pena do Poyo*
Só com os seus penedaes,
Que Santarem e Lisboa
Com todos seus cabedaes».

O *Poyo* ou *Penedo do Poyo* é um olho d'agoa a 2 kilometros de Minde e onde, segundo a crença, existem numerosas riquezas encantadas (Ap. Pinho Leal, *Port. Ant. e Mod.*, v. *Olho de Mira*). *d)* A 12 kilometros da villa de Manteigas (B. Baixa) está o pincaro de Alfatema, de que se conta esta lenda: Quando os Mouros foram d'aqui expulsos, deixaram alli ficar escondidas as suas riquezas e puzeram-lhe guardas encantadas, que eram formosas mouras. Por esse tempo o rei mouro de Manteigas tinha uma filha chamada Fatima, muito linda, e a quem em extremo queria. Os christãos das visinhas faziam todas as diligencias para lhe conquistarem o estado e captivarem a filha e as riquezas: o rei fez-se forte na villa, mas não podendo resistir, fugiu pelas mais occultas veredas da serra, levando a filha e o thesouro que não tinha ainda escondido. Quando chegou a noite, tinha Fatima desfallecido de cansaço; mas na sua frente se abre um formoso caminho, calçado de pedras finas, e no fim uma luz que o illuminava todo. Foi isto para os mouros signal de salvamento, e tomando todos por esse caminho foram dar a um magnifico palacio, onde tudo era de tal esplendor que o proprio rei ficou deslumbrado. O que ahi se passou ninguem o soube; mas no dia seguinte desceram da serra uns pastores que ninguem conhecia, e que se demoraram algum tempo no paiz, fazendo ao Curuto de Alfatema (nome que elles deram ao cabeço) repetidas visitas, e por fim desappareceram sem que ninguem mais ti-

vesse novas d'elles. Eram os mouros disfarçados em pastores, e por elles se soube que uma fada, madrinha de Fatima, a guardára no seu palacio encantado, até á volta dos mouros a Portugal. Continua a lenda: D'ahi a muitos annos, passando por Alfatema, numa madrugada de S. João Baptista, uma pobre mulher, sentou-se alli a descançar e a comer um bocado de pão que trazia. Viu então a seu lado um grande estendal de figos seccos. Encheu d'elles uma cesta que levava e partiu. Chegando a casa, e ao vêr a cesta, ficou pasmada, porque os figos se haviam transformado em brilhantes e grandes moedas de ouro. A mulher ambiciosa, voltou ao corucho, na esperança de encontrar mais valores. O sol dourava os pincaros da serra, e o encanto tinha-se quebrado, e os figos desapparecido. Ouviu então uma voz que lhe dizia:

Era teu tudo o que viste;
Agora tornaste em vão!
Não passes mais neste sitio
Na manhã do S. João.
Não te perdeu a pobreza,
Póde matar-te a ambição.

A mulher voltou, e contentou-se com o que tinha; comprou muitos bens, e só tarde declarou a origem da riqueza. Esta formosa lenda, em que por aquelles sitios piamente acreditam, é contada pelas velhas da Beira Baixa ás suas netas, nas longas noites de inverno, ao redor da patriarchal fogueira. (Apud *Portugal Ant. e Mod.* de Pinho Leal, vol. 5.°, art. Manteigas). *e*) Um homem ia para Roma; perdeu-se e foi bater a um povo chamado *Foz d'Aroiça*. Pernoitou numa casa onde uma mulher lhe procurou de que sitio era. Elle respondeu: «De *Rego da Vide*». Ella perguntou-lhe se sabia o sitio d'uma fraga que tinha um buraco; elle respondeu que sim. Então ella disse-lhe: «Eu convido-o bem e ha-de chegar ao dito buraco e dizer tres vezes: «Ba-

zilia». Elle foi e respondeu-lhe uma voz de dentro: «Quem pelo nome me chama noticias de minha Mãe me traz». A dita mulher entregara-lhe uma jumentinha de massa, que elle devia conservar inteira até ao momento em que a voz lhe respondesse (cf. § 166). Assim a devia lançar ao tal buraco. Elle, porém, levando-a no bolso, deixou-lhe quebrar uma perna. Quando a deitou ao buraco, ouviu: «Que infeliz tu foste! Dobraste o meu encanto. Alem do dinheiro que minha Mãe te deu, ficavas senhor d'um grande *haver.* [265] Comtudo voltarás e aqui acharás todos os dias um tostão.» Um dia elle estava a jogar e disse:

Troco e torno a trocar,
Que a fraga da Moura
Para tudo ha-de dar.»

Desde então não deu a fraga mais nada (Villa-flor).
f) A phrase *no tempo dos Moiros* significa grande antiguidade; vae, porém, como certas lendas (cf. § 98), sendo substituida por est'outra: *no tempo dos Francezes.* Os Mouros foraõ os ultimos dominadores, e por isso os que mais vivas impressões deixaram. Não me consta que na nossa crença popular haja lembrança de outros povos, excepto dos *Allamões* no § 251, e talvez dos *Romanos* neste nome *S. Romão* dado a capellas em montes legendarios onde apparecem vestigios de antiguidades. Num art.=*O que podem ser os mouros na trad. pop.*=, publicado pelo snr. Martins Sarmento na minha revista *O Pantheon*, concluiu este escriptor que a designação *Mouro* substituiu na crença a designação

[265] Duarte Nunes de Leão, entre as palavras que dá como antiquadas *(Origem de Ling. Portug.)*, põe *auer* (haver) por *fazenda*; mas, como se vê, entre o povo a palavra tem o significado de *thesouro encantado* de Mouros (cf. § 210-*c*). Podiam ainda citar-se mais factos.

Pagão. Ainda que os factos da crença popular actual que abonem essa conclusão são poucos, ella é comtudo provavel. *g*) Como vimos no § 335-*y-r'*, um pequeno por baptisar é chamado *Mouro;* tambem se dá a mesma denominação a vinho que não tenha agua. *h*) No Barrôso a phrase *moiro* significa *negro*, *sujo* (cf. *moreno*), em phrases como: *mãos moiras.*

355. VII. FADAS. *a*) A palavra *Fada* (cf. it. *fata*, cast. *hada*, pr. *fada*, fr. *fée*) assenta sobre o lat. *Fata* (pl. de *Fatum* tornado singular, como *debita*, de *debitum*, etc.) que apparece numa inscripção de Diocleciano, como synonimo de *parca* (Cf. Diez, *Gramm.* I, 13). Ao lado de *fada* tambem na nossa lingua ha *fado*, synonimo de *sorte*, no sentido primitivo. — No *Cancioneiro do Vaticano* já se falla nas *Fadas* (vid. *Ethnogr. Port.* de A. Coelho, § 64).

b) No *Elucidario* de Viterbo define-se assim *Fada:* «mulher fanatica que supersticiosamente pronosticava futuros. Tambem se tomaram as *Fadas más* por trabalhos, e as *boas* por felicidades». A distincção entre *boas* e *más* fadas acha-se justificada pelo adagio: *cá e lá — más fadas ha.* Gil Vicente diz (*Auto das Fadas*):

E das *boas fadas*
Nas encruzilhadas. [266]

c) Ouvi algures a seguinte definição de *Fadas:* «São

[266] O povo tem muitas superstições ainda hoje com as encruzilhadas dos caminhos (trivium, quadrivium): apparece lá o Diabo ao meio-dia, meia-noute e Trindades; ha lá reuniões de Bruxas, etc. Nas aldeias todas as encruzilhadas tem em regra uma cruz de pedra ou de páo. — A *Const.* do arceb. de Goa, de 1568, e a de Evora, de 1534, alludem tambem ás *encruzilhadas* (Ap. *Ethn. Port.*, §§ 145 e 152.

mulheres que tem o poder de transformar tudo, e de se transformarem a si, por meio da *varinha do condão*». — Na *Anacephaleosis* de B. Pereira lê-se: «A *varinha do condão*, ou *vara de Aveleyra*, conforme se inclina ou torce para a parte onde ha ouro, assim mostra os thesouros escondidos nos montes e minas» (pg. 118). — Na *Prosodia* de Pereira vem o adagio: *tem varinha do condão.*—A respeito de *condão* é vulgar a a phrase: *tem o condão de fazer tal ou qual cousa. d)* O povo acredita que as Fadas *fadavão;* no romance a *Infanta de França* (versão do Porto) diz-se:

Sete fadas me fadaram
Por sete annos e um dia.

Ha gente *bem e mal fadada.* No conto pop., *Historia da vaquinha* ou da *Gata borralheira*, a rapariga que dobava as meadas nos chifres da vacca, foi, por uma peripecia do conto, ter a casa das *malfadadas* (ou *bemfadadas*, — duvida da narradora), as quaes «deram-le uma *varinha do condão*, e dixeram-le: = Vá ao penedo d'Alcantra, e diga: — Varinha do condão, dae-me tudo o que eu precisar, — logo o penedo se abrirá e apparecerá tudo; e ao spois, para o tornar a fichar, diga: — varinha do condão, fichae-me este penedo». — Noutra versão que recolhi da Beira-Alta, d'onde é aquella, diz-se positivamente *Boas fadas* em vez de *Mal fadadas.* — No romance popular, *D. Claudina* (B. Alta) diz-se em duas partes da narração:

Uma torre bem fechada,
Para metter Claudina,
Claudina a *malfadada.*

Uma torre bem fechada,
Para metter Claudina,
Claudina a *bemfadada.*

Uma cantiga popular diz ainda:

Esta noite me prenderam,
A' cadeia me levaram;
Por via das *malfadadas* [267]
Ferros de el-rei me botaram!

Em Gil Vicente (*Auto das Fadas*) lê-se tambem:

Ando nas encruzilhadas,
A's horas que as *bemfadadas*
Dormem somno repousado.

e) Conforme eu disse no meu art. *Tradições portuguezas* (in *Aurora do Cavado*) a crença nas Fadas está quasi oblitterada no continente; ellas figuram apenas em cantigas, romances, contos e adagios. *f)* Sobre *fadario*, vid. o seguinte de Gil Vicente (*Obra* III, p. 234):

Em dia de algum *fadairo*
Foi quando vós, pae, nacestes.

g) Sobre as *fadas marinhas*, vid. § 184 e o art. seguinte.

356. VIII. Sereias. *a)* Sobre a entidade mythica das Sereias (lat. pop. *Sirena)* já fallei no § 185, e por isso pouco mais tenho que accrescentar. *b)* No Porto ha, na rua da Bandeirinha, uma casa, denominada a *Casa das Sereias*, com umas sereias de pedra á porta. Vêem-se tambem muitas

---

[267] Sobre as *malfadadas*, cf. o seguinte, a respeito do ant. fr. *maufé* (que durou até ao sec. XV): «L'etymologie de ce mot est le latin vulgaire *malus fatus* qui se trouve dans Pétrone et dans plusieurs inscriptions funéraires pour *malum fatum*» (G. P., in *Romania*, V, 367).

em fontes e navios, como já notou Ad. Coelho (*Rev. de Ethn.* § 204). *c)* Eis duas cantigas gallegas, (a primeira foi-me dada pelo snr. Ad. Coelho, a segunda recolhi-a eu):

A *Sereia*, cando canta,
Canta no pego do mar:
Tanto navio se perde.
Oh que tan dulce cantar!

. . . .
Oin cantá-la Sereia:
Valla-me Dios que asi canta
Unha cousa tan pequena! [268]

d) Gil Vicente allude tambem ás *fadas marinhas*, que parecem ser o mesmo que as *Sereias*, segundo o que se disse neste livro a pag. 83.

357. IX. Hirã. — «A *Hirã* dizem que é uma mulher de cabeça muito volumosa e d'um corpo franzino, a qual, em chegando á edade de 12 annos, se metamorphoseia em serpente e vae viver no mar» (*Almanach de Lembr.*, 1872, pag. 195, cit. por C. Pedroso, *O Lobishomem*, pag. 8). A *Hirã* é a ultima das sete irmãos que nascerem a seguir (ib.)

358. X. O Fradinho da mão furada. *a)* O seguinte conto popular, que recolhi em Guimarães, caracterisa esta entidade, que, segundo o povo, é o Diabo:=Diz que uma occasião ia um soldado por uma estrada adeante e ia muito cançado, e depois appareceu uma mulher e elle começou-lhe a pedir agasalho porque tinha muito frio. Ella disse que lhe não podia dar agasalho, e elle perguntou-lhe se por alli não haveria alguma casa onde lh'o podessem dar. E ella disse: «Porqui num ha, só ha alli uma casa muito grande, mas é deshabitada, porque dizem que lá anda o Diabo». E elle disse assim: «E' o mesmo; eu vou para lá; não tenho medo». Foi para lá, fez uma fogueira, comeu o que lhe de-

---

[268] Cf. uma hispanhola no op. *Cinco cuentezuelos* de F. R. Marin.

ram na aldeia, e deitou-se a dormir, mas sempre estava sobresaltado. A' meia-noute ouviu muito barulho pela chaminé, e entrou-lhe pelo quarto dentro um frade com as mãos mettidas nas mangas do habito. E o frade perguntou-lhe: «Quem te deu licença de entrares nesta casa?» «Ninguem. Precisava de dormir, porque vinha muito cançado, e entrei nesta casa». Disse-lhe o frade: «Já que és tão animoso, vaes ver a reunião, mas se não quizeres seguir o que ellas seguem (as Bruxas) eu não me importa; e se quizeres dinheiro tambem t'o dou, vae alli ao canto da chaminé que lá está quanto tu quizeres». O soldado respondeu que não precisava de dinheiro. Depois o Frade entregou-lhe a chave da adega, da despença, de toda a casa, onde elle encontraria tudo o que quizesse. D'ahi a pouco começaram a vir muitos vultos negros que vinham beijar a *mão furada* que o frade lhe apresentava. E cada um dos vultos, que erão Bruxas que ião todas nuas, untadas de preto, começou a dar conta do que tinha feito [o soldado conservava-se deitado]. Uma dizia que tinha chuchado um menino por baptisar, e o Frade não lhe ralhou. Outra disse que tinha chuchado um menino baptisado, e elle tambem não lhe ralhou. Veio outra e disse que tinha chuchado outro menino por *insupiar* [sem ser baptisado em casa, apenas nasce], e o Frade ralhou-lhe muito. Cada uma das outras começou á proporção a dar contas, e depois acabou-se a audiencia. O soldado depois ficou muito rico. *Victoria, Victoria,* — *Acabou-se a historia.*=(Guimarães). *b*) Diz Fylinto Elysio (*Fabulas*, trad., p. 267, — ap. Th. Braga, *Superstições pop.* in *Volta do Mundo*, 2.º vol., p. 171): «Creio que ainda em Portugal dão o nome de *Trasgos* aos *Fradinhos da mão furada*» — No *Auto do Mouro encantado* diz Antonio Prestes (apud Th. B., ib., p. 91):

> ... e o *Pesadelo* tambem
> *Da mão furada* e que tem
> Arrecadas nas orelhas.

A confusão entre o *Pesadelo* e o *Fradinho* acha-se tambem em Guimarães (vid. o art. seguinte a este) e na ilha de S. Miguel, onde, segundo o snr. Th. Braga (ib. p. 59), é popular a designação de *Pesadelo da mão furada*. Uma versão que um amigo meu me mandou do Algarve contém o seguinte:=O *Fradinho da mão furada* entra por alta noite nas alcovas, e pelo buraco da fechadura da porta [cf. as *Bruxas*]. Tem na cabeça um barrete encarnado [cf. o *Diabo*], escarrancha-se á vontade em cima das pessoas e a elle são attribuidos os grandes *pesadelos*. Só quando a pessoa acorda, é que elle se vae embora.=Eis duas orações que ouvi a uma velha em Guimarães, e onde se allude á *Mão furada:*

1) S. Bértholameu me dixe
Que me deitasse e dormisse,
Que de tres coisas me livraria:
Do tombo, do lombo e da *má sombra,*
E da mão furada e da unha revirada. [269]

2) Nossa Sinhora me dixe
Que me deitasse e dormisse,
E que medo num tomasse,
Nem ó (ao) mar, nem á onda,
Nem ó home de má sombra,
Nem ó fraco Pesadelo
Que tem a mão furada
E a unha revirada. [270]

c) A *mão furada* tem entrado na litteratura erudita: No *Archivo Pittoresco*, vol. v, 1862, publicou-se uma novella

[269] Um dos nomes populares do Diabo é, segundo Ad. Coelho (*Rev. de Ethn.*, § 182), o *da unha revoltada.*

[270] Comp. com estas orações a de *S. Bartholomeu* a pag. 157 dos *Cant. pop. do archip. açoriano,* de Th. Braga.

intitulada *O fradinho da mão furada* (vid. um extracto na *Rev. de Ethnologia*, § 220).—Na *Revista Brazileira*, Setembro de 1880, sahiu a peça *O Diabinho da mão furada* por Antonio José da Silva (Cf. *Rev. da Socied. de Instr. do Porto*, I, 90,—art. da snr.ª D. Carolina Michaëlis).

359. XI. Pesadêlo.—Como já vimos, ha uma certa confusão entre o *Pesadêlo* e o da *Mão furada*. Eis algumas versões mais caracteristicas d'aquelle: *a)* O *Pesadêlo* é um bicho que vem tapar a bôca a quem está dormindo; mas, como tem um buraco na mão, não deixa morrer abafado (Guimarães: quem contou isto, affirmou que já sentiu o *Pesadêlo*). *b)* O *Pesadêlo* é o Diabo que vem com uma carapuça [cf. art. x] e com uma mão muito pesada [cf. art. xii]. Quando a gente dorme com a barriga para o ar, o *Pesadêlo* põe a mão no peito de quem dorme e não deixa gritar. Se alguem lhe pudesse agarrar na carapuça, elle fugia para o telhado, e era obrigado a dar quanto dinheiro lhe pedissem, em quanto lhe não restituissem a carapuça (Vallongo: quem contou isto, affirmou que já sentiu o *Pesadêlo*). *c)* No livro mystico, *Pedra iman*, por Padre Angelo de Siqueira,—Porto, 1753, 2.ª ed.—, vem uma oração latina contra o *Pesadêlo* (a pag. 35).

d) Segundo Ad. Coelho (citada *Rev.*, §§ 222-3) o *Pesadêlo* chama-se tambem *Insônho* [271] e é um espirito ou uma Bruxa; uma faca ou garfo debaixo do travesseiro [cf. § 223-*b*] evita o *Pesadêlo* (Cabo Verde).

360. XII. Mão de ferro. *a)* O Diabo anda ás vezes invisivel a dar bofetadas (Taboaço). *b)* Quando está muito vento, se a gente se metter debaixo das arvores, vem uma *mão de ferro* invisivel dar bofetadas na cara. *c)* Quando as creanças caem sem quê, nem para quê, vem o Diabo

---

[271] Lat. *insomnium*.

com uma *mão de chumbo* apanhá-las. *d)* Havia uma mulher que dava tudo ao Diabo, porque dizia a cada passo: «*Strenóque-te para o Diabo!*» Uma vez estava ella na cama e veiu a *Mão de ferro* e deu-lhe uma bofetada. Ao outro dia uma visinha notou-lhe: «Ahi tens... Andavas sempre a dar tudo ao Demonio, elle trouxe-te a paga» (Cabeceiras de Basto). *e)* Na Universidade de Salamanca havia, segundo a crença, uma *mão de ferro* espetada na parede; ouvia-se uma voz, e a mão ensinava os estudantes. No fim de sete annos, ao terminar o curso, tinha de ficar um estudante, cujo destino se ignorava. Uma vez, quando iam a agarrar um, elle deixou a capa, mas em castigo ficou sem sombra.— Dizia o povo que os estudantes iam para o pé de um poço com uma vara batendo na agua, e lendo num livro, e que faziam levantar nuvens. Existe até uma fórmula contra as nuvens carregadas de tempestade (produzidas assim ou d'outro modo):

> Tên-te, *anubrado,* (nublado)
> Pâ la tierra de Saiago. [272]

Alem da fórmula, é costume tambem tocar os sinos para fazer fugir as nuvens [273] (Duas Egrejas no c. de Mi-

---

[272] Em dialecto mirandez.—Tambem se diz que na terra hispanhola de Praña ha um poço d'onde nascem as nuvens. D'ahi o dictado mirandez:

> Nuve de Praña,
> Nunca cá venha!

[273] Os *Nuberos* das Asturias, segundo me informa o meu amigo o snr. Ad. Coelho, apresentam o caracter *koboldico* muito pronunciado; por ex., os toques dos sinos fazem-nos desapparecer. — Na Foz do Douro, quando ha nevoeiro, toca-se o sino; mas a interpretação (primitiva?) que dão é que é para os navegantes pelo toque conhecerem a direcção da terra. (Isto me disse o snr. Coelho; eu proprio o ouvi tambem a gente da Foz).

*

randa do Douro. — Cf. §§ 111 e 120). *f)* Sobre a *mão de ferro* vid. § 182 d'este livro.

361. XIII. Trasgo. *a)* No *Vocabulario* de Bluteau, v. Trasgo, vem uma definição desta entidade. *b)* «Em Tras-os-Montes e Douro crê-se na existencia do Trasgo, que parece se apresenta nalguns casos como um espirito do nevoeiro [cf. § 115 d'este livro]. Os *Trasgos* perseguem principalmente as mulheres, fazendo-lhes varias judiarias, quando ellas estão na cama; atiram pedras pelas janellas, quebram as louças das cozinhas» Ad. Coelho, — *Rev. de Ethnologia*, § 217). *c)* Uma criada, natural de Moncorvo, disse-me o seguinte, em que o *Trasgo* figura como um verdadeiro *espirito caseiro*, o que está de accordo com os AA. que tem fallado do *Trasgo:* — Uma vez uma mulher andava a mudar de casa; já estava tudo mudado, só faltava um banquinho; nisto o banquinho começa a andar; pergunta-lhe a mulher: «Onde vaes?» Responde elle: «Pois tu não te mudas? Então tambem eu: para onde tu fôres, vou eu tambem». O banco era o *Trasgo loiceiro.* *d)* De qualquer pessoa má diz-se: «Aquillo é um Trasgo»! (B. Alta, etc.) *e)* Tambem se diz que o Trasgo é o Diabo.

362. XIV. Tardo. *a)* O *Tardo* é o Diabo, e anda só de noite. De alguem que costuma andar de noite, diz-se: «Aquelle é como o Tardo» (Guimarães). *b)* O *Tardo* anda de noite e vae affrontar á cama algumas pessoas, que depois acordam com um grande pesadelo. O *Tardo* chama-se tambem o *Pesadêlo* e o *Tardo moleiro* (Gondifellos). *c)* Na Maia um lavrador disse-me o seguinte: «O *Tardo* num é o Diabo: é um bicho mau tal e qual coma um cachôrro piqueno. Se alguem for por um caminho, de noite ou de dia, e o *Tardo* lhe oirinar nas pernas, a pessôa fica *intardada*, e depois num sabe já p'r'onde hade ir; só c'o tempo é que se *desintarda.* O Tardo apparece em caisquer caminho; mas nos regatos é pior». *d)* Em Aveiro parece que lhe chamam

Tardo, porque elle *vem tarde*. *e)* Segundo algumas versões o *Tardo* é o lobishomem (cf. art. I). *f)* Gente de Avanca (Douro) disse-me que o *Tardo* apparece na figura de um gato, cão, cabra (cf. este § em *c)*: Uma vez estavam uns homens á noite a conversar e viram um gato no chão a andar muito; de menos em quando, o gato dá um salto, e zanga um grande carvalho que alli estava. Era o *Tardo*. — Outra vez uns homens á noite viram uma cabrita; não sei que disseram, e a cabrita saltou por um *bajôco* [274] e metteu-se num *vállo*, [275] onde, por mais que bateram, não foi possivel dar com ella. Era tambem o *Tardo*.

363. XV. TRADO. — «O *Trado* é um medo, ou ente invisivel, que persegue de varias maneiras as pessoas. Quando alguem pára numa estrada, sem saber porquê, ê o *Trado* que o faz parar» (Penafiel: *Rev. de Ethnolog.*, § 218). [276]

364. XVI. TATRO. — Vid. o § 115.

365. XVII. PEDRO DAS MALASARTES. *a)* Em vez de *Pedro das malas artes* (Pedro das más artes) diz-se tambem: *Pedro malasartes*. Esta palavra-phrase é analoga ao hisp. *Urdemalas* (urde cousas más) que apparece já em 1247 como appellido (vid. *Bibliographia critica*, pag. 103).
b) De um modo geral diz-se que o *Pedro das Malas artes* é o Dabo. *c)* Nas *Operas portuguezas*, representadas no

---

[274] *Bajôco* é uma especie de charco, ou cova com agua, pedras, hervas, etc. (Avanca). Em Baião diz-se *bajônco*.
[275] *Vállo* é uma tapagem natural que cerca um campo, geralmente á beira de um caminho, feita de silvas, salgueiros e outras plantas (Avanca, etc.; é o lat. *vallum*).
[276] O snr. Coelho suppõe que *Trado*, por *Trasgo*, resulta de uma confusão com *trado*, lat. *taratrum*.

Bairro-Alto e Mouraria, lê-se (opera *Encantos de Merlin* an. 1741): «pois graças ao senhor Pedro de Baylarde, que me fez a mim *Pedro de Malas artes*, ensinando-me em paga de o servir em Paris a Magica branca, ou a negra Magica».

d) *Conto popular:* Era uma vez o Pedro Málasartes e foi ter a uma serra aonde havia uma casa de ladrões, e depois elle pediu soccorro que era um triste barbeiro que andava a fazer barbas, e depois elles fugiro todos d'elle, e só ficou um resolvido a gardar o jantar, e depois o Pedro Malasartes dixe assim: «O' meu snr.: trá-la barba tão grande... eu faço-l'a». O ladrom afastou-se e elle fêz-l'a barba, e depois dixe-le que le botasse a lingua de fóra, e cortou-l'a e comeu o jantar; depois o ladrom começou a fugir pelo monte a baixo e dezia: «*Explorae por mim!*» porque não podia dezer *esperae!* E os outros cada vez fugio mais. Depois elles fôro fazer o jantar para outra serra. O Pedro Malasartes subiu para cima de um pinheiro na serra, e levou para lá uma cancella velha, e elles stavo por baixo a fazer o jantar; assim que estava o jantar feito, elles descobriro nas (as) panellas e elle mijou por cima d'ellas, e depois dizem elles: «Este molhinho vem do ceu, ha-de ser gostoso»; o Pedro Malasartes *fez então a sua vida* sobre as panellas, e elles dixéro que a marmellada que era boa; depois elle botou-le a cancella velha pola cabeça a baixo; e elles dixéro assim: «Ora sempre isto agora foi de mais; se vem ahi o *ceu velho*, logo vem no *novo;* vamos a fugir». Depois olháro p'ra cima do pinheiro e dixéro: «Ai que elle é o *Pedro Malasartes;* vamos a fugir!» Depois dizem elles: «De que modo nos havemos de vingar?» Fôro para a beira de um rio e fizero um homem de visgo. D'ahi a poucos dias, elle passou por lá: «Ora para que stará este home aqui? Deixa-me dar-le um ponta-pé». Deu-le um ponta-pé, e ficou lá co'o pé; deu-le oitro ponta-pé, e ficou lá co'oitro pé; deu-le co'o braços, ficou lá tambem; emfim ficou lá todo. Depois steve lá tres dias; stava quasi morto; passou lá o ladrão que fez o home de visgo e atirou ao rio o home de visgo e o Pe-

dro. — *Adeus, ó Victoria, — Acabou-se a historia.* (Contado por Margarida Rosa, de Cabeceiras de Basto, em Janeiro de 1882, e confirmado por mais duas pessoas de Guimarães que o ouviram contar. Em pequeno ouvi tambem um quasi igual a este). *e*) Ao pé de Miranda do Douro conta-se tambem a respeito do *Pedro* um conto que, á hora em que escrevo, não pude ainda recolher.

366. XVIII. Medo. *a)* O snr. Coelho definiu muito bem o *Medo* assim: «é a personificação de tudo o que é vago, desconhecido e assustador. Nada ha mais terrificante do que o Medo, pelo seu proprio caracter indefinido» (*Rev. de Elhnolog.*, n.° 215). *b*) Para perder o Medo, é bom comer a trás de uma porta cristas de gallo assadas (Gaia, etc.). *c*). Quando se quer *metter medo* a alguem diz-se (Gondifellos):

> Quando eramos vivos,
> Andavamos pelos caminhos:
> Agora, que sêmos mortos,
> Andamos pelos barrocos...
> Alevantae-vos, mortos,
> Que vos não fócem os porcos!

d) Eis uma narração do *Mêdo*, em dialecto mirandez: «Iou salí de lâ villa de Mogadouro, e lhebába la cochina [porca] [277] préza c'ũa côrda, e, al chegar â la borda d'ũa capiêlha [capélla], saliu-me um *Miêdo*, que s'appar'cia a um home múi [278] alto, bestido de branco, e puze-se-me delante de la cochina e seguiu-me um cácho [espaço] de camino al miu lhado, e quedaba-se als ratos [aos poucos], e iou olhaba para trás, e viê-lo [via-o] mui longe e lhôugo

---

[277] O som do *ch* é forte (tch).
[278] *Múi*, pronuncia-se como se escreve, e não *mũi.*

[logo] num instante estaba al piê de mi; mâs, quando chiguêmos á la borda d'ũa cruz, el [279] *Miêdo* puze-se-me á las bôltas de la cruz, e alhi quedou e desappar'ciu» (Duas Egrejas no concelho de Miranda. — Quem me contou isto, ouviu-o a um velho). *e*) A leitura do conto XXXVII da collecção de F. A. Coelho, e do *Jean sans peur* dos *Contes pop. lorrains* de E. Cosquin (in *Romania*, vol. X), fez-me lembrar d'um que ouvi em pequeno, e que recomponho assim, indicando entre colchetes os factos sobre que tenho duvida: = Era uma vez um homem que não tinha medo de nada; disse que [só se casava] quando achasse alguma cousa que lhe mettesse medo, e partiu a ver se a achava. [O futuro sogro] deu-lhe uma caixa (a respeito da qual não me recordo do que lhe elle disse). O homem chegou a uma terra e pediu pousada; mas responderam-lhe que só poderia ficar numa certa casa onde ninguem queria dormir, porque apparecia lá o Medo. Foi o que o homem quiz ouvir, e foi para lá. Alta noite ouviu: «Eu caio!...» Diz elle: «Pois cae para ahi». E cahiu um braço; depois *idem*, e cahiu uma perna, etc., até que os fragmentos que cahiram constituiram um homem completo, que levou o que não tinha medo a um subterraneo em que havia tres montes de dinheiro, um em ouro, outro em prata e outro em cobre. Diz o Medo ao homem: O ouro é para ti, a prata é para os padres dizerem missas [por minha alma], e o cobre é para os pobres [me resarem por alma]. Depois [o Medo desappareceu] e o homem seguiu o seu caminho; lembrou-se da caixa e foi-a abrir; mas, ao abrí-la, sahiu lá de dentro, com muita pressa, uma pomba, o que assustou o homem, que por isso tornou para trás [e casou] (Ucanha; cf. os meus *Fragm. de Mytholog.*, pag. 3).

367. XIX. Medos das creanças *(Mythologia infantil)*. Põe-se medo ás creanças fallando-lhes nos seres imaginarios

---

[279] O som do *e* em *el* é muito surdo.

cuja menção se segue: *Carantônha* (Rio de Moinhos ao pé de Vizeu), *Côca* (passim), *Côca-Loba* (B. Alta), *Farronca* (Carrazeda de Anciães), *Ferrancônha* (B. Alta: uma criada que eu tive em pequeno muitas vezes me intimidou com esta phrase: *Ai! a Ferrancônha!*), *Ferrantônha* (ib.), *Maria da manta* (Carrazeda), *Papão* (passim), *Tendeiro* (Carrazeda). De tres d'estas entidades posso dizer alguma cousa em particular: *a*) *Coca*. Gil Vicente tem o termo *Coco* (I, p. 269); João de Barros (ap. Bluteau) falla dos *Cocos*, como de medos que se poem aos meninos: Bluteau traz *Coco* e *Coca* no *Vocabulario*. — A *Coca*, segundo a crença, é um ser do sexo masculino ou feminino, de figura humana. Tem um grande capuz enterrado pela cabeça, deixando só ver os olhos brilhantes como dois carvões (Algarve). Quando qualquer pessoa a quer imitar, basta que cubra um capuz; dizem logo: «Ahi vem a Côca!» (Algarve, Beira-Alta). — Ha uma cantiga da Covilhã, em que figura a Côca (vid. pag. 208). [280] Noutras variantes d'ella, em vez do primeiro verso, diz-se: «*O' Papão, vae-te embora*» (Alemtejo, Algarve, Douro, etc.). Segundo João de Barros, a palavra *coco* proviria da semelhança do phantasma com o fructo do coqueiro: creio que tem pouca razão, por isso que o coqueiro é pouco conhecido em Portugal, em quanto que a *Coca* é vulgarissima. *b*) *Papão*. Como fica dito a pag. 259, *papar*, em ling. infantil, significa *comer*; por isso, *papão* é aquelle que *papa os meninos*. Cantigas do Algarve:

O' *Papão*, vae-te embora,
Que o menino não está cá:
Foi para casa da avó,
Sabe Deus quando virá!

O' *Papão*, vae-te embora,
Deixa dormir o menino,
Que elle não chora com fome,
Chora por ser pequenino.

---

[280] Na Hispanha: «El *coco*: sér imaginario con que se infunde miedo á los niños; así se dice: «*Más feo que un coco*». Ha cantigas semelhantes ás nossas (Vid. Rodriguez Maria, *Cant. pop. españoles*, n.º 38).

O' *Papão,* vae-te embora,	O' *Papão,* vae-te embora
Que o menino quer dormir :	Tira-te d'ahi:
Venham-nos anjos do ceu	Menino bonito
Ajudarem-no a cobrir.	Não é para ti, (cf. § 141).

c) Maria-da-Manta. Em Carrazeda de Anciães intimidam-se as creanças com este nome *Maria-da-Manta,* a proposito do qual se dizem os versos (apud. Sequeira-Ferraz, — in *Folha Nova,* n.º 322):

A *Maria-da-manta*	Tem leite nas teteliôilas, [281]
Tem os boches na garganta;	Corre montes e valles, [282]
Tem lume nos olhos	E pés d'altares
E lenha nos cornos;	E mata meninos aos pares.

368. XX. Coisa ruim. *a) Coisa ruim* é outra designação semelhante a *Mêdo. b)* «A's Trindades, que é *hora aberta,* é quasi de fé que nas encruzilhadas se vê *coisa ruim,* na fórma de uma porca com bacoros, ou gallinha com pitos, ou uma d'estas mães com os pequenos da outra. *Coisa ruim* o que venha a ser, não sei; parece porém ser coisa mandada pelo Diabo, ou o Diabo mesmo» (D. Maria Peregrina de Sousa, — *Superst. popul. do Minho,* in *Rev. Univ. Lisbon.,* v, 267). *c)* Ha muita *cousa ruim: ar ruim, má olhadura,* etc. Contra a *má olhadura* ou *máo olhado* é bom um corno de veado. Quando estalam vidros, é por effeito de *máos olhados* (Gaia). *d)* As cousas más mandam-se para o *Mar coalhado* (cf. § 186) e para *Coira.* A fórmula é: «*Sternoco-te!* (cf. § 360-*d*): *vae-te para Coira!*» (Minho).

369. XXI. Trango-mango. *a) Trango-Mango, Tan-*

---

[281] *Teteliôila* parece um derivado de *têta.*
[282] *Correr montes e valles* é phrase mui vulgar.

gro-Mangro ou *Tranglo-Mango* são palavras que egualmente designam o mal, de um modo vago. De alguem que tem um achaque, etc. diz-se: «deu-lhe o trango-mango». *b*) Eis umas canções numerativas, onde se allude ao *Trango-Mango* (Beira-Alta):

Vinte e quatro marrafinhas
Todas a fazer um doce:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão doze.

D'essas doze que ficaram
Mandei-as buscar um bronze:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão onze.

D'essas onze que ficaram
Mandei-as lavar os pés:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão dez.

D'essas dez que ficaram
Mandei-as dar esmola ao pobre:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão nove.

D'essas nove que ficaram
Mandei-as fazer biscôito:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão ôito.

D'essas oito que ficaram
Mandei-as fazer um spéque:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão sete.

D'essas sete que ficaram
Mandei-as cantar os reis:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão seis.

D'essas seis que ficaram
Mandei-as comprar um brinco:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão cinco.

D'essas cinco que ficaram
Mandei-as lavar um prato:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão quatro.

D'essas quatro que ficaram
Mandei-as outra vez:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão tres.

D'essas tres que ficaram
Mandei-as apanhar uvas:
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficaram senão duas.

D'essas duas que ficaram
Mandei-as enxotá-la prũa: (perua)
Deu-lhe o Trango-Mango nellas,
Não ficou senão ũa.

D'essa ũa que ficou
Mandei-a fazer na meia:
Deu-lhe o Trango-Mango nella,
Não ficou senão meia.

D'essa meia que ficou
Mandei-a amassá-lo pão:
Deu-lhe o Trango Mango nella,
Acabou-se a geração. [283]

370. XXII. MARIA MARCELLA. — Em S. Christovão de Nogueira (conc. de Sinfães) falla-se no *bordão de Maria Marcella* e diz-se:

Quem achar o bordom de Maria-Marcella
Sustentará Portugal e Castella.

Segundo a crença, o bordão de *Maria-Marcella* é muito grande e todo de ouro. Quando ella vivia, enterrou-o num sitio hoje completamente desconhecido. Diz-se mais que o bordão está á beira de uma estrada, e que já os carros tem rodado por cima d'elle.

371. XXIII. O HOMEM DAS SETE DENTADURAS. — Segundo o snr. Consiglieri Pedroso (*Trad. popul. portug.*, n.º x), este personagem mythico é um genio malefico que apparece no sitio do Cerro Vermelho (Algarve), á hora do meio-dia. [284]

---

[283] Algumas versões, em vez do verso: *Deu-lhe o Trango-Mango nellas,* dizem: *Deu-lhe o mal da moda nellas* (Feira), ou: *Auga ó* (ao) *melro, sécca o bico* (Vouzella); outras em vez de *vinte e quatro marrafinhas,* dizem: *erão vinte e quatro sécias* (Feira); ou: *nasceram dez meninos* (Penafiel, — apud Ad. Coelho, *Romance popul. e rimas infantis,* in *Zeitschr. f. rom. Ph.,* III); ou: *ó marrafas, ó marrafas* (Gaia). Numa versão do snr. Th. Braga (*Esboço de Mytholog. iberica,* no jornal *A' Volta do Mundo,* I), figuram *doze freiras* que a Abbadessa distribue de diverso modo.

[284] O meu amigo o snr. Pedroso estudou, sob a designação provisoria *O homem das sete dentaduras,* um certo numero de crenças relativas á hora do meio dia. Não sei se certos factos que elle ahi dá como proprios da hora do meio-dia serão *accidentaes* em vez de

372. XXIV. Jam.—No Algarve acredita-se na existencia de umas mulheres chamadas *Jãs* ou *Jans* que gosam da virtude de, deixando á noute no borralho do lar um pouco de linho e um bôlo, encontrarem pela manhã o linho fiado tão fino como cabello. Se ellas porem se esquecerem de deixar o bolo ao pé do linho, este de manhã apparece queimado.—Muitos individuos sustentam que os seus antepassados d'elles possuiram lençóes fiados pelas *Jans.*—Tambem no Algarve é muito costume dizer «Probe Jam!» ou «Probe Janes!» por «Pobre Diabo!».

373. XXV. Excommungados.—Já no § 120 eu disse que os *excommungados* vão para as nuvens para tolher o mundo, como verdadeiros espiritos das tempestades. Os excommungados são muito temidos. Gil Vicente diz (iii, 235):

> Algum *grande excommungado*
> *Me olhou* á minha partida.

374. XXVI. Almas penadas. *a)* O meu amigo o snr. S. Rodrigues Ferreira, de Penafiel, deu-me a seguinte noticia, que já me era conhecida, mas sem os versos: «As almas d'aquelles que morrerem, sem restituir o que devem voltam a este mundo, por favor de Deus, e imploram de algum amigo ou parente que restitua a cousa roubada. Os parentes ou amigos vão então despejar de uma ponte a

---

essenciaes, como *o Diabo ás soltas* (cf. este livro, § 187-*b*), *o gallo ao meio dia* (hora de jantar na aldeia) e o *Rosemunho* (cf. § 104 d'este livro); parece-me tambem que o A. devia ter posto em connexão com o *meio-dia,* a *meia-noute* e as *Trindades* (horas abertas).—A ideia fundamental, porém, de que ha entre nós uma *superstição meridiana* não padece duvida nenhuma (cf. este livro, §§ 14, 15, 16, 374-*b*, etc.; e o meu art. *Fastos do Povo Portuguez,* i, 1, publicado em 1880 in *Penafidelense*).

baixo uma saca de painço. Emquanto se despeja o painço no rio, um padre, ou pessoa dada a estes misteres, diz:

Triste alma penada,
Vae para sempre degradada,
Por esse mundo alem,
Tantos annos quanto tem
A saca que vou despejar:
Vae p'ra nunca mais voltar!

Depois do saco despejado, a alma vae degradada tantos annos quanto os graeiros da saca». [285] *b)* Ao meu amigo Reis Damaso devo a seguinte informação: «E' crença geral no Algarve, que apparece por alli de tempos a tempos, isto é, de sete em sete annos, uma alma penando, na figura d'uma zôrra, e que se algum mortal a arremeda, é perseguido pela sombra d'ella até á morte. Chamam-lhe a *Zôrra berradeira* ou a *Zôrra de Odelôca*, que anda continuamente a berrar, — sendo melhor ouvida depois da meia-noite e ao pino do meio-dia. Diz-se que durante o tempo em que ella não apparece (sete annos) anda por outros paizes. Dá-se o caso que no verão apparece no Algarve um passaro de arribação, negro e grande, que imita perfeitamente o berro da raposa. O povo naturalmente supersticioso crê ouvir nesses guinchos do passaro os berros d'aquella alma do outro mundo. Conta-se que dous compadres tinham cada um a sua fazendita separadas apenas por um marco de pedra. Uma bella noite de luar, depois da meia-noite, um dos compadres foi arrancar o marco e collocal-o de maneira que roubava ao outro uma geira de terra. Foi o bastante para que a alma do pobre homem se perdesse.—Isto é antiquissimo, e marca-se o sitio que é proximo á *ribeira de Odelôca*, que nasce de entre as serras de Monchique, vindo desaguar no rio de Silves. Eis a rasão porque a zorra tem este nome. Em todos os povos d'aquella provincia, é crença que as al-

[285] Cf. este livro no § 175; *Rev. de Ethnologia* de Ad. Coelho, n.º 277 sqq., e *Rev. Univ. Lisbon.* IV, 402.

mas dos grandes peccadores se transformam em varios animaes, vagueando assim por alta noite pelos campos, junto das egrejas e cemiterios».

375. XXVII. Bentos e pessoas entendidas. *a)* Na Beira-Alta ha certos homens de virtude (derivada de Deus) a que o povo chama na sua ingenua linguagem: *bentos*. O nascimento d'elles é predestinado, porque em quanto andam no ventre materno fallam ou choram [286]. Na minha infancia conheci um *bento*, do qual eu tinha muito medo. Elle era um homem encorpado, de voz pausada, e bebado; vestia á moda antiga da serra: chapeu desabado de panno grosseiro, nisa (especie de casaca mui curta) de saragoça com botões lisos de metal amarello, calção tambem de saragoça, e grandes meias negras. Este *bento* procuravam-no muito de toda a parte, pelo que varias vezes tinha sido condemnado pelos tribunaes. Quando ia ás curas, levava sempre uma burrinha para carregar os fructos que lhe davão, porque nunca acceitava dinheiro, segundo se dizia. Na occasião de curar, fazia muitas resas, benção, mesuras; pegava num santo-Christo suspenso posteriormente por uma fita, de modo que parecia firme, sem amparo, sobre os dedos, e com isto illudia os crédulos. Receitava com frequencia defumadouros, e bebidas feitas de agua e cinzas da camisa dos doentes. *b*) Em Leça de Palmeira e Mathosinhos ha mulheres *entendidas* que com um baralho de cartas sabem noticia de pessoas ausentes. Quando as mulheres vêem vir no mar os filhos ou maridos, estando o mar bravo, accendem uma luz deante de qualquer imagem e o azeite restante é lançado ao mar, o que applacará as ondas (*A. de Lembr.* 1857, p. 376). *c)* Como eu já por varias vezes disse neste livro, o povo costuma *talhar* certas doenças por meio de formulas e ceremonias (vid. §§ 20, 85, 94, 251, etc.).

[286] Cf. varias lendas da Egreja.

Qualquer pessoa póde *talhar:* o caso é saber; não é preciso ter virtude sobrenatural para isso (Beira Alta, etc.).

376. XXVIII. Védores. — «Os védores d'agua tem a virtude especial de ver onde corre a agua debaixo da terra. Ainda hoje vigora a crença em taes vádores, de que ha menção em obras dos seculos xvi, xvii e xviii» (Ad. Coelho, *Rev. de Ethn.*, § 282). Na Beira-Alta conheci varios d'estes homens tidos como védores. A palavra *védor*, segundo colligi da conversa que tive com um moleiro de ao pé de Mathosinhos, parece que tem tambem a significação de homem sabio, indagador, etc.

377. XXIX. Imaginarios. — «O povo chama *imaginarios* a homens, geralmente lavradores velhos, fortes em prognosticos de lavoura, que se deitam a adivinhar o futuro, e lêem sinas (*buena dicha*)», diz in *Rev.* cit. § 286, o snr. Ad. Coelho a quem um imaginario lêra a sina. Nas aldeias tenho visto por varias vezes homens que levam passaros que com o bico apanham papelinhos onde se acham consignadas varias sortes: quem quer saber a sorte dá 10 reis. Ha mesmo livros relativamente volumosos, onde vem muitos versos em fórma de prognosticos, e que servem para entreter a ociosidade das meninas que desejam saber quando casarão se cedo ou tarde, e com quem.

378. XXX. Feiticeiras. *a)* As Feiticeiras adivinham. Quando querem enfeitiçar alguem, apanham com uma moeda de tres vintens em prata (dinheiro de cruzes) a terra da pégada do pé esquerdo da tal pessoa, e com a terra *encanham* a pessoa, que por isso fica muito magra, fraca, doente, etc. (isto é, *encanhada*) (Villa Real). *b)* As feiticeiras, quando querem enfeitiçar alguem, apanham a terra da pégada do pé direito (sic), atam-na num panno e depois atiram-na á cova de um defuncto; quando o defuncto estiver desgastado, morre a pessoa (Guimarães). *c)* Sobre o *feitiço*

(lat. *facticms, a, um*) diz o *Cancioneiro* de G. de Resende (fl. 137, v.):

Renego de seus feitiços
E das que tem ruim fama.

d) Adagio: Virou-se o feitiço contra o feiticeiro. e) Sobre as feiticeiras ha muito, não só nas *Obras* de Gil Vicente (ex. *Auto das Fadas*), mas nas *Constituições dos bispados* e nos *Documentos da Inquisição.*

379. Creio ter cabimento neste art. dizer alguma cousa de S. Cypriano e do seu *Livro. a)* S. Cypriano, segundo a crença popular, foi o primeiro feiticeiro que houve. Lêr o livro d'elle é peccado; mas, quem o lêr, *assóbe ás nubes* (nuvens) sem azas (Gondifellos). *b)* Em Guimarães diz-se a seguinte oração a S. Cypriano:

Meu S. Supriano [287]
Meu S. Suprianinho,
Meu feiticeiro,
Meu feiticeirinho,
No mar andastes,
Onze virges encontrastes,
Com ellas fallastes,
Comestes, e bubestes;
Vossa sorte botastes,
Milhor a tirastes:
Dizei-me agora a minha
P'ra saber se casarei.

c) O *Livro de S. Cypriano* gosa de uma extraordinaria popularidade, e ha d'elle varias edições. Serve principalmente para desencantar thesouros. Em Paços de Ferreira um velho (sapateiro) ensinou o seguinte, que serve para o Demonio dar o dinheiro que está encantado com as Mouras: = «Obtido que seja o livro, é precisa uma vara de oliveira. O individuo que a tiver de cortar tem de munir-se de uma foice (para o golpe ser rapido), subir á meia noite em

[287] A pron. pop. de *Cypriano* é *Supriano* (por influencia da labial).

ponto para cima da oliveira, e, logo que o sol desponte no horizonte, fazer cahir immediatamente a foice sobre a vara. Cortada a vara, é necessario mandá-la benzer por um padre [288] e em seguida escolher o dia para a acção, entrando nella o padre e dois homens mais, para cada um segurar na mão uma vela de cêra, accesa emquanto durar o acto. Escolhido o dia, isto é, a noite que se segue a esse dia e que deve ser tenebroza, dirigem-se os tres, ahi por volta das 12 horas, ao local e alli descrevem com um pau uma circumferencia dentro da qual devem collocar-se ajoelhados. O padre de sobrepeliz e estola principia a resa e em seguida começão a apparecer lufadas de fogo que chegam até á circumferencia mas não a ultrapassam; os pinhaes fustigam o solo; apparece grande quantidade e variedade de bichos, cujo aspecto é da maior ferocidade, e emfim Lucifer que pergunta:— «que quereis vós?» — responde-se-lhe: «queremos aqui já o thesouro que se acha em tal parte.»—Póde elle suscitar suas duvidas com relação á entrega; mas nada de o attender nem temer, porque por fôrça o hade entregar. Não se deve temer quando se observa aquelle espectaculo aterrador; do contrario nada feito. Depois de recebido o thesouro, téem de fazer-se outras orações para o que se chama *imposta.* Então começa tudo a retirar, nada se vendo a final; e os tres personagens vão para suas casas, repartida a somma.» — *d)* Este livro tem ainda outras virtudes, como declarar o auctor de um roubo, de uma morte, etc.

380. XXXI. Bruxas. *a)* Na *Anacephaleosis* de Bernardo Pereira (ed. 1734) diz-se que ha *Bruxas* e *Bruxos* [289] (pag. 23-24). Da palavra *Bruxa* deriva o verbo *embruxar*, e os substantivos *bruxedo* e *bruxaria*, muito usados pelo povo.

---

[288] Que desgraçadamente os ha proprios nesse concelho.

[289] Du Cange traz *Brochae;* em cast. ha *Bruja;* em gall. *Bruxa* e (*Meiga*), vid. *Dicc. Galleg.* de Piñol, e § 172.

b) Diz-se em Sinfães que quem tiver sete filhas a seguir, ha-de ter uma Bruxa (cf. § 348), a qual deixará de correr este *fado*, se fôr *assignalada* (i. é, se nascer com algum defeito) ou se algum dos irmãos lhe servir de padrinho ou madrinha. *c)* Já se disse no § 172 que as Bruxas andam vestidas de branco, ou em fórma de *patos*, a patinhar nos rios; segundo outras versões andam em fórma de *ratas grandes*, que furam as pôças (Vouzella). As Bruxas correm as aldeias com luzes na mão (cf. § 97), e ás vezes vão em fórma de *gansos* lavar para os chavascaes (Guimarães). As Bruxas batem muito as palmas, soltam grandes gargalhadas, *uiveiam* [uivam] como os cães e dão bofetadas invisivelmente (Villa-Real). As Bruxas andam nos pinhaes a bater as palmas, a dançar e a dar grandes gargalhadas (Vouzella). As Bruxas andam nas encruzilhadas e ao pé dos rios, e entram nas espadadas de linho (Prazins ao pé de Guimarães). *d)* Da meia-noute para a uma hora, as Bruxas untam-se em casa com *azeite zimbre*, e vão para as encruzilhadas, onde fazem um sino saimão, dentro do qual se mettem. D'ahi é que partem para as differentes partes a fazer desacatos. Passadas as duas horas da noute, as Bruxas não tem mais poder (Villa-Real). *e)* Diz-se que as Bruxas se reunem, á noite, numa certa casa, e untam os cabellos com azeite e vão a Sevilha. Antes de partirem, exclamam:

> Por cima de silvaes
> E por baixo de olivaes. [290]

Sobem pela chaminé da cosinha e partem para Sevilha.—Conta-se que um homem presenciára uma vez esta scena, e unctára tambem os cabellos; mas enganou-se na formula e disse: *Por baixo dos silvaes—E por cima dos*

---

[290] Cf. *Basque Legends* de Webster, a pag. 70.

*

olivaes, em virtude do que rasgou a roupa toda e as carnes por baixo das silvas, e não pôde chegar a Sevilha (Freixo de Espada-Cinta). *f)* Uma mulher de ao pé de Guimarães contou-me o seguinte: «Um moço encontrou-se com as Bruxas e depois ellas dixéro-le: «Onde vaes?» Responde elle: «Vou comvosco». Ellas dixéro-le: «Has de dizer comnosco:

Nós por baixo de carvalhaes
E por riba de sirvadaes. (silvadaes)

E elle dixe «*por riba de carvalhaes*, *e por baixo de sirvadaes*»; e depois andava sempre por baixo das sirvas, e ellas dezio-le assim: «Anda pâr dênte» [para deante] [291], e elle dezia: «Já num posso». Ellas: «Anda, vamos buber alli». Ellas e elle entráro pola fichadura da porta e fôro ó vinho; elle viu a pipa a botar fóra, e o vinho a sortar-se e dixe: «Santo nome de Jesus! [292]». Ellas dixéro-le:

«Tu fallaste no *Tiru-lu*, [293]
Fica-te p'ra ahi, home nu».

E deixáro-no ficar nu a ter mão á torneira do pipo, e fugiro». *g)* As Bruxas reunem-se ás Terças e Sextas-feiras debaixo da presidencia do Diabo, e transformam-se em pombas (sic) (Villa Real). *h)* Segundo F. Manoel do Nascimento a audiencia ou conciliabulo das Bruxas chama-se *senzala* (not. á

---

[291] Viterbo *(Elucidario)* traz *adeante (=para deante).*

[292] E' uma fórmula exclamativa vulgar.

[293] O *Tiru-lu* é Jesus. — Noutro conto fragmentado que ouvi (Douro), um bocado de páo estava no lume; nisto ouve-se *Tru-lu-lu;* diz o pau: «*Quem és tu?*» Respondem de cima: «*Tra-lai, tra-lai,— Sou tua mãe;* ó meu filho vê se o pódes enfeitiçar». Torna o pau: «Não posso minha mãe, que tomaram o alho» (cf. § 248-*e*). — Mas aqui o *Tru-lu-lu* desempenha um papel contrario, parece.

traducção das *Fabulas* de La Fontaine, p. 302); mas, apesar de eu ter perguntado muitas vezes o nome d'este conciliabulo, nunca ouvi tal designação ao povo. [294] *i)* Cf. um conto que publiquei no *Penafidelense*, n.º 305 e outro que publiquei no *Archivio per le tradizioni popolari*, vol. I, p. 282. *j)* As Bruxas entram pelo buraco da fechadura da porta, ou pelos buracos do telhado, e vão chupar o sangue ás creanças, sem as mães darem conta. As creanças ás vezes apparecem debaixo da cama por causa do bruxêdo (Villa Real). As creanças mortas por Bruxas apresentam muitas pisadellas pelo corpo (Minho). Quando uma creança morre, e se suppõe que foi chupada pelas Bruxas, não se diz que morreu, mas põe-se a ferver, numa panella barrada, a roupa da creança, e a mãe varre a casa ás avessas (da porta para dentro), e diz:

Assim como eu na minha casa ando a varrer,
Assim quem matou a minha menina (ou menino)
Aqui venha ter. [295]

Depois, vindo a Bruxa, dão-lhe uma grande cóça (Famalicão). *k)* Era uma vez uma mulher que tinha um menino, e era visinha de uma Bruxa. Um dia disse-lhe a Bruxa: «Queres que as Bruxas não façam mal ao teu menino? Diz muitas vezes isto, todos os dias:

Reconcol, reconquista,
Ao redol d'esta casa,
Anda S. João Baptista.

A mãe ficou muito contente e no outro dia logo pela manhã, quando foi vestir a menina, disse a fórmula, mas

[294] O nome fr. é *Sabbat*; basco é *Akhelarre (Basque Legends)*.
[295] A vassoura tem certas relações com as Bruxas.

em vez de dizer «ao redol [ao redór] d'esta *casa*», disse «ao redol d'esta *comarca*»; por isso a Bruxa foi ter com ella e pediu-lhe que não dissesse *comarca*, mas dissesse *casa*, porque senão ellas não podiam fazer mal a ninguem. A mulher assim fez, e o seu menino era o mais gordo de todos, porque as Bruxas iam chupar o sangue aos outros [296] (Saúde, no c. de Santarem). *l)* A superstição de que as Bruxas chupam o sangue é commum á Galliza, como se vê d'uns versos de Murguia (*Cantares gallegos*). *m)* Vid. § 222-*b*. *n)* Para evitar a acção das Bruxas deve dizer-se ao deitar da cama (Minho):

Oca, Marnôca,
Tres vezes ôca,
Pé no pé,
Freio na bôca,
Trista com trista
Tres vezes trista,
S. Pedro e S. Paulo
E S. João Evangelista
De redor da minha casa assista.

(cf. §§ 341-*d* e 379-*k*)

Ainda ha outro meio de evitar as Bruxas, como fazer um sino saimão e metter-se a gente dentro. Quem tem uma cruz natural nas raias da mão está livre d'ellas (Villa Real). Cf. §§ 248 e 251. *o)* Ha varios meios de reconhecer as Bruxas: se se deixar na egreja, ao fim da missa, o missal aberto (Rio Tinto), ou se se deitar na pia da agua benta uma moeda de cruzes (Chaves), ou, se, emfim, ao levantar a Deus, se correr o cadeado da porta (Minho), — as Bruxas que estiverem na egreja não podem sahir de lá. *p)* Se se pregar uma navalha na sombra das Bruxas, ellas ficam quietas (Chaves). *q)* As Bruxas andam de noite e beijam o Diânho, que é o bezerro dos cornos pretos, e ficam logo

[296] Por aqui se vê que as Bruxas *cumprem um fado* e não operam por livre vontade. A gente de Vouzella ouvi mesmo que Deus dá ás Bruxas um fado como aos Lobishomens. Cf. 279-*b*.

com o fadario (Godim). *r)* Não é bom deitar o cisco fóra, depois das Trindades, por causa das Bruxas (Villa Real).

s) Carro da condeceira: O *carro da condeceirà* é o carro das Bruxas, que anda só de noute. Uma vez ia elle a passar pela Rua-dos-gatos (Guimarães), e um curioso veiu à janella ver o que era, despertado pela grande chiadeira que o carro fazia: immediatamente levou uma bofetada monumental. *t) Conto*: Uma vez um homem deitou na pia da agua benta dinheiro em prata, pelo que ficaram na egreja varias mulheres. A' noite o homem foi levar a ceia a um pastor; no caminho taparam-lhe a bôca, sem elle ver quem era, e despiram-no, pondo-lhe cada peça de roupa em seu carvalho, menos a camisa e o collete, porque neste levava pão, e as Bruxas não podem tocar em cousa benta como o pão. [297] Depois metteram-no num regato, deixando-lhe apenas a cabeça de fóra. Esteve nesta posição até ao outro dia de manhã, em que alguem que passou o achou quasi morto (Chaves na freg. de S. Miguel de Nogueira). [298]

---

[297] Effectivamente no povo diz-se que o pão é bento; até quando cae um pedaço de pão ao chão, costumam beijá-lo ao apanhá-lo. — Com relação ao conto, parece pouco proprio levar o homem pão no collete; será antes dinheiro de cruzes? Ou serão as duas cousas em duas peças de roupa differentes?

[298] No povo, e mesmo nos AA., acham-se a cada passo confundidas as designações *Bruxa* e *Feiticeira;* creio porém que nos factos que apresento ficam soffrivelmente discriminadas estas duas designações. As Feiticeiras não passam de simples adivinhadeiras com o poder de fazer *feitiços* (em questões de amor, etc.); as Bruxas são mais alguma cousa do que isso, porque podem soffrer metamorphoses, tornar-se invisiveis, chupar creanças, etc. As Feiticeiras, como me disse uma mulher do povo, operam por arte do Demonio, emquanto que as Bruxas operam por fado que Deus lhe deu, posto que andem ligadas tambem ao Demonio. As Feiticeiras representarão por ventura o vestigio de alguma antiga sacerdotiza; as Bruxas o de alguma divindade decahida. Note-se mais a associação das Bruxas com os elementos da atmosphera (§ 104), com o lume (§§ 97 e 379-*c*), com a noute (§ 379*d*-*e*); o seu caracter por assim dizer espiritual (§ 379-*j*), etc.

381. XXXII. Diabo. *a)* Os nomes com que o povo representa o Diabo são (que me lembrem): Diabo, Diabinho, Diabelho, Diabilho, Diabrete, Diacho, Decho, Diânho, Diálho; Dêmo, Demonio, Demônho, Demontes; Satanaz; Mafarrico; o Inimigo, o Inimigo-mau; o Porco-Sujo (cf. § 64-*d*); Barzabu, Barzabum; Veneno; Bicho-feio; Bicho-negro; o Galhardo; o Provinco; o da Carapuça-vermelha; o Trasgo; o Crespo; o Manquito; o Zangão; o Cão-tinhoso; o Pedro Malasartes (nem sempre); Pero Botelho; o Peccado; o Farrapeiro.—E' menos peccado pronunciar alguns d'estes nomes do que outros. *b) Phrases:* Diabos te levem! Só pelo Diabo! Málo haja o Inimigo! Valha-te o Diabo! Manta do Diânho! Ora o Diacho! Olha o Porco-Sujo! O Diabo do homem! E' um pobre Diabo! Que Diabo é isso? Anda o Diabo ás soltas! E' o Diabo a quatro! Isto tem Diabo! *c)* O Diabo figura como o constructor de pontes, etc. Quando o Diabo fez a *ponte da Alliviada* (ponte celebre pelas lendas diabolicas, sobre o rio de Varzea-de-Ovelhas, confluente do Tamega, ao pé do Marco), chamou S. Gonsalo, que andava a fazer a de Amarante, e disse-lhe que a não benzesse; mas o santo ergueu a bengala a modo de cruz, assim como quem ao fallar aponta; o Diabo então fugiu para cima de um monte d'onde começou a atirar pedras ao santo, as quaes elle desviava (passim).—Diz-se que na tal ponte da Alliviada o Diabo fricta sardinhas, cujo chiadoiro é ouvido por quem passa. A pessoa que cahir á agua debaixo da ponte, nunca mais apparece. Nesse mesmo sitio vagueia á meia-noute um phantasma embrulhado num lençol (Marco de Canavezes).—Quando um pae diz para um filho: «Diabos te levem!», á hora que o padre na missa diz *amen!*, o Diabo leva a creança para a ponte da Alliviada. Depois é preciso ir lá o padrinho, a madrinha e um padre. O Diabo pergunta de entre os penedos: «Como quereis a creança? Como veiu ou como está?» Se lhe respondem: «como veiu», a creança sae bem; se lhe respondem: «como está», sae negra e come bichos, que é o sustento que o Diabo lhe dava (Porto).--Vid.

a nota 80 d'este livro. —Ha tambem lendas sobre as pontes de Val-Telhas, Abreiro, Misarella (cf. a minha revista *O Pantheon*, pag. 50). *d)* Um dia um chapeleiro tinha de arranjar uns chapeus e não tinha quem o ajudasse. Elle disse: «Não apparecer ninguem que me ajude, nem que seja o Diabo do inferno!». Appareceu alli um homem e disse: «Venho ajuda-lo a enfortir». E foi-se pôr a enfortir, ao taboleiro, os chapeus, e enfortia tão depressa que em pouco tempo tinha já muitos promptos; pelo que o homem, admirado, poz-se a olhar para elle e viu-lhe pés de cabra, e disse:

Pé de cabra ao taboleiro
Arrenego eu do sombreiro.

O homem fugiu polas castanheiras abaixo, a fazer muito barulho. E os chapeus ficaram na mesma (Carregosa). *e)* Quando casualmente um banco de tres pernas (tripeça) está com ellas para o ar, é porque o Diabo anda a dançar (Arcozello; cf. este § em *f)*. *f)* Quando se perde qualquer cousa, é bom *atar a perna ao Diabo*, para ella apparecer. Atar a perna ao Diabo, é atar um lenço á perna de uma cadeira, dizendo:

Aqui te amarro, Diabo;
Aqui te amarro o teu rabo
A' perna d'esta cadeira;
Emquanto (nomeia-se a cousa perdida) não apparecer
Aqui hasde padecer.

(Braga).

Uma versão de Gaia diz que se emprega um cordel, e chama á operação *atar o rabo ao Diabo*. (Cf. para a analogia do Diabo e do banco, este § em *e* e o § 361-*c*). *g)* O Diabo apparece pelos córgos [ribeiros] em figura de uma Porca com sete leitões (Mondim da Beira). Em Resende dizia-se que no sitio do *Boqueirão do Paço* apparecia uma Porca ruça com uma manada de sete leitões ruços, e que

este Porco era o Diabo. *h)* Quem falla sósinho, falla com o Diabo (passim). *i)* Quem anda para trás, ensina o caminho ao Diabo (Mondim, etc.). *j)* A quem vae a andar de noute e a olhar para trás, apparece o Inimigo (Taboaço, etc.). *k)* Diz-se vulgarmente, quando acontece qualquer desastre: «O Diabo é tendeiro; onde quer as arma». Cf. esta cantiga da Feira:

O Demonio é tendeiro
Vende fitas amarellas;
Venha outros que lh'as compre,
Que eu não quero nada d'elles.

Cf. mais o dictado:

O Diabo é tendeiro
E arma tendas sem dinheiro.

l) Uma vez um rapaz apostou em como havia de ir a uma esquina onde apparecia o Diabo; foi e viu lá um homem muito alto, com uma *carapuça vermelha* na cabeça: era o Diabo. O rapaz durou só tres dias depois d'isto (Taboaço, Rio de Moinhos, etc.).— Chama-se vulgarmente ao Diabo: *o da carapuça vermelha*. *m)* Havia na minha terra uma velha que dizia ver o Diabo numa fogueira em fórma de Porco. *n)* O Diabo chama-se, como disse, *o Crespo*. Para as Bruxas saberem se o Diabo irá ou não á *sómbleia* [assembleia, i. é, *Sabbat*] d'ellas dizem (Cabeceiras de Basto):

Sapo, Sapão,
Virá *o Crespo* ou não?

o) O Diabo, quando anda entre as Bruxas, chama-se *Zangão*. Um rapaz de Santa Leocadia (Minho), por mais cruzes de canna que punha á cabeceira, não se podia livrar das maldictas. Uma noite viu-as a mais o Zangão; travou-se logo este dialogo entre ellas e o Zangão:

—Que lindas rosas
Por estas hervas!

—E que lindo cravo
Por meio d'ellas!

O rapaz durou pouco tempo depois d'isto. — Numa versão, porem, de Cabeceiras de Basto, diz-se que o Zangão é um homem como nós, e que, quando as Bruxas vão *fazer sómbleia* (no sitio do *Fróco* ás terças e sextas-feiras), elle é sabedor de tudo o que lá se passe. O Zangão, segundo a mesma versão, tem *pauto* com o Diabo. — Diz-se em fórma de dictado: «Não ha Bruxa sem Zangão» (Cab. de Basto).

p) A's creanças turbulentas dá-se o nome de *probincos*, e diz-se que *Probinco* é o Diabo (B. Alta). — No *Livro dos Pregos*, cit. por Th. Braga in *Volta do Mundo*, pag. 171, diz-se a proposito da procissão de Corpo de Deus: «II. Diabos e dous *provincos*». Segundo ainda Th. Braga, nos Açores chama-se ás creanças inquietas *previncos máos*. [299]

q) Ao pé da Serra da Estrella ha uma ponte feita pelos Galhardos (i. é, pelo Diabo). Independente d'esta versão, já tenho ouvido nomear *Pontes dos Galhardos*. *r*) Em pequeno ouvi um conto em que o Diabo fazia arder tudo aquillo em que tocava. *s*) Em Guimarães, quando os rapazes cantam os Reis, e lhes não dão nada, cantam, entre outros, estes versos:

Esta casa cheira a pinho,
Aqui mora algum *diabinho*.

Ha tambem uma lenda dos *Diabinhos* que foi poetisada pela snr.ª D. Maria Peregrina de Sousa. *t*) «A habitação do Diabo é o *inferno*. A toponymia revela que a imaginação popular viu a abertura do inferno ou a entrada para elle em differentes pontos: assim diversos fojos são denominados *bocca do inferno*, alguns valles *valles do inferno*»

[299] *Provinco* na ling. port. arch. significa *proximo* e *parentela*, o que é o lat. *propinquus* (p=b=v); póde ser esta a origem da designação do Diabo, como Trasgo *loiceiro*, Tardo *moleiro*, Tatro *azeiteiro*, Diabo *tendeiro*, etc.? A etymologia que dá Th. B. é um pouco phantastica.

(Ad. Coelho in *Rev. de Ethnologia*, § 180). «No inferno ha uma enorme caldeira onde as almas são deitadas em azeite a ferver e que é chamada *caldeira do Pero* ou *Pedro Botelho*» (ib. ib.). Tambem se diz *Caldeirão de Pero Botelho*. *u*) São vulgares lendas de assumpto semelhante ao indicado por este titulo de uma que tenho ms. (sec. XVIII): «Dous Demonios vierão á Igreja do Mosteiro de Paço de Souza e levarão o corpo de Melchior Pacheco de Bulhões» (em 1651). Vid. pg. 254 e §§ 104, 168, 198 etc.

382. *a*) Ao lado do *Diabo* existe a *Diaba*. Segunda uns, a Diaba é a mulher do Diabo; segundo outros é a mãe d'elle. [300] *b*) A *Diaba* tem unhas de cão muito escanchadas, e figura de mulher. *c*) Segundo uma velha me disse, ha na freguezia de Midões (Minho) um templo, no altar do qual está o Diabo e a Diaba, que é uma moça muito aceiada; S. Bento está a ler, e o Diabo a apontar-lhe a *pequena*, a ver se o tenta; diz mesmo o povo: «Olha a Diaba a ver se tenta S. Bento!» *d*) Em Jorge Ferreira (*Eufrosina*, 255) encontra-se a fórma *Diaboa*. *e*) Num documento da Inquisição (apud C. Pedroso, *Contribuição para uma Myth. Pop. Port.*, VI, pag. 10), figura ao lado de varios nomes magicos, este de *Diaba* (sec. XVII). *g*) *Adagios:* «Ui! disse o Diabo quando viu o cu á mãe!» «Tal é o demo como sua mãe» (Apud *Rev. de Ethnologia*, § 185).

Seguia-se naturalmente tractar dos Santos e outros personagens da Egreja, por isso que nelles se acham muitos factos pertencentes ao maravilhoso popular; mas esse assumpto tractá-lo-hei no volume destinado aos *Fastos populares portuguezes*, que deve seguir-se a este, e no qual entrarão as tradições das horas, dias, semana, mezes, as festas, etc.

---

300 Nas trad. pop. francezas o Diabo tambem tem mãe (H. Gaidoz, — *Gargantua*, p. 13).

INDICE

ADDENDA ET CORRIGENDA

Not. 3, lin. 1, lêde *Luzel* por *Lurel.*

§ 11. Ha nas muralhas de Trancoso um postigo chamado *O olhinho do sol.* (P. Leal, *Dicc.*)

§ 17. Uma cantiga começa: Subi ao outeiro, — vi o *sol* a *beber.*

Not. 11, lin. 3, lêde *se mergentis,* segundo algumas ed.

§ 28. Os porcos devem ser mortos no quarto *crescente,* e não no *minguante,* para a carne *crescer* e não *mingar* (Minho). Os lavradores, etc., attendem muito á influencia das *luas* (phases) nos trabalhos agricolas, etc.

§ 33. E' bom mostrar dinheiro em prata á Lua-nova (Gaia).

§ 44. A phrase «*Benza-te Deus!*» creio que é uma antiga formula desiderativa; cf. G. Vicente (III, 162):

> Minha hospeda Inez Pereira
> (Deus a benza!) sabe ler.

§ 38. Adagio (Oliveira d'Azemeis): *Lua Septembrina — Sete luados declina.*

§ 58. O povo chama indistinctamente aos astros (menos ao Sol e á Lua) *estrellas.*

Pag. 32. Diz-se vulgarmente: *minha estrella* por *minha sorte* (cf. Camões, *Lus.* IX, 8-1).

Pag. 34, lin. 15, lêde *ferráda* em vez de *ferreda.*

§ 103. Adivinha da sombra (Minho):

> O que é, que é,
> Que toda a gente póde ver e causar
> Mas ninguem póde vender, nem trocar?

§ 104. Um vento aspero chama-se *um barbeiro.*

§ 125. Quando se ouve o sino de Ovadas, temos chuva (Rezende).

Pag. 66, lin. 12 do texto: lêde MEDA ‖ MVS por MEDA ‖ VS.

Pag. 67, lin. penultima, lêde *Viseu* por *Vsieu.*

§ 147, I. Cf. *Rom. do Algarve*, de E. de Veiga, pg. 77.
Pag. 70, lin. 7, o colchete deve ir antes de *aliás* e não antes de *obsta-se*.
§ 161, lin. 2, lêde *Rates* em vez de *Ratos*.
Not. 57, lin. 5, lêde *Bandusiae* por *Badusiæ*.
§ 169, lin. 5, lêde *Tudella* em vez de *Tondella*.
Not. 60, accrescente-se: «Da analyse das differentes versões *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, conclue-se que: 1) a lenda é localisada segundo as regiões; 2) que a lenda é referida a rios importantes».
§ 176, lin. 2, lêde *indicar* em vez de *indicas*.
Not. 74, lêde *petrinus, a*, em vez de *petrinusa*.
§ 230, lin. 3, lêde *raio* por *aio*.
Pag. 105, lin. 19, lêde *D. R. da Cunha* em vez de *D. B. da Cunha*.
Not. 78, lin. 2, lêde *divindade* por *humanidade*.
§ 235-*c*. Este § foi por engano repetido em 251-*a*.
258-*d*. Cf. *Rimas infantis* e *romances pop.* de Ad. Coelho, XXIII.
Pag. 130, lin. 6. Supprima-se desde «Ainda que» até «Sivelo» (exclusivè), trecho que, por motivo que não interessa os leitores, sahiu indevidamente e incorrecto.
Pag. 131, lin. 7, lêde *gato* por *gosto*; lin. 9, lêde *dous* por *dons*; lin. 15, lêde *rabo* por *nabo*.
Not. 116, lin. 1, sahiu *Hante* por *Haute*.
§ 283-*c*, lêde *um sardão* por *os sardões*; ib.: lêde «§ *282*» por «*281*».
§ 284-*h*. Cf. Gil Vicente, *Obras*, III, 159.
Not. 140, lin. 2, lêde *de picar* em vez *de ficar*; e lin. 3, lêde *desnasalisa*.
§ 296. Gil Vicente traz *alvela* (III, 119). Em Hispanha e no Algarve diz-se *arvela*.
§ 313. Accrescente-se que é costume pôr nos campos monos de palha com fórma humana para espantar os passaros.
Pag. 192, § *a*. Cf. G. Vicente, III, 230.
Pag. 208, lin. 18, lêde *aos anjos* por *arranjar*.
Pag. 226, lin. 3, deve ser *m'as* por *más*, e na not. 200 deve ser *di a* por *dia*.
Pag. 239, lin. 2, lêde *passarem* por *pausarem*.
Not. 221, lin. 4, lêde: *bati (malate)* em vez de só «(malate)».
Pag. 255, lin. 16, lêde *Miscellanea* por *iscellanea*.
§ 345. Accrescente-se *upa* (que significa *acima*; cf. inglez *up*); *rô-rô* (para embalar).
Not. 260, lin. 1, deve lêr-se A *crença portugueza nos olharapos*.
§ 353, lin. 9, lêde; «*por cima das quaes se passa*» em vez de «*passar*».
§ 354, lin. 10, lêde *botáro-nos* por *botara-nos*.

BIBLIOTHECA ETHNOGRAPHICA PORTUGUEZA

COORDENADA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

A importancia do estudo scientifico das tradições populares está de tal modo reconhecida, que todos os paizes cultos, como a França com a publicação *Les littératures populaires de toutes les nations*, a Italia com a *Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane* e o *Archivio per le tradizioni popolari*, a Inglaterra com a *Folk-Lore Society*, a Hispanha com o *Folk-Lore andaluz*, etc., andam, a uma só voz, recolhendo, classificando e comparando innumeros materiaes.

A Bibliotheca ethnographica portugueza vem tambem, ainda que modestamente, occupar um logar nesse labor incessante e extraordinario do seculo.

Além do volume agora dado á estampa e que é, por assim dizer, uma como introducção ás tradições populares de Portugal, contamos publicar mais os seguintes:

Fastos populares portuguezes (prompto para entrar no prélo).
Poesias populares portuguezas (em preparação).
Contos populares de Portugal (idem).

Annexo á Bibliotheca ethnographica portugueza, publicar-se-ha tambem um Annuario *para o estudo das trad. pop. port.* (1.º anno 1883) no qual se admittirá a collaboração de todos aquelles que nos honrarem com os seus escriptos sobre tradições populares portuguezas.

O preço de cada vol. da Bibliotheca não excederá, para o continente, 500 réis. Os vol. não mantéem dependencia immediata entre si, pelo que podem ser vendidos separadamente.

Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66—Porto.